

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEATRO**

**MESTRADO EM TEATRO**

**VÍVIAN DE CAMARGO CORONATO**

**Neide Maria Rosa (Mariarrosa)**

Uma (bio)grafia entre Neides, Marias e Rosas

**FLORIANÓPOLIS**

**2010**

**VÍVIAN DE CAMARGO CORONATO**

**Neide Maria Rosa (Mariarrosa)**

Uma (bio)grafia entre Neides, Marias e Rosas

**Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre em Teatro, Curso de Mestrado em Teatro, Linha de Pesquisa: Teatro, Sociedade e Criação Cênica**

**Orientadora: Profa. Vera Regina Martins Collaço, Dra.**

**FLORIANÓPOLIS**

**2010**

**VÍVIAN DE CAMARGO CORONATO**

**Neide Maria Rosa (Mariarrosa)**

Uma (bio)grafia entre Neides, Marias e Rosas

Esta dissertação foi julgada aprovada com distinção para a obtenção do Título de Mestre, na linha de pesquisa: Teatro, Sociedade e Criação Cênica, em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teatro, da Universidade do Estado de Santa Catarina, em 19 de março de 2010.

Apresentada à Comissão Examinadora, integrada pelos professores:

Profa. Vera Regina Martins Collaço, Dra  
Orientadora

Profa. Mirna Spritzer, Dra  
Membro

Profa. Maria Brígida de Miranda, Dra  
Membro

Prof. Luiz Felipe Falcão, Dr.  
Suplente

Prof. Valmor Beltrame, Dr.  
Suplente

Dedico a todos que ainda sonham e cantam.

## AGRADECIMENTOS

A todos que colaboraram direta ou indiretamente com a pesquisa.

A minha família. E, em especial, a meu tio Edu (*In Memoriam*).

A Prof. Dra. Vera Collaço que me acolheu mais uma vez e agradeceu-me com sua orientação não só feita de encontros, entregas de textos, revisões, sugestões, apontamentos e críticas, mas também repletas de muito carinho e atenção.

A Norberto Depizzolatti, pela entrevista, por tudo que fez em relação ao acervo da Casa da Memória, pela sua pesquisa anterior sobre Neide, pelas conversas, pela atenção, pelos materiais disponibilizados para pesquisa, pelos cafezinhos e por disponibilizar seu tempo para que eu pudesse ouvir e digitalizar uma parte do material que estava em fita de rolo. E ainda pelas nossas aventuras e desventuras com a tecnologia.

A todos os funcionários da Casa da Memória.

A Maximiliano (Max) Rosa, por tudo, pelas conversas, pela entrevista, pelos materiais emprestados, pela atenção, por sua simpatia e gentileza com todos.

A Fernanda Peres que mesmo sem me conhecer pessoalmente (aliás, precisamos nos conhecer hein!), auxiliou-me com informações sobre sua pesquisa sobre Neide Maria, dando-me incentivo a continuar a pesquisa e por, em conjunto com sua colega Taíse Bertoldi, disponibilizar as transcrições das entrevistas feitas para seu TCC (*Ai que saudades de Neide!*).

A Zury Machado, por me receber em sua casa e conceder-me entrevista.

A Antunes Severo, por colaborar com a pesquisa não só com a entrevista, mas também respondendo a e-mails e noticiando meus passos e de todos os pesquisadores e amantes do rádio e televisão no site Caros Ouvintes

A Dona Zilma, por ter me recebido em casa com biscoitinhos (e ter me ensinado a receita) me emocionando com sua história de amor e seus relatos sobre o rádio em Florianópolis.

A Egon Carlos Wojcikiewicz, e esposa, pela conversa sobre os tempos quando trabalhava na *Rádio Guarujá* como radioator, pela atenção e pelo delicioso café da tarde e compota de geléia!

A Cleide Ammon, pela entrevista e disponibilidade em sempre querer falar com prazer e alegria sobre Neide Maria.

A Beirão, pela entrevista e empréstimo de material sobre Carnaval da Consulado.

A Mauro Júlio Amorim pela entrevista, pelo material emprestado para pesquisa e pelas gentilezas.

A Rafael Bastos, pela entrevista, marcada no meio de seus inúmeros compromissos.

A Tereza Rosa, pela entrevista, pelo acolhimento em sua casa e confiança.

A Sueli Sousa que prontamente buscou músicas de seu pai Abelardo Sousa em seu arquivo.

A Denise de Castro, por me atender e enviar sua música *Maria Rosa*.

A Zeca Pires, pela cópia do curta *Manhã*.

A Carlos Damião, por ter respondido meu e-mail e me auxiliar com nosso bate-papo nos primeiros passos da pesquisa.

Ao Berbigão do Boca, em especial a Rodolfo, que levou-me ao local onde ficam guardadas os bonecos.

A Walter Lima, por ter me enviado uma edição da revista Radio-Teatro.

Aos colegas de turma do mestrado em especial a Eder Summariva, Andréia Paris, Ana Paula Pavanello, Fábio Medeiros e Laédio Martins, por nossas conversas e nossos encontros com comida e bebida e praia até!

A Bebel Orofino, pela atenção.

Ao grupo *Intertextos*.

Aos professores do PPGT, pelas aulas e colaborações com a pesquisa.

A banca examinadora, por ter aceitado o convite.

A Milla e Sandrinha, do PPGT por serem sempre solícitas e ajudarem em qualquer pedido que fizéssemos.

A CAPES/Cnpq que proporcionou, através de bolsa, que pudesse me dedicar inteiramente a pesquisa.

Ao MIS Santa Catarina, por ter me cedido o DVD Cristal- Neide Mariarrosa.

A Mariana Godinho, pela estadia no Rio e pelas conversas e passeios.

A Ricardo Cravo Albin por responder a meus e-mails e marcar uma conversa em seu Instituto no Rio. Pena não termos podido falar sobre a Neide!

A André, meu companheiro de todos os momentos, que agüentou minhas dúvidas e sofrimentos, compartilhou minhas alegrias, ouviu e viu tudo sobre Neide Maria e cansou-se de ouvir músicas de “fossa” comigo. E ainda pelas pizzas, pelo carinho, pelos beijos e abraços.

A meus amigos.

A Renata Ferreira, Amanda Leite e Mariene Perobelli, as garotas e amigas super poderosas do mestrado da UFSC.

A Mhirley Miliauskis, pela amizade e revisão da tradução.

Aos colegas de orientação, por nossos encontros e pela força, em especial a Leon de Paula que com sua animação e envolvimento em sua pesquisa, acabou por envolver-me também.

A Neide Maria Rosa, por ter cantado e encantado!

## RESUMO

A presente dissertação apresenta fragmentos, facetas de Neide Maria Rosa (1936-1994). Nascida em Florianópolis, Neide teve grande destaque na cidade com seu trabalho nas rádios locais e, principalmente, como cantora de voz potente e marcante. Foi “amadrinhada” por Elizeth Cardoso que a convenceu a morar com ela no Rio de Janeiro (meados da década de 1960) e lá participar de vários *shows*, festivais e programas de rádio e televisão. Com a carreira em ascensão decide repentinamente voltar a Florianópolis, onde tenta atuar como empresária, gerindo diversos estabelecimentos e continua cantando até seu falecimento em 1994. Para tentar abarcar as diversas faces desta personagem, esta pesquisa foi dividida em um Prólogo, três capítulos e um Epílogo. O Prólogo (primeiro capítulo) enfoca Neide Maria como indivíduo, sua infância, relação familiar e relação mais íntima com os amigos. O segundo capítulo, *Neide no rádio*, apresenta sua trajetória no rádio e as diversas funções exercidas. O terceiro, denominado *Neide cantora society*, enfoca a trajetória de Neide como cantora, a sua ascensão em Florianópolis, o apoio de Elizeth Cardoso e sua carreira no Rio de Janeiro. O último capítulo, *E outras tantas Rosas*, engloba as diversas representações de Neide, Neide empresária, Neide e o carnaval, Neide documentada, Neide em composições, com as imagens criadas pelos amigos e conhecidos, o registro em LP, os dois últimos *shows* da cantora a doença e morte. O Epílogo apresenta as considerações finais aliadas a um quadro de fragmentos sobre Neide.

Palavras-chave: Neide Maria Rosa (Mariarrosa), biografia, História Cultural.



## ABSTRACT

This dissertation presents fragments, facets of Neide Maria Rosa (1936 – 1994). She was born in Florianopolis and has had a great distinction for her work in the local radios at the city, and mainly for her powerful and peculiar voice. She has been patronized by Elizeth Cardoso, who is responsible for convincing Neide to move to Rio de Janeiro (in the 60's) and also to take part in various shows, festivals, as well as radio and TV programs. Suddenly she decides to go back to Florianopolis when her career is rising to the top. Back to her hometown, she attempts to perform as a businessperson managing different establishments, and she carries on signing until her decease in 1994. In order to embrace the various facets of this persona, this research has been divided in a Prologue, three chapters and an Epilogue. The Prologue (first chapter) focuses upon Neide as an individual, her childhood, family relationships and more intimate relationship with friends. The second chapter, *Neide on the radio*, displays her history on the radio and the many different duties she has undertaken. The third, called, *Neide society singer*, highlights the experience of Neide as a singer, her rise in Florianopolis, her career in Rio de Janeiro and Elizeth Cardoso support. The last chapter, *And many other roses*, covers the many roles Neide has taken upon herself: Neide the businessperson, Neide and the Carnival, Neide documented, Neide in compositions; with the images which were created by friends and acquaintances, the LP record, the last two performances of the singer, her disease and death. The Epilogue presents the final considerations combined with a frame of fragments about Neide.

**Keywords:** Neide Maria Rosa (Mariarrosa), biography, Cultural History.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Neide Maria em foto destacada de um certificado escolar de 1950.	27
Imagem 2 - Neide (ao violão) e Tereza.	30
Imagem 3 - Max e Neide.	32
Imagem 4 - Neide e Tião no <i>Casarão do Tiro Alemão</i> , na década de 1980. Da esquerda para direita Marquinho do Cavaco, Rolando, Tião, Pirelli, Charuto e Neide Maria Rosa.	35
Imagem 5 - Egon Carlos (destaque) e o auditório da Guarujá	41
Imagem 6 - Frente da rádio <i>Diário da Manhã</i>	43
Imagem 7 - O Elenco de <i>Alma Sertaneja</i> no Auditório da RDM (1962), Neide é a primeira à esquerda da segunda fileira.	47
Imagem 8 - Intervalo do Programa O Céu é o Limite (1959) - Da esquerda para direita, Antunes Severo, Nívea Nunes, Dario Agenor e Neide Maria.	59
Imagem 9- Zininho ao centro abraçando Neide Maria Rosa (dir.) e sua irmã Tereza (esq.).	62
Imagem 10 - Neide e Titulares do Ritmo na I FAINCO.	65
Imagem 11 - Neide e Antunes Severo gravam, em São Paulo, <i>spots</i> do lançamento do Rancho de Amor à Ilha.	66
Imagem 12- Galdino Lenzi 1969.	82
Imagem 13 - Zury Machado (esq.) e Lenzi (dir.).	83
Imagem 14 - Elizeth, à esquerda com as flores, e Neide no Aeroporto Hercílio Luz em 1962.	88
Imagem 15- Waldir Brasil em show no TAC, 1962.	89

Imagem 16 - Da direita para esquerda, Grande Otelo, Miriam Dolabella, Neide Maria, Jandira Negra presentes para ver a entrevista de Magarção e Laet sobre o FIC.	108
Imagem 17 - Neide intérprete de <i>Terral</i> .	110
Imagem 18 - Elizeth, Nanai e Neide ensaiando para <i>show</i> no Meyer.	115
Imagem 19 - Anúncio do <i>Show no Casa Grande</i> .	116
Imagem 20 - Anúncio (2) do <i>Show no Casa Grande</i> .	117
Imagem 21 - Capa do LP <i>Isto é Musicanossa!</i> .	118
Imagem 22 - Imagem do <i>Show Samba, Prontidão e Outras Bossas</i> .	120
Imagem 23 - Quadro do espetáculo <i>Sua Excelência, o Samba</i> .	122
Imagem 24 - Propaganda do espetáculo <i>Sua Excelência o Samba</i> .	123
Imagem 25 - Neide Mariarrosa e Paulo Marquez em <i>Sua Excelência, o Samba</i> .	124
Imagem 26 - Restaurante <i>Saveiros</i> na Lagoa.	133
Imagem 27 - Neide cantando no <i>Saveiros</i> em 1972.	135
Imagem 28 - O Miramar com o mar sendo coberto pelas areias do aterro.	140
Imagem 29 - Boneco de Neide Maria Rosa (esq.) e foto de Neide no LP (dir.).	144
Imagem 30 - Desfile do <i>Berbigão do Boca</i> (os bonecos pelo centro da cidade), ao centro o boneco da Neide.	145
Imagem 31 - Três primeiras alas do desfile.	147
Imagem 32- Figurino da Ala a Musa e o Poeta.	148
Imagem 33 - Alas Grandes Festivais e Canção do Regresso.	149
Imagem 34 - Osvaldo Ferreira e Neide Maria, na ocasião da gravação do LP <i>Eu sou assim</i> .	151
Imagem 35 - Capa do DVD Cristal Neide Mariarrosa.	159

Imagem 36 - Neide Maria, Maurício Amorim e Marisa Ramos na casa de praia da família Amorim.	163
Imagem 37- Capa do LP <i>Eu sou Asssim</i> .	166
Imagem 38 - Neide no show <i>Bar da Noite</i> .	172

## LISTA DE ABREVIATURAS SIGLAS

<b>CD</b>	Compact Disc	
<b>CEART</b>	Centro de Artes	
<b>CIC</b>	Centro Integrado de Cultura	
<b>DVD</b>	Digital Video Disc	
<b>LP</b>	Long Player	
<b>MIS</b>	Museu da Imagem e do Som	
<b>PSD</b>	Partido Social Democrata	
<b>RDM</b>	Rádio Diário da Manhã	
<b>TAC</b>	Teatro Álvaro de Carvalho	
<b>TCC</b>	Trabalho de Conclusão de Curso	
<b>UDESC</b>	Universidade do Estado de Santa Catarina	
<b>UDN</b>	União Democrática Nacional	
<b>UFSC</b>	Universidade Federal de Santa Catarina	

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	17
PRÓLOGO: NEIDE MARIA ROSA.....	25
1.1 E NASCE UMA ESTRELA.....	25
1.1.1 <b>Neide e o temporão da família Rosa</b> .....	31
1.1.2 <b>Noites de seresta</b> .....	34
CAPÍTULO II NEIDE NO RÁDIO.....	37
2.1 A MAIS POPULAR.....	39
2.1.1 <b>Neide de caloura a contratada da <i>Guarujá</i></b> .....	41
2.2 A <i>DIÁRIO DA MANHÃ</i> .....	43
2.2.1 <b>Alma Sertaneja</b> .....	45
2.2.2 <b><i>Bar da Noite</i></b> .....	48
2.2.3 <b>Radionovelas</b> .....	53
2.2.4 <b>Outros programas e outras funções</b> .....	56
2.3 NEIDE E ZININHO.....	60
2.3.1 <b>Rancho de Amor à Ilha</b> .....	63
2.3.2 <b>Neide, Zininho e a turma da RDM: uma mulher no meio de homens na cidade de Florianópolis</b> .....	67
CAPÍTULO III NEIDE CANTORA SOCIETY .....	74
3.1 O NOVO COLUNISMO SOCIAL E O TERMO SOCIETY.....	74
3.1.1 <b>Neide Maria cantora do <i>society</i>, Neide Maria cantora <i>society</i></b> .....	76
3.1.2 <b>Locais <i>society</i></b> .....	78
3.1.3 <b>Os clubes</b> .....	78
3.1.4 <b>Os Hotéis, ou os bares dos Hotéis</b> .....	81
3.1.5 <b>As residências do <i>society</i></b> .....	83

3.2 NEIDE MARIA E ELIZETH CARDOSO.....	85
3.2.1 <b>Isso é Bossa Nova</b> .....	85
3.2.2 <b>O primeiro encontro</b> .....	87
3.2.3 <b>As idas e vindas de uma cantora</b> .....	94
3.2.3.1 1964, o ano do Compacto (e de muito mais).....	97
3.3 E NEIDE SE ESTABELECE NO RIO.....	101
3.3.1 <b>O Rio de Janeiro</b> .....	101
3.3.2 <b>NEIDE MARIARROSA, assim mesmo, tudo junto com dois erres</b> ..	103
3.3.3 <b>Neide no programa do Lalau (Stanislaw Ponte Preta)</b> .....	104
3.3.4 <b>Os Festivais</b> .....	105
3.3.4.1 II Festival Internacional da Canção .....	107
3.3.4.2 Bienal do Samba .....	111
3.3.4.3 Festival de Música de Juiz de Fora .....	113
3.3.5 <b>Os shows</b> .....	114
3.3.5.1 Café Teatro Casa Grande .....	116
3.3.5.2 Musicanossa .....	117
3.3.5.3 Samba, Prontidão e Outras Bossas .....	119
3.3.5.4 Sua Excelência, o Samba .....	121
3.3.6 <b>O Balanço da Bossa</b> .....	125
3.4 VOLTA AO LAR .....	126
CAPÍTULO IV E OUTRAS TANTAS ROSAS .....	131
4.1 NEIDE EMPRESÁRIA.....	131
4.1.1 <b>O Kappa</b> .....	131
4.1.2 <b>Uma noite no Saveiros</b> .....	133
4.1.3 <b>Lá na Neide</b> .....	135

4.2 A (NEIDE MARIA) ROSA E O JASMIM OU NEIDE E OUTROS CARNAVAIS.....	137
4.2.1 <b>A Neide do <i>Berbigão do Boca</i></b> .....	142
4.2.2 <b>Uma Rosa para Neide Maria</b> .....	146
4.3 NEIDE EM COMPOSIÇÕES .....	150
4.4 NEIDE DOCUMENTADA: TCC e DVD.....	154
4.4.1 <b>Cristal, o DVD</b> .....	157
4.5 NEIDE <b>MAR</b> (IA) ROSA .....	159
4.6 O ÚNICO REGISTRO EM LP.....	164
4.7 O ANÚNCIO DA DOENÇA: Uma estrela que morre ainda brilha no céu .	168
4.7.1 <b>Show Bar da Noite</b> .....	169
4.7.2 <b>Show Cristal</b> .....	172
EPÍLOGO - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	176
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	185
ANEXO .....	201



## INTRODUÇÃO

*Mas o biógrafo (ou o historiador) tradicional acha que vai preencher as lacunas. Ledo engano. A história de qualquer coisa é apenas o que podemos saber sobre esta coisa, jamais a totalidade. A lacuna é onipresente. O passado não está pronto. Felipe Pena (Teoria da Biografia sem fim).*

**Do lugar de onde falo:** Não sou ilhoa. Nem florianopolitana. Nem ao menos catarinense. Minhas memórias de infância e juventude estão ligadas às aventuras no Museu do Ipiranga, à rádio Jovem Pan AM que acompanhava meu pai pelas manhãs e o lembrava de mais um dia de trabalho com a música *Tema de São Paulo* “Vão bora, vão bora, olha a hora vão bora, vão bora...”, às feiras de domingo e das quintas-feiras com os feirantes “cantando” seus produtos e, o mais esperado, o pastel “de feira”, que era levado para casa com promoção compre 3 e ganhe mais um; ao vai e vem do metrô, a correria da cidade, Av. Paulista, Vila Madalena, SESC, Centro Cultural, padarias e pizzarias, muita gente, muitas estações radiofônicas, muitos times de futebol, muitas etnias, *rock and roll*, *shows*, galerias e mais galerias, cinemas, livrarias e mais gente...

Cheguei a Florianópolis no ano 2000. Passei no curso de Artes Cênicas da UDESC e vim. Não conhecia a cidade e o que se falava era que lá estava o Paraíso em que “todos” sonhavam morar. No começo foi difícil. **Mas o tempo...** Estando eu na cidade, decidi conhecê-la melhor e na universidade contribuir com a escrita de sua(s) história(s). E o meu primeiro interesse foi o rádio, mais especificamente o radioteatro, de modo que meu TCC<sup>1</sup> abordou dois programas de radioteatro ilhéu. Antes, havia participado (e idealizado) do

---

<sup>1</sup> CORONATO, Vivian de Camargo. *O radioteatro na Ilha*. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) Artes Cênicas. Universidade do Estado de Santa Catarina, 2005.

projeto *Cênicas na Rádio*<sup>2</sup>, uma tentativa de aproximar a Rádio UDESC ao Centro de Artes (CEART). Graduei-me em Licenciatura em Artes Cênicas na UDESC e também em Licenciatura e Bacharelado em Filosofia na UFSC.

Agora às minhas memórias paulistanas se ligam um imaginário ilhéu. Tenho em minha mente uma cidade imaginada. Uma Florianópolis de um passado inventado. Um Miramar, uma Praça XV de décadas idas, um Senadinho, auditórios de Rádio, *footing*, competições de remo, primeiros aterros, Zininho e Neide Maria.

**De um possível início:** O projeto de mestrado estava pronto. Já havia se passado um ano de minha entrada no PPGT (Programa de Pós Graduação em Teatro) da UDESC. Seria o aprofundamento do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) realizado na mesma universidade, no curso de Artes Cênicas. Seria. Dificuldades. Deixemos tudo de lado. Nem tudo. Restou um nome. Era apenas um nome ainda para mim, era apenas Neide Maria, uma radioatriz que fazia também locução nos programas analisados no TCC.

Quem foi esta mulher? Esta foi uma das perguntas primeiras perguntas que hoje sei que é impossível responder. Porque esta mulher não foi só uma (ninguém é), foi várias e ainda é (visto que eu mesma agora estou construindo uma Neide). Diante disso, meus objetivos se tornaram apresentar fragmentos, versões, facetas, de alguém cujo nome em certidão de nascimento consta como Neide Maria Rosa e a partir deles dialogar com a cidade (Florianópolis), imaginários e os contextos onde se inseriram as tantas Neides.

Para tanto, inserida dentro do campo da história cultural, trabalhei com o entrelaçamento entre a pesquisa documental (jornais, livros, revistas, textos imagens e documentos sonoros) e as fontes orais (entrevistas). A pesquisa foi realizada em Florianópolis e no Rio de Janeiro.

---

<sup>2</sup> O projeto de extensão *Cênicas na Rádio* está vinculado ao programa de extensão da UDESC denominado *Dança e mídia em movimento*, coordenado pelo Prof. Dr. Milton de Andrade Leal Jr.

Apesar de Neide ter sido uma figura reconhecida na cidade não havia nenhum trabalho escrito sobre ela<sup>3</sup>, nada muito consistente, apenas algumas citações e um resumo de sua trajetória artística, por isso esta pesquisa fazia-se mister para que ao menos houvesse um documento escrito e disponibilizado para um grande público.<sup>4</sup>

Foi então que tive conhecimento de duas pesquisas que estavam sendo feitas sobre Neide. E agora? Antes de qualquer decisão fui procurar estes trabalhos. Um é um TCC do curso de jornalismo da UFSC, um documentário feito por Fernanda Peres e Taise Bertoldi. Assistindo ao trabalho, bonito e emocionante, percebi que o foco era apenas Neide Maria como cantora, pouco se falava sobre quem fora a mulher Neide, a radioatriz e tantas outras Neides. A outra pesquisa contou também com a participação de Fernanda e Taíse, elas foram responsáveis pelo texto do encarte disponível junto com o documentário denominado *Cristal - Neide Mariarrosa* de Eduardo Paredes e Ronaldo dos Anjos. No encarte há uma breve narrativa da trajetória de Neide como cantora e o DVD é uma digitalização do último *show* antes de sua morte.

Neide já foi também revista como tema de escola de samba e como boneco num bloco carnavalesco. E atualmente surge em concorrência (ou em confluência?) com esta pesquisa, o projeto de escrita de uma biografia sobre Neide Maria Rosa.<sup>5</sup> De qualquer forma ainda não há uma pesquisa que enfoque tanto o trabalho de Neide Maria no rádio, sua trajetória como cantora e principalmente que revele algo de Neide Maria mulher, indivíduo. É este enfoque múltiplo e fragmentado que esta pesquisa pretende apresentar. Para tanto está dividida em um Prólogo (primeiro capítulo), três capítulos e um

---

<sup>3</sup> Entre as poucas coisas escritas, há uma pequena biografia de uma página no livro *Somos todos Manezinhos* com uma pequena foto de Neide. (AMANTE, Francisco Hegídio. *Somos Todos Manezinhos*. Florianópolis: Papa-Livro, 1998, p.521).

<sup>4</sup> A dissertação de mestrado fica disponível em formato pdf (para *download*) no sistema da biblioteca da UDESC, de modo que pode atingir um maior público que os materiais hoje existentes (ver parágrafo seguinte) como DVD *Cristal* (não disponível em lojas, apenas no MIS-Museu da Imagem e Som- de Florianópolis com pouca distribuição) e o TCC de jornalismo (que fica restrito ao acervo do Curso de Jornalismo, embora o vídeo tenha sido exibido em canal de televisão fechado, TV COM, de Florianópolis e TV UFSC).

<sup>5</sup> O lançamento do livro com biografia de Neide e dois CDs estava previsto para este ano (2010), mas ainda não se tem notícia de quando o projeto se finalizará. A coordenação do projeto é da Fundação Franklin Cascaes.

Epílogo. O Prólogo enfoca Neide Maria como indivíduo sua infância, relação familiar e relação mais íntima com os amigos. O segundo capítulo, *Neide no rádio*, apresenta sua trajetória no rádio e as diversas funções exercidas. O terceiro, denominado *Neide cantora society*, enfoca a trajetória de Neide como cantora. O último capítulo, *E outras tantas Rosas*, engloba as diversas representações de Neide, Neide empresária, Neide e o carnaval, Neide documentada, com apresentação do trabalho de TCC no jornalismo e o *DVD Cristal*; Neide em composições, com as imagens criadas pelos amigos e conhecidos, o registro em LP, os dois últimos *shows* da cantora a doença e morte. E o Epílogo apresenta as considerações finais aliadas a um quadro de fragmentos sobre Neide.

*Que direito tem meu presente de falar de meu passado? [...]. (Roland Barthes por Roland Barthes)*

**Um novo início.** As trajetórias de vida não são lineares ou dotadas de escolhas racionais e isentas de contradições como muitas vezes tentamos fazer com que pareçam quando fazemos uma narrativa de nossa vida ou da vida de outrem. Quando narramos, o tempo presente e todas as experiências que tivemos modificam o passado. Seleccionamos dados, criamos encadeamentos, escolhemos palavras e contamos com nossa memória que por si é seletiva e mistura acontecimentos reais com o imaginário. Mesmo o que chamamos de real contemporaneamente (com os novos paradigmas, como os da física quântica) é muito mais complexo, abrangente, fragmentado e composto por uma multiplicidade de eventos aleatórios do que o que se pensava do real outrora, como quantificável, previsível e, por isso, dominável e descritível.<sup>6</sup> Diante deste panorama, é possível escrever uma biografia ou trajetória de vida? É possível escrever sobre Neide Maria Rosa?

---

<sup>6</sup> “Em princípio, ele [o real] é uma palavra, é um conceito, com distintas definições, embora remeta para algo da ordem do empírico, para algo da ordem do sensível, do que está para além das palavras, do que se passa, inclusive, independentemente da vontade humana, seria feito de fatos que se impõem como pedra dura, algo do qual não se pode fugir, irremediável, palavras ditas pelo mundo. Para Lacan, o real é o que não é passível de simbolização [...]. O real - longe de ser o mais concreto, o mais passível a ser conhecido e apreendido; longe de ser algo que possui uma verdade que poderia ser conhecida - seria o que escapa à compreensão. O real seria a vida pura, a vida crua, seria o informe, seria o que sempre aparece construído

Bourdieu<sup>7</sup> nos aponta o cuidado que devemos ter com o que ele chama de ilusão biográfica, que ocorre quando se pressupõe que é possível contar uma história de vida como um todo coerente e orientado, como um caminho linear percorrido, com início, meio e fim. O real, como já apontamos, é descontínuo e as identidades não são uma constante. Stuart Hall<sup>8</sup> nos apresenta três visões sobre o indivíduo, a primeira relacionada ao sujeito do iluminismo, um indivíduo centrado, unificado e dotado de razão e consciência, a segunda relacionada ao sujeito sociológico, que ainda mantém um núcleo ou essência, mas cuja identidade é formada pela interação entre o “eu” e a sociedade e a terceira relacionada ao sujeito pós-moderno, cuja identidade está em constante transformação. É exatamente este último que interessa a Hall e que, guardada as diferenças entre os dois autores, poderíamos chamá-las de identidade líquidas, recorrendo ao conceito de Bauman.<sup>9</sup> As identidades são fluídas, mas como afirma Bourdieu<sup>10</sup>, o mundo social tende a asseverar que a identidade é uma constante e um dos exemplos seria o nome próprio que atesta a individualidade (unidade) do seu portador por mais que o tempo, os espaços sociais e os papéis exercidos sejam múltiplos e distintos.

*Há uma ordem na desordem do mundo...*

Para fugir da ilusão biográfica, Felipe Pena<sup>11</sup> apresenta uma possibilidade inspirada nos sistemas complexos das ciências naturais como a teoria do caos e a dos fractais. Em linhas gerais, a teoria do caos surge como tentativa de compreender e explicar fenômenos imprevisíveis e aleatórios. No caso da meteorologia, por exemplo, o chamado efeito borboleta: o bater de asas de uma borboleta na China causa um furacão no Ocidente. A previsão do tempo não é totalmente previsível, pois há múltiplos e inconstantes fatores que

---

precariamente; seria o doloroso caos em que podemos nos atolar e nos perder; seria a desterritorialização absoluta, o coração selvagem da existência.” In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. São Paulo (Bauru): EDUSC, 2007, p.44-45.

<sup>7</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes (coords). *Usos & abusos da História Oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

<sup>8</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

<sup>9</sup> O conceito de Zigmunt Bauman está presente em diversos de seus livros como *A Modernidade Líquida*, *Medo Líquido*, *Amor Líquido* e *Tempos Líquidos*.

<sup>10</sup> BOURDIEU, Pierre, 2006, op. cit.

<sup>11</sup> PENA, Felipe. *Teoria da Biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Maudt, 2004.

podem (ou não) influenciar os sistemas meteorológicos. Descobriu-se que pequenas mudanças nos valores iniciais causam mudanças gigantescas ao final: um pequeno arredondamento que o computador faz no caso da previsão, gera uma grande distorção.

Os fractais, do latim *fractus*, do verbo *frangere*, quebrar, fraturar, surgem na oposição da geometria euclidiana. Mandelbrot é considerado o “pai” da teoria.<sup>12</sup> Contratado pela IBM para analisar os ruídos nas telecomunicações ele descobriu que estes eram imprevisíveis e inevitáveis, mas que havia um padrão: em certos períodos, quase não havia ruídos, enquanto que em outros apareciam vários erros de transmissão e ainda dentro de períodos de erro havia períodos de transmissão perfeita. Como o padrão era constante nos diferentes conjuntos (partes) de análises, recebeu o nome de fractal. Os fractais têm como principal característica auto-semelhança: dentro de infinitas possibilidades de recortes, o que se encontra é o mesmo padrão.<sup>13</sup>

A proposta de Pena segue a idéia de que há múltiplos e inconstantes fatores que caracterizam um indivíduo, por isso ele propõe que a escrita biográfica seja dividida não em ordem cronológica, mas em capítulos nominais (fractais), onde seriam inseridas histórias que se refiram a eles. Estas histórias encaixar-se-iam apenas primariamente nestes capítulos, pois vistas como fractais, ou seja, independentes e ao mesmo tempo auto-semelhantes, poderiam estar em outros capítulos. As múltiplas identidades assim se articulariam em redes flexíveis e inesgotáveis: pode-se sempre criar um novo epíteto desconexo na narrativa.<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> Há uma afirmação conhecida de Mandelbrot em oposição as figuras euclidianas de três dimensões e a natureza que diz que as nuvens não são esferas, as montanhas não são cones e os relâmpagos não percorrem uma linha reta.

<sup>13</sup> GLERIA, Iram; MATSUSHITA, Raul and SILVA, Sergio Da. Sistemas complexos, criticalidade e leis de potência. *Rev. Bras. Ensino Fís.* [online]. 2004, vol.26, n.2, pp. 99-108. ISSN 1806-1117. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-47442004000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-47442004000200004). Acesso em: 04 set. 2009.

<sup>14</sup> Inclusive Pena apresenta um modelo de biografia aberta, sem fim, onde através da internet, várias pessoas podem construir e reconstruir o biografado. (Cada um com novas histórias, com novos aportes podendo aparecer dados contraditórios e versões diferentes de acontecimentos).

Dentro da impossibilidade de se produzir uma biografia nos moldes clássicos (lineares, racionais, com início meio e fim e unidade) Roland Barthes cunha um novo conceito: biografemas. Biografemas seriam pequenos gostos, pormenores, detalhes, inflexões do biografado. Coisas que escapam à perspectiva informativa, situando-se na dimensão do afetivo e do imaginário. A biografia para o autor apresenta-se como fragmentada, descontínua e dotada de espaços vazios.<sup>15</sup>

Le Goff<sup>16</sup>, ao escrever sobre São Luis apresenta na primeira parte de seu livro uma história cronológica da vida de Luis IX: do nascimento ao casamento, às cruzadas, a morte e a canonização. Já na segunda parte, o autor se questiona se São Luís realmente existiu, pois vai fazer uma crítica das fontes, visto que os documentos foram regidos por pessoas interessadas em produzir uma memória da Cristandade do século XIII. Destes documentos surge um São Luis e suas referências são apenas ao rei e não ao indivíduo. Por isso a pergunta, se só se tem este São Luis dos documentos, São Luís existiu? Na terceira parte Le Goff tenta por meio das atividades de Luís aproximar-se de suas relações com o mundo e com a sociedade da época. O autor apresenta vários São Luis(es): o rei, o santo, o indivíduo, o religioso, o rei feudal, o rei moderno, rei guerreiro, rei protetor, o rei visto pelos cronistas estrangeiros, o rei na imagem de seu amigo, o rei família, o rei dos hagiógrafos, o rei dos documentos oficiais...

É apoiada principalmente nos escritos de Pena, Barthes e Le Goff que apresento uma história - no sentido de uma narrativa ficcional baseada em documentos reais (e não verdadeiros, pois mesmo que sendo “falsos” eles interessam ao historiador) - ou uma biografia de Neide Maria Rosa. Uma mulher que foi várias e que ainda é outras tantas não reveladas. Neide Maria Rosa. Neide Maria. Neide Mariarrosa. Mariarrosa. Neida. Neidinha. Neide.

---

<sup>15</sup> BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loiola*. Trad. Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70, 1971.

<sup>16</sup> LE GOFF, Jacques. *São Luis - Biografia*. Trad. Marcos de castro. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Cantora. Estrelíssima. Cantora *Society*. Radioatriz. Amiga. Anjo Negro. Produtora. Locutora. Puxadora de samba. Cantora de orquestra. Cantora de bar. Cantora de *Bar da Noite*. A terceira filha. Funcionária Pública. Empresária. Maria Saglamour. Dona Neide...

[...] O que eu sabia sobre eles? Meu relato deve ser impróprio e equivocado! E o biógrafo comete o mesmo pecado quando se propõe a esclarecer o mistério que é uma vida a partir de 'dados' que não são menos escassos (quando os comparamos com a massa monstruosa que se acumula das ocorrências minuto a minuto de toda uma vida) e de interpretações que não são menos toscas (quando lembramos que a motivação humana é um instrumento preciso e feito sob medida).<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> MALCOM, Janet. *A mulher calada* - Silvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia. Trad. Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.143.



## PRÓLOGO: NEIDE MARIA ROSA

*Meu coração/ Não sei por que/ Bate feliz, quando te vê/ E os meus olhos ficam sorrindo/ E pelas ruas vão te seguindo/ Mas mesmo assim, foges de mim// Ah! Se tu soubesses/ Como sou tão carinhoso/ E muito e muito que te quero/ E como é sincero o meu amor/ Eu sei que tu não/ fugirias mais de mim// Vem, vem, vem, vem/ Vem sentir o calor/ Dos lábios meus/ À procura dos teus/ Vem matar esta paixão/ Que me devora o coração/ E só assim então/ Serei feliz, bem feliz. (Carinhoso, de Pixinguinha e Braguinha, 1927/1937)*

Florianópolis, 05 de setembro de 1994, Cemitério do Itacorubi. O caixão começa a descer e ao longe se inicia uma grande batucada, um samba-enredo. A Escola de Samba *Protegidos da Princesa* estava ensaiando no mesmo instante em seu galpão. A laje é fechada e a batucada, como que em respeito à grande cantora e intérprete, se encerra.

E foi assim que o corpo de Neide Maria Rosa despediu-se dos parentes, amigos e admiradores que durante o enterro cantaram *Carinhoso*, de Pixinguinha, realizando o último pedido de Neide segundo *O Estado*<sup>1</sup>; muitas outras músicas que Neide admirava foram cantadas durante a cerimônia.

Após uma batalha contra dois tumores cancerígenos, um no seio e outro nos ossos, Neide Maria Rosa falece no dia 04 de setembro, aos 58 anos.

### 1.1 E NASCE UMA ESTRELA...

Neide Maria Rosa, filha de Erico do Rosa Prado, funcionário da Imprensa Oficial, chefe da seção de paginação do *Diário Oficial* e de Marta Barbosa da Rosa, dona de pensão e doceira, nasceu na casa da família,

---

<sup>1</sup> Ilha perde uma estrela: Neide Mariarrosa. Geral. *O Estado*. Florianópolis, 05 set. 1994, p.5.

localizada na Rua Menino Deus, nº 22, em Florianópolis, no dia 11 de abril de 1936. Terceira dos nove filhos<sup>2</sup> do casal Rosa.

Logo os Rosa se mudariam para a Rua João Pinto, mais próximo da Praça XV, no centro da cidade, onde Neide passaria sua infância. Estudou no Grupo Modelo Escolar Dias Velho<sup>3</sup> e teve como primeira professora Eugênia de Oliveira Nunes Pires (1919?-2004), esposa de Aníbal Nunes Pires (1915-1987), também professor e poeta, autor de *Poema Íntimo*, poema que na década de 1980 seria musicado por Airton Perrone e interpretado por este e por Neide.

Todas as irmãs da família estudaram no Dias Velho, escola pública que recebia os filhos da classe média baixa e da classe trabalhadora. Tereza Rosa conta que ela e Neide na hora do intervalo desciam para encontrar o pai que trazia o lanche.<sup>4</sup> Neide ainda cursou o Grupo Escolar Lauro Miller, também público, localizado na Rua Marechal Guilherme, onde concluiu o segundo grau. Todas as irmãs fizeram o curso normal, mas nenhuma exerceu o magistério. Na época era comum que as meninas de origem humilde fizessem o curso normal para garantir um emprego no futuro. As meninas de classe mais alta cursavam o normal no *Coração de Jesus*, escola privada e católica que as preparava para o papel principal de ser mãe e mulher (católica) e também, em segundo plano, professora.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> São eles (em ordem de nascimento): Norma, Tereza, Neide, Zelma, Leda, João Carlos, Érico, Ernani e Maximiliano.

<sup>3</sup> Atualmente o prédio, localizado na rua Saldanha Marinho, abriga o Museu da Escola Catarinense e antes abrigara a Faculdade de Educação (FAED). O Grupo Escolar Dias Velho foi transferido para a Avenida Mauro Ramos, transformando-se no Instituto de Educação.

<sup>4</sup> ROSA, Tereza. Entrevista concedida a Vivian de Camargo Coronato. Florianópolis, 29 out. 2009.

<sup>5</sup> DANIEL, Silveira Leziany. *O Colégio Coração de Jesus e o Instituto de Educação de Florianópolis: projetos de formação para as normalistas Catarinenses nas primeiras décadas do século XX*. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/455LezianyDaniel.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2010.



Imagem 1- Neide Maria em foto destacada de um certificado escolar de 1950.<sup>6</sup>

Neide gostava muito, desde criança, de cantar. Cantava para os familiares, que a incentivavam e diziam que quando ela crescesse cantaria em Paulo Lopes.<sup>7</sup> “Paulo Lopes para mim era a Broadway. Então eu cantava, me esganiçava, em cima de uma cadeira. E o pessoal aplaudia. [...]”<sup>8</sup> Também entre as brincadeiras de infância havia a chamada *Hora de Calouros*, onde um cantava e os outros aplaudiam e davam notas, exatamente como ocorria nos programas de auditórios das rádios.<sup>9</sup> E foi em um programa de auditório da Rádio *Guarujá*, que ficava defronte a sua casa, que Neide iniciou sua carreira no rádio.<sup>10</sup>

O mundo do rádio sempre esteve próximo de Neide, além da *Guarujá* outras rádios também tiveram suas instalações no centro da cidade, como a *Anita Garibaldi*, fundada em 1954, e em seguida a *Diário da Manhã*, fundada em 1955. Além disso, a família possuía um aparelho radiofônico e as irmãs ouviam rádio a noite toda, principalmente a *Nacional* e a *Tupy* do Rio de

<sup>6</sup> Fonte: Acervo Pessoal Maximiliano Rosa.

<sup>7</sup> Paulo Lopes é uma pequena cidade localizada a 50 km de Florianópolis que no ano 2000 contava com contava com 5.924 habitantes. Na época (1930-1940) era um distrito ligado ao município de Palhoça, tornando-se município em 1961. (IBGE Cidades@. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?>. Acesso em: 03 fev. 2010.)

<sup>8</sup> [CD] ROSA, Neide Maria. *Depoimento Neide Maria Rosa*. Entrevista concedida a Norberto Depizzolatti. Florianópolis, 03 dez. 1987. Arquivo Pessoal Norberto Depizzolatti, 2 vol.

<sup>9</sup> ROSA, Tereza, 2009, op. cit.

<sup>10</sup> Anteriormente Neide já havia se apresentado no Teatro da União Operária (UBRO).

Janeiro. Erico, o pai, gostava de ouvir, aos domingos, o programa do Francisco Alves transmitido pela *Nacional*, de modo que ao meio-dia em ponto todos na casa deveriam ficar em silêncio para que *Quando os ponteiros se encontram* pudesse ser apreciado. A música esteve sempre presente na casa, além de acompanhar programas radiofônicos, a família tinha uma vasta coleção de discos. E sempre havia alguém com violão.

A casa estava sempre cheia. Dona Marta fazia doces, salgados para encomenda e também refeições que eram servidas na casa ou retiradas em forma de marmita. Os clientes eram hóspedes do Hotel Royal, que não tinha cozinha, e alguns funcionários das rádios próximas. Quando a família mudou-se para uma casa maior, na Rua dos Ilhéus, a clientela aumentou, e muitos dos que trabalhavam nas mediações, como funcionários do Banco do Estado de Santa Catarina - BESC, iam lá fazer suas refeições. Para ajudar no serviço, Marta contava com duas funcionárias. Tereza e Neide não podiam ajudar muito porque desde cedo já trabalhavam na rádio.

Além de pessoas que iam fazer refeições, também freqüentavam a casa os amigos dos filhos do casal. Tereza conta que os pais gostavam de receber pessoas em casa, pois assim os filhos estavam sempre por perto. Então a casa nos finais de semana chegava a comportar doze, treze visitas, entre cantores, amigos do rádio e da escola, que também passavam a noite: "[...] E a gente não tinha acomodação pra todo mundo, mas a gente se ajeitava. No chão, beliche... [...]".<sup>11</sup>

Neide gostava também de freqüentar os cinemas. E o centro da cidade era o espaço deles. O Cine Imperial se localizava na Rua João Pinto, onde a família morava. No Cine São José, na Rua Padre Miguelinho, próximo a outro cinema, o Roxy, as irmãs iam assistir à sessão das três. Neide gostava de comentar sobre filmes, diretores e atores de cinema. Atores preferidos eram dois: Humphrey Bogart e Bette Davis.

---

<sup>11</sup> ROSA, Tereza, 2009, op. cit. Transcrição nossa.

Outra diversão eram os circos que visitavam a cidade e Neide gostava tanto dos mais simples quanto dos mais sofisticados como o *Circo Thiany*. Os circos costumavam se instalar no Campo do Manejo, onde hoje se localiza o Instituto Estadual de Educação. Neide teve a oportunidade de conviver com os artistas de circo e os artistas de rádio que circulavam pelas ruas do centro: “E ali mesmo a gente já fazia amizade com o pessoal, porque eles transitavam ali pela Rua João Pinto. De repente havia uma ligação com a rádio e de repente a gente se entrosava e ficava tudo amigo.”<sup>12</sup>

E havia as competições de remo: “Os dias de regata, eram dias de festa pra gente, banda de música, doce, salgado e a gente convivia com aquele pessoal lá, os remadores”.<sup>13</sup> E uma vez por ano a Procissão do Senhor dos Passos<sup>14</sup> passava pela rua onde Neide morava e a deixava encantada com a beleza e também com os “rapazes levados” que seguiam a procissão. E a pequena Neide tinha olhos sempre atentos para o canto da mulher que representava Verônica. “Era tudo bonito e emocionante também” comenta ao falar da procissão.<sup>15</sup>

Um gosto que Neide guardou desde a infância até os últimos dias de vida foi a paixão por doces. Quando criança gostava de pedir e comer os doces da Confeitaria Moritz:

Me lembro do Moritz que era uma confeitaria e a gente passava pelos fundos da confeitaria, pedreira, e ali tinha um senhor, seu Carlos, um alemão, e ele distribuía doces para a gente. Doce que ficava queimadinho, tortinho e tal. E pessoal: “Seu Carlos, um doce” e ele “Péra aí, um de cada vez, um de cada vez” “Seu Carlos um docinho”. Eu adorava aquilo.<sup>16</sup>

Já contratada pela *Diário da Manhã* ela sempre que recebia o salário convidava a irmã Tereza, que também atuava na *Diário*, para comprar um

---

<sup>12</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op. cit. Transcrição nossa.

<sup>13</sup> Ibidem.

<sup>14</sup> Para maiores informações sobre procissão: Imperial Hospital de Caridade. Procissão Disponível em: <http://www.hospitaldecaridade.com.br/irmandade/aprocissao.html>. Acesso em: 20 jan. 2010.

<sup>15</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op. cit. Transcrição nossa.

<sup>16</sup> Ibidem.

docinho.<sup>17</sup> E Neide gostava tanto de doces que mesmo quando muito doente, no final de sua vida, sempre pedia algum. O preferido era o doce de leite, daqueles em tabletinho.

Outra coisa que Neide gostava muito era de dormir. Adorava dormir. Conta Tereza que o pai era muito rígido em relação à religião de modo que aos domingos todos deveriam ir à missa. Caso contrário ninguém poderia sair de casa para se divertir. Tereza preferia ir à missa das sete das horas da manhã, na Catedral Metropolitana. E chamava Neide que dizia “Ah não, muito cedo” e ia à missa das dez, mesmo assim com uma grande preguiça. Mas à missa da tarde, terças às 18 horas, na Igreja de Santo Antônio, Neide sempre acompanhava a irmã. O pai era um católico praticante, participava da Irmandade do Senhor dos Passos, da Igreja do Rosário e da Imaculada Conceição de modo que toda família foi criada no catolicismo.



Imagem 2 - Neide (ao violão) e Tereza.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> ROSA, Tereza, 2009, op. cit.

<sup>18</sup> Fonte: Acervo Pessoal Maximiliano Rosa.

Neide e Tereza, além de irmãs eram amigas. Daquelas que não se desgrudam, daquelas que sabem o que a outra está pensando. Tinham uma afinidade muito grande. Diz Tereza que Neide não fazia nada sem antes pedir sua opinião. E isso em relação a tudo, de auxílio para fazer compras à escolha do repertório. Com relação às compras, os familiares brincavam que quando elas saíam o calçadão da Felipe Schmidt afundava um pouco mais, de tanto elas andarem para cima e para baixo.<sup>19</sup> Eram tão próximas que Neide chorou copiosamente durante o casamento de Tereza. Era um choro de alegria, pelo casamento da irmã, e também de tristeza, pois elas iriam ficar mais distantes. E esta distância seria ainda maior, pois Neide logo após o casamento decide aceitar o convite de Elizeth Cardoso e se mudar para o Rio de Janeiro.

Ela chorou tanto, chorou tanto. Disse: “Ai Tê, porque é que tu vais casar?”. Ai eu disse “mas minha filha...” Eu já era noiva há três anos. [...]. Me casei num sábado, na outra, na quinta-feira seguinte ela foi por Rio. Foi ai ficou uma temporada lá, a gente se telefonava. Cartas. Mas, foi uma vida muito boa a minha com a dela. Porque a gente ria muito, a gente se divertia, às vezes eu ia com ela às vezes nas festas e a gente ria muito, ela tinha um cuidado muito grande comigo, tinha uma afinidade muito grande.<sup>20</sup>

### 1.1.1 Neide e o temporão da família Rosa

Em 1970 nasceu Maximiliano Rosa (Max), irmão mais novo de Neide. É nesse período que a cantora decide deixar sua ascendente carreira no Rio de Janeiro para ficar mais próxima da família em Florianópolis. Neide foi para Maximiliano uma mistura de irmã e mãe.

Exemplo de irmã companheira foi quando Maximiliano e Neide estavam pintando a parede da sala para o Natal e ambos começaram a dançar com Neide cantando uma nova composição de Zininho, *Rancho de Amor à Vida*. No meio da dança, Maximiliano derrubou a lata de tinta em cima do tapete e ficou morrendo de medo da bronca que iria receber dos pais. Para sua surpresa,

---

<sup>19</sup> ROSA, Maximiliano. Entrevista concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 26 nov. 2009.

<sup>20</sup> ROSA, Tereza, 2009, op. cit. Transcrição nossa.

Neide pegou o resto de tinta da lata e a jogou pelo tapete todo, dizendo que também ela havia sujado.<sup>21</sup>

Como mãe Neide comprava roupas para Maximiliano e dava alguns conselhos. Um deles foi o de não sair com estranhos, que o irmão cumpriu com tanto afinco que acabou deixando o chefe de sua outra irmã, Leda, cheio de hematomas no tornozelo de tantos chutes que deu quando este, a pedido de Leda diante da impossibilidade do pai e de Neide buscar o irmão, foi buscá-lo no colégio. Maximiliano estudava no *Colégio Catarinense* e Neide que sempre quis que o irmão tivesse uma boa educação auxiliava o pai no pagamento da mensalidade. O *Catarinense* era o colégio em que os homens da elite ilhoa estudavam; particular e de custo elevado, dava distinção aos que diziam estudar lá. Neide também incentivava Max a ler e a estudar. “Porque ela reforçava muito em casa, muito, muito, muito e também assim ‘você tem deveres para fazer?’ Aí ela ajudava, depois ‘bom, agora é contigo, agora tu tem que fazer, tenta’ Ai a gente aprendeu a se virar sozinho e era muito legal isso”.<sup>22</sup>



Imagem 3 - Max e Neide.<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> ROSA, Maximiliano, 2009, op. cit.

<sup>22</sup> ROSA, Maximiliano, 2009, op. cit. Transcrição nossa.

<sup>23</sup> Fonte: Acervo Pessoal Maximiliano Rosa.



Neide adorava ler, lia de tudo. De romance água com açúcar à Machado de Assis e José de Alencar, passando por livros espíritas e autores contemporâneos. As melhores passagens eram sublinhadas. Lia muitas revistas como, por exemplo, *A Manchete*. Jornais: chegou a fazer assinatura de dois ao mesmo tempo, *O Globo* e a *Folha de São Paulo*, lhe interessavam os cadernos culturais de ambos. Adorava também fazer palavras cruzadas, mas não no nível fácil (Picolé) como Tereza gostava, Neide gostava do nível difícil. Em seus passeios constantes pela banca de jornal, além de revistas e de palavras cruzadas, Neide costumava comprar álbuns de figurinhas para o irmão. E todo ano comprava a edição do ano do *Almanaque Abril*.<sup>24</sup> Embrulhava e se dava de presente no Natal: “De Neide para Neide”.

Natal com a Neide era sempre uma surpresa. A família esperava “o que a Neide iria inventar no ano”. Teve um ano em que ela convidou sete papais noéis para visitar a casa dos Rosa. A cada ano ela fazia uma decoração diferente. Outro ano foi o das pinhas douradas, que eram moda no Rio (Neide tinha muitos amigos no Rio e acompanhava as publicações da cidade) e que foram transformadas por Neide em pinhas prateadas, cobreadas e outras cores. Passou ano com bengalinhas na árvore de natal, com árvore natural, com árvore de galhos secos, árvore cheia de laços e até com árvore giratória, esta criada junto com um sobrinho e colocada em cima de um toca-discos antigo. No primeiro teste, assim que a árvore começou a rodar todos enfeites voaram para os cantos! Depois a dupla prendeu bem os enfeites e a árvore giratória teve sucesso.<sup>25</sup>

Neide adorava presentear a todos e comprava presentes reservas para que quando chegasse alguma visita inesperada esta fosse recebida com uma lembrança. Também na Páscoa Neide criava enfeites e decorava a casa. “Ela sempre foi muito prendada, então, por exemplo, na Páscoa ela fazia uns ovinhos com papel celofane, aí fazia um detalhe rosinha, detalhe da cor, ela

---

<sup>24</sup> O *Almanaque Abril* foi lançado em 1974 desde então uma nova edição atualizada sai a cada ano. É uma “enciclopédia portátil da família brasileira, com fatos e dados de referência atualizados e os mais importantes acontecimentos da atualidade.” Disponível em: <http://almanaque.abril.com.br/hotsite/index.html>. Acesso em: 30 dez 2009.

<sup>25</sup> ROSA, Maximiliano, 2009, op. cit.

passava três, quatro meses fazendo antes e ela era muito boa em trabalhos manuais”.<sup>26</sup>

Na área de culinária, no entanto, Neide não tinha tanto talento:

Então a Neide às vezes cozinhava e para ele [o pai] comer ele chegava para mim [Max] e perguntava: ‘Quem é que fez a comida foi tu ou foi a Neide?’ - ‘Não, fui eu’. Aí ele comia. Porque ele tinha medo da comida da Neide, achava que a comida não era muito boa, e eu dizia ‘não fui eu que fiz o arroz, pode comer’ e nada [eu] não fazia nada.<sup>27</sup>

Neide e Tereza chegaram a fazer um curso de culinária, com duração de seis meses, receberam diploma e tudo, mas após o término Neide não se lembrava de nenhuma receita. Neide gostava de fazer comidas diferenciadas como sopa de beterraba, ovos *pochet* e galinha ao molho pardo. Em uma ocasião convidou algumas pessoas para comerem sua galinha ao molho pardo, mas as galinhas vivas assim que foram tiradas do carro fugiram e todos tiveram que correr atrás da refeição. Se Neide não era tão boa cozinheira, era uma ótima comedora, comia muito e de tudo. Ou quase tudo, pois durante um período, influenciada pelo músico e amigo Luiz Henrique Rosa, deixou de comer carne de vaca porque dizia que ela era sagrada, era nossa mãe, que nos alimentava.

### 1.1.2 Noites de seresta

Neide era uma pessoa que gostava da noite. Não gostava de acordar cedo e de trabalhar antes das quatro horas da tarde. Quando não estava trabalhando cantando em algum *show*, cantava nas reuniões em sua casa e na casa de amigos como Cleide Ammon. Cleide conta que seu marido ia buscar Neide e Tião (João Batista de Almeida) para as reuniões em sua casa. E que os três ficavam rindo, contando piadas, tocando e cantando no quintal próximo a cozinha enquanto ela preparava a refeição. As piadas normalmente eram cheias de palavrões e os três se divertiam falando bobagens. Quando os

---

<sup>26</sup> ROSA, Maximiliano, 2009, op. cit.

<sup>27</sup> Ibidem.

convidados chegavam iam para a sala. Então era o momento de se recompor e Neide, que assim que chegava na casa de Cleide trocava os sapatos altos por sandálias baixas, preparava-se para colocar os sapatos novamente e receber os amigos. Entre eles muitos músicos como Paulinho Padilha que, com Tião e Neide, passava horas tocando e cantando. As festas duravam até sete da manhã. Entre as músicas que Neide sempre cantava nas reuniões figuravam *Cordas de Aço* e *Bar da Noite*.<sup>28</sup>



Imagem 4 - Neide e Tião no *Casarão do Tiro Alemão*, na década de 1980. Da esquerda para direita Marquinho do Cavaco, Rolando, Tião, Pirelli, Charuto e Neide Maria Rosa.<sup>29</sup>

Tião, que também era dono do Bar do Tião<sup>30</sup>, faleceu em 04 de dezembro de 2007 e em depoimento comenta sobre a amiga Neide:

Eu com a Neide eu aprendi muito. Sabe, porque a Neide era uma cantora que cantava só em tom difícil. Não tinha aquela do cara tocar para ela, ela pedia, era Mi bemol o tom dela, ela dizia a música o cara então passava para Ré, para facilitar

---

<sup>28</sup> AMMON, Cleide. Entrevista cedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 17 nov. 2009.

<sup>29</sup> Fonte: Imagem disponível em:

<http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC, blog.BlogDataServer.getBlog&pg=1&template=3948.dwt&uf=1&local=1&blog=583&post=247026&tipo=1&coldir=1&topo=4254.dwt&espname=carnaval>. Acesso em: 06 jan. 2010.

<sup>30</sup> O *Bar do Tião* localiza-se no Monte Verde. O bar foi aberto na própria casa de Tião idéia principalmente de sua esposa Ivonete, para que o marido ficasse mais em casa. Em princípio o bar funcionaria às sextas e sábados, mas nos domingos os amigos se reuniam para compor sambas com Tião. Através da lei n° 8043, de 12 de novembro de 2009, o *Bar do Tião* foi tombado como Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural.

mais, [ela dizia] 'Não é esse o meu tom'. [...] Aquela morreu me deixou uma saudade, vou te falar.<sup>31</sup>

Também na casa de Cleide foi realizado um aniversário de Neide com sessenta convidados. A festa só terminou às oito da manhã. Neide havia ido de carro com sua irmã Tereza e o cunhado Aldo, mas não pode voltar com eles: recebera tantas flores que elas lotaram o carro.

Quando Neide adoeceu, ficou, segundo Cleide, “mais criteriosa” já não saía tanto, suas mudanças de humor (o vento sul) eram mais constantes e não aceitava qualquer convite - por não querer que a vissem doente (transformações no corpo) e que ficassem perguntando como ela estava. Para atender a um convite de almoço em sua casa, por exemplo, Neide perguntava se ia ter mais gente, se não, ela dizia: “Ah, então me pega a hora que ele quiser, a hora em que ele passar no mercado, já estou pronta”.<sup>32</sup>

Me dá saudade Muita música, sempre rolando. E às vezes ela dizia, 'ai hoje eu não posso cantar, hoje estou afônica, estou resfriada'. A gente dava um vinhozinho para ela, ai coisa boa, adorava um vinho. Vinho bom, ahh, ela tomava aquele vinho, meu deus do céu, ai ela soltava aquele vozeirão dela. Ela encantou muito né. Ela cantou e encantou porque...uma pessoa maravilhosa, maravilhosa.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> TIÃO do Violão o filme. Direção Zé Lima Produção Executiva: Mel Faber - Realização: Cabeça ao Vento. Trailer projeto Samba Floripa: Florianópolis, 2008. Disponível em: [http://www.dailymotion.com/video/x5q5f1\\_tiao-do-violao-o-filme\\_music](http://www.dailymotion.com/video/x5q5f1_tiao-do-violao-o-filme_music). Acesso em: 05 jan. 2010. Transcrição nossa.

<sup>32</sup> AMMON, Cleide, 2009, op. cit. Transcrição nossa.

<sup>33</sup> Ibidem.

## CAPÍTULO II NEIDE NO RÁDIO

A história do Rádio em Santa Catarina tem seu início em Blumenau. A primeira emissora do estado começou a estruturar-se em 1931, sendo oficialmente inaugurada em 1936, mesmo ano em que nasceu Neide Maria Rosa. Em Florianópolis, no entanto, a história do rádio tem início em meados de 1942, com as instalações das “bocas-de-jacaré” por Ivo Serrão Vieira.<sup>1</sup> A cidade ganhou sua primeira estação radiofônica em 1943, a *Rádio Guarujá LTDA*. O decreto legal de existência da mesma, porém, só foi assinado em 1945. No ano seguinte, a rádio é comprada por Aderbal Ramos da Silva, líder do PSD (Partido Social Democrático). Até o surgimento da *Rádio Diário da Manhã*, a *Guarujá* foi líder de audiência na capital, se autodenominando “a mais popular”. A fim de também possuir uma estação radiofônica, o líder da UDN (União Democrática Nacional), Paulo Konder Bornhausen, tenta desde 1952 até conseguir fundar em 1955 a *Rádio Diário da Manhã*.

O rádio era uma grande ferramenta de poder naqueles tempos.<sup>2</sup> Getúlio Vargas já a havia utilizado amplamente com fins políticos. Ele instituiu a propaganda no rádio em 1932 e também o programa *A Hora do Brasil*<sup>3</sup>, em 1935, onde divulgava as realizações do governo e transmitia, inicialmente, informações, pronunciamentos e música popular.<sup>4</sup> Com a incorporação da *Rádio Nacional* do Rio de Janeiro, em 1940, à União, o Estado Novo passou a

---

<sup>1</sup> Ivo Serrão Vieira conseguiu autorização da prefeitura para instalar nos arredores do centro da cidade um serviço de alto-falantes (conhecidos como “bocas de jacaré”) que transmitiam principalmente oferecimentos musicais e propagandas. Cf. MACHADO, Aldonei. *A cidade no dial*: Florianópolis nas ondas médias e curtas do rádio. Tese (mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999; CORONATO, Vívian de Camargo. *O radioteatro na Ilha*. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) Artes Cênicas. Universidade do Estado de Santa Catarina, 2005; MEDEIROS, Ricardo; SEVERO, Antunes. *Caros Ouvintes: os 60 anos do rádio em Florianópolis*. Florianópolis: Insular, 2005.

<sup>2</sup> Para maiores informações do uso do rádio ver BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia*. Trad. Maria Carmelita Padua. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

<sup>3</sup> Conhecido como “fala sozinho” o programa passou a ser obrigatório, mudou de nome para *Voz do Brasil* e sempre vinculou notícias de interesse do governo. Reformulado está no ar até os dias atuais.

<sup>4</sup> Música Popular no sentido dos artistas, orquestras e músicos mais populares do período. Cf. TINHORÃO, José Ramos. *História Social da Música Popular Brasileira*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

controlar a maior e mais poderosa rádio do período.

A *Nacional*, durante seu auge, entre as décadas de 1940 e 1950, era a rádio mais ouvida e influenciava todo o país ou através de ondas curtas<sup>5</sup> ou por repetidoras que retransmitiam sua programação: noticiários, programas de auditório, esportivos e o radioteatro. Tudo na emissora era grandioso, ela contava com um dos maiores auditórios e possuía os melhores equipamentos técnicos e o maior elenco: chegou a ter mais de 600 pessoas em seus quadros, com 08 diretores, 240 funcionários administrativos, 10 maestros e arranjadores, 30 locutores, 124 músicos, 95 radioatores, 95 cantores e 18 produtores.<sup>6</sup> A emissora carioca acabou, assim, se tornando escola para muitas outras emissoras brasileiras, que em seus programas regionais foram incorporando os formatos consagrados pela *Poderosa*.

Neide acompanhava os programas da *Nacional* e através dos programas musicais ouvia os cantores e cantoras que faziam parte do grande elenco da rádio. Entre eles Dalva de Oliveira que teve toda sua dor e ressentimento pelo fim conturbado do relacionamento com o compositor Herivelto Martins, acompanhado por três anos<sup>7</sup> por fãs através de jornais e revistas e pelas composições musicais que revelavam os sentimentos de ambos. De modo que se costuma dizer que o mundo da música dividiu-se em dois, os partidários de Herivelto e os que estavam do lado de Dalva, e o cenário musical brasileiro teve uma grande quantidade de músicas de “fossa” e “dor-de-cotovelo” advindas da briga do casal (uma música era composta em resposta a outra).<sup>8</sup> Uma das músicas sobre o fim do relacionamento é *Tudo acabado*, de J. Piedade e Oswaldo Martins, canção interpretada por Dalva de Oliveira que seria a escolhida de Neide Maria em suas primeiras participações

---

<sup>5</sup> As transmissões em Ondas Curtas operam numa faixa de amplitude modulada (opera nas faixas de 5.950 kHz a 6.200 kHz, 9.500 kHz a 9.775 kHz, 11.700 kHz a 11.975 kHz, 15.100 kHz a 15.450 kHz, 17.700 kHz a 17.900 kHz, 21.450 kHz a 21.750 kHz e 25.600 kHz a 26.100 kHz) capaz de atravessar as fronteiras entre os países do mundo.

<sup>6</sup> MEDEIROS, Ricardo. *Radionovela e publicidade: a memória da recepção em Florianópolis durante os anos 1960*. Tese (Doutorado) - U.F.R de Letras, Línguas e Ciências Humanas, Université du Maine, França, 2004. (tese enviada para esta pesquisa por e-mail pelo autor).

<sup>7</sup> De 1947, início da separação a 1950 após o lançamento do samba-canção *Errei sim, de Ataulfo Alves, cantado por Dalva de Oliveira*: “Errei, sim/ Manchei o teu nome/ Mas foste tu mesmo o culpado/ Deixavas-me em casa/ Me trocando pela orgia/ Faltando sempre/ Com a tua companhia.”

<sup>8</sup> L’AFFAIRE Dalva de Oliveira e Herivelto Martins. In: AGUIAR, Ronaldo Conde. *Almanaque da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.p.66-68.

nos programas de calouros da *Rádio Guarujá*.

## 2.1 A MAIS POPULAR

Aderbal Ramos que antes da *Rádio Guarujá*, em 1946, adquiriu a Rádio Difusora de Laguna foi eleito governador de Santa Catarina pelo PSD em 1947. Sob o comando do governador de então, a *Guarujá* se transferiu para a Rua João Pinto em 1949, onde foi construído um auditório com 300 lugares e estúdios para gravação e radioteatro, assim como outras dependências. Para a inauguração das novas instalações, a emissora convidou a cantora Ângela Maria (umas das estrelas da música popular no Rio de Janeiro que ganharia em 1954 o prêmio de *Rainha do Rádio*). O sucesso foi tanto que o trânsito na rua teve de ser interditado para veículos, tamanha era a multidão querendo ver a estrela.<sup>9</sup>

Uma das inovações no estado promovida pela *Guarujá* ocorreu no gênero do radioteatro. O termo é bastante controverso<sup>10</sup>, por isso, considero-o como sendo um gênero radiofônico que comporta dramatizações, sejam elas seriadas com continuidade (radionovelas), seriadas sem caráter de continuidade entre um capítulo e outro (séries), dramatizações que terminam em um ou poucos capítulos, sem continuidade (programas de fim ou de peças completas), dramatizações curtas (como esquetes em programas de humor), etc.

Apesar de experiências com peças completas (ou programas de fim), já

---

<sup>9</sup> MEDEIROS e SEVERO, 2005, op. cit.

<sup>10</sup> Primeiro quanto a sua grafia (se radio-teatro ou radioteatro), segundo quanto ao seu significado (por vezes confundido ou usado como sinônimo de radionovela). Também em relação a ser gênero ou formato radiofônico. Barbosa Filho (BARBOSA FILHO, André. *Gênero Radiofônicos - os formatos e os programas em áudio*. São Paulo: Paulinas, 2003) insere-o no gênero entretenimento, considerando programa ficcional. Mirna Spritzer (SPRITZER, Mirna, *O corpo tornado voz - A experiência pedagógica da peça radiofônica*. (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/7234>. Acesso em: 11 jan. 2010.) propõe dentro do gênero de entretenimento uma subclassificação que privilegia o ficcional, abarcando o drama unitário (peça radiofônica), o seriado, programas e programetes de humor. E dentro da peça radiofônica inclui esquete, contação de histórias, leitura dramatizada, radiodrama, peça radiofônica épica, monólogo interior, poemas sonoros e criação experimental.

serem transmitidas em Santa Catarina na *Rádio Clube Blumenau*<sup>11</sup>, foi na *Guarujá* que a primeira radionovela, na década de 1940, *Um Lírio na Correnteza*, de Ivanir Ribeiro, foi transmitida. E em 1950, a *Guarujá*, que contava com um bom *cast* de radioteatro<sup>12</sup>, pôde apresentar, mesmo sem patrocínio, a primeira novela escrita e encenada por artistas da Ilha: *Nuvem Negra em Céu Azul*, de Gustavo Neves Filho.<sup>13</sup> A rádio *Guarujá* chegou a transmitir novelas em cinco horários, firmando-se como líder de audiência no gênero.<sup>14</sup>

Com o surgimento da *Diário da Manhã*<sup>15</sup>, no entanto, muitos dos artistas da *Guarujá* se transferiram para a nova emissora, em busca de melhores salários. O setor de radioteatro da “mais popular” foi, com isso, perdendo fôlego e também audiência, tendo que ser fechado em 13 dezembro de 1959 (acabando assim os programas de radioteatro e os de auditório que eram feitos pelo elenco da rádio). E a emissora passou a apenas a retransmitir dramas gravados em São Paulo ou Rio de Janeiro e patrocinados por grandes multinacionais.<sup>16</sup>

---

<sup>11</sup> A Rádio Clube Blumenau apresentou várias peças inclusive peças de terror, no programa Teatro de Horror. Cf. MEDEIROS, 2004, op. cit.

<sup>12</sup> O elenco era formado por nomes como: Edgar Bonassis, Maria Alice Barreto, Darci Costa, Cora Nunes, Nívea Marques Nunes, Ciro Marques Nunes, Hélio Rosa, Iraci Vieira, Cacilda Nocetti, Oscar Berendt, Helena Martins, Lígia Santos, Maria de Lara, Albano Lúcio, Humberto Cardoso, Félix Kleis, Janine Lúcia, Cleide Costa, Miriam Beatriz, Waldir Brazil, Alda Jacintho, Egon Carlos, os sonoplastas Manoel Passos, Oscar Vieira Filho, José Nazareno Coelho, Roberto Alves e os contra-regras Mauro Melo e Mozart Régis (Pituca). Cf. MEDEIROS; SEVERO, 2005, op.cit. (Menos Egon Carlos, que foi elencado através de pesquisa da autora).

<sup>13</sup> Ilhéu, nascido em 1927, Gustavo Neves Filho foi responsável pela autoria de mais de 53 dramas seriados e uma série de peças completas. Passou pela *Rádio Guarujá*, teve uma rápida passagem pela *Rádio Anita Garibaldi* e participou como radioator e autor das produções de radioteatro da *Rádio Diário da Manhã*. (MEDEIROS e SEVERO, 2005).

<sup>14</sup> CORONATO, Vívian de Camargo, 2005, op. cit.

<sup>15</sup> Antes do surgimento da *Diário*, foi fundada em Florianópolis a Rádio Anita Garibaldi (1954) que denominada de “caçulinha” não chegou a derrubar a *Guarujá* em audiência.

<sup>16</sup> MEDEIROS, Ricardo, 2004, op. cit.





Imagem 5 - Egon Carlos (destaque) e o auditório da Guarujá.<sup>17</sup>

### 2.1.1 Neide de caloura a contratada da *Guarujá*

*Tudo acabado entre nós, já não há mais nada/  
Tudo acabado entre nós hoje de madrugada/  
Você chorou e eu chorei, você partiu e eu fiquei/  
Se você volta outra vez, eu não sei. (J. Piedade e  
Oswaldo Martins, 1950)*

É imitando Dalva de Oliveira que Neide Maria começa sua carreira no rádio florianopolitano. Em 1949 o programa *Calouros ao microfone*, da *Rádio Guarujá*, apresentado por Acy Cabral Teive, tinha o prêmio acumulado. O programa ia ao ar nas noites de sábados, com a participação de quinze candidatos em média. Os melhores candidatos participavam de outras eliminatórias, que ocorriam durante o programa *Divertimentos J-7*, também apresentado por Acy Cabral Teive e transmitido aos domingos pela noite. Os finalistas recebiam um pequeno cachê. Neide, que na época morava na João Pinto, sendo vizinha da *Guarujá*, participou como caloura do programa *Calouros ao Microfone* e foi vencendo cada etapa até conseguir o prêmio final no *Divertimentos J-7*, recebendo além do prêmio e cachê também uma oferta de trabalho na emissora.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> Fonte: Arquivo Pessoal de Egon Carlos Wojcikiewicz.

<sup>18</sup> NEIDE MARIARROSA de corpo inteiro para Badalo. *Diários Associados*. Rio de Janeiro, 20 fev. 1977

Ah, eu cantava músicas gravadas como Dalva de Oliveira [...] eu me identificava muito com ela. Apesar de não ter assim aquela maturidade da Dalva, né, porque a Dalva sofreu e este sofrimento ela colocava nas músicas. Ela estava sofrendo uma separação com o Herivelto Martins, então eles conversavam através de músicas. E a gente acompanhava. Eu acho que o Brasil inteiro acompanhou toda esta luta e era sucesso. E nesta época era muito importante que os cantores, os cantores quando começavam uma carreira, eles começavam imitando outros cantores, imitando os medalhões. E eu imitava a Dalva. Nelson não começou imitando Orlando Silva? [...].<sup>19</sup>

Já no ano seguinte, 1950, Neide participava de vários programas de auditório da *Guarujá* e recebeu o prêmio de *Revelação do Ano*. Neste período Neide conheceu o colunista social Zury Machado, que logo se tornou um grande amigo. Zury conta que Neide possuía uma voz “maravilhosa” e que começou a ajudá-la: quando os donos de bares e clubes perguntavam para ele se Neide era boa, ele dizia que sim, e assim “foi se fazendo a fama”.<sup>20</sup> Também foi Zury quem indicou Neide para ser *lady crooner* (cantora) da orquestra do *Clube 12 de Agosto*. Antes de se tornar a principal cantora do clube, Neide cantou em muitos vesperais Infanto-Juvenis que eram promovidos aos domingos pelo 12.<sup>21</sup>

No *Clube 12*, Neide atuou por volta de seis anos até que ocorreu um desentendimento com o pianista da orquestra e ela foi despedida, com a desculpa de que “já dera o que tinha de dar”, no entanto, ela não tinha sequer 20 anos!<sup>22</sup>

---

<sup>19</sup> [CD] ROSA, Neide Maria. *Depoimento Neide Maria Rosa*. Florianópolis, 03 dez. 1987. Entrevistada concedida a Norberto Depizzolatti. Arquivo Pessoal Norberto Depizzolatti. 2 vol.

<sup>20</sup> MACHADO, Zury. Entrevistada concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 15 abr. 2009.

<sup>21</sup> BEIRÃO, José Alfredo Filho. VIEIRA, Carlos César (Duda). *Uma rosa para Neide Maria*. Florianópolis, 2003. Datilografado. 13 páginas (com anexos).

<sup>22</sup> NEIDE, Mariarrosa. Quem não gosta de mim não me merece. *O ESTADO*. Florianópolis, 04 jan. 1970. Caderno 2, p.8.

## 2.2 A DIÁRIO DA MANHÃ



Imagem 6 - Frente da rádio *Diário da Manhã*.<sup>23</sup>

No dia 30 de janeiro de 1955 ocorreu a inauguração da *Rádio Diário da Manhã* - RDM. O evento foi grandioso, contando como principal atração a cantora Emilinha Borba, uma das estrelas da *Rádio Nacional*. A programação começou com um almoço no *Lira Tênis Clube* e terminou com uma festa que homenageou os quatro anos do governador Irineu Bornhausen (um dos sócios da RDM).<sup>24</sup> A festa teve participação de vários artistas locais e autoridades, contando com discursos, recitais de música clássica e música popular. Neide Maria participa cantando na segunda parte do programa, acompanhada do conjunto de Nabor (com seu Regional) e do cantor Jairo Silva.<sup>25</sup>

Logo em 1955, a *Diário da Manhã* consegue um canal de ondas curtas<sup>26</sup>, obtendo alcance nacional e maior repercussão que a concorrente *Guarujá*. Ou em outras palavras a UDN (representada pela *Diário*) ganhava do PSD (representado pela *Guarujá*) na corrida por arrebanhar eleitores, sobretudo no estado de Santa Catarina.

---

<sup>23</sup> Fonte: Acervo UFSC.

<sup>24</sup> MEDEIROS e SEVERO, 2005, op. cit.

<sup>25</sup> INAUGURAÇÃO da "Rádio Diário da Manhã". *Diário da Tarde*. Florianópolis, 29 jan. 1955, última página. RÁDIO DIÁRIO DA MANHÃ. *A Gazeta*. Florianópolis, 30 jan. 1955, última página.

<sup>26</sup> Ver nota 5.

Além das ondas curtas, a RDM destaca-se logo por sua programação diversificada e pela qualidade técnica. A rádio inovou nas quatro áreas básicas: música, dramaturgia, jornalismo e programas de variedades, segundo Ricardo Medeiros e Antunes Severo (2005). No jornalismo passou do chamado “*Gillete Press*” (anúncio de notícias recortadas de jornais) para o jornalismo investigativo exemplificado pelo programa *Vanguarda*, comandado por Adolfo Zigelli. No radioteatro, misturou música com programa de auditório e dramatizações. Entre os programas transmitidos pela *Diário* estão radionovelas, programas infantis, seriados, programas de fim e esquetes. Seu *cast*<sup>27</sup> obteve reconhecimento nacional ao participar em apresentações em São Paulo, segundo os autores<sup>28</sup>, a convite de emissoras locais.

É na *Rádio Diário da Manhã* que Neide Maria inicia sua carreira como radioatriz. E lá ela se torna a “estrelíssima”, participando de diversos programas como *Alma Sertaneja*, *As crianças se divertem*, *Bar da Noite* e muitas radionovelas. Neide se torna na *Diário* apresentadora e produtora de programas radiofônicos, como o *Revista Feminina*. Continua também sua carreira como cantora, se apresentando em diversos programas de auditório. Faz também trabalho de locuções comerciais e *spots*.<sup>29</sup>

Quando Neide troca a *Guarujá* pela *Diário* sofre algumas críticas como as feitas na coluna *Rádio* do jornal *Diário da Tarde* do ano de 1959, considerando que Neide já não cantava mais como “antigamente”:

[...] Em matéria de cantoras, nosso rádio está bem fraquinho. Ah, se Neide Maria voltasse a cantar como antigamente! [...].<sup>30</sup>  
Neide Maria já foi uma cantora magnífica, mas hoje se descuida muito. Quando iniciava sua carreira na Guarujá, Neide tinha tudo o que muita cantora de rádio carioca e paulista não possuía: bom timbre de voz, personalidade, segurança nos agudos e o principal, não tinha máscara. Hoje mudou, a menina parece não ligar muito para os ouvintes, pois as músicas por ela interpretadas chegam a perder a

---

<sup>27</sup> Compuseram o elenco de radioteatro emissora: Gustavo Neves Filho, Cacilda Nocetti, Janine Lúcia, Alda Jacintho, Maria Tereza Rosa (irmã de Neide), Neide Maria, Néli Silva, Nívea Nunes, Waldir Brazil, José Valério Medeiros, Humberto Mendonça, Félix Kléis e Edgar Bonassis.

<sup>28</sup> MEDEIROS e SEVERO, 2005, op. cit.

<sup>29</sup> *Spots* são anúncios de cerca de 30 contendo apenas a fala do locutor, um fundo musical orquestrado, ou um efeito musical no início.

<sup>30</sup> TGMA. Rádio. *Diário da Tarde*. Florianópolis, 10 fev. 1959, p.5.

originalidade. Cante e cante muito, Neide, mas como antigamente!<sup>31</sup>

No entanto a cantora supera tais observações principalmente quando recebe o troféu de melhor cantora do Rádio de 1962, no TAC, em 01 de janeiro de 1963, em conjunto com os premiados em outras categorias e por ocasião de *show* do cantor Miltoninho (grande nome do cenário musical nacional).<sup>32</sup>

Para se falar da carreira de Neide na *Diário* é mister falar de sua relação com Zininho, grande amigo e incentivador de seu lado radioatriz. Por isso, dedicamos (dedicaremos) a esta relação, um subcapítulo, que será apresentado a seguir.

### 2.2.1 Alma Sertaneja

O programa *Alma Sertaneja* era transmitido segundas-feiras às nove horas da noite. Ficou no ar de 1958 a meados da década de 1960. Criado por Aldo Silva<sup>33</sup>, o programa apresentava histórias do sertão, contadas pelo personagem Mané Riachão (Aldo Silva). Zé do Rancho (Félix Kléis) era um personagem sempre presente, Neide Maria interpretava a mocinha, às vezes boazinha outras vezes não, e também interpretava vários outros papéis. Zininho, além de fazer a sonoplastia, atuava, muitas vezes interpretando o personagem Zezinho. Faziam também parte do elenco Bruno Junior, Gustavo Neves Filho, João Izidoro (sonoplastia), José Valério, Waldir Brazil, entre outros.

O programa iniciava com o prefixo musical formado por trecho instrumental da música *Luar do Sertão*, em seguida vinha a voz do locutor (ou locutora, já que algumas vezes este papel coube a Neide) dizendo “Boa Noite Brasil, como todas as segundas-feiras neste horário apresentamos...” e quem completava, a cada programa com um dizer diferente, era o personagem-

---

<sup>31</sup> TGMA. Rádio. *Diário da Tarde*. Florianópolis, 20 fev. 1959, p.5.

<sup>32</sup> OS MELHORES do rádio em Florianópolis... *A Gazeta*. Florianópolis, 01 jan. 1963.

<sup>33</sup> Aldo Silva foi um importante nome do rádio florianopolitano. Iniciou sua carreira na *Rádio Tijucas* e logo se transferiu para a *Guarujá*, onde passou a escrever, atuar e dirigir no setor de radioteatro. Também apresentou vários programas de auditório, como o já citado *Divertimentos J-7*. Foi o campeão de cartas da rádio *Guarujá*, assim também como da *Diário da Manhã*, a partir de 1957, quando passou a trabalhar na, então, nova emissora. *Alma Sertaneja* foi baseado no programa *Casinha de Caboclo*, que Aldo apresentava na Guarujá.

narrador Mané Riachão (ou Zé do Rancho).<sup>34</sup> Depois se ouvia a mensagem do patrocinador: a fábrica de bebidas *Leonardo Sell* em parceria com sua distribuidora em Florianópolis (Estreito), *Eugenio Portella*, que anunciava o *Guaraná Pureza*.

Os episódios contavam histórias de brigas de famílias, de mulher que tenta enganar amigos, discussão entre medicina popular e medicina "oficial", de casamentos arranjados, briga por terras, história de amor, etc. As dramatizações eram mescladas com músicas: em todo episódio havia uma grande festa ou comemoração em que se tocava e cantava. Quem tocava era Aldo Gonzaga e seu conjunto, a voz era de Neide Maria e por vezes também de Zininho.

No episódio *Amor Malvado*, Jurema (Neide Maria) é uma jovem solteira e sem família que aparece na fazenda do Coronel Balduino (Bruno Júnior) pedindo para morar num ranchinho abandonado que se localizava na fazenda. O Coronel aceita o pedido da moça e ao mesmo tempo se apaixona por ela. O filho do coronel, o Marcolino (Gustavo Neves Filho), conhece Jurema e também se apaixona. Ocorre que o Coronel, que era viúvo, pede Jurema em casamento, que por sua vez pede um mês para pensar. Neste meio tempo Marcolino, Marco, também se declara para a moça dizendo que ela precisaria saber de uma coisa só dele: que ele não sabia perdoar. O coronel e o filho felizes (mas um sem saber o porquê da alegria do outro) resolvem fazer uma festa. Para tanto precisariam de um motivo, que logo surge: o aniversário de Zé do Rancho (Félix Kléis). Pai e filho, separadamente, convidam Jurema para a festa, esta tenta dizer para o coronel que não podia por estar apaixonada por seu filho, mas ele não a deixa falar. Na festa, quem canta é Neide Maria. Um dia, Marco vai até o rancho onde morava Jurema e vê lá um homem e logo pensa que a moça o estava traindo. O homem era o coronel que justamente recebia a notícia de Jurema de que esta não podia se casar com ele, por estar

---

<sup>34</sup> No episódio intitulado *Amor Malvado*, os dizeres são o seguinte: "Uma toada sertaneja// Uma toada sertaneja, o caboclo nem pestaneja/ Pra 'escutá' como é/ 'Pru' mais que 'teja' apressado, 'se fica' mais um bocado/ sentado ou mesmo de pé// Toada é tão brasileira que a gente uma noite inteira fica ali pra 'escutá'/ Porque toada sertaneja/ é como mulher que beija o caboclo na igreja, 'despois' do padre 'casá'/ Beijo gostoso e molhado que não já é mais pecado/ o padre é que mandou dar!". [Fita Cassete] AMOR MALVADO. Alma Sertaneja. Florianópolis: Casa da Memória, Arquivo Zininho, [1966]. Transcrição nossa.

apaixonada por outro. Mas Marco não sabe disso e diz nunca mais querer saber de Jurema.

[Jurema] - Botá fogo no Rancho, má mó de que?

[Zé do Rancho] - O Marco qué destruir tudo que alembre ocê.

-Meu Deus, má porque este ódio?

-Dona, eu, eu não lhe quero machucar ainda mais, né..

-Conte tudo Zé do Rancho, quero saber de tudo. Não vô podê sofrê mais do que eu tô sofrendo.

-Dona, ele falou pra senhora sumi daqui. Porque neste sertão... Bom, é que, neste sertão não há lugar para uma mulher do mundo.

[Música de fundo].<sup>35</sup>

No final tudo é esclarecido e Marco, que não sabia perdoar, acaba perdoando Jurema.

O programa fez muito sucesso, chegando a fazer apresentações musicais em festas juninas, como a festa ocorrida no *Lira Tênis Clube* em 27 de junho de 1965 que além de concurso de trajes típicos, contou com “toda a beleza romântica do sertão brasileiro em ‘Alma Sertaneja’ ”.<sup>36</sup>



Imagem 7 - O Elenco de *Alma Sertaneja* no Auditório da RDM (1962), Neide é a primeira à esquerda da segunda fileira.<sup>37</sup>

<sup>35</sup> AMOR MALVADO, op. cit. Transcrição nossa.

<sup>36</sup> ALCANÇOU grande êxito a festa "Alma Sertaneja". *A Gazeta*. Florianópolis, 27 jun. 1965, p.?

<sup>37</sup> Fonte: Arquivo Pessoal Maximiliano Rosa.

### 2.2.2 *Bar da Noite*

*Num cantinho qualquer/ De um bar qualquer/  
Em uma cidade qualquer/ A esta hora, assim  
como eu/ Alguém está bebendo/ Bebendo e  
sofrendo, por ser orgulhosa/Mas eu também sou/  
Ela não vem me procurar, eu sei/ E eu atrás dela  
não vou// Nós somos dois orgulhosos/ Não  
queremos dar o braço a torcer/ E assim vamos  
vivendo/ Bebendo e sofrendo/ Até morrer.(Num  
Cantinho Qualquer, Zininho, 196?).<sup>38</sup>*

Se segunda a noite se podia ouvir histórias do sertão pela *Diário*, na sexta-feira a noite era noite de *Bar da Noite*. O programa foi uma criação de Zininho feito especialmente para que Neide Maria cantasse, mas não da maneira que costumava cantar, imitando Dalva de Oliveira, mas sim com um tom mais grave. Zininho afirma que ao invés de seguir o formato dos programas de então, onde era apresentado o nome da rádio e em seguida se chamava a atração musical, teve um “estalo” e decidiu criar um bar imaginário, onde se misturasse dramatização com música.<sup>39</sup>

A abertura e o fechamento deste bar imaginário se dava com a voz em tom grave de Neide Maria cantando trecho da música *Bar da Noite*, de Bidú Reis e Haroldo Barbosa, que foi sucesso na voz da cantora Nora Ney (1922-2003): “Você sabe bem que é mentira/ Mentira noturna de bar/ Bar tristonho sindicato/ De sócios da mesma dor/ Bar que é o refúgio barato/ Dos fracassados do amor”. Com este prefixo musical começava e terminava o *Bar da Noite*, indicando que o bar é local dos solitários, dos que sonham e sofrem por amor. Ou nas palavras do Locutor:

Bar da Noite [...] fumaça, murmúrios que se perdem durante o tinir de taças [...] o es[?] de garrafas que se abrem para derramar o esquecimento, para turvar as idéias [...] o suave farfalhar das sedas nas dansas [sic] preguiçosas [...] isso é Bar da Noite. O porto onde atracam sonhos [...] o alimento das quiméras [sic], das ilusões [...] Assim é [...] E enquanto bebericamos melancolicamente, deixemos que a ilusão mais

<sup>38</sup> Esta música tinha como nome original *Orgulho* e foi composta por Zininho especialmente para a voz de Neide Maria Rosa cantar no programa *Bar da Noite*. (Cf. Encarte do LP *Eu sou Assim*, Neide Marriarosa, 1988).

<sup>39</sup> [Fita cassete] CONVERSA COM ZININHO sobre Neide. Florianópolis: Arquivo Zininho, Casa da Memória, [19-?]. (FC 32 lado A e B e FC 33 lado A).



cara tome forma nas azas [sic] da música [...] da música que faz sonhar quando Neide Maria canta.<sup>40</sup>

*Bar da Noite* contava sempre com a presença de um Locutor<sup>41</sup>, de um conjunto musical<sup>42</sup>, de Juca, o garçom “imaginário” e de Neide Maria. O Locutor conduzia os ouvintes pelo *Bar da Noite*. Por vezes ele está para adentrar no bar, por outras já se encontra dentro do local, mas em todas as ocasiões sua voz é que descreve o ambiente, descrição que é complementada com a sonoplastia e música.

Locutor: [...] Bem amigos, a noite já é meio fria aqui fora. Reparem, até o luminoso treme de frio. Lá dentro há calor, calor de bebida, calor de cigarro, calor de gente bem juntinho, calor da voz mormaço da nossa Neide Maria.<sup>43</sup>

O ouvinte-amigo<sup>44</sup> recebia o convite para participar do *Bar da Noite*, descrito como lugar bastante receptivo. Lugar indicado pelo letreiro luminoso e onde se encontraria calor, bebida, cigarro, música, a voz de Neide Maria e o garçom, Juca. Acompanham o locutor barulho de copos tilintando, conversas ao longe e música de fundo.

O Locutor é a voz masculina que nos orienta apresentando o tema do dia: homenagem a alguém que morrera (como um programa dedicado a Antônio Maria, cronista, locutor esportivo, produtor de rádio, compositor de *jingles* conhecido da noite carioca; e outro, dedicado a Quinha, irmão de Avez-Vouz, o fundador da escola de samba *Copa Lord*), história sobre a rotina do dia-a-dia, histórias de algum freqüentador que irá se ausentar do *Bar* ou já está ausente, conversas sobre o tempo chuvoso, sobre os dias de Carnaval, sobre ditados populares, sobre freqüentadores do bar, etc. Em meio às falas do

---

<sup>40</sup> SILVA, Aldo. Legendas para o programa Bar da Noite. Florianópolis: Casa da Memória, [19-]. 1 página. Não publicado.

<sup>41</sup> Várias pessoas participaram da função tanto de locutor como redator do programa, entre elas Antunes Severo, Aldo Silva, Eliazar Nascimento, Waldir Brazil, Zigelli e José Valério.

<sup>42</sup> Entre os músicos que participaram ao longo dos anos constam: Neni e Aldo Gonzaga (piano), Paulinho Padilha (acordeon), Zezinho (violão), Tida (bateria), Demaria (contrabaixo) e Dino Souza. Orquestra RDM.

<sup>43</sup> [Fita Cassete] *VELHOS e novos companheiros*. Florianópolis: Arquivo Zininho, [19-]. (FC05 Lado A, Programa *Bar da Noite*). Transcrição Nossa.

<sup>44</sup> A partir da chamada segunda *Era do Rádio*, a linguagem radiofônica volta-se para o ouvinte como amigo íntimo, como “você”, como “caro ouvinte”.

locutor há a voz, feminina, de Neide Maria cantando músicas que podem ser consideradas como de “fossa”.

A música de “fossa” é “uma espécie de ponte entre o samba-canção dos anos 1950 e a canção romântica mais popular e conhecida como brega”.<sup>45</sup> Ou ainda: “[...] [n]uma modalidade de samba-canção mais urbano, poroso ao bolero, balizado pela abordagem das dores de amor, ou da falta de: as dores-de-cotovelo”.<sup>46</sup> Entre as décadas de 1940 e 1950, período do auge do samba-canção:

Amar era sinônimo de sofrer, cantado no estilo musical muito em voga - o samba-canção-, que falava de amores impossíveis, paixões proibidas, infidelidades e esperas sem fim. [...] rima predileta: amor e dor, entremeadas com mágoa, ciúme, saudade, despeito, ressentimento, vingança, remorso [...].<sup>47</sup>

Neide cantou músicas de Maysa, Antônio Maria, Miguel Gustavo, Tom Jobim, entre outros, e também composições de autores locais como o próprio Zininho, entre elas *Eu sou assim*, *Num cantinho qualquer* e *Insônia*, esta que foi lançada no programa e posteriormente gravada por Neide Maria em um compacto pela gravadora *Odeon*. Outra música de Zininho que se não foi apresentada no programa, reflete “o clima e o estilo” do mesmo, segundo Jair Brito<sup>48</sup>, é *Se o amor é isso*, parceria com Luiz Henrique Rosa<sup>49</sup> (1938-1985): “[...] A gente sofre por não ter amor/ Mas sofre mais/ Quando ama alguém/ Se

<sup>45</sup> WALESKA. In: *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. Disponível em: [http://www.dicionariompb.com.br/detalhe.asp?nome=Waleska&tabela=T\\_FORM\\_A&qdetalhe=a](http://www.dicionariompb.com.br/detalhe.asp?nome=Waleska&tabela=T_FORM_A&qdetalhe=a). Acesso em: 30 mai. 2009.

<sup>46</sup> RENNÓ, Carlos. *Com Adeus de Nora Ney...* Folha Online, São Paulo, 30 out. 2003. Ilustrada. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u38338.shtml>. Acesso em: 30 mai. 2009.

<sup>47</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de emoções...* Bauru, SP: EDUSC, 2005.

<sup>48</sup> BRITO, Jair. *Zininho, o que é de Cláudio Alvim Barbosa (complementação)*. Caros Ouvintes, 16 jan. 2009. Disponível em: <http://www.carosouvintes.org.br/blog/?p=2495>. Acesso em: 01 jun. 2009.

<sup>49</sup> Luiz Henrique Rosa nascido em Tubarão mudou-se para a Florianópolis com onze anos de idade. Com vinte anos começou a trabalhar na RDM ganhando programa próprio. Na década de 1960 mudou-se para o Rio de Janeiro onde gravou um compacto e um LP e fez muitos shows no conhecido *Beco das Garrafas* até que em 1965, no auge da Bossa Nova, se muda para os Estados Unidos onde muitos brasileiros bossanovistas já se encontravam. Com estes participa de vários *shows* e grava diversos discos. Retorna para Florianópolis em 1971 e em 1979 trouxe a atriz Liza Minelli para visitar a cidade. Morre em 1985 em um acidente de trânsito. BIOGRAFIA RESUMIDA. Site oficial Luiz Henrique Rosa. Disponível em: <http://www.luizhenrique.org/biografia.htm>. Acesso em: 24 jul. 2009.

amor é isso/ Vou deixar disso/ Nunca mais vou amar/ Ninguém.” Luiz Henrique que, segundo suplemento do *Diário Catarinense*<sup>50</sup>, foi revelação do programa.

Neide Maria sintetizava o *Bar da Noite* através das canções que versavam sobre histórias de amor, desilusão e dor. Canções que refletiam certa sensibilidade romântica do período. Assim afirma o Locutor:

A música do *Bar da Noite* tem sempre qualquer coisa de cada um de nós. Diferem os versos, diferem as melodias. Mas as histórias que contam são sempre as mesmas. Seus versos são escritos sempre com lágrimas. Suas melodias são feitas sempre de angústias. Cante Neide Maria, cante para nós a música do *Bar da Noite*.<sup>51</sup>

A voz de Neide Maria servia mais do que um simples complemento ao falar do Locutor, ela era o porquê do *Bar*: O ouvinte e todos os “freqüentadores” do *Bar da Noite* ali estavam porque ele não era um bar qualquer, naquele bar se poderia encontrar algo mais do que o álcool, a fumaça, o garçom, entre outras coisas comuns a todos os outros bares. Naquele e somente naquele *Bar da Noite* era possível encontrar a voz de Neide Maria:

[segue piano] Locutor: Noite dessas, fui convidado a ir a um outro *Bar da Noite*. Fui. Tudo igual. A mesma fumaça, o mesmo cheiro de álcool, o mesmo ruído de taças, a mesma penumbra. Diferente porque é *Bar da Noite* que não para nunca, de dia tem nome de Confeitaria, quando o dia apaga, quando se acendem os luminosos, é outra vez *Bar da Noite*. O garçom não é o mesmo, mas é quase a mesma coisa. **É quase a mesma coisa** porque garçom de *Bar da Noite* todo ele tem um pouquinho do Juca. Lá também fiz um bocado de amigos. Também batemos bons papos, **a música é a mesma**. Aliás, música de *Bar da Noite* é sempre a mesma, apenas **a diferença é que nós temos Neide Maria**.<sup>52</sup>

A figura de Neide era apresentada como figura central do *Bar*, de modo que quando ela acaba de cantar, acaba também “a razão de ser” do local:

---

<sup>50</sup> BARES e Boêmios Incríveis, v.23 In: FLORIANÓPOLIS: origens e destino de uma cidade a beira mar. Florianópolis: Diário Catarinense, 1996.

<sup>51</sup> [Fita Cassete] *ALGUÉM deixou de vir*. Florianópolis: Arquivo Zininho, [19-]. (FC02 Lado A, Programa *Bar da Noite*). Transcrição Nossa, grifo nosso.

<sup>52</sup> [Fita Cassete] *DE VEZ em quando alguém deixa de vir*. Florianópolis: Arquivo Zininho, [19-]. (FC04 Lado B, Programa *Bar da Noite*). Transcrição nossa, grifo nosso.

“Não, não é muito tarde... Mas, **se Neide Maria já não canta, o Bar já não tem razão de ser...** Juca despeça os nossos freqüentadores... **Se Neide Maria já não canta, vamos fechar.** Vá Juca... Apague o luminoso... e só volte a acendê-lo na próxima sexta feira às 21 horas... quando Neide Maria voltará a cantar”.<sup>53</sup> Neide era, sem dúvida, a estrela do *Bar*. “E eu digo: Mais vale uma Neide Maria cantando no *Bar da Noite*, que dez Marias que não são Neides cantando em outro lugar qualquer”.<sup>54</sup>

O garçom, Juca, também era figura importante do programa. Apesar de sua presença “ser” muda (sua voz não é ouvida) ele aparece em todos os programas através da fala do Locutor. É Juca quem serve as bebidas, conhece os freqüentadores e sabe das histórias (que são contadas pelo Locutor). É ele quem abre e fecha o *Bar*.

É [suspiro] e pra gente recordar nada como um cantinho do *Bar da noite*. Ouvindo nossa estrela, a nossa querida Neide, tomando uma boa dose, servida pelo maior garçom do mundo, o Juca. Ah, e por falar em Juca, Juca [chamando] traz mais uma. [...].<sup>55</sup>

O *Bar da Noite* terminava com Neide parando de cantar e Juca apagando o luminoso. Mas o Locutor lembrava aos ouvintes que haveria uma próxima sexta-feira e que sexta-feira era noite *de Bar da Noite*.

Locutor: Bem amigos... agora estamos satisfeitos... Já ouvimos Neide Maria... já ouvimos nosso conjunto Moderno a destilar uma torrente de notas... já escutamos as história do Juca... Bar da Noite vai fechar... mas não estamos tristes.. Outra vês [sic] será sexta-feira... e outra vez será BAR DA NOITE.<sup>56</sup>

O *Bar da Noite* evoca uma espécie de bar que fazia parte do imaginário da época, o bar onde canta Nora Ney e onde se poderia encontrar o *Ébrio*, de Vicente Celestino, local onde as músicas de “fossa” eram evocadas. O bar de

---

<sup>53</sup> SILVA, op. cit., grifo nosso.

<sup>54</sup> [Fita Cassete] SILVA, Aldo. *A vida é uma rotina*. Florianópolis: Arquivo Zininho, [19-]. (FCC 04, Lado A). Transcrição nossa.

<sup>55</sup> ALGUÉM, op. cit.

<sup>56</sup> SILVA, Aldo. BAR DA NOITE. Florianópolis: Casa da Memória, 1960. Não Publicado. 2 páginas.

uma cultura boêmia que em Florianópolis teve tímido início na década de 1920, ganhando força em 1940 e se estabelecendo em 1950, quando a cidade ganha novo sistema de iluminação pública e distribuição de água. Boêmia que teve na cidade seus representantes famosos - freqüentadores dos “bares da noite” - como “Senador” Alcides Ferreira, Pedrinho Luz, Joãozinho de Assis, Daniel Pinheiro, Hercílio Rosa, Fúlvio Vieira, Orlando Pessi (Torrado), Hilton da Silva (Lagartixa)<sup>57</sup> e também a turma da RDM, que fazia o programa.

Algumas vezes *Bar da Noite* foi gravado e/ou apresentado em bares de hotéis, como o do *Lux* e *Querência*. Nestes episódios Zininho conta que gravavam o programa e depois ficavam bebendo e o escutando quando transmitido pela RDM.<sup>58</sup> Bebendo ficavam os homens, porque segundo relato de todos conhecidos e amigos da cantora, Neide só bebericava. Diz, por exemplo, Antunes Severo: “Não, não. Aliás, ela bebia muito pouco, pouquíssimo, era assim, de acompanhar e se quisesse ficar cantando ela amanhecia cantando, mas não, não era cantando e bebendo”.<sup>59</sup>

### 2.2.3 Radionovelas

Fato interessante ocorre na história da RDM em relação às radionovelas. Ao invés de retransmitir novelas patrocinadas por multinacionais (Singer, Gessy-Lever, Colgate-Palmolive e Sydney Ross) a emissora conseguiu que a estas empresas enviassem os originais para que fossem apresentados por radioatores locais.<sup>60</sup> Para tanto teve que provar que seu *cast*, que contava com Neide Maria, era bom e que poderia interpretar as novelas: a *Diário* enviou uma

---

<sup>57</sup> BARES, op. cit.

<sup>58</sup> CONVERSA COM ZININHO, op. cit.

<sup>59</sup> SEVERO, Antunes. Entrevista concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 28 abr. 2009.

<sup>60</sup> Também a *Rádio Farroupilha*, de Porto Alegre, através de J. Antônio D'Ávila conseguiu que o elenco gaúcho apresentasse uma novela da *Nacional* do Rio de Janeiro patrocinada pela Colgate-Palmolive mostrando aos patrocinadores um capítulo gravado com os atores locais atuando, com o sotaque típico da região. REGO, Ary. In: SPRITZER, Mirna. GRABAUSKA, Raquel. *Bem Lembrado - histórias do radioteatro em Porto Alegre*. Porto Alegre: AGE/ Nova Prova, 2002.

gravação primeiramente para a Colgate-Palmolive que aprovou o elenco e, em seguida, as demais empresas também aprovaram.<sup>61</sup>

Com o patrocínio das multinacionais, que faziam propaganda dos seus produtos nos três intervalos das radionovelas, a RDM passou a transmitir novelas de manhã, tarde e noite. Além das novelas vindas de fora, havia a apresentação de novelas de alguns (poucos) autores locais, como Gustavo Neves Filho e Osmar Silva (autor da única radionovela completa, *A Casa do Ódio*, que até o momento foi encontrada), que eram patrocinados pelas empresas nacionais e/ou locais.<sup>62</sup> As radionovelas não eram apresentadas todos os dias como ocorre atualmente com as novelas televisivas. Geralmente as rádios transmitiam segunda, quartas e sextas e outras terças, quintas e domingos.

A maioria dos radioatores exercia alguma outra profissão além do trabalho no rádio, muitos eram funcionários públicos, trabalhavam no comércio ou em bancos. Neide Maria era uma das poucas que era contratada pela rádio e se dedicava apenas ao ramo artístico: seu trabalho na RDM e suas funções como cantora. Grande parte do elenco recebia apenas um cachê por participação, que era baixo, de modo que a dupla jornada era necessária. O fato de trabalhar em dois locais diferentes fazia com que alguns integrantes do elenco não conseguissem chegar a tempo da radionovela ir para o ar. O jeito era pedir para que algum outro ator tentasse interpretar as falas do colega, tentar retardar ou cortar a cena.<sup>63</sup>

A preparação dos radioatores geralmente era assim, na hora, muitas vezes de improviso e sem ensaio. Segundo Neide: “É, porque a gente tinha a sorte de ler bem. A gente lia bem. Às vezes não ensaiava mas saía direitinho, sem parar, sem claudicar, tropeçar.”<sup>64</sup>

Também nas radionovelas Neide Maria mostrou sua versatilidade. Ela chegou a interpretar três, quatro papéis na mesma novela. E, por vezes, ainda

---

<sup>61</sup> MEDEIROS, 2004, op. cit.

<sup>62</sup> Ibidem.

<sup>63</sup> Ibidem.

<sup>64</sup> [CD] ROSA, Neide Maria. *Depoimento Neide Maria Rosa*. Entrevista concedida a Norberto Depizzolatti. Florianópolis, 03 dez. 1987. Arquivo Pessoal Norberto Depizzolatti, 2 vol. Transcrição nossa.

contracenou consigo mesma. E o diretor de radioteatro Aldo Silva é quem dava as poucas orientações (já que Neide e a maioria dos radioatores eram autodidatas e não faziam nenhum tipo de “curso” ou “oficina” para o trabalho):

O Aldo Silva nos deixava muito a vontade. Então ele dizia “Neide eu preciso de uma voz de criança, de 5 anos” “Eu preciso da voz de um rapaz mudando a voz, de 10, 12 anos” [faz a voz] Então a gente fazia. “Preciso de uma voz de moça, voz de velha”. E a gente se saia bem. Eu admirava uma locutora, Lucia Helena da *Rádio Nacional* que a apresentava novelas, então a minha apresentação de novelas era em cima dessa apresentadora.<sup>65</sup>

Não há em Florianópolis muitas gravações de radionovelas (e de programas de rádio em geral), o pouco que se pode encontrar é graças ao esmero não das rádios (que não se preocuparam em manter um acervo), mas de indivíduos como Zininho, que doou todo seu acervo para a *Casa da Memória*.<sup>66</sup> Local onde podemos encontrar, por exemplo, o capítulo final da radionovela *Lágrimas de Mãe*, de Amaral Gurgel, onde Neide Maria contracena com sua irmã Tereza Rosa e com Aldo Silva:

Felicidades para você [em Buenos Aires].  
Felicidades para nós [seu tolinho]. Hei de levá-lo comigo custe o que custar.  
[bêbado] Se eu estiver bêbado, eu vou hein!  
Escute, Renato, você me ama?  
Amo.  
E de quem é que você gosta mais, de mim ou da outra?  
Bom [risos embriagados]... Quando eu estou perto de você eu [falando baixo] eu gosto de você. Quando eu estou perto da outra, eu gosto da outra. [risos]  
[...]  
[som de porta batendo]  
Silêncio, Renato, silêncio, estão batendo na porta.  
[...]  
Olívia?  
Alô Renato, sinto perturbar o seu divertimento. [música].<sup>67</sup>

---

<sup>65</sup> Ibidem.

<sup>66</sup> A *Casa da Memória* se situa na Rua Padre Miguelinho, no Centro de Florianópolis.

<sup>67</sup> NEIDE MARIA e outros. Florianópolis. Arquivo Zininho, Casa da Memória. [19-?].(FC 14 lado A e B).

Tereza foi chamada para trabalhar como radioatriz em um dia que visitava, como costumava fazer, sua irmã na RDM. Ela estava lendo material para se preparar para um curso de enfermagem quando Aldo Silva perguntou se não queria trabalhar como radioatriz. Em princípio ela disse não, mas Neide insistiu para que a irmã aceitasse o convite.<sup>68</sup> Tereza conta que trabalhou por dezessete anos no rádio. E foi ela quem substituiu a irmã quando esta foi gravar um compacto no Rio de Janeiro. Substituiu mesmo, interpretando os personagens que a irmã interpretava na época, além de trabalhar nos outros programas que Neide apresentava. Fato que hoje pode parecer surpreendente, mas que era comum no rádio brasileiro do período, quando profissionais atuavam em várias funções e o rádio vivia de técnica mas também de muito improviso.<sup>69</sup>

#### 2.2.4 Outros programas e outras funções

Neide Maria participou ainda de muitos outros programas de radioteatro. Um deles foi *As crianças se divertem*, programa de radioteatro infantil, desenvolvido por Antunes Severo, com redação de sua esposa Nivalda Jacques Severo (a Preta). Segundo Nivalda, o propósito do programa era desmistificar os medos que rondavam as crianças e mudar a relação de educação entre pais e filhos.<sup>70</sup> O programa contava com dois personagens principais Tio Bona, interpretado por Edgard Bonassis e Zezinho, uma criança interpretada por Neide. O prefixo musical era um trecho da música *A velha a fiar*<sup>71</sup> e entre conversas e conselhos as crianças também ouviam dramatizações de histórias e músicas infantis. Além da produção em estúdio em algumas edições *As crianças se divertem* contou com a participação de

---

<sup>68</sup> ROSA, Tereza. Entrevista concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 29 out. 2009.

<sup>69</sup> Exemplo pode ser tirado do rádio florianopolitano, com Zininho, que exerceu as funções de roteirista, criador de jingles, cantor, apresentador de programa, locutor, sonoplasta e radioator.

<sup>70</sup> MEDEIROS e SEVERO, 2005, op.cit. Entre os medos estão, por exemplo, o de ir ao médico ou dentista, pois Nivalda afirma que há 40 anos atrás os pais utilizavam argumentos como “fica quieto, senão eu levo você para o dentista”.

<sup>71</sup> “Estava a velha em seu lugar/ Estava a velha em seu lugar / Veio a mosca lhe fazer mal / A mosca na velha e a velha a fiar // Estava a mosca em seu lugar / Veio a aranha lhe fazer mal / A aranha na mosca / A mosca na velha e a velha a fiar // Estava a aranha em seu lugar / Veio o rato lhe fazer mal [...]”



crianças de escolas públicas, cujas falas eram gravadas e inseridas ao programa e outras participações de crianças no próprio estúdio, como é o caso de um programa especial<sup>72</sup> em que há uma “porção de gente miúda” no estúdio visitando o Tio Bona e falando ao microfone. O único programa disponível em fita-cassete<sup>73</sup> na *Casa da Memória*<sup>74</sup>, no entanto, não conta com a participação de Neide, quem faz a voz de Zezinho é Ivete Garrier, nele podemos ouvir a história denominada *A roupa do leão*, contada por José Vasoncellos e a música *Upa! Upa! (Meu trolinho)* de Ary Barroso. O programa era patrocinado por diversos medicamentos como *Sadol*<sup>75</sup> e *Alicura* (ácido acetilsalicílico), do qual Neide participava cantando o jingle (“Alicura cura qualquer dor”) presente na abertura e no encerramento do programa. *As crianças se divertem* foi sucesso na década de 1960 transmitido pela *Rádio Diário da Manhã* e por mais 13 emissoras do Estado de Santa Catarina.<sup>76</sup>

Neide produziu e apresentou programas radiofônicos na RDM, entre eles podemos destacar *Revista Feminina*, transmitido no período vespertino. Neste Neide Maria não exercia papel de cantora nem de radioatriz, ela era “ela mesma” e conversava com as ouvintes dando conselhos sobre moda e beleza, transmitindo, além disso, algumas músicas escolhidas. O programa tinha duração de 25 minutos e contava com patrocínio da *União Fabril Exportadora S/A*, o produto anunciado era *a Gordura de Coco Cristal*. Infelizmente o único registro em fita cassete<sup>77</sup> encontrado do programa é justamente uma edição especial onde são apresentadas gravações de alguns artistas da rádio em situações diferentes como: Lauro Soncini (locutor e redator), Nabor Ferreira (instrumentista) e Aldo Gonzaga (pianista diretor musical da RDM) cantando.

---

<sup>72</sup> *As crianças se divertem na semana da criança*. Caros Ouvintes. Florianópolis. Disponível em: <http://www.carosouvintes.org.br/blog/?p=13586>. Acesso em: 20 out. 2009.

<sup>73</sup> Há algumas edições em fita de rolo que requerem um equipamento especial para que se possa ouvir.

<sup>74</sup> [Fita cassete] AS CRIANÇAS se divertem. Florianópolis. Casa da Memória: Arquivo Zininho. (FC 38 lado A).

<sup>75</sup> Inclusive foi criado um personagem para a marca Sadol, o Capitão Sadorino, “grande justiceiro e amigo da garotada”, cujas aventuras também eram relatadas no programa. (MEDEIROS e SEVERO, 2005, op.cit.)

<sup>76</sup> BRITTO, Jair. *PRs Motivacionais, promover o rádio é preciso...* Caros Ouvintes. Florianópolis 19 out. 2008. Disponível em: <http://www.carosouvintes.org.br/blog/?p=1191>. Acesso em: 10 ago. 2009.

<sup>77</sup> Há algumas edições em fita de rolo.

Também participam do programa o trio *Pitoco, Pataca e Piteca*, e Eleazar Nascimento.

Relata-nos Aldonei Machado que:

As ouvintes florianopolitanas recebiam um conjunto infindável de conselhos e sugestões para serem consideradas mulheres ideais, aptas a cuidar do lar e dos filhos e, especialmente, capazes de assegurar um bom casamento. Sendo assim, todas as mulheres que escutavam este programa [Revista Feminina] tinham a possibilidade de ficar por dentro de uma série de dicas sociais como, por exemplo, a melhor maneira de uma moça falar em público, preparar saborosos pratos para agradar seu marido e/ou noivo, bem como combinar suas roupas e vestir-se decentemente e adequadamente para cada ocasião social.<sup>78</sup>

Neide participou de diversos programas de auditório, tanto como cantora quanto como radioatriz (esquetes) entre eles um humorístico comandado por Salim Mansur Neto; o programa *O céu é o limite*, comandado por Antunes Severo, programa de perguntas e respostas valendo premiação em dinheiro e o *Seqüências a Modelar*, comandado por Antunes e Francisco Mascarenhas, misto de radioteatro, músicas e diversão cujo jingle de abertura fora composto por Zininho: “Amigos está no ar...Seqüências a Modelar”.

---

<sup>78</sup> MACHADO, Aldonei. *A cidade no dial: Florianópolis nas ondas médias e curtas do rádio*. Tese (mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999, p. 126.



Imagem 8 - Intervalo do Programa O Céu é o Limite (1959) - Da esquerda para direita, Antunes Severo, Nívea Nunes, Dario Agenor e Neide Maria.<sup>79</sup>

A cantora participou de diversas (e diferenciadas) locuções de propaganda comercial e *jingles*<sup>80</sup> transmitidos pelas ondas radiofônicas. Podemos ouvir no *Arquivo Zininho* Neide cantando o *jingle* da *Rádio Diário da Manhã* (“Alô amigo ouvinte, alô amigo fã, você está ouvindo, a Diário da Manhã”) e anúncios das lojas *Koerich*, *Vera Lúcia*, *Regência*, *A Modelar*, *Nova Record* e *Hoepcke*, entre outras.<sup>81</sup>

E sua voz esteve presente em alguns *jingles* de propaganda eleitoral como o do candidato a deputado Mário Bruzza (“O Mário Bruzza será votado/ a 06 de outubro na eleição...”) e de Irineu Bornhauseu (“Ô Irineu meu voto é teu/ nosso estado não te esqueceu/ catarinense de valor/ foste o maior...”). No entanto ela afirma em depoimento que nunca ninguém lhe pediu voto e que

---

<sup>79</sup> Arquivo Pessoal Maximiliano Rosa.

<sup>80</sup> *Jingle* é definido como uma peça publicitária de curta duração, com variação entre 10 e 60 segundos, tendo em seu conteúdo música instrumental e cantada, além de locução. MEDEIROS, Ricardo. Um jingle para seduzir. Caros Ouvintes, 2008. Disponível em: <http://www.carosouvintes.org.br/blog/?p=4669>. Acesso em: 10 ago. 2009.

<sup>81</sup> [Fita cassete] COMERCIAIS. Florianópolis: Casa da Memória: Arquivo Zininho.(FCC 15 Lado a e B).

não se engajava nas campanhas políticas, não saindo em passeatas e nos carros.<sup>82</sup>

### 2.3 NEIDE E ZININHO

*Neide, é suave!  
Maria, é Divino  
Rosa, é Sublime! (Zininho, 1985).*

Cláudio Alvim Barbosa (1929-1998), o Zininho, já conhecido como cantor e compositor, iniciou sua carreira em rádio na *Rádio Guarujá* em 1949, no quadro denominado *Gentleman do Samba*, que tinha o seguinte prefixo:

Eu já não posso mais sair na rua/ Sou conhecido de qualquer  
jeitinho/ E as meninas quando me avistam/ Vão dizendo: aí  
vem Zininho!!! Cantor de samba e outras coisas mais/ Quando  
ele canta é mesmo infernal/ E o culpado disso tudo é o Dib/ Por  
dizer ao microfone que eu sou o tal.<sup>83</sup>

Zininho permaneceu por dois anos na *Guarujá*, tendo a oportunidade de conhecer por lá Neide Maria. Zininho conhece Neide e já a convida para ser sua pastora<sup>84</sup> em seu programa. E logo reconhece em Neide uma grande versatilidade vocal.<sup>85</sup> A partir de 1955, Zininho passa a trabalhar na *Rádio Diário da Manhã*, integrando, além de outros cargos, o setor de radioteatro, o que o faz convidar Neide para participar do elenco como radioatriz. Mas Neide, muito tímida, foge no primeiro dia de seu novo cargo:

Um dia, ele [Zininho] quiz [sic] fazer de mim uma radioatriz e deu-me um papel que eu teria de contracenar com o Antunes Severo. Peguei o papel, levei pra casa quase decorei. Quando

---

<sup>82</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op. cit.

<sup>83</sup> MEDEIROS, Ricardo et al. *Zininho, uma canção para Florianópolis*. Florianópolis: Insular: FFC, 2000.

<sup>84</sup> Pastoras no samba são as mulheres que participam do coro.

<sup>85</sup> Um LP para Neide Maria Rosa. Clube do Samba. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 10 jun. 1988, p.8.

faltavam alguns minutos pra novela entrar no ar, eu corri para o cinema (o Cine São José).<sup>86</sup>

Mas, Zininho conseguiria convencer Neide a participar dos programas e ela acabaria se tornando uma grande radioatriz, capaz de interpretar diversos papéis, com uma grande versatilidade vocal. No início, Neide muito tímida<sup>87</sup> e com receio de misturar seu trabalho de cantora com o de atriz, utiliza-se de um pseudônimo, que logo foi abandonado:

Ah sim, porque eu sempre fui muito tímida. Eu cantava, como é que ia fazer radioteatro. Não, não posso, vou mudar, vou mudar o nome, na novela eu sou outra pessoa, mas aí... Começaram a errar o meu nome quando davam a relação dos participantes, ao invés de Maria Sagramour, que seria meu nome, não sei aonde eu fui buscar isso, eles diziam Neide Maria, “não pelo amor de Deus” [ela dizia] e me chamaram [e disseram] “vamos parar com esse negócio, é Neide é Neide e acabou” e ficou.<sup>88</sup>

O pseudônimo foi abandonado, mas contam os amigos que por diversas vezes inventavam nomes para Neide Maria devido ao grande número de personagens que ela fazia. Caso contrário, ficaria na hora dos créditos o nome de Neide se repetindo:

[...] Depois, na *Diário da Manhã*, porque ela tinha uma facilidade muito grande, ela fazia voz de criança, ela fazia voz de velha, ela fazia uma voz de... de, de mocinha né. E ela cantava e ela fazia programas humorísticos, né. Fazia programas bem caricatos, personagens caricatos de humorismo. Então muitas vezes ia ficar repetido: Personagem: Neide Maria, Neide Maria... Aí a gente inventava...<sup>89</sup>

Zininho e Neide se tornaram além de colegas de trabalho, também grandes amigos. O poeta passou a compor para Neide cantar. Ambos conviviam dia e noite: almoçavam juntos quase diariamente no *Lira Tênis Clube* ou no *Estrela*, participavam dos programas da rádio, por muitas vezes ambos

---

<sup>86</sup> NEIDE MARIARROSA DE CORPO, 1977, op. cit.

<sup>87</sup> Ver mais no Epílogo sobre a timidez de Neide.

<sup>88</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op. cit. Transcrição nossa.

<sup>89</sup> SEVERO, Antunes, 2009, op. cit.

cantavam no *Lira Tênis Clube*, se encontravam na casa de Neide e em diversos bares pela cidade, participavam de serestas e festas, etc. Conforme Zininho: “Quando a Neide não tava lá em casa, eu tava na casa da Neide, ou nos encontrávamos na rádio”.<sup>90</sup>



Imagem 9- Zininho ao centro abraçando Neide Maria Rosa (dir.) e sua irmã Tereza (esq.).<sup>91</sup>

A convivência tão próxima provocou rumores na cidade de que os dois eram apaixonados um pelo outro e que tinham um caso, o que ambos sempre negaram. Zininho, inclusive, era casado com Ivette Vieira Barbosa, com quem teve seus quatro filhos. Ele e Ivette iam ao cinema todo sábado e em seguida passavam na casa de Neide, onde ficavam conversando, tocando e cantando.<sup>92</sup> Amigos revelam que, quando bêbado, vez ou outra talvez Zininho tentasse algum tipo de investida em Neide, que por sua vez sempre rechaçou qualquer forma de aproximação mais íntima do amigo. Neide brigava muito com Zininho, principalmente quando ele bebia demais e tardava em voltar para

---

<sup>90</sup> CONVERSA COM ZININHO, op. cit.

<sup>91</sup> Fonte: Acervo Casa da Memória (Personalidades Culturais 4581).

<sup>92</sup> ROSA, Tereza. Entrevista concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 29 out. 2009.

a casa. Dizia que se fosse a esposa dele (Ivette) “o botava na rua com o cabo de vassoura”.<sup>93</sup>

[Caderno 2] C2: Você sabe que há um tabu em Florianópolis de que você gostou do Zininho, é verdade?

[Neide Maria] NM: Não, não é verdade. Zininho é um amigo e eu adoro ter bons amigos. Ele era uma criatura em quem eu depositava as minhas "iras". Eu desabafava Trabalhava demais na Rádio e muitas vezes ficava nervosa. E às vezes, quando eu queria desabafar, dizer desaforos, era ele o meu confidente [?apagado] sempre recebi apoio nos momentos difíceis.<sup>94</sup>

Que me importa que falem de mim/ Eu não vou deixar de ser assim/ Ninguém vai mudar meu “eu”/ Ele é tudo que eu tenho de meu/ Eu não vou deixar de ser assim/ Meu viver/ Só interessa a mim...<sup>95</sup>

### 2.3.1 Rancho de Amor à Ilha

Um pedacinho de terra/ Perdido no Mar/ Num pedacinho de terra/ Belezas sem par// Jamais a natureza/ Reuniu tanta beleza/ Jamais algum poeta/ Teve tanto para cantar// Num pedacinho de terra/ Belezas sem par!!! Ilha da moça faceira/ Da velha rendeira/ Tradicional/ Ilha da velha figueira/ Onde em tarde fagueira/ Vou ler meu jornal/ Tua lagoa formosa/ Ternura de rosa/ Poema ao luar/ Cristal onde a lua vaidosa/ Sestrosa, dengosa/ Vem se espelhar.<sup>96</sup>

*Rancho de Amor à Ilha* foi composto por Zininho para participar do concurso *Uma Canção para Florianópolis* promovido pela Prefeitura Municipal da cidade em 1965.

Zininho afirma que não ia participar do concurso, mas que recebera um telefonema do secretário da administração da Prefeitura de Florianópolis dizendo que seria uma desfeita para o prefeito, um músico consagrado na

---

<sup>93</sup> AMMON, Cleide. Entrevista cedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis 17 nov. 2009.

<sup>94</sup> NEIDE Mariarrosa. Quem não gosta de mim não me merece. *O ESTADO*. Florianópolis. 04 jan. 1970. Caderno 2, p.8.

<sup>95</sup> Trecho da música *Eu sou Assim*, de Zininho (196?) composta especialmente para o *Bar da Noite*, cantado na voz de Neide Maria.

<sup>96</sup> *Rancho de Amor à Ilha* (1965), composição de Zininho.

cidade, ganhador de tantos concursos, não ter seu nome na lista entre os concorrentes. Devido a essa pressão, Zininho começou a tentar compor uma música uma semana antes das inscrições se encerrarem. Conta que começou lendo livros com dados do IBGE sobre Florianópolis, depois se lembrou da Figueira e de repente a música toda saiu.<sup>97</sup>

A primeira versão da música foi apresentada no *Bar Príncipe*, também conhecido como *Bar do Felinto*, na *Praça XV de Novembro*. Zininho cantarolou a música para Adolfo Zigelli e Neide Maria.<sup>98</sup> Zigelli insistiu para que os versos de uma das frases fossem refeitos: ao invés de “Ilha da bela Lagoa, que eu não sei de loa capaz de exaltar” seria mais inteligível “Tua Lagoa formosa, ternura de rosa, poema ao luar.”

Com a letra pronta, foram ao *Lira Tênis Clube* ensaiar e gravar a música. No grupo estavam Zininho, Neide Maria, Antunes Severo, Tida (baterista) e outros músicos e amigos. Zininho nos conta que ficaram ensaiando a tarde toda e que depois, quando a música ficou “certinha”, todos choraram de emoção. A música foi uma das últimas inscritas no concurso, mas foi absorvida rapidamente pela população que mesmo antes do resultado, já a cantarolava pelos cantos. O resultado foi o esperado: *Rancho de Amor à Ilha* era vencedora.

Em 1968, *Rancho de Amor à Ilha* foi indicado, pelo vereador Waldemar da Silva Filho, conhecido como Caruso, para ser Hino Oficial da Cidade, o que foi aceito por unanimidade e transformada na Lei n.877, de 08 de julho de 1968. É desta maneira que o vereador justificou seu pedido:

A bela canção *Rancho de Amor à Ilha*, do poeta Cláudio Alvim Barbosa, o nosso Zininho, cuja primeira intérprete foi a querida Neide Mariarrosa, obteve boa acolhida na sensibilidade musical ilhéu. Todos cantarolavam e o homem do povo gosta de assoviá-la pelas ruas de nossa cidade. Ela, no meu entender, já teria sido consagrada. O que lhe faltava era reconhecimento oficial. Ocorreu-me, então, a idéia de apresentar um Projeto de Lei neste sentido, o qual tomou o número 800/68, cuja matéria, por ter sido aprovada por unanimidade de meus colegas, hoje é

---

<sup>97</sup> CONVERSA COM ZININHO, [19?], op. cit.

<sup>98</sup> MEDEIROS, Ricardo et. al, 2000, op.cit.



Lei n 877, de 08/07/68, dotando Florianópolis do seu hino oficial.<sup>99</sup>

A música tornou-se Hino da cidade e consagrou a parceria entre Neide e Zininho. Em 1968 teve sua primeira gravação comercial realizada em disco (LP), por iniciativa da *A.S. Propague*, na época dirigida por Rozendo Lima e Antunes Severo. O projeto editorial, gráfico e de produção foi desenvolvido pela agência, os custos de gravação dos originais e a prensagem foram financiados pela Caixa Econômica Estadual de Santa Catarina. A Prefeitura ficaria responsável pela promoção e lançamento do disco.

O disco foi gravado em São Paulo, no estúdio do conjunto *Titulares do Ritmo*. No período, Neide que estava morando no Rio de Janeiro, estava em São Paulo devido sua participação na *I Bienal do Samba*, Zininho estava morando em Curitiba e se deslocou a São Paulo em companhia de Antunes Severo, que morava em Florianópolis, para realizar a gravação.



Imagem 10 - Neide e Titulares do Ritmo na I FAINCO.<sup>100</sup>

<sup>99</sup> FILHO, Waldemar da Silva apud MEDEIROS, Ricardo et al. *Zininho, uma canção para Florianópolis*. Florianópolis: Insular: FFC, 2000, p. 41.

<sup>100</sup> Fonte: NEIDE Mariarrosa. *Jornal da Fainco. O Estado*. Florianópolis, 04 set. 1968, p.5.

O lançamento do disco ocorreu em Florianópolis por ocasião da / FAINCO (Feira de Amostras da Indústria e Comércio) que teve seus pavilhões instalados na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Além da apresentação do *Rancho de Amor à Ilha* na voz de Neide Mariarrosa acompanhada pelos *Titulares do Ritmo*<sup>101</sup>, que encerrou a noite de abertura do evento, houve também apresentações do Hino pela banda da Polícia Militar e pela Associação Coral de Florianópolis, além de falas do vereador Caruso e do prefeito Acádio Santiago que também entregou a Zininho, Neide Mariarrosa e aos *Titulares do Ritmo* medalha de gratidão pelo trabalho que executaram em favor da cidade.<sup>102</sup>



Imagem 11 - Neide e Antunes Severo gravam, em São Paulo, *spots* do lançamento do Rancho de Amor à Ilha.<sup>103</sup>

O Hino da Cidade foi regravado por diversas pessoas e sofreu variadas versões. Atualmente pode-se encontrar trechos do mesmo no trajeto do morro que leva à Lagoa da Conceição, em Florianópolis. No entanto, para muitos, inclusive para Zininho, a gravação que deveria sempre ser executada, a oficial, seria a primeira, na voz de Neide Maria.

---

<sup>101</sup> O conjunto *Titulares do Ritmo* era todo composto por cegos.

<sup>102</sup> NEIDE chega amanhã para lançar Hino. *O Estado*. Florianópolis, 01 set. 1968, p.8.

<sup>103</sup> Fonte: Disponível em: <http://www.carosouvintes.org.br/blog/?p=3451>. Acesso em: 09 jul. 2009.

Sem a Neide não tem... No meu entender, a cidade pode pensar diferente, [...] aquela gravação deve ficar sempre como a gravação da cidade. Aquela que o povo consagrou... Outras gravações podem e devem ser feitas, mas a gravação oficial será sempre aquela.<sup>104</sup>

Neide cantou *Rancho de Amor à Ilha* por diversas vezes que chegou a cansá-la, e também a fazê-la pensar que o público já estava cansado de ouvi-la cantar, tanto que na ocasião de escolha das músicas para seu primeiro e único elepê na década de 1980 não queria incluir o Hino. Mas foi dissuadida da idéia por Norberto Depizzolatti, que insistiu que a música tão importante, que marcou a carreira de Neide na cidade, deveria constar num elepê que tinha a intenção de registrar a carreira da cantora.

### **2.3.2 Neide, Zininho e a turma da RDM: uma mulher no meio de homens na cidade de Florianópolis**

Companheiros de trabalho e companheiros na vida. Assim era a turma da RDM, que era formada principalmente<sup>105</sup> por Neide, Zininho, Antunes Severo, Edwin Scutt Balster (sonoplasta), Humberto Mendonça, Adolfo Zigelli e Carminatti Júnior. Se havia outra mulher na turma? “Deixa eu ver se tinha mais mulher, não tinha. É”.<sup>106</sup> Neide era a única mulher no meio de uma turma de homens. E isso na década de 1950/60 em Florianópolis!

É importante estabelecer que quando falamos de Florianópolis remetemo-nos ao centro urbano da cidade. No entanto, não podemos deixar de lembrar que a cidade era, e ainda o é, um todo complexo e heterogêneo, que abarcava no período, uma parte continental<sup>107</sup>, quatro subdistritos (em 1943 criou-se os seguintes: Centro, Trindade, João Pessoa [que se tornaria Estreito]

---

<sup>104</sup> CONVERSA COM ZININHO, [19?], op.cit. Transcrição nossa.

<sup>105</sup> Estes foram nomes citados por Antunes Severo em entrevista como sendo os principais da turma, os que estavam mais vezes juntos.

<sup>106</sup> SEVERO, Antunes, 2009, op. cit.

<sup>107</sup> Em 1944 foi anexada a Ilha uma parte Continental, território que antes pertencia à cidade vizinha São José. Atualmente a Florianópolis Continental abriga os bairros: Estreito Balneário, Canto, Capoeiras, Coloninha, Bom Abrigo, Abraão, Monte Cristo, Itaguaçu, Coqueiros e Jardim Atlântico.

e Saco dos Limões) e comunidades rurais/pesqueiras mais afastadas e quase que isoladas do centro.

Florianópolis era tida até os anos 1970 como uma localidade pequena e pacata.<sup>108</sup> De modo que era comum o dito de que todos se conheciam pelas ruas:

Nas ruas da cidade os rostos, o andar e os trejeitos da cada morador eram reconhecidos de longe, assim como os trajetos percorridos cotidianamente, a casa que moravam e a vida que levavam. Nos intervalos do trabalho, nas manhãs ou nos finais de tarde partilhavam pontos de encontro, no Miramar, no Ponto Chic, no Mercado Público e debaixo da velha figueira na Praça XV. Era um modo de vida que se renovava diariamente nas ruas da cidade.<sup>109</sup>

“Todos” se conheciam significa dizer também que “todos” sabiam e comentavam sobre a vida de cada um. Por isso, qualquer desvio relativo às normas da moral e bons costumes era percebido e criticado. Entre os preceitos morais vamos nos ater aos que dizem respeito às mulheres. O preceito máximo transmitido às mulheres<sup>110</sup> era de que estas nasceram para ser donas de casa, esposas e mães, sendo o casamento o grande e maior objetivo.<sup>111</sup> No entanto, para alcançar este objetivo havia algumas regras: a mulher não poderia ter iniciativa do flerte, não poderia também ter relações sexuais antes do casamento, não poderia dar muitas intimidades ao namorado, não deveria usar roupas insinuantes, não deveria andar desacompanhada, etc.

---

<sup>108</sup> Florianópolis era uma das menores capitais do Brasil. No Censo de 1960, feito pelo IBGE, o Estado de Santa Catarina possuía 2.129.252 de habitantes, destes 97.827 moravam em Florianópolis (sendo que 77.585 na área urbana) e Lages era a cidade com maior número de habitantes, 120.821. Comparando a outras capitais temos em 1960, Porto Alegre com 635.125 habitantes, Curitiba 356.830, Estado da Guanabara (hoje cidade do Rio de Janeiro) 3.281.908 e a maior cidade do país, São Paulo com 3.781.446 de habitantes. A Florianópolis que não tinha nem 100 mil habitantes em face ao Rio (Guanabara) e São Paulo e mesmo as capitais do sul, era realmente uma cidade pequena e mesmo o Estado de Santa Catarina possuía menos habitantes que a própria cidade de São Paulo (o estado de São Paulo possuía 12.823.806 de habitantes).

<sup>109</sup> FANTIN, Márcia. *Cidade Dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000, p.35

<sup>110</sup> E aqui estamos enfatizando as mulheres de classe média e alta, pois é principalmente para estas que os preceitos morais estavam voltado e tinham maior rigidez.

<sup>111</sup> BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary DEI (org.). *História das mulheres no Brasil*. 9 ed, 1 reimp. São Paulo: Contexto, 2008.

Mulher que trabalhasse também era vista como mulher que perdera sua feminilidade e muitas vezes mesmo que ocupassem diversas funções mais liberais, as próprias mulheres tendiam a repetir os discursos normativos da moralidade da época.<sup>112</sup> Para exemplificar o preconceito advindo de homens em relação às mulheres que trabalhavam apresento abaixo um artigo escrito por um homem, que não revelou seu nome, em *A gazeta* de 1957:

Como é de conhecimento de todos, as repartições públicas, federais, estaduais, municipais e autárquicas, estão inundadas pelas mulheres. Há algumas que trabalham e há outras que nada fazem. Estão na repartição apenas para: falar da vida alheia, ler revistas, fazer tricô de vez em quando fumam cigarro (pois estão elas neste século XX masculinizadas) e também às vezes consultam ao espelho, passando nos lábios o batom e pó de arroz no rosto. Quando há serviço para fazer, acontece que elas às vezes não fazem, porque não são do trabalho e sim da 'moleza' [...]. É preciso por um paradeiro neste estado de coisas! [...]. Na verdade 'nem tudo está perdido'. Há mulheres que são boas funcionárias, sendo, por isso, dignas de elogios. Há também mulheres que estão na repartição e não necessitam disso. Estão ocupando o lugar de homens que precisam trabalhar. Na verdade há algumas que trabalham porque necessitam. Não há regra sem exceção. [...]. N.B. - Uso o **pseudônimo para evitar incomodo com as mulheres.**<sup>113</sup>

O artigo obteve resposta de Zatê dizendo que ninguém trabalha por prazer e se uma senhora é funcionária é por necessidade. Aproveita o espaço para "alfinetar" Siquerino dizendo que ele tinha rancor e alergia a mulheres e cigarros. Completa afirmando que o mesmo esquecera que tem irmãs trabalhando. Zatê apesar de ir contra a opinião de Siquerino, afirma que as mulheres só trabalham por necessidade, ou seja, acaba indiretamente reafirmando o discurso que o papel da mulher é em casa, como esposa e mãe.<sup>114</sup>

Neide Maria além de trabalhar, trabalhava no meio radiofônico e era cantora, e o ser artista de rádio, teatro ou cantora não era bem visto pela

---

<sup>112</sup> PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas*: uma questão de classe. 2 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.

<sup>113</sup> SIQUERINO. As mulheres nas repartições. Coisas na cidade. *A Gazeta*. Florianópolis, 24 mai. 1957.

<sup>114</sup> ZATE. As Mulheres nas repartições. Tribuna do Povo. *A Gazeta*. Florianópolis, 28 mai. 1957.

classe média e elite do período. E isso até mesmo em cidade maiores e cosmopolitas como Rio de Janeiro onde, por exemplo, podemos citar o pai de Nara Leão (1942-1989) <sup>115</sup>, que quando a filha diz que acabara de aceitar convite de Carlinhos Lyra e Vinícius de Moraes para estrear em um espetáculo, na década de 1960, responde: “Ah, quer dizer que vai virar vagabunda”. <sup>116</sup>

O preconceito era tanto que Nivalda Severo (Preta), esposa de Antunes Severo, na época em que trabalhava no rádio, utilizava o pseudônimo de Helena Ribeiro, pois segundo ela “a mulher que trabalhava em rádio não era bem vista”. <sup>117</sup>

Havia em Neide ainda outros dois fatores que eram vistos com preconceito: ela tinha origem humilde e era negra. <sup>118</sup> O racismo e a diferenciação entre classes sociais eram presentes e evidentes em Florianópolis:

Negros e brancos viviam de tensões em seu dia-a-dia. Para ir a clubes, cada um tomava caminhos diferentes. O negro freqüentava o Clube 25 de Dezembro ou o Clube 15 de Novembro, enquanto o branco se dirigia para o Lira Tênis Clube ou o Doze de Agosto. Este racismo vivido em Florianópolis nos anos 1960 delimitava outros tipos de território, como por exemplo, o do passeio no centro da cidade, apelidado de footing. <sup>119</sup>

---

<sup>115</sup> Nara Leão é advinda da classe média carioca, moradora da Zona Sul. Na década de 1960 torna-se musa da Bossa Nova e logo vai seguindo uma linha mais de protesto dentro da mesma (faz parte do famoso *show Opinião*), depois segue como cantora apoiando o Tropicalismo. Ficou certo tempo afastada, voltando a cantar na década de 1980, falecendo em 1989.

<sup>116</sup> CASTRO, Ruy. *Chega de saudade: a história da Bossa Nova*. 2ed. 4reimp. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p. 343.

<sup>117</sup> SEVERO, Nivalda. apud MEDEIROS, Ricardo. VIEIRA, Lúcia Helena. *História do Rádio em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 1999, p.96.

<sup>118</sup> No livro *Cor, profissão, mobilidade* (PEREIRA, João Batista Borges. *Cor, profissão, mobilidade - o negro e o rádio de São Paulo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora: Editora da Universidade de São Paulo, 1967.) o autor aponta que o rádio tornou-se meio de ascensão social para os negros, principalmente com os programas de calouros, que possibilitavam que alguns deles fossem reconhecidos como cantores e onde podiam se socializar na platéia. Também em alguns cargos como locução e apresentação de programas e outros de execução nas empresas de radiofonia os negros conseguiram algum espaço. Mas nos cargos de direção e gerência, a hegemonia continuava branca. Ainda aponta o preconceito que havia em relações aos negros de diretores de rádio.

<sup>119</sup> MEDEIROS, Ricardo. A recepção de radionovelas em Florianópolis no período dos anos 1960. In: XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. NP 06 Rádio e Mídias Sonoras. 2005.

[...] Todos iam para o 'footing'/ O 'footing' da Felipe Schmidt.  
/Moças bem vestidas, passeando em pares/ para lá e para cá/  
[...]/ Na calçada do Palácio, outro 'footing'/ só de pretos./ Nada  
de mistura/ Branco é branco, preto é preto/ Cordialidade e  
respeito/ Eles lá e nós cá/ [...].<sup>120</sup>

Na Praça XV de Novembro, durante *footing*, os brancos andavam pela calçada ao lado do Palácio Cruz e Souza, os negros do outro lado da rua. Como podemos notar pelo poema de Sebastião Ramos, o preconceito era (e ainda é) grande, mesmo que velado por um tom de cordialidade e respeito, cada um tinha o seu lugar: “Branco é branco, preto é preto/ Cordialidade e respeito/ Eles lá e nós cá”. Apesar de todas as barreiras, Neide conseguiu se tornar uma grande e respeitada artista, circulando pelos clubes e locais de sociabilidade da elite e das camadas mais populares. Mas tudo tem seu preço e o de Neide era manter-se sempre polida, educada, elegante, não podendo fazer nada que pudesse “manchar” sua imagem de “mulher honesta”. Joana Maria Pedro fala de outra mulher negra e de origem humilde que antes de Neide conseguiu uma posição de respeito na cidade, destacando-se como professora, política, escritora e jornalista: Antonieta de Barros (1901-1953). De Antonieta conta que apesar de na vida ter rompido várias barreiras, em seus textos não rompeu com o discurso normativo do período. Afirmo a autora que “apesar dos preconceitos sexistas e étnicos, ter sido aceita por esta sociedade [florianopolitana], deve ter-lhe custado muita luta e muito cuidado”.<sup>121</sup> E ainda:

**O fato de ser aceita não implicava, no entanto, em abertura para as demais mulheres, bem para as outras negras e negros;** também não lhes abria a possibilidade de ganhar individualidade e respeito. Antonieta alcançou prestígio, mas somente ela. **Ela tinha sido alçada a uma espécie de redoma,** de onde os escolhidos olham em volta olímpicamente, sem se misturarem com os que estão do lado de fora. Os avanços precisam ser controlados, pois podem significar a exclusão de tal ambiente.<sup>122</sup>

<sup>120</sup> RAMOS, Sebastião. *No tempo do Miramar*. 2 ed. Florianópolis: Papalivro, 1999.

<sup>121</sup> PEDRO, Joana Maria, 1998, op. cit., p.110.

<sup>122</sup> Ibidem.

Comparando com Antonieta, podemos dizer que também Neide foi lançada a esta redoma e para manter-se nela havia que ter cuidados. Antonieta de Barros não se casou, assim como também não o fez Neide. Pedro afirma que tanto Antonieta como Delminda Silveira (1854-1932) - outra mulher, desta vez branca, que teve destaque como professora e escritora - precisaram sacrificar suas sexualidades:

Assim como Delminda, Antonieta nunca se casou. A individualidade de ambas foi ganha, também, com o sacrifício de suas sexualidades. Delas, dizia-se que eram 'honestas'. Não significava, apenas, que ambas pagassem suas contas em dia e/ou cumprissem seus compromissos, mas, principalmente, que nunca tinham exercido sua sexualidade; como esta só era permitida para as 'honestas' dentro do casamento, a elas estava vedada.<sup>123</sup>

Talvez Neide também tenha sacrificado sua sexualidade em troca de permanecer respeitada na cidade. Fato é que sua imagem foi construída sem que se cite sua vida amorosa (a não ser os rumores da cidade em relação à Zininho). É possível ainda que Neide tenha desistido de encontrar outro amor após uma desilusão amorosa ocorrida quando ela era jovem.

Neide tinha algumas atitudes que a diferenciavam: além de andar com homens, também tinha a liberdade, devido sua profissão, de caminhar sozinha a noite pelo centro e voltar para casa de madrugada. A família de Neide era liberal até certo ponto e diferia de outras como a da radioatriz Alda Jacintho, de classe média e negra, que era mais "quadrada": não via com bons olhos o trabalho de Alda na rádio - para convencer os pais a deixá-la trabalhar no rádio a radioatriz conta que "foi uma batalha".<sup>124</sup> Alda trabalhava também nos *Correios*, o trabalho como radioatriz era, então, uma opção e não havia a hipótese dela poder chegar em casa após às 10 horas da noite, ainda mais desacompanhada! Como radioatriz também interpretava vários papéis numa

---

<sup>123</sup> Ibidem.

<sup>124</sup> SEVERO, Antunes. *Radionovela, um desafio em cada capítulo*. Caros Ouvintes, 2004. Disponível em: <http://www.carosouvintes.org.br/blog/?p=2989>. Acesso em: 20 ago. 2009.



mesma radionovela, mas papel de vilã, nunca!<sup>125</sup> Mas certos preceitos eram seguidos na família Rosa: namoro só com aprovação e presença dos pais, homens desquitados não podiam namorar as suas filhas e as mulheres não podiam sair sozinhas para ir ao cinema (que ficava na esquina da casa da família). Tereza conta que seu pai era muito rígido em relação também à religião: todos deveriam ir à missa aos domingos. Se alguém não fosse, não poderia fazer mais nada: não tinha cinema, não tinha voltinha...<sup>126</sup>

---

<sup>125</sup> A única vez que ela aceitou fazer um papel de uma vilã, moça pobre que seqüestrava uma criança em troca de dinheiro, o público todo foi contra: foi uma enxurrada de telefonemas e cartas inconformadas.

<sup>126</sup> ROSA, Tereza, 2009, op. cit.

## CAPÍTULO III NEIDE CANTORA SOCIETY

Se Florianópolis era na década de 1960 uma cidade dividida, Neide Maria, no entanto, poderia ser considerada uma unanimidade. Era a cantora preferida dos pobres e dos ricos. Tinha boas relações tanto com a família Bornhausen (UDN) quanto com a família Ramos (PSD), como ela mesma cita em depoimento:

Esta família Bornhausen eu quero bem, sabe. Porque seu Irineu sempre foi muito meu amigo. Me chamava de Neida. Ele, no primeiro baile que ele fez no Palácio [...] me convidou.

[...]

[Sobre Aderbal Ramos da Silva] Também [também quer bem], me chamava de Ana Maria, me perguntava “Ana, como é que você vai Ana?” “Ah, to bem to bem” [ela respondia]. E aí me contava umas coisas de música, que ele adorava música. [...].<sup>1</sup>

Nossa Neide *society* era reconhecida pelos representantes dos dois maiores partidos do Estado. No entanto cada qual tinha a sua Neide, para um Neide tornava-se Neida, para outro Neide era Ana Maria...

### 3.1 O NOVO COLUNISMO SOCIAL E O TERMO SOCIETY

Em 1945, Manuel Antonio Bernardez Müller, sob pseudônimo de Jacinto de Thormes, escreve a primeira coluna social moderna no Brasil, na imprensa carioca, influenciado pelo colunismo social dos jornais norte-americanos. Antes, as colunas sociais se ocupavam apenas em anunciar nascimentos, casamentos, batizados, viagens, jantares e mortes. Agora, misturavam-se às antigas notas sociais relatos detalhados das festas como os presentes, a

---

<sup>1</sup> [CD] ROSA, Neide Maria. *Depoimento Neide Maria Rosa*. Entrevista concedida a Norberto Depizzolatti. Florianópolis, 03 dez 1987. Arquivo Pessoal Norberto Depizzolatti, 2 vol.

decoreção, os trajes utilizados, da vida privada, opiniões do colunista, moda, informações fúteis, curiosidades, fofocas sobre milionários, artistas e políticos.<sup>2</sup>

Nos Estados Unidos, surgiu, em 1919, o termo *Café Society*, que designava um pequeno grupo, burgueses ricos, políticos e pessoas ligadas à indústria do entretenimento, que se reunia em público, “mas que provavelmente não se visitava em casa”.<sup>3</sup> Inspirado no *Café Society*, o termo *society*, refere-se à elite, políticos e pessoas ligadas ao entretenimento (produtores e artistas) e esteve muito em voga no Brasil entre a década de 1950 e início da década de 1960.

O colunismo social em Santa Catarina tem início no contexto de modernização<sup>4</sup> do Estado e tinha como função instrumental a construção das elites e educação dos gostos diante do moderno, conduzindo a formação dos grupos de elite e sendo um instrumento de poder dos mesmos, ao agenciar a hierarquização social por estes desejada.<sup>5</sup>

Em Florianópolis, Zury Machado foi um dos primeiros a seguir a linha moderna de colunismo social. Suas primeiras notas foram publicadas em 1954. No ano seguinte, 1955, iniciou sua coluna *Acontecimentos Sociais*, no jornal *O Estado* de Florianópolis. Zury Machado ficou reconhecido, principalmente, por promover a lista das dez mais elegantes da cidade e por jamais, em sua coluna, falar mal de alguém. Outros colunistas sociais importantes que conviveram com Zury durante as décadas de 1950 e 1960 (período em que o termo *society* esteve em voga) foram Lázaro Bartolomeu, este que se ocupava mais da promoção de eventos e de pessoas da elite (por exemplo, há eventos em que Zury cita Neide Maria e a exalta e Lázaro cita os convidados sem

---

<sup>2</sup> MARIA, Maurício de Fraga Alves. Das *gossip columns* às novas colunas sociais brasileiras: política e Modernização na imprensa brasileira nas décadas de 1950 e 1960. *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, n.33, 2008. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao33/materia03/texto03.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2009.

<sup>3</sup> PAUL, Mary apud MILLS, Writt. *A Elite do Poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962, p.89.

<sup>4</sup> Florianópolis da entre 1950 e 1960 viveu um segundo ímpeto de modernização, influenciada, como todo o resto do país, pelo governo de Juscelino Kubitschek.

<sup>5</sup> SANT'ANNA, Mara Rúbia; CONSONI, Paula. *Memória, Sociedade Florianopolitana e Elegância*. Revista da Pesquisa. Florianópolis, Vol.2 n.2. Ago. 2006 - jul. 2007. Disponível em: [http://www.ceart.udesc.br/revista\\_dapesquisa/volume2/numero2/moda/Mara%20-%20Paula.pdf](http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume2/numero2/moda/Mara%20-%20Paula.pdf). Acesso em: 01 jul. 2009.

mencionar a cantora), e Celso Pamplona, que utilizava um linguajar mais despojado e dizia se voltar mais para a juventude.

### 3.1.1 Neide Maria cantora do *society*, Neide Maria cantora *society*

A primeira vez<sup>6</sup> que encontramos Neide Maria denominada com o termo de cantora *society* é na coluna de Celso Pamplona de 13 de julho de 1963: "Hoje, grande reunião 'society', no American Bar, do Querência Palace Hotel, com Arlindo ao piano; Faísca na bateria e **Neide Maria, a cantora 'society'**".<sup>7</sup> No mês seguinte encontramos a mesma denominação na coluna de Zury Machado: "**Neyde Maria cantora 'Society'** de Florianópolis encontra-se no Rio fazendo LP, e cantando na TV Rio. A nossa querida Neyde os nossos votos de muito sucesso".<sup>8</sup> A partir de então e até meados de 1967 Neide é assim denominada - cantora *society* - por estes dois colunistas. O termo aparece tantas vezes<sup>9</sup> que me levou a utilizá-lo no título deste capítulo.

Antes de cantora *society* Neide foi denominada por Zury Machado como cantora do *society*. Ela era considerada **do society** e cantava **para os integrantes do society**:

Neyde Maria no sábado próximo estará cantando **para o 'Society'** de Itajaí, numa promoção do cronista social Sebastião Reis.<sup>10</sup>

Sexta feira a **cantora do 'Society'** Neide Maria vai dar 'show' no Hotel Balneário Cabeçudas numa festa abrilhantada pelo pianista Dimas, promoção de Sebastião Reis.<sup>11</sup>

---

<sup>6</sup> Ao menos na primeira vez encontrada pela pesquisa, há a remota possibilidade que alguma nota anterior tenha passado em branco pelos olhos atentos (mas por vezes cansados) da pesquisadora durante manuseio dos jornais na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

<sup>7</sup> PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 13 jul. 1963, p.3, grifo nosso.

<sup>8</sup> MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*, 21 ago. 1963, p. 2, grifo nosso.

<sup>9</sup> Celso Pamplona chega a denominar Neide de cantora *society* quase cem vezes entre os anos de 1963 e 1967; Zury Machado cerca de quarenta, no mesmo período.

<sup>10</sup> MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*, 18 jul. 1963, p.2, grifo nosso.

<sup>11</sup> MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 23 jul. 1963, p.2, grifo nosso.

Antes de atingir o *status* de *society*, Celso Pamplona considerava Neide Maria como “cantora simpática” e “cantora premiada” (pelo fato de Neide ter ganhado em 1963, prêmio de melhor cantora do rádio de Florianópolis):

O ‘grande-monde’ da ‘Island’, estará hoje reunido nos salões do Querência Palace Hotel, para ouvir o jovem cantor do ‘society’, tendo como atração Dimas, o mágico do piano, José Maria o rei do violão e **Neide Maria, cantora simpática**.<sup>12</sup>

Quinta-feira, aconteceu bem movimentada a reunião do Grêmio do Clube da Colina, com decoração de hortênsias azuis e original ‘show’, por Alvaro o trombone de ouro; ‘Twist’ por jovens do ‘society’ e a **cantora premiada Neide Maria**, que deu ‘**show**’ de **simpatia**. O Grêmio voltará às suas reuniões após o carnaval.<sup>13</sup>

*Society* também era usado para denominar a cantora Elizeth Cardoso (1920-1990) no Rio de Janeiro: “Elizete Cardoso, o grande cartaz da TV e Rádio Carioca e Paulista, estará no Lira T. C. próximo dia 26. O colunista e o sr. Arivaldo Goulart, irão ao aeroporto Hercílio Luz para recebê-la [sic]. **Elizete é muito conhecida como a cantora ‘society’ do Rio de Janeiro**”.<sup>14</sup>

Elizeth tem uma grande importância nesta história, como pormenorizaremos em seguida. Ela provavelmente influenciou o uso do termo *society* pelos colunistas florianopolitanos para designar Neide Maria. Outra influência foi o fato de Neide na época além de ter ganhado prêmios e se apresentar em diversos bailes (do *society*), apresentava em conjunto com Antunes Severo um programa pela *Rádio Diário da Manhã* denominado *Disc-Jockey em Sociedade* (ou *Disc-Jockey em Família*), onde lia nota sociais que eram, segundo Celso Pamplona, escutadas (“focalizado”) por gente do *society*: “Logo mais, às 21,30 horas, na Rádio ‘Diário da Manhã’, ‘Disc-Jockey em Sociedade’, será focalizado por gente do ‘society’, com boa música e notícias sociais, apresentado por Neide Maria”.<sup>15</sup>

---

<sup>12</sup> PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 27 abr. 1963, p.4, grifo nosso.

<sup>13</sup> PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 19 jan. 1963, p.4, grifo nosso.

<sup>14</sup> BARTOLOMEU, Lázaro. Radar na Sociedade. *O Estado*. Florianópolis, 15 mai. 1962, p.4, grifo nosso.

<sup>15</sup> PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 29 jun. 1963, p.4.

### 3.1.2 Locais society

Segundo Costa na passagem da década de 1950 para a de 1960 a geografia dos divertimentos noturnos em Florianópolis é “marcada por territorializações fixas” que evidenciam no espaço urbano e no uso do mesmo as distinções sociais existentes na cidade. Grande parte do lazer de Florianópolis reunia-se no centro. Lá estavam os clubes, cinemas, confeitarias e as rádios. Lá estavam os clubes de remo e aconteciam as competições. Os divertimentos voltados à elite e à classe média apareciam com frequência nos jornais enquanto que em relação à diversão e à sociabilidade das camadas mais populares, nada era descrito, a não ser nas páginas policiais em caso de brigas e atentados à ordem.<sup>16</sup>

Neste momento iremos nos ater aos locais *society*, ou seja, locais freqüentados pela elite e classe média alta da cidade que eram destacados pelos colunistas sociais. Entre estes locais, apontaremos os espaços que Neide Maria Rosa freqüentou, como cantora e/ou apresentadora, durante a década de 1960, período, como já mencionado, em que foi considerada cantora *society*.

### 3.1.3 Os clubes

Florianópolis contava com dois clubes sociais ligados à elite, o *Clube Doze de Agosto* (relacionado ao PSD) e o *Lira Tênis Clube* (relacionado com a UDN). Em 1965 surge outro clube: o *Santa Catarina Country Clube*, que como o nome sugere (Country) se localizava afastado da região central.<sup>17</sup> Essas agremiações promoviam para seus sócios atividades que iam desde torneios esportivos até saraus literários, concertos musicais e grandiosas noites de

---

<sup>16</sup> COSTA, Gláucia dias da. *Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis - décadas de 50,60 e 70*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2004, p.38.

<sup>17</sup> O clube localizava-se na Agrônômica, que no período era uma localidade em que havia muitas chácaras. O Santa Catarina Country Clube que foi inaugurado no ano de 1965 durou até a década de 1970, quando foi comprado por um grupo empresarial que construiu um edifício residencial no terreno, conservando, no entanto, as instalações (casa) do clube como área social do condomínio.

bailes, jantares e festas. Os bailes de gala e os de debutantes eram os mais concorridos e destacados. Devido aos altos valores de mensalidade e títulos, apenas membros de famílias tradicionais e/ou com muitas posses poderiam participar destes espaços de sociabilidade. Havia na cidade também clubes com preços mais acessíveis (e por isso mais “populares”) como o *Clube Quinze de Agosto*, *Clube Atlético Guarany* e *Clube dos Atiradores*.

Zury Machado nos conta que começou promovendo bailes de debutante no *Lira* e depois passou para o clube *Doze* que era melhor, entre outras coisas pelo fato de ser maior e ser ligado a uma classe mais alta.<sup>18</sup> Em sua fala apresenta a disputa simbólica da cidade que também ocorria nos clubes:

Porque os bailes de debutante no *Lira*... Os primeiros bailes de debutantes eu fiz no *Lira*. Depois eu passei para *Doze*. Logo depois passei para o *Doze*. Porque naquele tempo o ***Lira* estava muito pequeno**, tava muito, enfim.. Mas era uma sociedade boa, indiscutivelmente. Mas o *Doze* era mais, como se diz, mais *society*, mais da classe, mais alta, né. Era... **Havia esta rivalidade**. A mesma pessoa que freqüentava o *Doze* freqüentava o *Lira*, isso aí não tinha..Mas coisa de cidade pequena, né. Hoje ela é grande, mas naquele tempo era pequena.<sup>19</sup>

Talvez porque Neide neste período trabalhasse na *Rádio Diário da Manhã* muitas notas escritas sobre a cantora por Celso Pamplona em *A Gazeta* eram relacionadas a eventos no *Lira Tênis Clube*.<sup>20</sup> A cantora *society* fazia parte do que ocorria “nos salões do Lira Tênis”, também conhecido por clube da Colina, seja cantando em diversos bailes, jantares dançantes, reuniões de agremiações, “festas da juventude” ou apresentando desfiles de moda e eventos diversos. Em 1965, a cantora é contratada pela Orquestra do clube. “Neide Maria será a ‘Lady Crooner’ do clube da Colina”.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> Zury faz uma distinção dentro da elite, entre a sociedade (grande poder aquisitivo) e a *society* (maior poder aquisitivo, geralmente famílias tradicionais).

<sup>19</sup> MACHADO, Zury. Entrevistada concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 15 abr. 2009.

<sup>20</sup> Como já mencionado, a rádio, o jornal e o clube eram ligados a UDN.

<sup>21</sup> PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 02 abr. 1965, p.4, grifo nosso.

Grande é a expectativa para o próximo sábado, **nos salões do Lira Tênis, quando 32 Meninas-Moça farão o seu 'debut'** ao som da bela música 'My Fair Lady' numa apresentação com refletores e **voz de Neide Maria**, e em seguida, às 3 valsas [...].<sup>22</sup>

Hoje, às 16 horas, nos salões do Lira Tênis Clube, **FESTIVAL DA JUVENTUDE na colina**, com a orquestra de Aldo Gonzaga, **com Neyde Maria dando 'show'**, com o grande lançamento do momento de Chico Buarque de Hollanda, e o famoso conjunto musical do yê-yê-yê, "The Lions" [...].<sup>23</sup>

Além das apresentações no *Lira*, Neide se apresenta, principalmente durante o ano de 1966, no recém-inaugurado *Santa Catarina Country Clube*:

'Reveillon' no Santacatarina [sic] Country Clube, considerado o clube mais sofisticado do Estado, comparecendo o 'grandemonde' da 'Island', quando aconteceu uma verdadeira parada de luxo e elegância. Às 24 horas foi a cerimônia da passagem do Ano Velho e entrada do Ano Novo O maestro Krieger, executando a 'Valsa da Despedida', quando uma menina personificando o Ano Novo, com balões multicoloridos, deu entrada. Elogiada a discreta decoração, sob a responsabilidade a exma. senhora Karin Schnorr Lenzi O conjunto musical de Aldo Gonzaga com Neide Maria, cantora 'society' com seu vastíssimo repertório.[...].<sup>24</sup>

O *Santa Catarina Country Clube* era considerado o clube mais sofisticado do Estado, segundo Celso Pamplona. Ele era freqüentado pela elite de Florianópolis, pelo "grandemonde da Island" nas palavras do colunista que achava sofisticado utilizar palavras estrangeiras. O réveillon de 1965-66 no clube é descrito como luxuoso e elegante. E Neide Maria é a cantora do evento.

Quanto à participação da cantora no *Clube Doze* só encontramos uma citação durante a década de 1960, sobre sua participação no *Chá das Azaléas*: "Neyde Maria recém [sic] chegada do Rio, com contrato na gravadora 'Odeon' e 'TV' Rio Canal 13, colaborando com a campanha do Natal da Criança pobre,

---

<sup>22</sup> PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 09 out. 1964, p.4, grifo nosso.

<sup>23</sup> PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 30 out. 1966, p.4, grifo nosso.

<sup>24</sup> PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 04 jan.1966, p.4.



vai cantar no 'Chá das Azaléas' amanhã às 16 horas no Clube Doze de Agosto".<sup>25</sup>

A elite de outras cidades do estado também apreciava a cantora *society* de Florianópolis. Os colonistas Zury Machado e Celso Pamplona apontam apresentações de Neide em clubes de cidades catarinenses como Blumenau, Brusque, Itajaí, Camboriú e Imbituba, onde a *society* destas cidades promoviam suas festas e eventos.

#### 3.1.4 Os Hotéis, ou os bares dos Hotéis

Outro ponto de encontro da *society* eram os bares localizados dentro de hotéis. Locais onde a elite podia se exibir diariamente, sem que fosse preciso uma festa ou que algum evento ocorresse (como era o caso dos clubes ou residências).<sup>26</sup> Eram geralmente os bares mais caros e por isso freqüentados apenas pela elite, "uma freqüência mais elitizada, com mais políticos, jornalistas Ratatulha não ia ali (!), até porque era mais na base do uísque, mais caro e tal".<sup>27</sup> Entre eles havia o *Piano Bar* do *Lux Hotel*, o *American Bar* do *Querência Palace* e o bar do *Oscar Palace*, todos localizados no centro da cidade.

Nos salões do **Querência Palace Hotel**, na noite de sábado, aconteceu a elegância e o luxo com a movimentada 'Noite do pierrot', organizado pelo cronista social Zury Machado[...] [Fala sobre a decoração, sobre vencedores do desfile de fantasia, etc.]. Deu nota alta na 'Noite do Pierrot' a **cantora 'society' Neide Maria**, que apresentava **belíssimo modelo em tomate**....<sup>28</sup>

Neide Maria com sua bonita voz movimentou o 'American Bar' do Querência Palace, na noite de terça-feira - A maquiagem 'Miss Brasil 64', melhor realçou a beleza da cantora em foco.<sup>29</sup>

<sup>25</sup> MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 04 set 1963, p.2.

<sup>26</sup> SANT'ANNA, Mara Rúbia. *Aparência e Poder: novas sociabilidades urbanas em Florianópolis, de 1950 a 1970*. Doutorado em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

<sup>27</sup> CALDAS FILHO, Raul apud COSTA, 2004, op. cit., grifo da autora.

<sup>28</sup> PAMPLONA, Celso. *Tribuna Social*. *A Gazeta*. Florianópolis, 22 jan. 1964, p.1, grifo nosso.

<sup>29</sup> MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 13 ago. 1964, p.2.

Nas “movimentadas noites”, os bares eram locais de sociabilidade. As pessoas não iam apenas para conversar, beber e ouvir boa música. Elas também iam para se ver, para se fazer ver. E a cantora, sendo a estrela da noite, também tinha a preocupação de ser vista. Sua roupa e maquiagem tinham de ser impecáveis e estar “dentro da moda”. Por isso Neide utiliza um “belíssimo modelo em tom tomate” e sua maquiagem é como a da “Miss 64”. Neide Maria tinha um costureiro amigo que era também o costureiro da *society*, Galdino Lenzi, que confeccionava modelos para a cantora. Também havia a seu redor cabeleireiros de confiança, Giovany e Julio Leon, e outras pessoas que a auxiliavam, como o próprio colunista Zury Machado, que conta por diversas vezes ter comprado cortes de tecido para ela.<sup>30</sup>

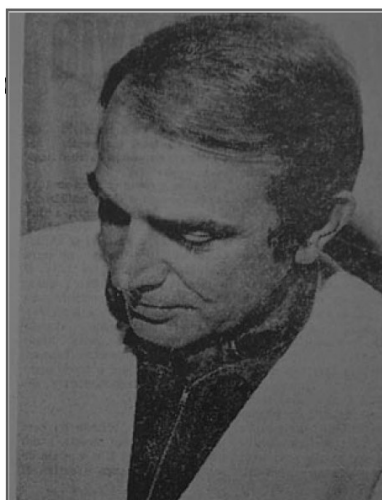


Imagem 12- Galdino Lenzi 1969.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> MACHADO, 2009, op. cit. Zury conta também acompanhava a cantora nas idas a cidades vizinhas e que todos gostavam muito da cantora e a ajudavam.

<sup>31</sup> Fonte: *O Estado*. Florianópolis, 28 set. 1969, p.3



Imagem 13 - Zury Machado (esq.) e Lenzi (dir.).<sup>32</sup>

### 3.1.5 As residências do *society*

Além dos eventos em clubes e bares freqüentados pela elite, Neide Maria também era convidada para participar de almoços, jantares, festas e reuniões oferecidas por membros da *society* em suas residências, tanto de Florianópolis quanto de outras cidades do estado. Entre as notas dos colunistas Celso Pamplona e Zury Machado, encontramos dois eventos que são divulgados por ambos, um jantar na residência do casal Schlosser de Brusque e um jantar na residência do casal Garcia de Florianópolis: “O industrial e a senhora Arthur Schlosser, amanhã recepcionarão convidados em sua luxuosa residência, para um jantar dançante. A cantora ‘society’ Neyde Maria, e o pianista Aldo Gonzaga, movimentaram a elegante reunião, do ‘society’ brusquense”.<sup>33</sup> Ou ainda na seguinte nota: “Hoje, na cidade de Brusque apresentar-se-a a grande cantora ‘society’ Neide Maria e o conjunto musical de Aldo Gonzaga, na belíssima residência do casal Industrial Arthur Schlosser”.<sup>34</sup> Em Florianópolis a festa foi na casa do casal Walmor Garcia:

<sup>32</sup> Fonte: MENEZES, Cacau. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 28 mai. 2008. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default2.jsp?uf=2&local=18&source=a1900510.xml&template=3916.dwt&edition=9955&section=136>. Acesso em: 02 jul. 2009.

<sup>33</sup> MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 15 mai. 1964, p.2.

<sup>34</sup> PAMPLONA, Celso. *Tribuna Social. A Gazeta*. Florianópolis, 16 mai. 1964, p.4.

Quinta-feira em sua bela residência, o casal simpatia Walmor Garcia (Gertrudes), recepcionou um grupo de convidados para um churrasco amigo, considerado o verdadeiro churrasco gaúcho, que foi regado a vinho, muita música com Demaria, Aldo Gonzaga e a cantora Neyde Maria.<sup>35</sup>

No texto dos colunistas notamos a adjetivação tanto na descrição das residências onde os eventos aconteceram - luxuosas, belas, confortáveis - quanto na qualidade do evento - ótima, simpática, elegante reunião. Oferecer sua casa para eventos era uma forma do proprietário se exibir, exibir sua casa e sua forma de receber. Forma que ficava evidenciada através da cobertura dada pelos colunistas sociais.<sup>36</sup> O mundo do *society* é sempre descrito pelos colunistas sociais como mundo belo e elegante, permeado de eventos luxuosos. Era assim que a elite se diferenciava dos demais. Era uma das ferramentas de distinção. Neide Maria mesmo advinda de família de baixa renda era agora considerada cantora *society* e, por isso, convivía com a elite da cidade, cantava e desfilava nos clubes, bares de hotéis e residências da elite, utilizava vestidos confeccionados pelo costureiro do *society*, tinha preocupação com maquiagem, era citada nas colunas sociais, enfim, **parecia society**.

Parecia, mas não era; assim bem sabia ela, assim sabiam as famílias da elite, que provavelmente não gostariam que um de seus filhos se casasse com ela, por exemplo. Neide Maria Rosa era respeitada como cantora, uma cantora que sabia circular nos espaços de sociabilidade da elite:

Ela era uma menina simples, como se fosse uma menina que pegasse na rua pobrezinha que não sabia nada e a gente botasse dentro de um palácio. Mas ela sabia, tinha um comportamento muito, muito bom. Nunca deu um trabalho a nada, de nada. Nunca soube de nada da Neide, embora teve festas que eu não fui. Nada, nada que ela tivesse alterada, discutido com alguém, que bebesse que se chegasse a fazer besteira, nunca, nunca. Ela foi sempre muito reservada.<sup>37</sup>

---

<sup>35</sup> PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis 05 jun. 1966, p.4.

<sup>36</sup> SANTA'ANNA. Mara Rúbia, 2005, op. cit.

<sup>37</sup> MACHADO, Zury, 2009, op. cit. Transcrição nossa.

## 3.2 NEIDE MARIA E ELIZETH CARDOSO

Elizeth Cardoso conhece Neide Maria Rosa e mantém uma relação de amizade e carinho que ficará visível nos esforços que ela faz para conseguir convencer Neide a dedicar-se a carreira de maneira profissional no Rio de Janeiro. Estava neste gesto, também, o profundo reconhecimento e a convicção da “Divina” nas qualidades profissionais e pessoais da artista Neide Maria Rosa.

### 3.2.1 Isso é Bossa Nova

*Rua Nascimento Silva 107/ Você ensinando pra Elizete/ as canções de Canção do Amor Demais/ Lembra que tempo feliz, ai que saudade/ Ipanema era só felicidade/ era como se o amor morresse em paz. (Carta ao Tom 74 - Vinicius de Moraes e Toquinho)*

O ano é 1958. Rio de Janeiro, Ipanema, Rua Nascimento Silva 107, local de muitos encontros musicais que originaram um elepê (LP), *Canção do Amor Demais*. Como intérprete ninguém menos que Elizeth Cardoso<sup>38</sup> que “se impôs como a lua numa noite de serenata”.<sup>39</sup> No repertório, canções de Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes. Entre os músicos o violonista João Gilberto, que apresenta uma batida diferenciada de violão em duas músicas, uma delas é *Chega de Saudade*. Música que se torna símbolo e marco da *Bossa Nova* por apresentar pela primeira vez a “Santíssima Trindade”: a parceria de Tom e Vinicius (Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes) e João Gilberto com seu violão.

*Canção de Amor Demais*, na época não causou muito impacto. Mas a versão em disco 78rpm que João Gilberto fez de *Chega de Saudade*, três meses depois, sim. Nela, João Gilberto apresenta seu modo de interpretar as

---

<sup>38</sup> Elizeth que no ano de 1958 contava com mais de trinta discos lançados, entre compactos e elepês.

<sup>39</sup> Escreve Vinicius de Moraes na contracapa do LP *Canção do Amor Demais*, Companhia Brasileira de Discos, 1958.

músicas<sup>40</sup>: tom intimista, auxiliado pela evolução estereofônica (João cantava baixinho, o microfone ampliava a voz), banquinho e violão (violão que não era apenas acompanhamento, era parte da canção), modo bem diferente da primeira interpretação, de Elizeth Cardoso, que cantou com uma orquestra e com a voz amplificada, no perfil das cantoras da década de 1950 que:

[...] obedeciam ao estilo operístico, soltando a voz ao máximo e exibindo-a com floreios os mais variados. Com relação à sua apresentação, era comum o cantor construir uma *persona* exuberante, recorrendo a trajes reluzentes e a uma postura teatral. O palco [...] era um espaço em que a figura do intérprete era mitificada, o que criava uma enorme distância entre o artista e o espectador.<sup>41</sup>

O tom de Elizeth não era *Bossa Nova*, mas a *Divina* como grande cantora que era, interpretou essa e muitas outras composições de Vinícius de Moraes e Tom Jobim. Seu repertório era, aliás, bastante variado, perpassando samba raiz, samba-canção, seresta, boleros, bossas... E nossa Neide Maria, fã de Elizeth, cantava também boa parte do repertório da *Divina*, de modo que em Florianópolis, Neide foi uma das primeiras a apresentar o repertório *bossanovista* à cidade.

No Brasil, a fase de maior evidência da *Bossa Nova* termina no ano de 1962, quando ocorre o espetáculo *Encontro* - único a reunir no mesmo palco o trio Tom, Vinícius e João Gilberto - e o lendário *show* no *Carnegie Hall* em Nova York.<sup>42</sup> No ano seguinte temos o fim da parceria Tom/Vinícius - com o primeiro partindo para carreira internacional e o segundo buscando novos parceiros - e a ida de João Gilberto para os Estados Unidos.<sup>43</sup>

---

<sup>40</sup> Modo que é mais bem apresentado na música *Desafinado* (1959), onde a melodia é 'torta', há deslocamentos de tempos, troca entre bemóis e sustenidos, enfim, é uma música inovadora para o período. Cf. SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuza Homem de. *A canção no tempo*. Vol.2. 5.ed. São Paulo: Editora 34, 2006.

<sup>41</sup> NAVES, Santuza Cambraia. *Da bossa nova à tropicália*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p.1

<sup>42</sup> O *show* foi considerado lendário por ser o primeiro grande *show* internacional apresentando a Bossa Nova. No entanto não foi proveitoso, foi um *show* bastante desorganizado e recebeu várias críticas. AGÊNCIA SENADO. *A bossa nova vai ao Carnegie Hall*. [?] 01 ago. 2008. Disponível em: <http://proc.direito2.com.br/asen/2008/ago/1/a-bossa-nova-vai-ao-carnegie-hall>. Acesso em: 04 jul. 2009.

<sup>43</sup> SEVERIANO, Jairo e MELLO, Zuza Homem de, 2006, op. cit.

No entanto, a *Bossa Nova* já tinha aberto as portas e influenciado uma leva de novos artistas que acabaram participando de uma nova era da música, a chamada “Era dos Festivais” que perdurou de 1964 até 1972. Este período foi perpassado por outras novas tendências que tiveram impacto nacional como o movimento tropicalista, a jovem guarda, o sambalço, o *rock*, o brega romântico, a revalorização do samba e também por artistas veteranos de outras épocas que assim reafirmavam suas competências e prestígio popular, entre eles a própria Elizeth Cardoso.<sup>44</sup>

A cantora Neide Maria vai fazer parte desta “Era dos Festivais” participando de um dos principais festivais do período, integrando um movimento musical e cantando com os sambistas que estavam sendo revalorizados. É o que exponho a seguir.

### 3.2.2 O primeiro encontro

Em 1962 ocorre um fato que mudaria a vida de Neide Maria. Ela conhece pessoalmente uma das cantoras que mais lhe inspiravam: Elizeth Cardoso. A “Divina”, como era também conhecida Elizeth, estava no auge de sua carreira com *shows* por todo o Brasil, e visitava pela primeira vez Florianópolis.<sup>45</sup> Elizeth foi trazida para fazer dois *shows*, um promovido pela *Rádio Diário da Manhã* (RDM) e outro pelo *Lira Tênis Clube*. No aeroporto *Hercílio Luz*, Neide Maria, considerada a maior admiradora de Elizeth em Santa Catarina, recebeu a *Divina* com flores.

---

<sup>44</sup> E também Adoniran Barbosa, Dalva de Oliveira, Dorival Caymmy, Jamelão, Roberto Silva, Nelson Gonçalves, Ângela Maria, Cauby Peixoto entre outros.

<sup>45</sup> Há uma confusão quanto à data do *show*. Sérgio Cabral (19-?) afirma que ocorreu em abril, Lázaro Bartolomeu anuncia o *show* para dia 26 de maio, mas no dia 24 lança uma nota dizendo que Elizeth estaria doente e não poderia fazer a apresentação, suas próximas notas mencionando o *show* de Elizeth são para dois *shows* um em setembro e outro em outubro. A gravação em fita K-7 do *show* pesquisada não informa a data, de forma que não foi possível precisar dia e mês deste primeiro *show* de Elizeth.



Imagem 14 - Elizeth, à esquerda com as flores, e Neide no Aeroporto Hercílio Luz em 1962. <sup>46</sup>

Neide conhecia todo repertório de Elizeth, possuía todos seus discos e acompanhava sua carreira através das ondas da *Rádio Nacional*. Admirada com a recepção, Elizeth convidou Neide para que esta fosse com ela até o hotel em que ficaria hospedada. Lá chegando, Elizeth pediu para que Neide não a deixasse sozinha e depois de tomar um banho e colocar um vestido simples deitou-se na cama e perguntou a Neide qual sua música favorita, esta disse ser *Praias Desertas*. <sup>47</sup>

Elizeth então começou a cantarolar esta e muitas outras músicas deixando Neide tão feliz a ponto de esquecer os compromissos e as providências que tinha de tomar para o *show* da *Divina* que ocorreria a noite. <sup>48</sup>

O *show* de Elizeth Cardoso ocorreu no *Teatro Álvaro de Carvalho* (TAC) com promoção da *Rádio Diário da Manhã* – RDM - sendo transmitido também através da rádio, mecanismo usual em casos de espetáculos promovidos por estações radiofônicas. O encarregado de apresentar o espetáculo foi Antunes Severo. O *show* iniciou com a apresentação de alguns nomes do *cast* da rádio *Diário da Manhã*, entre eles Waldir Brazil<sup>49</sup> (1920 -2006), a *Orquestra da RDM* e a própria Neide Maria, que cantou uma música. <sup>50</sup>

---

<sup>46</sup> Fonte: Arquivo Pessoal Maximiliano Rosa.

<sup>47</sup> CABRAL, Sérgio. *Elisete Cardoso uma vida*. Rio de Janeiro: Lumiar, [19-?], p.144.

<sup>48</sup> *Ibidem*, p.144.

<sup>49</sup> Waldir Brazil trabalhou como ator no rádio, teatro e cinema de Florianópolis até sua morte.

<sup>50</sup> [Fita Cassete] *SHOW* de Elizeth Cardoso e edição do Programa Ponto de Encontro. Florianópolis: Casa da Memória: Arquivo Zininho, [1962]. (FCC 86, lado A e B).





Imagem 15- Waldir Brazil em *show* no TAC, 1962. <sup>51</sup>

Waldir Brazil foi responsável por animar o público, conta três piadas e canta uma paródia que leva todos a gargalhadas:

Eu vou fazer para vocês aqui uma paródia da minha autoria focalizando os candidatos não eleitos. Mas, antes eu vou contar três piadas para vocês. Três piadas “é” rápidas. Quem não “antender” agora, tem que pensar em casa. [...] E agora eu vou cantar a Paródia da Ângela Maria [...], a paródia da “Garota Solitária”, então o título que dei foi “Candidato Solitário”: *Esta noite eu chorei tanto/ pensando na eleição/ eu fui um dos candidatos/ que viveu na ilusão/ pensando que era eleito/ depois da apuração [2x]// Será que eu tô eleito?/ (vamos lá pessoal) [coro] Eu acho que não/ Nem para suplente/ [coro] Tá ruim meu irmão/ Me diga então qual a razão de eu não ter sido eleito não/ [coro] Você tem o destino do Jânio de renunciar e perder para o Adhemar/ Ai, eu tenho o destino do Jânio, de renunciar e perder para o Adhemar/ [aplausos].<sup>52</sup>*

Logo em seguida, Antunes Severo convida Neide Maria para se apresentar no palco, chamando-a de excepcional cantora popular e fã número um de Elizeth Cardoso. Neide afirma que está muito feliz e que Elizeth é “uma simpatia” e canta *E a vida continua*.

---

<sup>51</sup> Fonte: LIMA, Jeferson. Teatro para mim é vida. A Notícia, Capital, Última Página. Florianópolis, 19 mar. 2000. Disponível em: <http://www1.an.com.br/ancapital/2000/mar/19/1ult.htm>. Acesso em: 09 abr. 2009. Neste show, bem como eu seu trabalho na *Radio Diário da Manhã*, Waldir Brazil fazia quadros de teatro ou quadros humorísticos, como ele o afirma em *A Notícia*.

<sup>52</sup> BRAZIL, Waldir. In: SHOW, [1962]. op. cit. Transcrição nossa (Lado A).

O *show* segue com a *Orquestra RDM*, comandada por Aldo Gonzaga, tocando para as pessoas que se encontravam no teatro, enquanto para os ouvintes da rádio Adolfo Zigelli fazia transmissão de notícias. Em seguida a *Diário da Manhã* retoma a transmissão do *show*, com mais *Orquestra RDM* e outros artistas do *cast* da emissora.

Neide, após sua participação, sentou-se em uma das últimas fileiras para assistir ao *show* e qual não foi sua surpresa quando Elizeth, no meio do espetáculo, dedica uma música a ela e a sua irmã Tereza e, logo em seguida, a chama ao palco para cantar:

[Voz de Elizeth] Bem meus amigos [...], eu sei que a Neide canta assim uma quantidade de músicas do meu repertório. E eu gostaria que nesse momento ela cantasse uma dessas músicas para eu levar assim uma grande saudade e uma grande recordação dessa artista que merece realmente um aplauso muito, muito, maior do que foi feito neste momento. Porque ela é uma batalhadora da música popular brasileira aqui em Florianópolis. Portanto ela vai cantar uma música... Isso é uma coisa assim improvisada. Eu que arranjei isso agora. Então [para Neide] você vai cantar e eu vou ficar ali escutando como público ouvindo você.<sup>53</sup>

Neide se mostra bastante surpresa, num misto de alegria e nervosismo, como podemos perceber na gravação do *show*, onde diz: “E agora, e agora?!” “Que coisa Elizeth, faz favor!”.<sup>54</sup> Em seguida Neide agradece a presença de Elizeth na cidade e canta *As Praias Desertas*,<sup>55</sup> mesma canção que pedira que Elizeth cantasse para ela anteriormente no Hotel.

Neide recorda este momento em entrevista a Sérgio Cabral, já nos idos de 1990 e bastante adoecida. É dessa maneira que ela descreve sua ida ao palco em que cantava Elizeth Cardoso:

Quando Elisete entrou no palco, eu estava lá no fundo do teatro, no escuro. Depois de cantar algumas músicas, ela falou de mim, das flores com que a recebi no aeroporto, que eu cantava todo o repertório dela e, por fim, chamou-me para cantar. Gelei. A minha sorte é que havia um pianista muito bom

---

<sup>53</sup> *SHOW*, [1962], op. cit. Transcrição nossa.

<sup>54</sup> *Ibidem*.

<sup>55</sup> Cf. nota 47.

e que me conhecia muito bem. Cantei Praias Desertas. Quando acabei ela disse que achou minha interpretação mais parecida com a de Maysa com que a dela. Isso me deu um conforto. Pelo menos, ninguém podia dizer que eu imitava Elisete Cardoso - narrou Neide [...].<sup>56</sup>

Podemos perceber algumas características de Neide neste relato. Ela se senta no fundo do teatro, provavelmente queria ficar anônima e deleitar-se vendo Elizeth cantar e a reação do público. Notamos o quão marcante foi o gesto de Neide de entregar flores no aeroporto, pois Elizeth cita a delicadeza durante o *show*. No momento em que Elizeth a convida para cantar no palco, Neide disse ter “gelado”. Ela teria que cantar após a *Divina*, após a grande cantora. Elizeth veio para Florianópolis acompanhada apenas de seu violinista, Roró. Todo o resto do conjunto era formado por músicos da cidade, por isso Neide ficou um pouco mais tranqüila: ela conhecia o pianista, Aldo Gonzaga, ele sabia qual era o tom para acompanhá-la. Neide era fã de Elizeth, conhecia todo o seu repertório e tinha receio de ser considerada cópia da *Divina*, o que a mesma refutou, dizendo que sua interpretação era mais parecida com a da cantora Maysa. Neide pode se sentir, desta vez, aliviada, ela não era uma cópia de Elizeth, ela era uma artista!<sup>57</sup>

Voltemos ao *show* de 1962. No palco do TAC, após ouvir Neide, Elizeth pede para que ela não deixe de cantar. Por sua vez, Neide também solicita que Elizeth cante e faz um pedido: que a próxima música fosse *Se todos fossem iguais a você*<sup>58</sup>, de Vinícius de Moraes e Tom Jobim.

Após o *show* no TAC, alguns integrantes da RDM foram ao *Lira Tênis Clube*, onde Elizeth cantou no *Baile das Debutante* até as 3 da manhã. Em seguida, a turma da RDM (Zininho, Neide, Goulart, Zigelli, Antunes e outros) foi com Elizeth e Roró, seu violonista, até a casa de Neide. Segundo Antunes

---

<sup>56</sup> CABRAL, Sérgio, [199?], op. cit., p.144.

<sup>57</sup> No entanto a questão de ser ou não cópia de Elizeth irá aparecer outras vezes durante a carreira de Neide, como demonstraremos a seguir.

<sup>58</sup> Esta música parece ser importante para Neide. Ela a canta em diversas ocasiões, inclusive se emociona ao cantá-la no *show Bar da Noite*. Quando em entrevista (ROSA, Neide Maria, 1987, op. cit.) a perguntam qual música ela cantaria para dar um alento ao público, Neide responde que seria *Se todos fossem iguais a você*.

Severo, foram comer um peixe e depois saíram para passear de carro.<sup>59</sup> Passaram a noite conversando, cantando e tecendo laços de amizade. Antunes Severo descreve o encontro:

Bom ou foi uma vez das vezes que a Elizeth esteve aqui que a gente também amanheceu cantando, mas aí na estrada. Lá do Morro das Pedras... Então... a gente saiu de noite, uma baita de uma lua assim né [mostrando com as mãos]. E a gente saiu e fez um cordão. E nós estávamos em 10, mais ou menos umas dez pessoas assim né, então um cordão e todo mundo cantando. E... é músicas voltadas assim [...] para aquele tipo de hora, de ambiente assim. Foi uma coisa fantástica, sabe. E era o clima que a gente vivia. Que hoje é bastante difícil até de acontecer. Porque o próprio ritmo... Agora imagina dez pessoas no meio da rua, no meio da estrada não era nem rua né, no meio da estrada cantando 3, 4 horas da manhã era coisa de louco.<sup>60</sup>

Após a cantoria pela madrugada todos foram, sem terem ido dormir, para os estúdios da rádio *Diário da Manhã*, onde por volta das nove horas, foi transmitido o programa *Ponto de Encontro* apresentado por Antunes tendo como convidada Elizeth Cardoso, que conversou e cantou várias músicas, inclusive a *Vagalumeando*<sup>61</sup> de Paulo Roberto que era o “Hino” desta turma de amigos da RDM.

Após a apresentação do programa, Elizeth foi para o aeroporto. Era o fim de sua rápida estadia na ilha. E o começo de uma relação de amizade com todos da turma da RDM, principalmente entre ela e Neide Maria. Elizeth se encantou com a voz de Neide, tanto que a convidou para que fosse com ela para o Rio de Janeiro, onde poderia se tornar sucesso nacional.

Aí a gente chegou na Rádio, esperou que a rádio abrisse as seis horas da manhã, né. Aí nos chegamos na rádio seis e pouco e aí eu fui gravar com ela [Elizeth] uma entrevista sobre aquela experiência dela ali e tal. E ela aí se enturmou, né.

---

<sup>59</sup> SEVERO, Antunes. Entrevista concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 28 abr. 2009.

<sup>60</sup> Ibidem. Transcrição nossa.

<sup>61</sup> “O córrego vai bater no rio/ E o rio vai bater no mar/ Meus olhos correm noite e dia/ Correm, correm para o teu olhar// Tinha uma lua passeando no céu/ Tinha outra lua se banhando no mar/ Tinha também dois vagalumezinhos/ Vagalumeando pelo teu olhar/ A noite toda estava acesa e linda/ Milhões de estrelas a me namorar/ Mas eu só vi dois vagalumezinhos/ Vagalumeando pelo teu olhar.”

Porque é normal que os cantores sejam paparicados quando vem em lugar etc. e tal. Mas ali era uma coisa diferente. Porque Zininho era músico, a Neide era cantora. Então ela, a Elizeth [...] cantava uma música, a Neide cantava um outro pedaço, o Zininho cantava. Então ficou um clima muito, muito, muito assim de gente conhecida, legal. Quer dizer não tinha aquele negócio assim de cantora lá, virou tudo igual. Então foi assim. Aí criou-se uma amizade entre ela e a Neide. A ponto de ela passar a insistir para a Neide ir pro Rio, afinal de contas com aquele vozeirão, a capacidade que ela tinha e o jeito que ela era né. Que ela ia ter sucesso lá.<sup>62</sup>

A fala de Antunes demonstra que Elizeth compartilhou um momento especial com a turma da RDM. Era normal que os cantores fossem “paparicados” nos locais aonde iriam se apresentar. Elizeth foi “paparicada”, afinal Neide a recebeu com flores. Mas, o “paparico” fora diferente, as duas eram cantoras, Elizeth logo simpatizou com Neide. A turma levou Elizeth não para um restaurante chique ou um lugar onde ela teria que “manter a pose”: Elizeth e Roró foram jantar na casa de Neide, com os amigos e a família dela. E a madrugada seguiu como se Elizeth fosse já da turma, já que foram todos cantar a luz da lua. Colaborou muito com este “clima” o fato de Neide ser cantora e Zininho músico, assim todos se tornaram “iguais”.

Elizeth iria retornar mais vezes a Florianópolis e sempre insistiria para que Neide aceitasse seu convite. Zury Machado comenta que Elizeth gostava muito de Neide e de sua família, e era, assim como Neide, uma pessoa simples:

[...] E toda vez que ela [Elizeth Cardoso] vinha aqui [Florianópolis] ela ficava encantada e queria ver a Neide, a Neide, e ia lá para casa da Dona Marta [mãe de Neide] e ficava conversando com a Dona Marta bem assim, **bem simples como ela gosta, como ela era mesmo**. Quem a via assim no palco achava que a dona... mas não... é que a pessoa se transforma, **ainda mais artista tem que se transformar, né**.<sup>63</sup>

Neide e Elizeth gostavam da simplicidade. Elizeth se transformava no palco, como Zury afirma que todo artista deveria fazer, era uma estrela, era a *Divina*, no entanto, fora dele, era uma pessoa simples, sem *glamour* e talvez

---

<sup>62</sup> SEVERO, 2009, op.cit. Transcrição nossa.

<sup>63</sup> MACHADO, Zury, 2009, op.cit. Transcrição nossa.

por essa diferença entre a estrela no palco e a simplicidade em casa não tenha sido feliz no amor, palpita Sérgio Cabral: “Elisete Cardoso foi, quase sempre, infeliz no amor. E uma das causas dessa infelicidade talvez tenha sido a contradição entre a grande estrela que atraía os homens com a sua luz de primeira grandeza e a sua vocação para a simplicidade [...]”.<sup>64</sup>

Neide também em Florianópolis sofreu uma transformação, nos palcos tinha uma forte presença e com a ajuda de amigos construiu uma imagem glamorosa (vestidos elegantes, maquiagem do ano, cabelos arrumados). Mas, para que Neide pudesse se estabelecer como uma grande cantora, em nível nacional, era necessária uma transformação maior, esta transformação precisaria começar com sua mudança para o Rio de Janeiro. Neide ensaiou várias vezes essa mudança, mas ela só ocorreu no início de 1967, passados quase cinco anos do primeiro encontro com Elizeth.

### 3.2.3 As idas e vindas de uma cantora

*Vai, vai, vai, vai, não vou/ Vai, vai, vai, vai, não vou/ Vai, vai, vai, vai, não vou/ Que eu não sou ninguém de ir/ Em conversa de esquecer/ A tristeza de um amor que passou / Não, eu só vou se for pra ver/ Uma estrela aparecer/ Na manhã de um novo amor.  
(Canto de Ossanha, Vinicius de Moraes e Baden Powell)*

É, pois, no ano de 1967 que Neide Maria Rosa aceita o convite da amiga Elizeth e parte “definitivamente” para o Rio de Janeiro. Assim nos informa Celso Pamplona: “Neyde Maria, cantora ‘society’, viajará definitivamente para a Guanabara, quarta-feira de Cinzas, onde cumprirá contrato”.<sup>65</sup> No entanto, antes desta ida “definitiva” Neide passou por algumas idas e vindas ao Rio. A primeira delas ocorreu no ano seguinte ao primeiro convite de Elizeth.

Em janeiro de 1963 Neide Maria recebeu no TAC troféu de melhor cantora do rádio. Em agosto, pediu licença da *Rádio Diário da Manhã* de Florianópolis, onde era contratada, e foi ao Rio de Janeiro para gravar *Insônia*,

<sup>64</sup> CABRAL, Sérgio, [199?], op. cit., p.295.

<sup>65</sup> PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 26 jan. 1967, p.4.

música de Zininho e *O Amor Partiu [em Paz]*, de Tito Madi (1929-).<sup>66</sup> Esta ida ao Rio de Janeiro foi feita num Fusca, dentro dele estavam Zininho, Neide sua irmã Leda e a mãe, Marta. Chegando à cidade maravilhosa foram se encontrar com a amiga Elizeth Cardoso que logo foi convidando para que ficassem hospedados em sua casa.<sup>67</sup> Zininho comenta que ficou sem jeito, queria ficar no hotel, pois era homem, mas que a insistência de Elizeth foi grande de modo que ele, Neide e família acabaram passando os vinte dias de sua temporada no Rio na casa da *Divina*. Zininho ficou no quarto do filho da Elizeth, Paulo, que por sua vez teve que dormir com a avó. Neide e Zininho foram muito bem recebidos e tiveram até “mordomias” como poder escolher o que comer, eles escolhiam e Lourdes (funcionária da casa) preparava.

Como a oportunidade deste compacto apareceu? Neide conta, em 1987, que conheceu Tito Madi em Florianópolis e que ele a convidara para ir ao Rio de Janeiro gravar na *Odeon*, mas que ela não acreditara, achava que era coisa que ele tinha falado só para agradá-la. No entanto recebeu algum tempo depois um telegrama dizendo que ela deveria se apresentar na *Odeon*. É nesse momento que a cantora revela novamente<sup>68</sup> um traço marcante de sua personalidade o de ter medo de “se jogar ao desconhecido”, de tomar decisões grandes em sua vida. Neide parece sempre precisar de um “empurrãozinho” de alguém que estivesse junto dela apoiando, alguém em que ela pudesse confiar. Por isso, quem a convence a gravar o compacto é Elizeth Cardoso: “[...] Mas demorei um pouco [para aceitar o convite de Tito Madi] e Elizeth esteve aqui, nesse ínterim, e me convidou e disse, ‘não, você vai, vamos embora e tal’. E eu fui pra casa de Elizeth [...]”<sup>69</sup>

---

<sup>66</sup> Tito Madi é músico e compositor. Iniciou seu trabalho como compositor nos anos 1940, e a partir de 1954 se muda para o Rio de Janeiro, onde em 1957 tem seu primeiro grande sucesso reconhecido *Chove, lá fora*, suas demais composições foram de grande influência na Bossa Nova. (Tito Madi - Biografia. Disponível em: <http://www.almacarioca.com.br/titomadi.htm>. Acesso em: 20 jul. 2009.)

<sup>67</sup> Também não temos a informação se todos que estava no carro foram convidados a ficar na casa de Elizeth ou se apenas Zininho e Neide. Elizeth morava em um apartamento em Botafogo, na Rua Voluntários da Pátria. Fita Cassete. CONVERSA COM ZININHO sobre Neide. Florianópolis: Arquivo Zininho, Casa da Memória, [19?]. (FC 32 lado A e B e FC 33 lado A)

<sup>68</sup> Como o faz no início de sua carreira no Rádio.

<sup>69</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op. cit. Transcrição nossa.

Elizeth quem convencera Neide a agarrar esta primeira oportunidade no Rio. Mas, a cantora catarinense não pôde, não sabemos por quais motivos, gravar o compacto nesta visita. Voltou a Florianópolis, no entanto, não de mãos vazias: tinha um contrato firmado com a gravadora *Odeon*, que lançava grande parte dos cantores no Brasil e com a *TV Rio, Canal 13*, uma das emissoras mais importantes do período.

Antes do retorno, Elizeth apresentaria Neide a José Vasconcellos e a todos que estavam presentes em um *show* no *Bangalow*, pequena casa de *shows* de Sargentelli,<sup>70</sup> localizada na Tijuca. Após sua apresentação, Elizeth fala que tem uma surpresa e chama Neide ao palco dizendo que estavam diante de uma cantora que viera especialmente de Santa Catarina para gravar um LP na *Odeon*. José Vasconcellos afirma durante a participação de Neide em seu programa que ficou encantado com a voz e a presença de palco da cantora e por isso a convidou para participar do mesmo:

Cantou e eu fiquei entusiasmado com a voz da moça, porque ela possuía uma voz realmente maravilhosa. Simpatia, presença, enfim tudo aquilo que é necessário para que o artista agrade. Eu conversei com ela e disse 'eu faço questão que você participe do meu programa' e ela está aqui, na noite de hoje, como nossa convidada de honra. Senhoras e Senhores: Neide Maria [orquestra toca].<sup>71</sup>

Neide após esta participação na *TV Rio*, no programa *José Vasconcellos*, retorna a Florianópolis. Zury Machado na sua coluna no jornal *O Estado*, de 1963, exalta os feitos da amiga cantora, e no dia 21 de agosto dizia: "Neyde Maria, a nossa cantora 'society', no Estado da Guanabara, contratada pela TV Rio e Fábrica de Discos Odeon, sendo hospede da cantora Elizete Cardoso". E, 30 de agosto, complementa a informação para seus leitores: "Neide Maria, nossa cantora "society", contratada por um ano da T.V. Rio e gravando na etiqueta Odeon". E por fim, ainda radiante com a amiga, noticia, a

---

<sup>70</sup> Oswaldo Sargentelli foi radialista, apresentador de TV e empresário da noite brasileira. Foi um dos grandes ícones da história do samba no Brasil, segundo WIKIPEDIA. Oswaldo Sargentelli. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Oswaldo\\_Sargentelli](http://pt.wikipedia.org/wiki/Oswaldo_Sargentelli). Acesso em: 20 jul. 2009.

<sup>71</sup> [Fita Cassete] NEIDE MARIA e outros. Florianópolis. Arquivo Zininho, Casa da Memória.[19-] (FC 14).



04 de setembro, a sua chegada e seus novos compromissos na cidade: “Neyde Maria recém chegada do Rio, com contrato na gravadora ‘Odeon’ e ‘TV’ Rio Canal 13, colaborando com a campanha do Natal da Criança Pobre, vai cantar no ‘Chá das Azaléas’ amanhã as 16 horas no Clube Doze de Agosto”.

### 3.2.3.1 1964, o ano do Compacto (e de muito mais)

*Ano ruim, ano safado, ano assim nunca se viu!  
(Vinícius de Moraes)*

No Brasil o ano de 1964 marca um período de ditadura, que se inicia em abril, após um golpe militar. O regime teve ciclos descontínuos, o primeiro, segundo Mello<sup>72</sup> se deu entre março de 1964 e dezembro de 1968, quando foi promulgado o AI-5.<sup>73</sup> Este primeiro ciclo corresponde também ao auge da “Era dos Festivais” (que dura até 1972), quando muitos compositores e cantores utilizaram suas vozes nos festivais de música da televisão (não só neles) para criticar o regime. Este tipo de crítica, com o AI-5, não seria mais tolerada e a perseguição, prisão e censura aos contrários ao regime, “subversivos”, foi se tornando cada vez mais freqüente, dura e rigorosa.

É durante o regime militar que Neide Maria gravaria seu primeiro compacto. Para gravar o compacto ela viaja novamente ao Rio de Janeiro: “Marcada a viagem de Neide Maria, cantora ‘society’ para o Estado da Guanabara, onde cumprirá contrato com a fábrica de discos Odeon e TV Rio, dia 15 próximo”.<sup>74</sup> Antes da partida, a cantora, despediu-se com duas festas:

Logo mais na residência da cantora ‘society’ Neide Maria, numa festa típica de Santo Antônio, fará suas despedidas com

---

<sup>72</sup> MELLO, Zuza Homem de. *A era dos Festivais*. São Paulo: Editora 34, 2003. (visualização do livro on-line <http://books.google.com.br/books?id=iJ-jis953mEC>).

<sup>73</sup> O Ato Constitucional n. 5 “autorizava o presidente da República, em caráter excepcional e, portanto, sem apreciação judicial, a: decretar o recesso do Congresso Nacional; intervir nos estados e municípios; cassar mandatos parlamentares; suspender, por dez anos, os direitos políticos de qualquer cidadão; decretar o confisco de bens considerados ilícitos; e suspender a garantia do habeas-corpus.” D’ARAÚJO, Maria Celina. AI-5, o mais duro golpe do regime militar. CPDOC/FGV. Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.cpdoc.fgv.br/nav\\_fatos\\_imagens/htm/fatos/AI5.htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_fatos_imagens/htm/fatos/AI5.htm). Acesso em: 04 jul. 2009.

<sup>74</sup> PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 31 mai. 1964, p.4.

viagem marcada para o Estado da Guanabara, na próxima segunda-feira.<sup>75</sup>

Na movimentada noite de sexta-feira nos salões no 'American Bar' do Querência Palace quando fazia sua despedida, o 'Anjo Negro' Neyde Maria, pontificava com seu charme e elegância Paulo Bandeira Maia, em companhia do discutido advogado Paulo Pereira Oliveira.<sup>76</sup>

Desta vez Neide viajou de avião e no "aeroporto Santos Dumont, o 'Anjo Negro' Neide Maria, foi recebida pela consagrada cantora do 'Society' carioca Elizeth Cardoso".<sup>77</sup>

Elizeth Cardoso apresenta a amiga Neide a músicos, jornalistas e pessoas influentes. Ao ser entrevistada pela *Rádio Nacional*, em junho, Elizeth fez questão de levar Neide. E em todos os lugares que vai, a *Divina* afirma que Neide é a grande surpresa, a grande cantora, a grande estrela que irá surgir. Ela abre portas para Neide na televisão, nas gravadoras, nas casas de *shows* e nos jornais.

Neide começava a ganhar espaço e projeção na crítica e imprensa brasileira e na pequena Florianópolis os fatos reverberavam através das linhas dos colunistas locais e amigos que não deixavam de acompanhar todos os passos do percurso da cantora pela cidade maravilhosa. Zury Machado demonstra todo seu orgulho ao noticiar que Neide estava cantando nas noites cariocas, que dera *show* na boate (casa de *shows*) *Cangaceiro*, que recebera homenagens, participara de programa na *TV Record*, que estreara na *TV Rio*, e que enfim gravara seu primeiro compacto.

**Neyde Maria, a cantora em foco nas noites do Rio, foi calorosamente aplaudida** quando dava o seu 'SHOW' na movimentada 'boite' *Cangaceiro* - Na próxima segunda-feira, Neyde Maria estará na gravadora 'Odeon' para seu primeiro LP.<sup>78</sup>

---

<sup>75</sup> PAMPLONA, Celso. *Tribuna Social. A Gazeta*. Florianópolis, 13 jun. 1964, p.4.

<sup>76</sup> MACHADO, Zury. *Acontecimentos Sociais. O Estado*. Florianópolis, 14 jun. 1964, p.2.

<sup>77</sup> MACHADO, Zury. *Acontecimentos Sociais. O Estado*. Florianópolis, 17 jun. 1964, p.2.

<sup>78</sup> MACHADO, Zury. *Acontecimentos Sociais. O Estado*. Florianópolis, 26 jun. 1964, p.2, grifo nosso.

Na última semana, participou de um programa da TV Record em São Paulo, como convidada especial a **cantora catarinense que é hoje notícia no país**, Neide Maria.<sup>79</sup>

A 'Primeira Dama Da Canção Brasileira' Elizeth Cardoso, e o 'Anjo Negro' Neide Maria, foram homenageadas com elegante e movimentado jantar, no luxuoso apartamento do milionário Maurício dos Reis. Cinquenta convidados participaram da recepção que teve o esmerado serviço de bar e copa de 'José Fernandes' um nom [sic] consagrado em matéria de arte Culinária no Rio.<sup>80</sup>

Neide, o "Anjo Negro", com ninguém menos que "A primeira Dama da Canção Brasileira", recebera homenagens e participara de uma recepção num luxuoso apartamento da elite carioca. Certamente Zury ficou muito feliz ao escrever esta nota. Afinal sua grande amiga, a cantora *society* de Florianópolis agora também era *society* no Brasil (já que o Rio era um grande palco nacional).

Com relação ao compacto, o *Jornal do Brasil* notifica sua gravação e informa que foi graças a um convite de Elizeth Cardoso que ela pôde ocorrer. Também afirma que a cantora catarinense precisaria voltar rapidamente a Florianópolis para renovar sua licença com a RDM, mas que logo voltaria ao Rio e gravaria um LP.<sup>81</sup>

Em Florianópolis, Zury Machado anuncia que a cantora voltava à cidade para resolver assuntos profissionais e logo retornaria ao Rio: "Amanhã está sendo esperada em nossa cidade, a cantora Neide Maria, que vem em rápida viagem de interesse profissional".<sup>82</sup>

O compacto pela *Odeon* foi lançado em agosto em Florianópolis: "É com grande prazer que divulgamos a notícia que recebemos da direção da loja 'Nova Record' ainda esta semana, estarão a venda os discos de Neide Maria, gravação compto [sic] 'Odeon'".<sup>83</sup> E o público recebeu muito bem o compacto, assim afirmou Zury Machado em sua coluna, comentando que Neide era

---

<sup>79</sup> MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 16 jul. 1964, p.2, grifo nosso.

<sup>80</sup> MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 07 jul. 1964, p.2.

<sup>81</sup> [NEIDE MARIA]. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 16 jul. 1964; [NEIDE MARIA]. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 06 ago. 1964.

<sup>82</sup> MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 06 ago. 1964, p.2.

<sup>83</sup> MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis 11 ago. 1964, p.2.

cantora em foco no Brasil e que fora ovacionada no *American Bar* do *Querência Palace*.<sup>84</sup>

Neide Maria voltara triunfalmente, fora ovacionada no *Querência Palace* e ganhava cada vez mais destaque nas colunas sociais, que além de comentários a respeito de *shows* e eventos em que a cantora atuava, também passaram a conter notas relacionadas à simples presença de Neide em alguns locais, como podemos notar nestes exemplos: “A cantora Neide Maria, acompanhada por um grupo de amigos almoçava no simpático restaurante, do ‘Oscar Palace Hotel’ ”.<sup>85</sup> “A cantora Neide Maria, num grupo de amigos e admiradores, jantava no restaurante ‘Baiuca’ ”.<sup>86</sup> Ou “Rio: um grupo de jovens catarinenses, aconteceram numa noitada na ‘boite’ ‘Cangaceiro’ com Neide Maria e Elizete Cardoso”.<sup>87</sup>

Neide lançou o compacto na cidade e rapidamente voltaria, como previsto, ao Rio de Janeiro. Ocorre que Neide Maria não retornou rapidamente ao Rio. Ela permaneceu em Florianópolis e retomou seu trabalho na RDM e suas participações nos bares, clubes e residências da sociedade. Por que a cantora não voltou logo, já que estava “em foco” no Rio e tinha sido convidada para gravar um LP, ou seja, algo maior que um simples compacto, onde sua voz poderia ficar registrada em diversas canções e assim poder obter um reconhecimento nacional? Justamente por causa disso! Neide não gostava de se ouvir, não achava sua voz bonita gravada no disco. Por isso só retorna ao Rio dois anos depois do convite feito (quando a “validade” já havia sido expirada): “Gravei um disquinho, com músicas do Tito Madi, na Odeon. Mas quando fui chamada para fazer o LP, **apareci dois anos depois. Não gosto de me ouvir em disco.** Acho minha voz muito metálica. Não gosto mesmo”.<sup>88</sup>

A experiente Elizeth Cardoso não queria que Neide largasse assim todas as possibilidades que estavam ao alcance da amiga e muito insistiria que a mesma desse prosseguimento a sua carreira artística de modo mais

---

<sup>84</sup> MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis 18 ago. 1964, p.2.

<sup>85</sup> MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis 16 out. 1964, p.2.

<sup>86</sup> MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis 16 set. 1964, p.2.

<sup>87</sup> MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis 17 jul. 1964, p.2.

<sup>88</sup> Neide Mariarrosa de corpo inteiro para Badalo. *Diários Associados*. Rio de Janeiro, 20 fev. 1977, grifo nosso.

consistente. Tanto insistiu que Neide novamente arruma as malas e parte para a Guanabara. Desta vez a mudança seria mesmo “definitiva”.

### 3.3 E NEIDE SE ESTABELECE NO RIO...

C2 [Caderno 2]: Neide você iria ao Rio de qualquer maneira ou só a presença de Elizete deu a coragem necessária?

NM [Neide Maria]: Não, eu não iria se Elizete não tivesse vindo me buscar. Eu sou um pouco covarde e não teria sido forte pra enfrentar o Rio.<sup>89</sup>

Neide Maria em entrevista concedida em 1970 afirma que não teria ido ao Rio de Janeiro se Elizeth não tivesse ido buscá-la. Nos mostra também que se sentia um pouco inferior, sentia-se fraca para enfrentar a cidade grande, Rio de Janeiro. Neide não era mesmo uma “pessoa de se jogar”, como afirmou Zury Machado.<sup>90</sup> Neide foi jogada ao Rio de Janeiro...

#### 3.3.1 O Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro a partir da virada do século XIX para o XX, sua *Belle Époque*, passou a se transformar em metrópole-modelo para onde se voltava toda a vida nacional. A cidade era sede do governo brasileiro, era a maior do Brasil, tinha o maior porto e era o maior cartão-postal, recebendo visitantes nacionais e estrangeiros. O desenvolvimento dos novos meios de comunicação como o telefone, a fonografia, o cinema e o rádio intensificaram o papel da cidade como caixa de ressonância dos acontecimentos importantes do Brasil. De modo que o Rio de Janeiro passou a ditar modas e comportamentos, sensibilidades, valores e modos de vida.<sup>91</sup>

---

<sup>89</sup> NEIDE Mariarrosa: Quem não gosta de mim não me merece. *O Estado*. Florianópolis, 04 jan. 1970, p.8.

<sup>90</sup> MACHADO, Zury, 2009, op. cit.

<sup>91</sup> SEVCENKO, Nicolai. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.); SEVCENKO, Nicolai (org.). *História da vida privada no Brasil*. Vol. 3. 4 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.513-654.

Foi na cidade que em 1922, durante as comemorações do Centenário da Independência, ocorreu a primeira transmissão radiofônica oficial<sup>92</sup> do Brasil. O rádio foi se tornando uma grande ferramenta de comunicação e ganha popularidade a partir da década de 1930 quando Getúlio Vargas promulga decreto que permite difusão de propagandas comerciais. A chamada “Era do Ouro” do rádio teve início quando a *Rádio Nacional do Rio de Janeiro* foi encampada pelo governo e se torna a maior e mais influente emissora do país: o Brasil todo ouvia a *Nacional*: acompanhava seus cantores, suas radionovelas, os programas de auditório, etc.

Na década de 1950, o Rio ganharia sua primeira estação de televisão *TV Tupy* (1951) e várias outras, entre elas a *TV Rio* (1955) que se situava em Copacabana, bairro que passaria a ser um grande centro de efervescência boêmia e cultural.

Em 1960 o Rio de Janeiro deixa de ser capital do país: Brasília, a cidade modelo, estava pronta. E a televisão passa a ser amplamente difundida nos lares brasileiros. E é a partir da metade da década que ocorrem os festivais de música.

Para um artista ter projeção nacional era preciso, com raras exceções como caso de Lupicínio Rodrigues, que se estivesse dentro do eixo Rio-São Paulo.<sup>93</sup> Neide Maria sabia disso, assim também sabiam todos seus amigos, assim sabia Elizeth.

Realmente, explica Neide, na minha terra eu me sentia completamente tolhida. **Não há televisão e sem isso, hoje em dia, o trabalho da gente quase não aparece.** Assim tomei coragem e vim para o Rio de Janeiro.<sup>94</sup>

---

<sup>92</sup> Segundo Martins (1999), Périco (1999), Cyro (2005) e outros, documentos, como jornal de Recife de 21 de abril de 1919, apontam a Rádio Clube de Pernambuco, fundada, em 1919, por Oscar Moreira Pinto, como a primeira emissora a funcionar no Brasil. A rádio, entretanto só foi inaugurada oficialmente em 1923.

<sup>93</sup> São Paulo foi se tornando ao longo do século XX, uma cidade rica e desenvolvida. Na década de 1960 se firma como pólo cultural brasileiro, principalmente devido aos festivais da televisão.

<sup>94</sup> NEIDE MARIARROSA PEDE passagem. *Intervalo*. Rio de Janeiro. 30 jul. 1967, p.44-45.

Florianópolis só teve sua primeira estação de televisão na década de 1970. A cidade na década de 1960 era ainda “um pedacinho de terra perdido no mar”, sem grande projeção no cenário nacional. Neide permanecendo na pacata Ilha permaneceria desconhecida para resto do Brasil. Mas não foi fácil para a cantora deixar a segurança que tinha em Florianópolis, Neide precisou “tomar coragem” para trilhar caminhos na cosmopolita cidade do Rio de Janeiro. A coragem veio junto com a insistência de Elizeth, que veio até Florianópolis buscar Neide.

### 3.3.2 NEIDE MARIARROSA, assim mesmo, tudo junto com dois erres

Chegara o momento da maior transformação de Neide Maria. Ela se estabelecera, enfim, no Rio de Janeiro e Elizeth Cardoso tratou logo de continuar apresentando Neide a vários amigos, dentre eles músicos, jornalistas, apresentadores de rádio e de televisão, etc. Entre os amigos, Sérgio Porto (1923-1968), mais conhecido como Stanislaw Ponte Preta, foi responsável por uma mudança significativa na carreira de Neide, ao sugerir uma mudança no seu nome: em vez de Neide Maria, seria **Neide Mariarrosa**, assim mesmo, tudo junto com dois erres (“rr”). Sobre esta conversa de mudança do seu nome, Neide relembra, em 1970, o que lhe disse Stanislaw Ponte Preta na ocasião:

[...] Sérgio Pôrto que achou Neide Maria muito comum e procurou encontrar alguma coisa mais singular. Disse-me que ia bolar um nome e depois me avisaria. Alguns dias depois, pelo telefone, sugeriu ‘Mariarrosa’, assim tudo junto com dois erres. Achei o nome muito comprido, mas ele me respondeu que para ‘funcionar’ tinha que ser assim mesmo: dar trabalho para ler. ‘Não vê o meu? Stanislaw Ponte Preta’?<sup>95</sup>

A mudança de nome se fez. E Neide Maria Rosa passou a ser denominada Neide Mariarrosa. Contudo, a mudança não foi bem vista por

---

<sup>95</sup> NEIDE MARIARROSA: Quem não gosta de mim não me merece. *O Estado*. Florianópolis, 04 jan. 1970, p.8.

todos. Sérgio Bittencourt, filho de Jacob do Bandolim e influente jornalista carioca, comenta, por exemplo, que “seu nome é muito grande para o pouco tempo que tem os cariocas”.<sup>96</sup>

Em Florianópolis, o amigo Zury anunciaria a mudança de nome da amiga e passaria a utilizar a nova grafia do nome em suas colunas, como forma de incentivo e apoio. Celso Pamplona, no entanto, continuou a grafar Neide Maria. Ambos colunistas continuavam acompanhando a trajetória da cantora no Rio e transmitindo para a Ilha todas as novidades.

### 3.3.3 Neide no programa do Lalau (Stanislaw Ponte Preta)

Neide seria Mariarrosa pela primeira vez para o grande público em sua participação no programa de Stanislaw Ponte Preta, na *TV Tupy* (RJ) em 1967. Além de inventar o novo nome de Neide, Sérgio Porto, Stanislaw, também criou uma maneira diferente de apresentá-la no programa, seria apresentada através de uma carta que dentro continha uma fita com a voz de Elizeth Cardoso que dizia o seguinte:

Meu caro Stanislaw, nunca tive pendores para descobridora de estrelas, mas confesso que desta vez eu me deixei emocionar ao ouvir a voz de Neide Mariarrosa quando a ouvi cantando lá em Florianópolis. Trouxe-a para o Rio e gostaria que você tão meu amigo e que tanto me incentivou no início de minha carreira ouvisse Neide Mariarrosa. O nome dela é assim mesmo: Mariarrosa. Numa palavra só com dois erres no Rosa. Bonito, não? Pois a voz dela também tem a suavidade das Marias e a beleza das Rosas. Um grande abraço da sua Elizeth Cardoso. PS: Anexo segue uma cantora.<sup>97</sup>

Após ouvir a carta, Stanislaw, em seu programa, pergunta: “Anexo segue uma cantora? Mas neste envelope não tem cantora nenhuma!” E logo em seguida surge Neide Mariarrosa cantando *Se as estrelas falassem* (1958), homenageando Elizeth Cardoso, pois a canção era composição inédita da

---

<sup>96</sup> BITTERN COURT, Sérgio apud MACHADO, Zury. Zury Machado. *O Estado*. Florianópolis, 01 ago. 1970.

<sup>97</sup> NEIDE MARIA e outros, [19-?], op. cit. Transcrição nossa.



*Divina*. Neide também canta *Primavera* (1962) de Vinicius de Moraes e Carlos Lyra.

Neide teve na figura de Sérgio Porto um de seus defensores no Rio de Janeiro. Tanto que ela era chamada de “afilhada do Lalau”. Ela conheceu a família de Stanislaw e ele foi um grande incentivador de sua carreira, a acompanhava nos shows e a levou para diversos eventos, inclusive em outros estados, o que lhe possibilitou cantar com Dorival Caymmi:

**O Sérgio [Porto] era um amigão**, conheci o Sergio através de uma amiga e o Sérgio fez um rodeio muito grande para poder me jogar assim, me apresentar no programa para que as pessoas me vissem. **Eu freqüentava a casa dele**, ele tinha uma discoteca maravilhosa. Acabei conhecendo o Fifu, Flávio, irmão dele. A senhora sua mãe, mãe de jurado. Então Tia Zulmira, aquela coisa toda. E ela era muito simpática, quer dizer, não simpática para as certinhas dele, mas comigo era, que eu nunca tive cara de certinha. **E o Lalau era ótimo, ele passou a freqüentar os lugares onde eu cantava, para me dar força e incentivo. Me levou a vários lugares, embaixadas, casas de cultura de outros estados, casa do Pará, casa da Bahia. Acabei cantando com Dorival Caymmi me acompanhando.**<sup>98</sup>

### 3.3.4 Os Festivais

*“Eh! tem jangada no mar/ Eh! eh! eh! Hoje tem arrastão/ Eh! Todo mundo pescar/ Chega de sombra, João Jovi”. (Arrastão, Edu Lobo e Vinicius de Moraes)*

Desde muito tempo existiam concursos de música. A década de 1930 viveu o auge dos concursos de marchinhas de carnaval no Brasil, que já combinavam rivalidade entre artistas, ampla participação do público, e estratégias para vencer. Na década de 1960 estes concursos ganham um novo *layout*, e passam a se chamar Festivais de Música. Nem todo festival é competitivo, mas os Festivais da televisão, da “Era dos Festivais” eram. A

---

<sup>98</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op.cit. Transcrição nossa, grifo nosso.

televisão, através de seus festivais, conquistou o público da jovem classe média brasileira.<sup>99</sup>

O primeiro Festival foi promovido em 1960 pela Rádio e TV *Record* de São Paulo e não teve grande repercussão. O estouro se deu em 1965, com o *I Festival de Música Popular Brasileira*, promovido pela da TV *Excelsior*.<sup>100</sup> O festival aliou novos compositores e cantores, que começaram a ganhar espaço, a nomes já consagrados. Participaram: Chico Buarque, Elis Regina, Edu Lobo, Wilson Simonal, Elizeth Cardoso, Billy Blanco, Geraldo Vandré, Sidney Miller, Zé Ketti, Ciro Monteiro, João do Vale, Ronaldo Boscôli, Roberto Menescal, Vinicius de Moraes, entre outros.

A música vencedora foi *Arrastão*, de Edu Lobo e Vinicius de Moraes, com interpretação de Elis Regina, que se consagrava como cantora, apresentando uma movimentação diferente (principalmente seus braços que “nadavam”), um jeito único de cantar e um visual renovado. Segundo Mello, *Arrastão* determina o nascimento do gênero de festival que tinha por modelo a temática com uma mensagem, o arranjo peculiar (que levantava a platéia) e uma interpretação épica (como a de Elis).<sup>101</sup>

Em 1966 o *II Festival da Record* ocorre logo após protestos de estudantes contra o regime em São Paulo. O clima de contestação das ruas transferiu-se para o palco do *Teatro Record*. A audiência foi grande, o público acompanhava através do teatro e da televisão. A preferência foi polarizada em duas composições, *A Banda*, de Chico Buarque, e *Disparada*, de Geraldo Vandré e Theo de Barros. O tom político apareceu em canções como *Ensaio Geral*<sup>102</sup> de Gilberto Gil, e a partir de então ele seria freqüente nos festivais. A música *Caminhada (Para não dizer que não falei das flores)*, de Geraldo Vandré, apresentada no *III Festival Internacional da Canção*, 1968, ficou marcada como símbolo na luta contra o regime. A música, apesar de ser a favorita do público,

---

<sup>99</sup> MELLO, Zuza Homem de, 2003, op. cit.

<sup>100</sup> A TV *Excelsior* foi inaugurada em 1969 na cidade de São Paulo, no entanto, em 1963 adquire no Rio de Janeiro uma concessão e passa a ser uma das primeiras emissoras a implantar um conceito de rede. A final do festival ocorreu no Rio de Janeiro e as homenagens aos vencedores em São Paulo.

<sup>101</sup> MELLO, Zuza Homem de, 2003, op. cit.

<sup>102</sup> “É preciso ir à rua/ Esperar pela passagem/ É preciso ter coragem/ E aplaudir o pessoal [...] Carnaval é pra valer/ Nossa turma é da verdade / E a verdade vai vencer.” Trecho de *Ensaio Geral*, de Gilberto Gil (1966).

não vence o festival, mas Geraldo Vandré tem uma resposta memorável: “A vida não se resume a festivais”. Esta fala pode ser assim interpretada: para Vandré não importava o primeiro lugar, importava que as pessoas agissem, importava o que acontecia fora do palco, de nada valia os jovens brigando e torcendo pela música favorita, pois o que havia era um inimigo maior lá fora. Inimigo que logo endureceu, com a promulgação do AI-5: a música de Vandré foi proibida no Brasil, ele tornou-se *persona non grata* no país e acabou exilando-se no Chile.<sup>103</sup>

Neide, agora, Mariarrosa teve a oportunidade de participar de diversos festivais. Entre eles o *II Festival Internacional da Canção (RJ)*, o *Festival de Música de Juiz de Fora (MG)* e a *Bienal do Samba (SP)*.

#### 3.3.4.1 *II Festival Internacional da Canção*

Em outubro ocorreu no Rio de Janeiro o *II Festival Internacional da Canção (FIC)*, promovido pela *TV Globo* e apresentado no Maracanãzinho. A peculiaridade deste festival é que ele era dividido em duas fases. Primeiro ocorria a fase nacional, onde era escolhida a melhor música brasileira que então concorreria, na segunda fase, com uma série de composições internacionais.

---

<sup>103</sup> Geraldo Vandré retornou ao Brasil em 1973. Afastou-se de música e da mídia. Sua relação com os militares é controversa. Em entrevista o cantor afirma que nunca foi torturado nem sofreu violência física e que, inclusive, compôs uma música em homenagem à FAB (Força Aérea Brasileira). É visto andando com a insígnia da corporação pelas ruas e hoje nega, entre muitas outras coisas, que tenha feito música de protesto ao regime militar. COLON, Leandro. AI-5 Ditadura 40 anos. Entrevista Geraldo Vandré. *Correio Braziliense*. Disponível em: [http://www.fab.mil.br/portal/capa/index.php?datan=13/12/2008&page=mostra\\_notimpol](http://www.fab.mil.br/portal/capa/index.php?datan=13/12/2008&page=mostra_notimpol). Acesso em: 10 set. 2009. NUZZI, Vitor. Geraldo Vandré 70 anos. *Digestivo Cultural*. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=1721>. Acesso em: 10 set. 2009. CARDOSO, Tom. Geraldo Vandré rompe silêncio. *CliqueMusic*, 27 ago. 2000. Disponível em: <http://cliquemusic.uol.com.br/materias/ver/geraldo-vandre-rompe-silencio>. Acesso em: 10 set. 2009.



Imagem 16 - Da direita para esquerda, Grande Otelo, Miriam Dolabella, Neide Maria, Jandira Negra presentes para ver a entrevista de Magarção e Laet sobre o FIC.<sup>104</sup>

O júri da parte nacional do FIC foi presidido pelo maestro Isaac Karabitchewsky e era composto por diversas pessoas,<sup>105</sup> entre elas constavam o nome Elizeth Cardoso e Ricardo Cravo Albin, dois amigos de Neide Mariarrosa.

Para a primeira fase do FIC foram selecionadas 46 músicas, que seriam apresentadas em duas etapas uma se daria no dia 19 de outubro outra no dia 21. Neide Mariarrosa participou do festival defendendo duas músicas: *Canto de Despedida*, de Edu Lobo e Capinam, defendida no primeiro dia, e *Terral*, de Paulo Gustavo Constanza, no segundo.

Todos os jornais noticiavam o FIC e os colunistas antes do início do mesmo teciam comentários sobre quais seriam as revelações, as melhores músicas, os melhores intérpretes. Para o *Diário de Notícias* Neide era a possível revelação do Festival:

#### DESCOBERTA DE ELIZETE

Outro vencedor do Festival que desponta como favorito é Edu Lôbo, que ao lado de Capinam compôs 'Canto de Despedida'. Para interpretar a música de Edu, foi escolhida Neide Mariarrosa, que vai causar sensação no Maracanãzinho. Ela foi descoberta recentemente, por Elizete Cardoso e está sendo assediada até por empresários estrangeiros.<sup>106</sup>

<sup>104</sup> Fonte: Vinda de Sinatra depende de show. *Correio da Manhã*, 27 jul. 1967.

<sup>105</sup> Carioca assiste hoje ao II Festival Internacional da Canção. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 19 out. 1967, p.7.

<sup>106</sup> Chega o Festival: Fala Baixinho... *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 out. 1967.

A abertura do FIC se deu com a apresentação das três músicas vencedoras da etapa nacional do ano anterior.<sup>107</sup> A primeira concorrente a abrir a noite foi *Chora Baixinho*, de Pixinguinha e Hermínio Bello de Carvalho. A música defendida por Neide, *Canto de Despedida*, foi uma das últimas.

*Canto de Despedida* não foi bem recebida pelo público e Neide teve de cantar sob um mar de vaias. Segundo *O Globo*, a música de Edu Lobo e Capinam parecia “um prólogo a que falta o arremate, um discurso algo lento e enfático”,<sup>108</sup> para o *Última Hora* ela “não era das melhores da dupla”,<sup>109</sup> que estava despontando com *Ponteio* no *III Festival da Record* em São Paulo. A música foi considerada fraca, mas todos os jornais foram unânimes em dizer que Neide Mariarrosa, não mereceu as vaias. “Neide Mariarrosa, foi estranhada pelo público, que não se identificou com ela. Mas as vaias foram injustas”,<sup>110</sup> pois a cantora Neide tinha “méritos indiscutíveis [...], uma intérprete de magníficos recursos vocais e por certo uma das mais gratas confirmações dêste certame”.<sup>111</sup> Segundo o *Luta Democrática*,<sup>112</sup> Neide ficara muito triste com as vaias.

No outro dia Neide iria subir aos palcos novamente para defender *Terral*, de Paulo Gustavo que foi “valorizado pela interpretação segura de Neide Mariarrosa e pelo arranjo orquestral do maestro Guerra Peixe”.<sup>113</sup> Na imagem a seguir, podemos ver Neide ao lado do pequeno Fernando Antônio e notar todo carinho e delicadeza que a cantora possuía.

*Ela era delicada, realmente é a palavra certa. Ela cantava não gesticulava muito, era uma pessoa mais calma sabe. (Cleide Ammon).*

---

<sup>107</sup> *Pergunte ao Vento*, Saveiros e Gina.

<sup>108</sup> CANTO de Despedida. *O Globo*. Rio de Janeiro, 20 out. 1967.

<sup>109</sup> CANTO de Despedida. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 20 out. 1967.

<sup>110</sup> CANTO de Despedida. *O Globo*, id.

<sup>111</sup> MAIS impressionante... *O Globo*. Rio de Janeiro, 23 out. 1967.

<sup>112</sup> Juri escolheu 'Margarida' e o público 'Travessia'. *Luta Democrática*. Rio de Janeiro, 24 out. 1967, p.10.

<sup>113</sup> As Vinte: Olé, lá, lá, lá. *O Globo*. Rio de Janeiro, 23 out. 1967.



Imagem 17 - Neide intérprete de *Terral*.<sup>114</sup>

Com a interpretação segura de *Terral* e com os méritos, apesar das vaias de sua interpretação de *Canto de Despedida*, Neide conseguiu que as duas canções despontassem entre as finalistas, embora nenhuma delas tenha sido premiada. Quem foi premiada fora Neide, que ficara em segundo lugar no prêmio de melhor intérprete, perdendo para Milton Nascimento, embora seu amigo Sérgio Porto<sup>115</sup> julgasse que o prêmio caberia a ela ou a Agostinho Santos.

Neide vinte anos depois, em suas recordações acerca do *II FIC* de 1967 fala das vaias, sem demonstrar nenhum ressentimento com o que se passou, diz que sabia existir uma divergência entre o público do Festival e Edu Lobo, porque este estava também concorrendo com *Ponteio*<sup>116</sup> em São Paulo e que

---

<sup>114</sup> Fonte: Revista Manchete, 04 nov. 1967.

<sup>115</sup> PORTO, Sérgio. FIC Saldo negativo para o público. *O Sol*. Rio de Janeiro, 31 out. 1967.

<sup>116</sup> *Ponteio* foi a música campeã do *III Festival da TV Record*. Este festival teve nos seus momentos finais um ato extremo: o público inflamado vaiou muitos concorrentes. E enquanto Sérgio Ricardo tentava defender uma música, o som era tão estridente que ele não conseguia ouvir nada, não era possível cantar e, num ato inesperado e desesperado, ele pegou o violão e o atirou contra a platéia. Em seguida quem iria cantar era Edu Lobo e Marília Medália, com *Ponteio*. Por sorte conseguiram virar o jogo, o público cantou junto. (MELLO, Zuza Homem de, 2003, op. cit.)

sempre existiu aquela “guerrinha Rio x São Paulo”. Neide conta que Edu Lobo avisou que ela iria ser vaiada porque o pessoal do Rio andava meio avesso com ele e aquela música (*Canto de Despedida*) não era música para ganhar festival, era música que ele gostava de compor e que ele estava junto com ela. Edu Lobo reafirmara em entrevista no período do *II FIC* sua escolha pela cantora:

Sou um cara meio avêso a grandes vozes [...] êsse tipo de cantor ou cantora nunca me disse grande coisa. Mas, no caso de Neide, fiquei impressionado. Ela tem não só uma voz belíssima, como também uma extensão e um timbre nos graves e agudos muito difíceis de encontrar por aí. E o mais importante é que além dessas qualidades vocais, ela interpreta, mesmo, com muito sentimento. É aquela chamada voz que vem de dentro.<sup>117</sup>

Em relação ao segundo lugar no prêmio de melhor intérprete, a cantora afirma que perder para Milton Nascimento não era perder, era uma vitória! “Fiquei feliz quando eu soube. [...]. Isso é ganhar gente, é ganhar!”<sup>118</sup> E era mesmo! Milton Nascimento fora a grande descoberta do Festival e seria um dos grandes nomes da música brasileira.

#### 3.3.4.2 *Bienal do Samba*

“Quando eu morrer, me enterrem na Lapinha”  
(*Lapinha*, Baden Powell)

Em 1968 durante os dias 11, 18 e 25 de maio (eliminatórias) e 01 de junho (final) ocorreu em São Paulo a *I Bienal do Samba*, promovida pela *TV Record*. Paulo Machado de Carvalho, diretor da *TV Record* no período, afirmou que a intenção era reavivar o samba que tinha sido deixado de lado nos festivais. Influenciado pelo sucesso do programa *Bossaude* apresentado por Elizeth Cardoso e Cyro Monteiro que sempre trazia como convidados a

---

<sup>117</sup> LIMA, Marisa Alves de. Florianópolis nos mandou Neide Mariarrosa. *Artes Plásticas. A Cigarra*, nov. 1967, p.39.

<sup>118</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op. cit. Transcrição nossa.

chamada “velha guarda” do samba, decidiu criar a *I Bienal*.<sup>119</sup> Diferentemente dos outros festivais onde os compositores inscreviam suas músicas, neste eles seriam convidados por uma comissão. Foram convidados trinta e seis compositores e cada um deveria inscrever uma música inédita para a Bienal. Segundo Mello<sup>120</sup> as escolhas privilegiaram os compositores mais antigos, da velha guarda, que não estavam tão ativos no período como Pixinguinha, Donga, Ataulfo Alves, Cartola e Lupicínio Rodrigues. Entre os compositores mais novos receberam convite, entre outros: Chico Buarque, Tom Jobim, Paulinho da Viola, Zé Keti e Edu Lobo.

Em cada uma das noites da *Bienal* um artista da velha guarda era homenageado. Na primeira noite o homenageado foi Noel Rosa com Araci de Almeida interpretando algumas de suas composições. Na segunda foi a vez de Sinhô, com Chico Buarque cantando; na noite seguinte quem recebeu homenagem foi Adoniram Barbosa, na voz de Cyro Monteiro.

A Bienal foi transmitida ao Rio de Janeiro através da *TV Tupy*,<sup>121</sup> obtendo grande audiência através da televisão e também no teatro, onde todos os ingressos foram vendidos. Neide Mariarrosa participou do evento interpretando a música *Protesto, meu amor*, de Pixinguinha e Hermínio Bello de Carvalho. A música de Pixinguinha seria apresentada na primeira noite da Bienal, no entanto, neste mesmo dia o compositor estava sendo homenageado no Rio de Janeiro pelos seus setenta anos, de modo que a apresentação de Neide ficou para o dia seguinte.

Ao comentar sobre a escolha de Neide Mariarrosa, o jornal *Última Hora* do Rio de Janeiro (através do correspondente em São Paulo) estampa nota com título “Sósia de Elizete na Bienal”, afirmando que Neide Mariarrosa, cantora catarinense era física e vocalmente igual a cantora Elizeth Cardoso.<sup>122</sup> Era este tipo de comparação que Neide temia sofrer. O alívio que a cantora sentira quando, em 1962, Elizeth comentara que sua interpretação era mais próxima da cantora Maysa do que da dela não fora duradouro.

---

<sup>119</sup> Um Festival de protestos. Música. *Veja*. São Paulo, 25 set. 1968, p.68-69. n° 03.

<sup>120</sup> MELLO, Zuza Homem de, 2003, op. cit.

<sup>121</sup> Na ocasião a *TV Record* de São Paulo e *TV Tupy* do Rio entraram em cadeia.

<sup>122</sup> Sósia de Elizete na Bienal. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 20 mai. 1968.



A música de Pixinguinha e Hermínio Bello cantada por Neide Mariarrosa foi classificada para a final. No entanto, Mello comenta que a apresentação da cantora não impressionou “apesar de sua voz de contralto” e a música não sensibilizou nem público nem jurados.<sup>123</sup> Mas muitas das músicas finalistas não impressionaram, a composição de Edu Lobo, *Rainha, Porta Bandeira*, interpretada pela cantora Márcia, por exemplo, recebeu vaias e aplausos em proporções que ele, Edu, nunca tinha antes experimentado.<sup>124</sup> As palmas do público ficaram divididas entre *Bom Tempo* de Chico Buarque e *Lapinha* de Baden Powell, interpretada por Elis Regina. Ao final, *Lapinha* ficou com o prêmio.

A *Bienal do Samba* rendeu ainda um elepê que reuniu as doze composições finalistas. Entretanto, alguns dos intérpretes que defenderam as composições na *Bienal* não participaram das gravações. Entre eles Neide Mariarrosa, que foi substituída por Arlete Maria em *Protesto, meu amor*.<sup>125</sup> Não sabemos por quais motivos Neide não participou desta gravação, mas a cantora teve a oportunidade de gravar um compacto pela gravadora *Mocambo* contendo a mesma música.<sup>126</sup>

### 3.3.4.3 Festival de Música de Juiz de Fora

Em junho de 1968 Neide participou do *Festival de Música de Juiz de Fora* (MG), patrocinado pela prefeitura local e pela *TV Excelsior* do Rio de Janeiro. O Festival de Juiz de Fora foi transmitido pela *TV Excelsior*, pois fazia parte do *Brasil canta no Rio* evento promovido pela emissora. O júri foi composto por Ricardo Cravo Albin, maestro Guerra Peixe, Adonis Karan (organizador nacional do festival) e Eli Halfoun. As apresentações ocorreram no *Cinema Teatro Central*. Segundo Haroldo Costa o festival teve um bom

---

<sup>123</sup> Mello, Zuza Homem de, 2003, op. cit.

<sup>124</sup> Ibidem.

<sup>125</sup> COSTA, Haroldo. Bienal e Berimbau. *Diário te Notícias*. Rio de Janeiro, 13 jun. 2968.

<sup>126</sup> O compacto continha as músicas *Protesto, Meu Amor* (Pixinguinha e Hermínio Bello), e *Culpas Desenganos* (Maurício Tapajós, Hermínio Bello de Carvalho e Mauro Duarte).

público nos dois dias, mais de quatro mil pessoas, e uma ótima receptividade: “A cidade viveu em clima de festa”.<sup>127</sup>

A melhor música foi *Sem Assunto*, de Sidney Miller; Neide ganhou prêmio de melhor intérprete, no valor de Ncr\$1.500,00 (Hum mil e quinhentos cruzeiros novos) ao defender o samba *Culpas, Desenganos* de Maurício Tapajós e Hermínio Bello de Carvalho.<sup>128</sup> O valor era baixo para a época, já que em 1966, na ocasião do *I FIC* era equivalente ao preço da arquibancada.<sup>129</sup>

Ainda ao comentar sobre o Festival e Neide Mariarrosa, Haroldo afirma que a cantora “dia a dia vai se firmando como uma das melhores vozes aparecidas ultimamente”.<sup>130</sup> E certamente suas palavras eram verdadeiras, pois a cantora era estrela em *show* produzido por ele, *Sua Excelência, o samba*.<sup>131</sup>

### 3.3.5 Os shows

A estréia de Neide no Rio de Janeiro se deu na sala *Cecília Meirelles*, na Lapa. Neide não sabia que iria cantar nesta ocasião, estava apenas acompanhando Elizeth Cardoso, que iria se apresentar. Mas foi surpreendida, mais uma vez, e chamada ao palco. Neide conta em depoimento<sup>132</sup> que cantou e muito bem. A platéia era formada por críticos e conhecedores de música. Entre eles Herminio Bello de Carvalho que quando perguntado acerca de Neide Mariarrosa em entrevista a Norberto Depizzolatti, a primeira coisa que lembrou foi de Neide cantando na sala *Cecília Meirelles* a música de Luis Vieira, *Prelúdio pra ninar gente grande*, dizendo que fora a interpretação mais

---

<sup>127</sup> COSTA, Haroldo. Juiz de Fora da samba. Música Popular. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 09 jun. 1968.

<sup>128</sup> J. de Fora dá prêmio a S. Miller. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 07 jun. 1968; Neide ganha prêmio por interpretação. *O Estado*. Florianópolis, 26 jun. 1968, capa; HAFOUN, Eli. Sem Assunto é primeiro Samba. Tabela 2. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 07 jun. 1968.

<sup>129</sup> Segundo MELLO, Zuza Homem de, 2003, op. cit. O mesmo autor afirma, por exemplo, que no *I FIC* o prêmio de melhor intérprete era de 5 milhões de cruzeiros novos, enquanto de melhor compositor 20 milhões.

<sup>130</sup> COSTA, Haroldo, 1968, op. cit.

<sup>131</sup> Abordaremos o espetáculo no tópico sobre os shows de Neide Mariarrosa no Rio.

<sup>132</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op.cit.

emocionante que ele ouvira. Herminio Bello contou também que Neide foi muito aplaudida, num sucesso estrondoso.<sup>133</sup>

Quando estou nos braços teus/ Sinto o mundo bocejar/ Quando estais nos braços meus/ Sinto a vida descansar/ No calor do teu carinho/ Sou menino passarinho/ Com vontade de voar/ **Sou menino passarinho/ Com vontade de voar.**<sup>134</sup>

Nossa Neide era uma “menina(o) passarinho com vontade de voar”. Seu segundo ensaio de vôo ocorreu em 02 de junho de 1967, nos salões do *Elite*, no Meyer, onde participou da festa *O Meyer recebe o Rio* acompanhada pelo violonista Nanai (1923 -1990).<sup>135</sup>



Imagem 18 - Elizeth, Nanai e Neide ensaiando para *show* no Meyer.<sup>136</sup>

<sup>133</sup> Ibidem.

<sup>134</sup> *Prelúdio para ninar gente grande*. (Luis Vieira, 1928), grifo nosso.

<sup>135</sup> Arnaldo Humberto de Medeiros, Nanai, foi violonista, compositor e cantor, tendo iniciado sua carreira com o conjunto *Namorados da Lua*, em sua última formação de 1946, liderado por Lúcio Alves, em seguida formou *Os Anjos do Inferno* e se apresentou principalmente no *Cassino Copacabana* e na *Rádio Nacional*. Acompanhou cantoras famosas como Carmem Miranda e Elizeth Cardoso. MILLARCHI, Aramis. As perdas de 1990. Disponível em: <http://www.millarch.org/artigo/perdas-de-1990>. Acesso em: 04 jul. 2009.

<sup>136</sup> Fonte: Uma roda de Samba. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 30 mai. 1967.

### 3.3.5.1 *Café Teatro Casa Grande*

A menina passarinho iria começar a dar vôos maiores. Em julho de 1967 Neide Mariarrosa entra em cartaz no *Café Teatro Casa Grande*. Era o grande momento de lançamento da cantora no Rio de Janeiro, uma temporada, anunciada nos jornais, “falam coisas lindas sobre a moça”, comenta Sérgio Bittencourt<sup>137</sup> e Atilio Cerino afirma que: “NEIDE MARIA ROSA é a cantora brasileira que usa três nomes próprios. Está sendo lançada pela Casa Grande. A môça de nome grande - dizem - faz jus ao prestígio da casa”.<sup>138</sup>

Não temos informação de quanto tempo durou a temporada, mas podemos dizer que ao menos até outubro quando, conforme a Imagem 20, Neide Mariarrosa era ainda atração do *Café-Teatro Casa Grande*.



Imagem 19 - Anúncio do *Show no Casa Grande*.<sup>139</sup>

<sup>137</sup> BITTENCOURT, Sérgio. Por aí. *O Globo*. Rio de Janeiro, 11 jul. 1967.

<sup>138</sup> CERINO, Atilio. NEIDE. Depois da Meia Noite. *Revista do Rádio*. Rio de Janeiro, 19 ago. 1967.

<sup>139</sup> Fonte: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 jul. 1967.

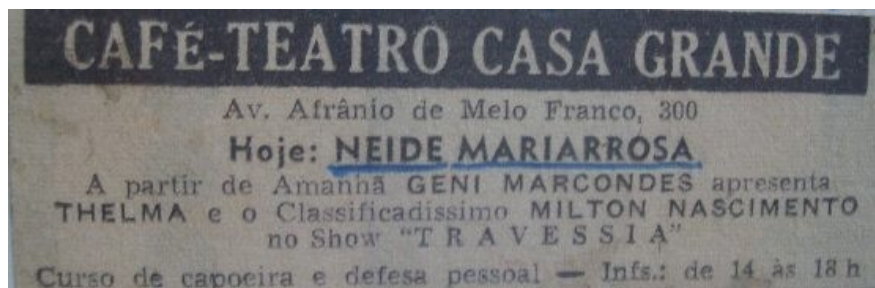


Imagem 20 - Anúncio (2) do Show no Casa Grande.<sup>140</sup>

Em Florianópolis, Zury Machado e Celso Pamplona sempre atentos aos passos da cantora não deixam de anunciar seus feitos. O primeiro, grande amigo, afirma que Neide foi ovacionada em sua apresentação: “Rio: Na última semana foi ovacionada na Casa Grande cantora Neide Maria”.<sup>141</sup>

### 3.3.5.2 Musicanossa

Neide fez parte de um movimento musical denominado *Musicanossa*. Integraram o movimento cerca de trezentos artistas entre compositores, músicos e cantores.<sup>142</sup> A principal finalidade do *Musicanossa* era divulgar a música moderna, revelar novos valores e criar mercado de trabalho, para evitar, assim, o êxodo dos artistas, notadamente para os Estados Unidos. O movimento teve repercussão em todo Brasil.

Para divulgação do *Musicanossa*, na cidade do Rio de Janeiro, centro do movimento, eram apresentados *shows* no *Teatro Santa Rosa*, todas as segundas-feiras, com diversos artistas, sempre que possível lançando conjuntos e intérpretes, dando chance a letristas e músicos, e ao mesmo tempo apresentando artistas mais populares, a fim de garantir a bilheteria, como Tito

<sup>140</sup> Fonte: Última Hora. Rio de Janeiro, 04 out. 1967.

<sup>141</sup> MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 27 jul. 1967.

<sup>142</sup> Entre os artistas que integraram o movimento estão: Ugo Marotta, Tibério Gaspar, Milton Nascimento, Reginaldo Bessa, Paulo Sérgio Vale, Mario Tales, Salvador, Sérgio Barroso, Paulo Moura, Agostinho dos Santos, Taiguara, Neide Mariarrosa, Paulo Gustavo, Maurício Enhorn, Tita, Beth Carvalho, Marco Antônio, Tibério Gaspar, Antônio Adolfo, Artur Verocal, Luisa Magda, Luis Cláudio, Tito Madi, Marcos Vasconcelos, Pingarilho, Paulinho Tapajós, Mário Castro Neves, Roberto Menescal, Agora-4, Agostinho dos Santos e Jonhy Alf.

Madi, Taiguara e outros. O dinheiro arrecadado era utilizado para compra de instrumentos.<sup>143</sup>

O primeiro *show* do *Musicanossa* ocorreu em janeiro de 1968, com bastante sucesso segundo Nelson Motta e com a apresentação de diversos artistas, entre eles Neide Mariarrosa.<sup>144</sup> Ary Vasconcelos também elogia o *show*: “Foi um espetáculo sem altos e baixos, mas só feito de altos.\* Em matéria de música, o fino. E algumas primeiras audições memoráveis”.<sup>145</sup>

Neide participou de diversas edições do *show Musicanossa*. Ary Vasconcelos,<sup>146</sup> em fevereiro, e Sergio Bitterncourt,<sup>147</sup> em maio, afirmam que Neide esteve entre os mais aplaudidos intérpretes, o que nos mostra que a cantora teve grande êxito em suas diversas apresentações no *Santa Rosa*.

O movimento resultou também em um elepê lançado em 1968 pela gravadora *Artistas Unidos*, denominado *Isto é Musicanossa!* Neide participa cantando *Pobre Morro* de Gilberto Barcellos.



Imagem 21 - Capa do LP *Isto é Musicanossa!*<sup>148</sup>

<sup>143</sup> VASCONCELOS, Ary. Discos Populares. *O Globo*. Rio de Janeiro, 06 dez. 1967. "Musicanossa" vai estrear. *O Globo*. Rio de Janeiro, 11 jan. 1968.

<sup>144</sup> MOTTA, Nelson. Papo Firme. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 17 jan. 1968.

<sup>145</sup> VASCONCELOS, Ary. Discos Populares. Musicanossa foi sucesso total. *O Globo*. Rio de Janeiro, 19 jan. 1968.

<sup>146</sup> VASCONCELOS, Ary. Discos Populares. *O Globo*. Rio de Janeiro, 09 fev. 1968, p.6.

<sup>147</sup> BITTENCOURT, Sérgio. Rio a Noite. Por aí. *O Globo*. Rio de Janeiro, 08 mai. 1968.

<sup>148</sup> Fonte: Imagem disponível em:

[http://musicodobrasil.com.br/loronixcontent/capasloronix/G/Isto+e+Musicanossa!+\(1968\)-image008.jpg](http://musicodobrasil.com.br/loronixcontent/capasloronix/G/Isto+e+Musicanossa!+(1968)-image008.jpg). Acesso em: 08 jul. 2009.

### 3.3.5.3 Samba, Prontidão e Outras Bossas

O *show Samba Prontidão e outras Bossas* relembrou o *Café Nice*, local que ficou conhecido como “único café do mundo onde se organizava uma orquestra em cinco minutos”, aonde Araci de Almeida, vinda do Encantado, subúrbio carioca, encontrou pela primeira vez Noel Rosa. A partir deste encontro Araci surgiria como a grande intérprete de Noel, o poeta da Vila, e se consagraria nas rodas de samba como cantora. No *show* eram apresentadas composições de Noel Rosa e histórias do mesmo com Araci de Almeida.<sup>149</sup>

Neide Mariarrosa integrou a primeira versão do espetáculo, estreando em 05 de março de 1968. O *show* ficou por longo período em cartaz no Rio de Janeiro, primeiramente todos os dias e em seguida de terça a domingo às 20h30 no teatro *Arena Clube de Arte*, em Copacabana. Do elenco desta primeira versão faziam parte além de Neide, com “sua voz espetacular”,<sup>150</sup> Araci de Almeida, Nanai e Cloris Daily.

Araci de Almeida, já consagrada cantora, em conversa com Marisa Alves de Lima afirma não gostar muito de cantoras, mas que entre as que ela começava a gostar estava Neide Mariarrosa: “Eu não sou muito de topar cantora, não. Gosto mesmo é da Elis, da Elizete, da Bethânia (só acho que ela precisa arrumar um repertório) e estou gostando dessa menina Neide que está começando agora. E é só”.<sup>151</sup> Para Araci, Neide estava entre Elis, Elizeth e Bethânia. Ou seja, entre as maiores cantoras do Brasil!

---

<sup>149</sup> ARACI o samba e outras bossas. Caderno B. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 10 mar. 1968.

<sup>150</sup> LIMA, Marisa Alves de. Artes. E outras bossas... *A Cigarra*. Rio de Janeiro, abr. 1968, p.90.

<sup>151</sup> *Ibidem*.



Imagem 22 - Imagem do show *Samba, Prontidão e Outras Bossas*.<sup>152</sup>

Neide deixou o *show* em 18 de abril de 1968, sendo substituída por Gigi da Mangueira.<sup>153</sup> Enquanto participava de *Samba, prontidão e Outras Bossas*, a cantora recebeu convite de Baden Powell para cantar com ele num novo *show* que estava preparando. Ensaïaram juntos, mas não puderam concretizar a proposta porque, segundo Neide, o contratante não dispensou a cantora. Ela ficou triste, combinaram para uma próxima vez, que por motivos de agendas e viagens não ocorreu.<sup>154</sup> Marisa Alves de Lima comenta sobre este fato, dizendo que caso a parceria tivesse ocorrido, certamente a carreira de Neide iria receber maior destaque:

**Neide Mariarrosa, extraordinária intérprete de nossa música popular, à espera de uma chance que lhe dê o destaque merecido** entre os melhores (com o apoio de Edu Lôbo, Ricardo Cravo Albin, Elizete Cardoso e o nosso, aqui), **perdeu uma grande oportunidade** de consegui-la. Não pôde atender ao convite de Baden para cantar, a se lado, no show Opinião, "O Mundo Musical de Baden Powell". Não permitiram que ela deixasse o espetáculo "Samba, Prontidão e outras

<sup>152</sup> Fonte: *Ultima Hora*, Rio de Janeiro, 04 mar. 1968.

<sup>153</sup> A PERMANENTE prontidão do samba. Vamos ao teatro. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 14 abr. 1968.

<sup>154</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op. cit.



Bossas", e, com isso, perdeu uma chance única. São os chamados ossos do ofício.<sup>155</sup>

#### 3.3.5.4 Sua Excelência, o Samba

*Você sabia que, na estréia do show "Sua Excelência o samba" a Bibi Ferreira era uma das presenças que mais aplaudiram Neidemariarrosa? (Gilda Miller, Última Hora, Rio de Janeiro, 20 jul. 1968)*

Se Neide perdera a chance de participar de *show* com Baden Powell por sua vez ganhara um grande presente: integrar o *show* produzido por Haroldo Costa, *Sua Excelência, o Samba*, apresentado no *Golden Room* do *Copacabana Palace*.<sup>156</sup> O roteiro do espetáculo é a origem da palavra samba que é apresentada em dez quadros de cantoria e bailado.<sup>157</sup> A dupla vocal principal é composta por Neide Mariarrosa e Paulo Marquês, que são acompanhados por um numeroso corpo de baile, formado por ritmistas, passistas e dançarinas; além de um conjunto musical, o *Conjunto Brasil 67*.

Os quadros do espetáculo perpassam desde os batuques africanos até as modinhas, abordando o samba de breque, partido alto e a bossa nova. É apresentada uma panorâmica do Rio de Janeiro e também da Bahia, que é

---

<sup>155</sup> LIMA, Marisa Alves de. Daqui e Dali. *A Cigarra*. Rio de Janeiro, jun. 1968, p.93, grifo nosso.

<sup>156</sup> O Copacabana Palace é um dos hotéis até hoje mais famosos e luxuosos do Rio de Janeiro. Fundado em 1923, passou 65 anos nas mãos da família Guinle, até que em 1989 foi comprado pelo grupo Orient Express. O *Golden Room*, aberto em 1938, foi a primeira grande casa de espetáculos de Copacabana. Neste espaço, vários músicos consagrados foram recebidos como: Ray Charles, Ella Fitzgerald, Marlene Dietrich, Edith Piaf, Nat King Cole e Yma Sumac. Haroldo Costa além de produzir o *show* do qual Neide era estrela produziu alguns outros no Copacabana e seu *show* denominado *Aquarela Musical* foi a última grande temporada da casa de espetáculo, ocorrida no final da década de 1960. Em 1970, o *Golden Room* passa a perder público e os espetáculos começam a ser esporádicos. Na década de 1980, a casa reabre com *shows* de humoristas e alguns pequenos *shows* musicais, mas já sem a obrigatoriedade anterior de traje a rigor. O Copacabana Palace foi sede dos artistas internacionais dos Festivais Internacionais da Canção e foi a hospedagem de vários artistas como Orson Wells, Carmen Miranda, Ginger Rogers, Rita Hayworth, Errol Flynn, Henry Fonda, Rudolf Nureyev, Janis Joplin e Robert DeNiro. Cf. BOECHAT, Ricardo. *Copacabana Palace, um hotel e sua história*. São Paulo: DBA Artes Gráficas: Melhoramentos, 1998.

<sup>157</sup> Os quadros são: *Abertura, Nasce o Samba, Vozes D'África, Casa Grande & Senzala, Rio de Ontem, Maracatu Leão Coroado, Bahia, Rio em Tempo de Samba, Sua Excelência o Samba e Viva o Samba*. (SUA EXCELÊNCIA, o samba. Programa do espetáculo. Rio de Janeiro, [1968], 19 páginas.)

representada com o samba de roda, a capoeira, o candomblé e o maracatu.<sup>158</sup> Neide Mariarrosa começou no *show* cantando uma modinha do século XVII, e um *pout-porri* de bairros do Rio de Janeiro, que terminava com Copacabana.<sup>159</sup>



Imagem 23 - Quadro do espetáculo Sua Excelência, o Samba.<sup>160</sup>

O consenso entre os jornais e revistas do período é que Neide Mariarrosa e Paulo Marquês estão impecáveis. Elogia-se a voz de Neide, Marcos Andre em *O Globo*<sup>161</sup> diz que a cantora tem voz maravilhosa e que todo o Rio “irá amar”, Fernando Lopes, da *Tribuna da Imprensa*<sup>162</sup> diz que Neide “está cantando o fino” e para Carmem Verena, *O Jornal*,<sup>163</sup> Neide está “cantando maravilhas” e é ótima intérprete. Em relação ao resto do espetáculo não há consenso, alguns jornalistas afirmam que em alguns quadros as coreografias são fracas e as mulheres não muito bonitas: “as brancas são feiosas” afirma Carmem Verena. Também há críticas em relação ao cenário, ou a falta dele.<sup>164</sup> Mas, no geral, o *show* é bastante elogiado: “O “show” está uma beleza e o “golden-room” do Copacabana Palace revive as suas grandes

<sup>158</sup> *Manchete*. Rio de Janeiro, 17 ago. 1968, ano 16.

<sup>159</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op. cit.

<sup>160</sup> Fonte: Arquivo Pessoal Maximiliano Rosa.

<sup>161</sup> ANDRE, Marcos. Os ‘shows’ da semana. *Bazar. O Globo*. Rio de Janeiro, 22 jul. 1968.

<sup>162</sup> LOPES, Fernando. Noite. *Tribuna na Imprensa*. Rio de Janeiro, 24 jul. 1968.

<sup>163</sup> VERENA, Carmem. Carmem Verena informa. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 20 jul. 1968.

<sup>164</sup> MACHADO, Ney. Sua Excia o Samba. Noite e Dia. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 23 jul. 1968.

noites”,<sup>165</sup> “TUDO É LINDO, VIVO E ALEGRE nesse nôvo 'show' do Copacabana, 'Sua Excelência o Samba’”.<sup>166</sup>



Imagem 24 - Propaganda do espetáculo *Sua Excelência o Samba*.<sup>167</sup>

E o sucesso de Neide é tanto que Haroldo Costa, diretor do espetáculo, a coloca em mais um quadro:

Neide Mariarrosa ganhou nôvo quadro no espetáculo 'S. Exa. O Samba' no Copacabana. Vestida de baiana canta mais um número, para felicidade de todos, pois a menina está cantando o fino. **Só que um pouquinho preocupada em imitar Elisete Cardoso.** Também Paulo Marquez continua firme como um dos pontos altos da casa.<sup>168</sup>

<sup>165</sup> NASCIMENTO, Wilson. Nacionais comandam Sweepstake/ "Sua Excelência, o Samba". Na Reta Final. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 31 jul. 1968.

<sup>166</sup> ANDRE, Marcos, 1968, op. cit.

<sup>167</sup> Fonte: Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 22 dez. 1968.

<sup>168</sup> LOPES, Fernando. A Noite. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 14 ago. 1968.



Imagem 25 - Neide Mariarrosa e Paulo Marquez em *Sua Excelência, o Samba*.<sup>169</sup>

Mesmo com todo o sucesso podemos perceber que ainda pairava sobre Neide questão de ser, tentar ser, uma imitação de Elizeth Cardoso. A própria Neide não gostava muito desse tipo de comparação e em entrevista concedida em 1970 afirma que logo que chegou ao Rio quis ser independente e não ser ligada sempre à Elizeth, no entanto, parece que ela não conseguiu, embora afirme, libertar-se da fama de “afilhada de Elizeth”:

[Neide Maria] NM - Felizmente eu consegui me libertar logo dessa fama de ser a afilhada de Elizete. Eu cortei isso logo, pois isso não me incentivava a ter uma carreira independente. Também não gosto quando ela me apresenta como sendo sua sucessora, pois acho que ela ainda tem muito o que viver e se situa num plano bem mais elevado que o meu.[...].<sup>170</sup>

O fato é que Neide brilhou no *Golden Room* por onze meses, chegando a ter seu nome em letras garrafais no letreiro luminoso do *Copacabana Palace*. O *show* foi visto por pessoas influentes do Rio de Janeiro, entre colunistas sociais, políticos, médicos, artistas e pessoas da alta sociedade; assim como também por muitos turistas, nacionais e estrangeiros. Neide deixou o

---

<sup>169</sup> Fonte: Arquivo Pessoal Maximiliano Rosa.

<sup>170</sup> NEIDE Mariarrosa, 1970, op. cit.

espetáculo em julho de 1969, sendo substituída por Gilda de Barros em julho.<sup>171</sup>

### 3.3.6 O Balanço da Bossa

**A filhinha do Ponte Preta**// O que equivale a dizer "**afilhada dos deuses**", pois ser protegida do sobrinho da Tia Zulmira, primo do Altamirando, ou seja, do ilustre Stanislaw, é uma das maiores sortes do mundo. E isto aconteceu com a excelente cantora que é Neyde Mariarrosa (é assim mesmo... tudo junto!) que ainda **se dá ao luxo de ser afilhada da Divina Elizete Cardoso**. Neyde conseguiu o prêmio de "Melhor Intérprete" no II Festival de Música Popular Brasileira de Juiz de Fora. Além disso, Mariarrosa esta acontecendo no show que Haroldo Costa montou para o Golden Room. E também gravou um compacto simples para a Mocambo. "Culpas, Desenganos", de Maurício Tapajós, Hermínio Belo de Carvalho e Mauro Duarte (finalista em Juiz de Fora) e "Protesto, Meu Amor", de Pixinguinha e Hermínio Belo de Carvalho (finalista na "Bienal do Samba").<sup>172</sup>

Durante os anos em que esteve no Rio de Janeiro, Neide Mariarrosa conviveu muita gente "bamba" e cantou no rádio, na televisão, em festivais, em *shows* e até nos saraus promovidos por Jacó do Bandolim, em sua casa em Jacarepaguá, além de gravar discos.<sup>173</sup> Jacó era o padrinho musical de Elizeth Cardoso e em seus saraus tinha hora para comer, beber e hora para cantar e durante a cantoria era preciso fazer silêncio. Nestes saraus Neide pode cantar com nomes como Ataulfo Alves, Orondino Silva (Dino) e outros músicos famosos, além, claro, do próprio Jacó.<sup>174</sup>

---

<sup>171</sup> PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis 01 jul. 1969, p.3.

<sup>172</sup> *Revista Sentimental*. A afilhada do Ponte Preta. Rio de Janeiro, [1968?]. Grifo nosso.

<sup>173</sup> Foram dois compactos o *Insônia/Amor Partiu em Paz* (1964), *Protesto, meu amor/Culpas, Desenganos* (1968). Participação em faixa do LP *Isso é Musicanossa* (1968) e disco promocional com *Rancho de Amor a Ilha* (1968).

<sup>174</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op. cit.

Conheço muita gente famosa no Rio. Elizete Cardoso é e sempre será um nome. E há ainda Eneide de Moraes, Milton Nascimento, Aracy de Almeida, Paulo Sérgio Vale, Marcos Vale, Paulinho e Maurício Tapajós, Egberto Gismonti, Cinara e Cibele, Mariza Alvez de Lima, Pixinguinha, o Ataulfo Alves, Sérgio Porto e Jacó do Bandolim, que infelizmente já partiram... E o Hermínio Bello de Carvalho que é muito meu amigo, mas me acha "um lixo" dançando. Ele costuma dizer: Neidinha, eu gosto demais de você, mas - pelo amor de Deus!- nunca dance perto de mim.<sup>175</sup>

Neide com todo o apoio que tinha no Rio, com sua voz e com tudo que já tinha conquistado, estava a poucos passos de se tornar uma grande estrela, um nome no cenário nacional. A menina-passarinho estava prestes a alçar seu maior vôo.

### 3.4 VOLTA AO LAR

Todos paravam para ouvir a Neide, todos. Eu disse 'Neide', quando ela quis ir embora, 'tu já se lembrasse o quanto esta gente esta parando para te ouvir, te aplaudindo, quem é que pode ter uma platéia dessas, Cartola, Stanislaw tudo isso né, eles te adoram'. 'Não, nada, nada, deixa' [fazendo voz de Neide].<sup>176</sup>

Mas Neide desiste de voar. No fim de 1969 a cantora volta para Florianópolis, afim de passar as festas de fim de ano com a família, como atesta Zury Machado : "Neide Mariarrosa , a voz bonita de Santa Catarina, que canta nas noites movimentadas do Rio, chegou à nossa cidade para as festas de Natal e Ano Novo com a sua família".<sup>177</sup> E Neide acaba ficando na cidade por um tempo. Depois, segundo aponta Zury em sua coluna, Neide vai para o Rio de Janeiro, para cantar no restaurante alemão *Bier Klaus*, em um contrato de três meses.<sup>178</sup> Em 20 de outubro a cantora deixa de se apresentar no restaurante, não cumprindo, portanto, o contrato de três meses, e passa a se

---

<sup>175</sup> NEIDE Mariarrosa, 1970, op.cit.

<sup>176</sup> AMORIM, Mauro Júlio. Entrevistada concedida a Vivian de Camargo Coronato. Florianópolis, 15 set. 2009.

<sup>177</sup> MACHADO, Zury. Zury Machado. *O Estado*. Florianópolis, 24 dez.1969, p.6.

<sup>178</sup> MACHADO, Zury. Zury Machado. *O Estado*. Florianópolis, 18 set. 1970, p.2.

apresentar com Elizeth Cardoso e Jair Rodrigues na famosa casa de samba denominada *Sambão* tendo convite para se apresentar também no *Sucatão*, casa de Sargentelli.<sup>179</sup> Mas já em fevereiro de 1971 Neide volta, definitivamente, para Florianópolis.

Por que esta volta? Por que desistir do vôo, da oportunidade de se tornar uma cantora reconhecida nacionalmente?

Este é o tipo de pergunta que não tem uma única e definitiva resposta. Neide disse em entrevistas que o motivo da volta era saudades. Saudades da Ilha, saudades de sua gente: "Voltei pra Florianópolis, vim passar o natal e fiquei. É o meu mar, né. Meu mar, a minha gente".<sup>180</sup> Certamente a saudade influenciou, mas não foi o único motivo. Afinal, porque como afirmou Mauro Júlio Amorim "Saudade tinha, mas ela vinha sempre. Pegava um avião e vinha. Ninguém morre disso".<sup>181</sup> O mesmo Mauro afirma que sabe o motivo da volta (ou um motivo?) e que Neide não quis contá-lo mesmo no fim da vida, na ocasião de seu último *show*. Tendo ciência do motivo contado por Mauro acredito, ainda assim, numa conjuntura de fatores que determinaram a repentina volta. Entre eles as comparações com Elizeth, as vaias recebidas em festivais - dificuldade de aceitação do público jovem, o freqüente incômodo causado por algumas notas jornalísticas (não verdadeiras) e o constante acompanhamento que os jornalistas (alguns) faziam de sua vida, o fato de morar com Elizeth, de não ser casada e não ter companheiro, de não se sujeitar a favores sexuais nem modificar seu jeito de ser, não conseguir conviver com as malandragens da cidade grande e a morte de seu amigo e protetor Stanislaw Ponte Preta.

[...] **um grande cartaz luminoso anunciava à frente do Copa: Neide Mariarrosa - Estrêla Principal.** Lembro-me que no Natal de 68 houve uma greve da turma do show. Bailarinas, sambistas e ritmistas não queriam trabalhar no dia 24. E mandaram no meu camarim um pedido para aderir. Eu, prontamente pensando em fazer camaradagem, atendi. No dia

---

<sup>179</sup> MACHADO, Zury. Zury Machado. *O Estado*. Florianópolis, 27 dez. 1970, p.2; PAMPLONA, Celso. Celso Pamplona. *A Gazeta*. Florianópolis, 10 jan. 1971, p.3.

<sup>180</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op.cit. Transcrição nossa.

<sup>181</sup> AMORIM, Mauro Júlio. Transcrição de Entrevista cedida a Fernanda Peres e Taise Bertoldi. 2008. (Não publicado).

seguinte todos foram trabalhar, menos eu. Mas o Haroldo Costa foi me apanhar em casa e me falou: Neide, como é que você me faz uma coisa destas? Ainda não sentiu que é você a estrêla do show? Consegui não ser multada depois de muitas desculpas.<sup>182</sup>

Entre exemplos da motivação (de seu retorno) há o caso relatado acima por Neide, de como fora enganada por seus colegas de trabalho. Em depoimento Neide também conta que um jornal noticiou que ela estava se tornando homem.<sup>183</sup> Esta inverdade<sup>184</sup> causou uma grande tristeza e decepção em Neide e mesmo com Elizeth indo tomar satisfação com o diretor do jornal e literalmente quebrando tudo e com todos seus amigos apoiando e pedindo para que Neide “deixasse pra lá”, não adiantou, a cantora foi se recolhendo e cancelando compromissos.<sup>185</sup>

Já Zury Machado acredita que Neide não poderia ficar no Rio sem um homem que a protegesse e que duas cantoras morando no mesmo lugar não podia dar certo.<sup>186</sup> Antunes Severo afirma que sua amiga Neide não se sujeitou aos famosos “testes do sofá” e nem aceitou ter um empresário

Eu acho que a Neide não se submetia porque o empresário vai querer colocá-la lá em cima. Aí, isso aí, sabe, fatalmente entra sexo, talvez não com o empresário, mas com as pessoas que, o diretor da gravadora, o diretor do clube não sei o que, enfim, estas coisas assim. E ela então não se submetia ela ia fazendo o feijão com arroz dela. Uma pessoa que... que ajudou muito foi o Stanislaw Ponte Preta, que ele, ele assumiu a Neide assim: ‘Bom, já que você não vai dar para ninguém eu te ajudar...’<sup>187</sup>

---

<sup>182</sup> NEIDE Mariarrosa, 1970, op. cit.

<sup>183</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op.cit.

<sup>184</sup> Neide devido a um problema ginecológico estava tomando hormônios, o que entre os efeitos colaterais fez com que sua voz engrossasse e alguns pelos no buço nascessem. O repórter que escreveu a notícia “bombástica” não conhecia Neide. Ele “ouviu” falar sobre o caso e escrevera a reportagem pelo jornal, conhecido pelas notícias de escândalo e apelativas - era um dos famosos “espreme que sai sangue”.

<sup>185</sup> AMORIM, Mario Júlio, 2009, op. cit.

<sup>186</sup> MACHADO, 2009, op. cit.

<sup>187</sup> SEVERO, Antunes, 2009, op. cit.



E acima de tudo, Neide não mudou seu jeito de ser, não “participou do jogo” para se tornar uma artista consagrada, assim como o fez e recomendou Elis Regina:

Ah, a Elis a gente se encontrava muito. No Rio, 1º Festival da Universidade da Canção, né, que eu cantei uma música de Gonzaguinha, a Elis cantou uma outra música muito bonita e a gente conversava muito, ela achava que eu estava indo bem **“Catarina você tá indo bem. Tenho ouvido falar de você, tal. Mas não fica assim com esta boca mole não. Porque senão passam por cima de você. Olha, quando eu cheguei aqui, cheguei igual você assim, quieta, quieta, calada. Olha, minha filha, não deu jeito. Hoje eu sou considerada a pimentinha, mau caráter, e sou a Elis Regina”**.<sup>188</sup>

Neide não conseguiu, ou não quis, se transformar em grande artista de renome nacional (ou até internacional). Qualidades artísticas ela certamente tinha, mas faltaram-lhe forças ou vontade de “lutar contra o tempo, contra as variações no gosto do público e da opinião pública. [E assim desgastar-se] física e emocionalmente para chegar à condição de artista de renome e a sobrecarga continua para se manterem como tal”.<sup>189</sup> No Rio de Janeiro, ao contrário de Florianópolis, ela também tinha de conviver com a avaliação pesada que a sociedade fazia dos artistas e também com o assédio dos meios de comunicação que exploravam episódios, situações e assuntos privados da vida dos mesmos. E como Neide não se casou, não fez fama com nenhum namorado, também ela não correspondeu a considerada “quintessência da vida do artista, o momento máximo para o qual converge a sua existência” que era o casamento.<sup>190</sup>

Neide, ao final, optou por ter uma vida tranqüila, longe de todas as dificuldades, brigas e “puxadas de tapete” que ocorriam no meio artístico do Rio de Janeiro. Ela parece nunca ter escolhido este caminho e sim tê-lo seguido porque todos a incentivaram a seguir. Cantar sim, isso ela sempre soube que queria, mas não ser uma estrela. Ela nunca se preocupou nem em

---

<sup>188</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op. cit. Transcrição nossa, grifo nosso.

<sup>189</sup> LENHARO, Alcir. *Cantores do rádio*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1995.

<sup>190</sup> *Ibidem*.

guardar o que hoje chamamos de *clipping*, as notas, entrevistas e reportagens que saiam sobre ela: quem guardava eram os amigos e irmãos.

Só cantar, ela dizia. Eu nunca pretendo dizer assim, que pretendo estrelar não. Só cantar. Pode ser aqui para quatro, cinco pessoas, uma platéia, grande, pode ser o que for, ela gostava, era isso o que ela gostava.

[...]

Ela gostava de cantar, pra ela o cantar era tudo. Então ela dizia: 'Meu Deus, se eu não puder mais cantar então eu não quero mais viver'

[...]

Não, nada, nada, nada. Podia estar a foto lá no jornal ela nem... Se a gente não tirasse não guardasse, ela não. Assim, coisas. Porque sai alguma notinha no jornal o interessado já guarda, ela não. Ela dizia 'Pra que isso Tê, não vai trazer nada, já passou, pronto.' E ela era assim.<sup>191</sup>

*Comenta-se que Neide Mariarrosa vai ficar definitivamente em nossa cidade. A cantora esta sendo contratada por uma boate que será ponto alto na ilha, no ano 71. (Zury Machado fev. 1971)*

E Neide decide mesmo ficar na Ilha. Apesar de ter sido convidada para temporada no *Sambão*, famosa casa do Rio de Janeiro, não aceita a oferta e não retorna para a cidade maravilhosa.<sup>192</sup> E, em Florianópolis, continua sua temporada, iniciada ainda em 1970, no bar do *Oscar Palace Hotel*, acompanhada de Paulinho Padilha ao piano e Helinho na bateria.

---

<sup>191</sup> ROSA, Tereza. Entrevistada concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 29 out. 2009.

<sup>192</sup> Quem atesta o convite é Zury Machado. MACHADO, Zury. Zury Machado. *O Estado*. Florianópolis 16 mar. 1971 p.6.

## CAPÍTULO IV E OUTRAS TANTAS ROSAS

### 4.1 NEIDE EMPRESÁRIA

Só que ela não sabia ganhar dinheiro, como todo artista. Artista não sabe ganhar dinheiro. Sabe promover, sabe fazer a festa, mas ganhar dinheiro não sabe. [...] E a gente ria muito por causa disso. Eu dizia “Negona, você tá milionária?” E ela dizia: “Imagina, eu estou com dívidas”. E a casa estava sempre cheia, só que os amigos não pagavam, ela distribuía comida e eles não pagavam. E ela não dizia nada também.<sup>1</sup>

#### 4.1.1 O *Kappa*

Em 01 de outubro de 1971 Neide junto com Carlos Henrique Geller e Odilon Tayer inaugura a boate *Kappa Samba*. A cantora que desde que voltara do Rio, inspirada pelo que vira na cidade, pretendia abrir um espaço para que os músicos pudessem mostrar seu trabalho, teve com o *Kappa* sua primeira oportunidade. O “inferninho” se situava na escadaria do Rosário e provavelmente teve Elizeth Cardoso em sua inauguração (já que na data a cantora esteve na cidade):

#### Samba Kappa

O que a sociedade espera hoje, além da apresentação de Elizeth Cardoso no Clube Doze de Agosto, é a inauguração da ‘Samba Kappa’. A nova boate é propriedade de Neide Mariarrosa, Carlos Henrique Geller e Odilon Tayer. O excelente bom gosto na decoração merece os melhores elogios. Nota 10 para seus proprietários.<sup>2</sup>

Segundo Mauro Amorim, a boate que era um “bar assim muito intimista, [onde] ela [Neide] ficava recebendo as pessoas, cantava, tinha uma hora do

---

<sup>1</sup> AMORIM, Mauro Júlio. Transcrição de Entrevista cedida a Fernanda Peres e Taise Bertoldi. 2008. Não publicado. (Transcrição gentilmente cedida à pesquisadora).

<sup>2</sup> MACHADO, Zury. Zury Machado. Samba Kappa. *O Estado*. Florianópolis, 01 out. 1971, p.6.

*show* e vivia cheio também de gente que não pagava, que pendurava”<sup>3</sup> foi um sucesso, mas, não durou muito tempo: em 19 de novembro Zury Machado nos informa que Neide deixara o *show* no *Kappa*.<sup>4</sup> O motivo talvez tenha sido a inadimplência dos clientes ou a dificuldade de gerir um negócio com três sócios.

Em janeiro de 1972 Neide passou alguns dias em Balneário Camboriú, onde fora contratada para uma temporada.<sup>5</sup> Em seu retorno a Florianópolis, seguiram-se duas notas antagônicas na coluna de Zury Machado, a primeira afirmando que na boate do *Oscar Palace* Neide fora homenageada por um grupo de amigos e se emocionou quando um deles disse que ela era a voz orgulho de Santa Catarina.<sup>6</sup> Poucos dias depois, Zury comenta sobre boatos de que Neide não mais cantaria: “A CANTORA EM FOCO/ Não acredito, mas, muito particularmente nos deram a notícia, de que NEIDE MARIARROSA não cantará mais, para o nosso público. Se o motivo é o que pensamos NEIDE, deixa prá lá, suas glórias foram muito maiores e quem foi Rei, é sempre magestade [sic]”.<sup>7</sup>

Neide não parou de cantar: perdera a voz provavelmente por estar sofrendo emocionalmente com alguns boatos sobre os motivos de seu retorno a cidade. A cantora já havia ficado sem voz outras vezes. Em sua passagem pelo Rio de Janeiro ficou um bom tempo sem conseguir cantar, foi até consultar um médico famoso no período, Pedro Bloch, que a aconselhou a ter paciência - que ela não teve - e fazer exercícios - que ela também não fez.<sup>8</sup> O doutor acreditava que a voz era espelho de cada indivíduo, podendo, portanto refletir sua personalidade e os problemas psíquicos e pessoais de cada um.<sup>9</sup>

Como a voz é instrumento de trabalho das cantoras, é ela que reflete os medos, as angústias, o nervosismo e o *stress*. A cantora lírica Maria Callas, por

---

<sup>3</sup> AMORIM, Mauro Júlio. Entrevista concedida a Vivian de Camargo Coronato. Florianópolis, 15 set. 2009.

<sup>4</sup> MACHADO, Zury. Zury Machado. *O Estado*. Florianópolis, 19 nov. 1971, p.2.

<sup>5</sup> PAMPLONA, Celso. Celso Pamplona. *A Gazeta*. Florianópolis, 19 jan. 1972, p.3

<sup>6</sup> MACHADO, Zury. Zury Machado. *O Estado*. Florianópolis, 27 jan. 1972, p.6.

<sup>7</sup> MACHADO, Zury. Zury Machado. *O Estado*. Florianópolis, 02 fev. 1972, p.6.

<sup>8</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op.cit.

<sup>9</sup> A VOZ além da laringe. *O Estado*. Florianópolis, 08 abr. 1973, p.13.

exemplo, sofreu muito com a falta de voz e rouquidão - justamente ao mesmo tempo em que sofria com a separação e com todos seus medos de não ser aceita.<sup>10</sup>

#### 4.1.2 Uma noite no *Saveiros*

*Nem bem a noite terminou/ Vão os saveiros para o mar/ Levam no dia que amanhece As mesmas esperanças/ Do dia que passou. (Trecho de Saveiros, Dory Caimmi e Nelson Motta, campeã do I FIC, 1966).*



Imagem 26 - Restaurante *Saveiros* na Lagoa.<sup>11</sup>

Em 1973, Neide dá mais um passo na tentativa de ser uma empreendedora. Inaugura, em novembro, o restaurante *Saveiros* na Lagoa da Conceição, tendo como sócio seu cunhado Aldo Kriger, marido de sua irmã, Tereza. Além de receber os clientes, Neide também os agraciava com muita música, soltando a voz aos fins-de-semana.

Neide Mariarrosa é mulher de mil e uma facetas. Grande cantora já provou que é, não há quem não saiba (é uma das maiores do Brasil juntamente com Bethania, Gal, Elizeth e... Caetano). Agora resolveu mostrar que é, também, mulher de negócios ao inaugurar na maior moita, um restaurante na Lagoa da Conceição, *Saveiros*, antigo *Amarelinho*./ Daqui a pouco, quando o vento estiver conduzindo o seu *Saveiros* a toda, Neide fará shows, shows de bolsinha, todas as noites. Mas enquanto os turistas não cheguem e o ilhéu não se torna

<sup>10</sup> HUFFINGTON, Arianna Stassinopoulos. *Maria Callas: a mulher atrás do mito*. Trad. Hildegad-Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>11</sup> Fonte: Arquivo Pessoal Maximiliano Rosa.

freguês, a double de cantora com bussiness woman, mostrará a vozita somente aos finais de semana./ Amanhã, sexta, será primeiro, Noite de Seresta. Neide e o Regional do Carlinhos na parada - uma parada! A partir das 10 da noite eles estarão encantando os saudosistas, os nostálgicos (aí Raul Caldas Filho, tá pra ti) com muito Chão de Estrelas, a Deusa da Minha Rua, a Outra, Feitio de Oração, samba, canção, samba-canção e o que mais houver. Neide atenderá todos os pedidos - desde casquinhas de siri e caldo de camarão até Eu Bebo Sim.<sup>12</sup>

O *Saveiros* tinha um cardápio tipicamente açoriano e sua decoração lembrava um rancho de pescadores, com redes e cores da Ilha. Além das noites de seresta, também no restaurante havia espaço para muitos músicos e vários estilos musicais. Segundo Antunes Severo, a seresta era coisa pra gente “velha”, ele gostava mesmo era de acompanhar as noites de MPB e de músicas da época.<sup>13</sup> O restaurante abria para almoço e jantar, chegando a fechar três, quatro horas da manhã e sempre com muita música: além dos músicos programados para tocar na casa, havia sempre amigos, também músicos, que davam uma “canja”.<sup>14</sup>

Em 1976 temos a última notícia nos jornais em relação ao *Saveiros*: “CONTINUA O SUCESSO - Das noitadas alegres no *Saveiros* , com a nossa divina Neyde Maria, acompanhada de regional”.<sup>15</sup> Segundo Tereza Rosa, o restaurante foi mantido por cerca de dez anos.<sup>16</sup> Ela chegou até a comprar uma casa e morar na Lagoa para que ficassem (ela, o marido e Neide) mais próximos do estabelecimento. O restaurante ficava lotado aos finais de semana, sendo preciso fazer reserva de mesas nas sextas-feiras e sábados. Com dezesseis funcionários, a casa, diz Tereza, rendeu bons lucros à família. No entanto o *Saveiros* foi vendido “porque... quem tem restaurante assim que trabalha a noite não tem tempo para nada”.<sup>17</sup> Antes de ser vendido, *Saveiros* foi

---

<sup>12</sup> STODIECK, Beto. Beto Stodieck. Neide capitoneando Saveiro. *O Estado*. Florianópolis, 27 nov. 1973, p.10.

<sup>13</sup> SEVERO, Antunes. Entrevista concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 28 abr. 2009.

<sup>14</sup> ROSA, Tereza. Entrevistada concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 29 out. 2009.

<sup>15</sup> PAMPLONA, Celso. Celso Pamplona. *A Gazeta*. Florianópolis, 23 jan. 1976, p.2

<sup>16</sup> ROSA, Tereza, 2009, op. cit.

<sup>17</sup> Ibidem. Transcrição nossa.

arrendado por um período, quando ocorreu um incêndio nas dependências que acarretou um grande prejuízo.

Do *Saveiros* além da boa música, muitos se recordam da boa comida. O cozinheiro, Adão, era um dos melhores da cidade. Para Cleide Ammon, amiga de Neide, os bolinhos de camarão feitos por Dona Marta, mãe de Neide, eram tão deliciosos que guarda até hoje o gosto em sua lembrança.<sup>18</sup>



Imagem 27 - Neide cantando no *Saveiros* em 1972.<sup>19</sup>

#### 4.1.3 *Lá na Neide*

[Vívian]: De empresária assim não dava muito certo.

[Tereza]: Não, ela sempre dizia “não sei lidar com dinheiro, não me bote dinheiro na mão que eu não sei, eu só sei é cantar.” Porque ela não gostava de lidar com dinheiro, comércio assim não era com ela. É... aí não deu.<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> AMMON, Cleide. Entrevista cedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 17 nov. 2009.

<sup>19</sup> Arquivo Pessoal Maximiliano Rosa.

<sup>20</sup> ROSA, Tereza, 2009, op.cit. Transcrição nossa.

Neide ainda tenta mais uma vez obter sucesso no ramo empresarial com o restaurante *Lá Na Neide*. A primeira versão do cantinho musical de Neide, segundo Celso Pamplona seria na Lagoa da Conceição.<sup>21</sup> Mas ela abre o *La Na Neide* no centro da cidade, na Rua Álvaro de Carvalho n° 45, próximo a um ponto já famoso e freqüentado por artistas e boêmios, o bar do D.C.E. Em 30 junho de 1968 encontramos a última menção sobre este espaço nos jornais da cidade: “Ali na rua Álvaro de Carvalho em frente ao D.C.E., é uma curtição total, com Neide Maria Rosa cantando ao vivo”.<sup>22</sup>

Já na década de 1980, Neide fala de sua empreitada como empresária ressaltando sua falta de tino para os negócios e, ao mesmo tempo, realçando seu papel de boa anfitriã:

Foi tudo muito bom, foi uma experiência boa, mas eu não tenho tino pra negócio. Eu tenho que ter uma pessoa honesta lá na caixa registradora e eu aqui, do balcão pra fora [...] Relações públicas, a comidinha tá demorando a gente vai conta uma piadinha uma coisa engraçada, para pessoa poder esperar, não ficar olhando para as paredes, isso ai eu sabia fazer direitinho porque [ênfase] demorava, meu filho [risos].<sup>23</sup>

Mesmo com seus empreendimentos não financeiramente bem sucedidos Neide, neste mesmo depoimento, conta que gostaria de ter um espaço para *shows* e aponta para a dificuldade dos artistas apresentarem seus trabalhos na cidade:

Eu gostaria de ter um espaço para apresentar *shows*, trabalhos assim de pessoas, sabe, tem tanta gente boa nesta terra, fazendo música boa, gente jovem, enfim, fazendo coisa boa e sem opção de espaço, né. Seria o CIC ou TAC, mas tem que procurar pauta, aquela coisa toda, não gosto muito desta coisa de burocracia, esta coisa toda. Sempre fui um pouco irreverente, neste ponto.<sup>24</sup>

---

<sup>21</sup> PAMPLONA, Celso. Celso Pamplona. Dia 04 de fevereiro. *A Gazeta*. Florianópolis, 29 jan. 1977, p.5.

<sup>22</sup> PAMPLONA, Celso. Celso Pamplona. Hoje é dia de La na Neide. *A Gazeta*. Florianópolis, 30 jun. 1978, p.4.

<sup>23</sup> [CD] ROSA, Neide Maria. *Depoimento Neide Maria Rosa*. Entrevista concedida a Norberto Depizzolatti. Florianópolis, 03 dez. 1987. Arquivo Pessoal Norberto Depizzolatti, 2 vol. Transcrição nossa.

<sup>24</sup> *Ibidem*.



## 4.2 A (NEIDE MARIA) ROSA E O JASMIM OU NEIDE E OUTROS CARNAVAIS

[Neide:] Olha, a gente na época fazia muito concurso de carnaval, porque o nosso carnaval era feito com as nossas próprias músicas. Então o turista vinha, gostava, aprendia porque existia um alto falante na Praça XV, no jardim [...]. Existia um alto-falante onde a Diário da Manhã jogava o som direto. E o pessoal ficava sentado no jardim ouvindo e as músicas saiam, as nossas músicas de carnaval e as pessoas ficavam ouvindo né e aprendiam. Eu acho este sistema muito bom, era uma alegria na cidade. Isso um, dois meses antes do carnaval.<sup>25</sup>

Neide não só cantou marchas e ranchos carnavalescos como também foi uma das poucas mulheres em Florianópolis e talvez a primeira na cidade a ser intérprete (puxadora) de uma Escola de Samba. Foi homenageada em vida por sambistas e ainda foi homenageada por um bloco carnavalesco, e por uma Escola de Samba após seu falecimento. A única coisa que Neide não fez foi sambar, o que era para ela uma frustração<sup>26</sup> e motivo de brincadeira para os amigos.<sup>27</sup> Mas desfilar no carnaval e participar de concursos de fantasia, isso ela fazia. Por isso, vamos falar um pouco de carnaval.

Falar de carnaval é falar de carnavais. Tema complexo, de larga discussão entre historiadores. Portanto, agora, apenas vamos jogar um pouco de confete e serpentear despretensiosamente por algumas informações sobre o carnaval ilhéu.

---

<sup>25</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op.cit. Transcrição nossa.

<sup>26</sup> “Sente frustração de alguma coisa? [Neide] - Sim, de sambar. Dar meu recado no pé.” In: NEIDE MARIARROSA DE CORPO inteiro para Badalo. *Diários Associados*. Rio de Janeiro, 20 fev. 1977.

<sup>27</sup> “Só que tinha um negócio. Eu nunca soube dançar. Eu nunca dancei direito. Eu sou desajeitada para dançar. Então tinha sempre um chorinho, um violãozinho e eu começava [se balançar]. E todo mundo começava a rir, eu era um desastre dançando. E Elizeth dizia “não Neide, não dá, aprendeu samba com alemão?” Mania [de dizer/achar] que aqui só tem alemão.” In: *CRISTAL- Neide Mariarrosa*. Direção: Ronaldo dos Anjos e Eduardo Paredes. Edição: Ronaldo dos Anjos. Pesquisa e Texto: Fernanda Perez e Taise Bertoldi. Imagens: Cezinha e Ronaldo dos Anjos. MIS/SC, Florianópolis, 2008. 01 DVD (80 minutos). Documentário. Gravação de *show* de mesmo nome ocorrido em 10 dez.1993 no Teatro do CIC com produção e apresentação de Mauro Amorim. Florianópolis, 2008.

Na Ilha houve o Entrudo<sup>28</sup> que conviveu com as Sociedades Carnavalescas<sup>29</sup> no período republicano. E na folia surgiram também os cordões e ranchos.<sup>30</sup> Como curiosidade, em 1916 tem-se a notificação do primeiro carro de mutação puxado por bois no Ribeirão da Ilha (os primórdios dos carros utilizados nos desfiles das Escolas de Samba).<sup>31</sup>

A partir da década de 1930, o carnaval ilhéu acompanhou as mudanças que ocorriam no país, com a inserção do rádio como o grande propagador de sambas e marchas e a gravação de discos carnavalescos. Em 1935, apareceram os primeiros blocos seguidos de percussão e chegada do Rei Momo. Os desfiles ocorriam ao redor Praça XV de Novembro, no centro de Florianópolis, e os principais lugares de concentração de foliões eram o Miramar e o Café Chiquinho. Em 1940, é eleito o Rei Momo que por mais tempo iria reinar no carnaval da cidade (33 anos), Hilton Rocha (1925-1997), o Lagartixa. Também neste ano tem-se registro do primeiro bloco carnavalesco “da elite”, *Aí vem a Marinha* e do primeiro concurso de marchinhas de carnaval.<sup>32</sup>

Devido ao período de turbulência ocasionado pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o carnaval na Ilha, como em todo o país, sofreu uma retração, mas ganhou força e ânimo no pós-guerra. Em 1947, surgiu o bloco Narciso (Lima) e Dião, que tinha como porta-estandarte Zininho. Em 1948, a primeira Escola de Samba da cidade, *Protegidos da Princesa*, inicialmente um

---

<sup>28</sup> Trazido pelos portugueses, o entrudo caracterizava-se por brincadeiras tidas como violentas como banhos de água, farinha, fuligem, ataques de ovos podres e limões de cheiro. Segundo Cristiana Tramonte (TRAMONTE, Cristiana. A pedagogia das escolas de samba de Florianópolis. Dissertação (Mestrado) Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1995) em Florianópolis os negros escravos não participavam dos entrudos, esta brincadeira carnavalesca passou a ser perseguida a ponto de ser proibida no século XIX.

<sup>29</sup> As grandes sociedades foram influenciadas pelos bailes de máscaras de Paris e Veneza. De origem elitista, desfilavam nos bailes em clubes e nas ruas. Florianópolis contou entre os anos de 1859 e 1899 com trinta e quatro sociedades, sendo as principais a *Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro* e *Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos*.

<sup>30</sup> Costuma-se distinguir cordões de rancho dizendo que os últimos são mais organizados, segundo Cristina Tramonte (1995), eles eram formados por negros e desfilavam pela cidade.

<sup>31</sup> SILVA, Eduardo da. *Transformações no espaço social do carnaval*. TCC (Graduação em História). Centro de Ciências Humanas e da Educação, UDESC, Florianópolis, 2002.

<sup>32</sup> TRAMONTE, Cristiana, 1995, op. cit.

grupo que no carnaval fantasiava-se de índios Bororós e percorria as ruas da cidade.<sup>33</sup>

Na década de 1950, o carnaval começou a ter maior organização e maior visibilidade. Nesta década surgem as escolas de samba Granadeiros e Embaixada Copa Lord. Além do grande sucesso dos bailes nos clubes e concursos de fantasias. Em 1961, o carnaval foi oficializado pela Prefeitura Municipal e sua programação passou a ser dirigida pelo Setor de Turismo (SETUR), o que deu início aos conflitos entre os que queriam brincar livremente o carnaval e os que estavam institucionalizando-o.<sup>34</sup> Neste ano, Zininho escreveu um samba, que segundo Tramonte (1995) foi censurado,<sup>35</sup> chamado *Senhor Prefeito (Miramar)*, pedindo ao prefeito na época (Osvaldo Machado) um melhor tratamento ao Miramar que sofria com a falta de cuidados para sua preservação.<sup>36</sup>

Digníssimo Senhor Prefeito/ Mui respeitosamente/ Estamos diante de Vossa Excelência/ Para pedir humildemente/ Senhor Prefeito/ Por favor mande recuperar/ O nosso velho e querido Miramar/ Pergunte ao Waldir Brasil, Daniel, Narciso e Dião/ E a outros velhos boêmios/ E eles também lhe dirão/ Que era ali que nasciam as serenatas/ Era ali que os sambas nasciam/ Ao som de um violão/ Senhor Prefeito/ por favor mande recuperar/ O nosso velho e querido Miramar.<sup>37</sup>

Zininho compôs vários outros sambas e marchas, alguns deles cantados também por Neide Maria, como *Preconceito Racial, A Rosa e o Jasmim, Princesinha da Ilha, Magia do Morro, Quem é que não chora, Jardim dos meus amores e Largo 13 de Maio*.

Quando a Princesa assinou/ A Lei Áurea concedendo a abolição/ O negro chorou/ Chorou de alegria/ Era o fim da escravidão// Mas ainda hoje o negro sofre deste mal/ Que é o preconceito racial// Negro não tem coração/ Tem coração sim senhor/ Negro não ama ninguém/ Ama também sim senhor/ Se

---

<sup>33</sup> BUENO, Renato Santiago. *Samba, escolas de samba e políticas públicas na construção da passarela do samba Nego Quirido em Florianópolis (1980 -1989)*. TCC (Graduação em História). Centro de Ciências Humanas e da Educação, UDESC, Florianópolis, 2008.

<sup>34</sup> BUENO, 2008, op.cit.

<sup>35</sup> A autora não cita o tipo de censura.

<sup>36</sup> TRAMONTE, 1995, op.cit.

<sup>37</sup> *Senhor Prefeito* (Zininho, 1961).

negro morre nas guerras/ Negro também tem valor/ A diferença do negro está somente na cor// Vamos acabar de uma vez com este mal/ Que é o preconceito racial.<sup>38</sup>

Florianópolis passou por uma grande mudança com o aterro da Baía Sul executado no governo de Colombo Salles (1970-1975). O propósito deste aterro era o de aumentar e melhorar o sistema viário, expandir as áreas para prédios públicos, residenciais, indústrias, estabelecimentos comerciais e construção de áreas de recreação e esportes. No entanto, o centro histórico da cidade acabou ficando “de costas para o mar”, com os trapiches como o Miramar (de onde mar já não se via) e Santa Maria perdendo sua função e o Mercado Público, o forte Santa Bárbara e a Alfândega sendo descaracterizados. Neste período, os desfiles de carnaval foram transferidos para a nova avenida nascida com o aterro, a Paulo Fontes.



Imagem 28 - O Miramar com o mar sendo coberto pelas areias do aterro.<sup>39</sup>

E é na Avenida Paulo Fontes que, no carnaval de 1981, Neide Maria Rosa interpreta o samba da Escola de Samba Protegidos da Princesa,

<sup>38</sup> *Preconceito Racial* (Zininho, 196-).

<sup>39</sup> Fonte: Imagem disponível em: <http://carlosdamiao.zip.net/images/MiramarUltimosDias.jpg>. Acesso em: 27 out. 2009.

*Riquezas no Paraíso*, de Tião Garúno e Carlos Roberto Silva, em companhia com Maranhão. Na época não havia carro de som nem microfone sem fio nos desfiles, de modo que os intérpretes tinham que seguir a pé a escola. Neide estava com um vestido vermelho e salto alto e teve que andar por toda a avenida cantando e segurando o microfone com fio.<sup>40</sup> Neste ano, a escola sagrou-se campeã. Neide foi chamada de pé- quente:

Lá no Paraíso/ Com a Divina Criação/ Que eu pequei/ Que eu erreí/ Que eu não sei onde encontrar a solução// Mas Deus com a nova existência/ com a nova ciência do bem e do mal de geração a geração/ O homem busca em toda parte/ através de sua arte/ de geração a geração / o novo paraíso onde o sorriso é mais sorriso e mais amor// Desponta a nova era/ Um mundo de paz se faz/ Os Protegidos na Passarela, quanta alegria traz.<sup>41</sup>

Mas no ano seguinte, foi convidado um cantor do Rio de Janeiro para ser intérprete da Escola.<sup>42</sup>

Antes de ser intérprete da Protegidos, Neide participou do Júri de um dos carnavais da cidade.<sup>43</sup> Entre suas notas deu uma pontuação menor à escola de samba Copa Lord no quesito composição. A escola de coração de Neide era a Copa Lord, mas, após este fato, devido à forte rivalidade existente entre as duas escolas, a cantora foi hostilizada pelos integrantes da Copa Lord: chegando ao ponto do carro em que ela estava ser apedrejado quando subia o Morro da Caixa. Tendo laços dificultados com a Copa Lord, Neide durante a década de 1980 desfilou várias vezes pela Protegidos, escola da qual seu irmão Ernani fazia parte da diretoria. Em uma das ocasiões ocorreu um fato engraçado: Neide pela primeira vez iria desfilar num carro (ela preferia desfilar no chão), estava chegando a hora do desfile e não havia chegado a parte de

---

<sup>40</sup> ROSA, Maximiliano. Entrevista concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 26 nov. 2009.

<sup>41</sup> *Riquezas no Paraíso*, 1981. Transcrição minha a partir da música disponível em: [http://www.protegidos.com.br/sambaenredo/coletania%202022-%C3%81bum%20Desconhecido%20\(18-10-2009%2022-15-02\)/10%20Faixa%2010.mp3](http://www.protegidos.com.br/sambaenredo/coletania%202022-%C3%81bum%20Desconhecido%20(18-10-2009%2022-15-02)/10%20Faixa%2010.mp3). Acesso em: 28 out 2009.

<sup>42</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op.cit.

<sup>43</sup> Não se pode precisar a data, mas segundo Maximiliano Rosa, foi na época em que Neide tinha o *Saveiros* e durante este período, entre 1973 e 1976, apenas no ano de 1974 a Copa Lord não foi campeã, sendo este, então, o provável ano em que Neide fora jurada.

cima, a cabeça, de sua fantasia. Ela, então, resolveu dar um jeitinho, tirou a calcinha e junto com um lenço e um broche a prendeu na cabeça. Era 1987, e a escola tratava de orixás, Neide disse que estava fantasiada como uma entidade do candomblé e que ninguém iria reparar. Ocorre que na transmissão do *Jornal Nacional* da Rede Globo entre as imagens do desfile em Florianópolis apareceu justamente Neide com a calcinha na cabeça.<sup>44</sup>

Acompanhando o Rio de Janeiro que em 1984 inaugurou seu sambódromo, *Marquês da Sapucaí*, Florianópolis inaugura, em 1989, a *Passarela do Samba Nego Quirido*, localizada no aterro da Baía Sul.

Neide participou ainda de concursos de fantasia, no ano de 1986, representando o carnavalesco Osvaldo Gonçalves (Dico) nos bailes municipais de Biguaçu, Palhoça e Florianópolis, ganhando na categoria luxo. Era amiga dos carnavalescos da cidade, entre eles Erotides Helena da Silva (1945-2010), a Nega Tide, conhecida cidadã samba da cidade.<sup>45</sup>

#### 4.2.1 A Neide do *Berbigão do Boca*

*No Berbigão do Boca/ A grande festa da  
ilha/ Começa o carnaval/ Que maravilha.  
(Trecho do Hino-Enredo do Bloco)*

O *Berbigão do Boca* surgiu em 1992<sup>46</sup> no contexto em que os desfiles de carnaval das escolas de samba já haviam deixado de ocorrer nas ruas da cidade e passaram a ter um espaço delimitado, a passarela Nego Quirido. Segundo seus criadores, como tentativa de reunir o carnaval espontâneo de rua com o carnaval, agora, do sambódromo, um grupo de pessoas se juntou e formou o *Berbigão*, nome de uma iguaria comum em Florianópolis, *do Boca*,

---

<sup>44</sup> ROSA, Maximiliano, 2009, op. cit.

<sup>45</sup> Ibidem.

<sup>46</sup> Segundo o site do Berbigão do Boca ( BERBIGÃO DO BOCA. Disponível em: <http://www.berbigaodoboca.com.br/?sess=historico>. Acesso em 10 set. 2009.) o bloco surgiu em 1992, no entanto ,Atila Ramos aponta como 1994 o ano de fundação do *Berbigão*.(RAMOS, Átila. *Carnaval da Ilha*. Florianópolis: Papa-Livro, 1997).

nome de um dos foliões famosos da cidade. Desde então, o grupo<sup>47</sup> desfila pelo centro da cidade na primeira sexta-feira anterior ao Carnaval, abrindo o período de folia. Em 2000, a Prefeitura Municipal de Florianópolis reconheceu o *Berbigão do Boca* como Utilidade Pública (Decreto 2.150).<sup>48</sup>

Uma das tradições do *Berbigão* é desfilar pelas ruas com bonecos, de cerca de três metros de altura, em homenagem a personalidades florianopolitanas falecidas para que “sejam eternamente lembradas como exemplos de dedicação à arte ou atividade que abraçaram e onde foram destaque”.<sup>49</sup> A cada ano, novos bonecos são confeccionados pelo artista plástico Allan Cardoso, de modo que atualmente (2010) existem vinte e cinco bonecos.<sup>50</sup>

Neide Maria Rosa foi uma das homenageadas e é representada por um boneco que desfila pelas ruas com o *Berbigão*. Segundo Allan Cardoso, o boneco foi criado a partir de uma fotografia, que ele não soube indicar, presente no LP da cantora, *Eu sou assim*. O molde foi feito em argila e a cabeça com fibra de vidro.<sup>51</sup>

---

<sup>47</sup> Que é mais que um bloco carnavalesco, pois promove vários eventos no período de festas e inicia os festejos com concentração no Mercado Público, onde acontece um festival gastronômico à base de berbigão.

<sup>48</sup> BERBIGÃO DO BOCA, 2009, op.cit.

<sup>49</sup> BONECOS. Berbigão do Boca. Disponível em:

<http://www.berbigaodoboca.com.br/?sess=bonecos>. Acesso em: 14 set. 2009.

<sup>50</sup> Segundo o site do *Berbigão* os bonecos são: Ariel Botaro (jornalista), Lagartixa (Rei Momo), Luiz Henrique Rosa (músico e carnavalesco), Beto Stodieck (jornalista e folião), Nego Tuca (músico e batuqueiro), Paru (boêmio e folião), Neide Maria Rosa (cantora), Zininho (compositor), Djalma do Piston (músico), Meyer Filho (artista plástico), Negão Tenente (ritmista), Aldírio Simões (jornalista e promotor cultural), Miro (jornalista), Bia Rosa (promoter), Pedrinho do Pandeiro (boêmio, músico, compositor), Serratine (músico), Yoldory Bittencourt (empresário e folião), Carlinhos da Tuba (músico), Ricardinho Bavasso (colunista), Ademar Ben Johnson (garçom), Bulcão Viana (ex prefeito de Florianópolis), Tullo Cavallazzi (maestro), Avez Vous (carnavalesco e dirigente de escola de samba). Os outros dois novos foram apresentados ao público dia 05 de fevereiro de 2010: Hélio Cabrinha, ex-presidente da Protegidos da Princesa, e Nivaldo Machado, o Dedão, famoso participante do Bloco dos Sujos.

<sup>51</sup> Dados obtidos através de conversa informal por telefone.

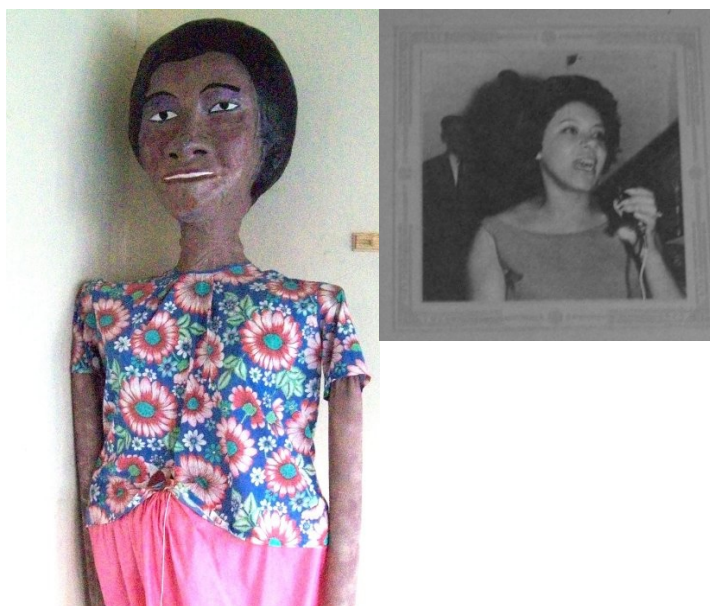


Imagem 29 - Boneco de Neide Maria Rosa (esq.) e foto de Neide no LP (dir.).<sup>52</sup>

No *site do Berbigão* junto a uma foto do boneco de Neide, pode-se encontrar a seguinte biografia:

### **NEIDE MARIA ROSA**

Nasceu em 11 de abril de 1936.

Começou a cantar em 1950 aos 14 anos na Rádio Guarujá. Foi crooner da orquestra do Clube 12 de Agosto aos 12 anos, passando para a rádio Diário da Manhã, onde fez novelas e programas de revista feminina Gessy Lever.

Em 1965 até 1970 esteve no Rio de Janeiro cantando com Elizete Cardoso no Copacabana Palace.

Em 1969 participou do Festival Internacional da Canção onde sagrou-se a melhor intérprete.

Em 1970 voltou, cantando nas rádios, no seu restaurante Baveros na Lagoa, no hotel Diplomata e no hotel Cabanas da Praia Mole. Em 1983 foi trabalhar no C.I.C. (Centro Integrado de Cultura). Em 1985 fez uma turnê pelo Peru com vários shows. Faleceu em 05 de setembro de 1994.<sup>53</sup>

A biografia é bastante reduzida e contém algumas informações não procedentes como Neide ter cantado com Elizeth no Copacabana Palace

---

<sup>52</sup> Fontes: Boneco: Acervo Vívian de Camargo Coronato./ Foto de Neide: LP *Neide Mariarrosa Eu Sou Assim*, 1988.

<sup>53</sup> BONECOS, 2009, op. cit.



(Neide foi a estrela do show *Sua Excelência, o Samba*, que não teve participação de Elizeth), ter ganhado o prêmio de melhor intérprete no *Festival Internacional da Canção* (Neide participou do segundo Festival e quem ganhou foi Milton Nascimento, a cantora ganhou primeiro lugar no *Festival de Música de Juiz de Fora*) e o nome de seu restaurante ser “Baveiros” (quando o correto é *Saveiros*). A forma como é descrita sua trajetória no rádio também não abrange toda importância de Neide, nem os trabalhos realizados, além de estar mal redigida, talvez pela falta de revisão, deixando dúvidas quanto ao que ela fez na RDM: “onde fez novelas e programas de revista feminina Gessy Lever.” O que seriam programas de revista feminina Gessy Lever? Outra questão é o fato de se colocar em evidência o trabalho dela no CIC e não mencionar suas gravações (compactos, LP, o *Rancho de Amor à Ilha*) e últimos shows.

De qualquer maneira, em todos os anos, no carnaval, “Neide desfila como boneco” pelas ruas do centro de Florianópolis. Talvez muitos dos foliões que brincam pelas ruas com o *Berbigão do Boca* desconheçam as biografias das personagens homenageadas, agora representadas por bonecos, e desconheçam quem foi Neide Maria. Mas o fato é que as personagens estão presentes durante a festa e desfilam nos carnavais evocando o passado pelas ruas do presente.



Imagem 30 - Desfile do *Berbigão do Boca* (os bonecos pelo centro da cidade), ao centro o boneco da Neide.<sup>54</sup>

<sup>54</sup> Fonte: Arquivo Pessoal Vívian de Camargo Coronato.

#### 4.2.2 Uma Rosa para Neide Maria

##### Uma Rosa Para Neide Maria

Quanta saudade/ Da rosa que encantou a multidão!/ Pelos palcos da vida/ Hoje faço da avenida/ Um turbilhão de emoção/ Num cantinho qualquer/ Se ouvia o cantar dessa bela mulher/ No rádio, também foi atriz/ Fez o povo feliz/ Hoje uma estrela a brilhar/ E nos carnavais passados/ Do Miramar dos mascarados/ Ficou só lembranças/ De confete e serpentina, pierrôs e colombinas/ Embalados por sua voz divina// Vem me abraçar que eu tô que tô/ Trouxe uma rosa pra você, amor/ Vem mergulhar nessa alegria/ Que a Consulado irradia// Moça faceira, na capital do samba, encantou/ Rara beleza, voz de cristal que Deus abençoou/ Nos festivais, foi aplaudida de pé/ Defendeu grandes artistas e se consagrou/ Mas a saudade foi maior da terra onde nasceu/ E Neide voltou ao seu ninho/ Pra cantar as canções de Zininho // Põe a alma no gogó, cantor / Leva o coração no pé, sambista / Pra fechar eu quero um show de bateria/ Vamos exaltar Neide Maria.<sup>55</sup>

Em 2004, o Grêmio Recreativo e Escola de Samba Consulado trouxe, para a Passarela Nego Quirido o enredo *Uma rosa para Neide Maria*, de José Alfredo Beirão Filho e Carlos César Vieira (Duda) com samba-enredo composto por Josué, Carlão e Adriano do Cavaco. O enredo foi elaborado após pesquisa documental e entrevistas com amigos e familiares de Neide. Segundo Beirão, a intenção era retratar a vida artística de Neide.<sup>56</sup> Para tanto, foi dividido em quatro partes: As canções que cantei, Outros Carnavais, Noites Cariocas e Ilha Boemia.<sup>57</sup> Além do enredo, Beirão foi também o carnavalesco responsável e recebeu prêmio de melhor figurino por seu trabalho.<sup>58</sup>

As duas primeiras partes do enredo formaram um retrato artístico de Neide na Ilha. A primeira destacou o início da trajetória de Neide nos auditórios das rádios *Guarujá* e *Diário da Manhã*, seu trabalho como cantora, apresentadora e radioatriz. A comissão de frente *A voz do vento (Mestres da Música)* foi seguida pelo carro alegórico *Tributo a Neide*, onde Neide foi

---

<sup>55</sup> *Uma rosa para Neide Maria* (Josué, Carlão e Adriano do Cavaco, 2003).

<sup>56</sup> BEIRÃO, José Alfredo Filho. Entrevista concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 06 ago. 2009.

<sup>57</sup> BEIRÃO, José Alfredo Filho. VIEIRA, Carlos César (Duda). *Uma rosa para Neide Maria*. Florianópolis, 2003. Datilografado. 13 páginas (com anexos). Não Publicado.

<sup>58</sup> Beirão ganhou entre 2000 e 2006 o prêmio de melhor figurino no carnaval de Florianópolis.

representada por Rosana Costa que utilizava uma réplica de um vestido da cantora. Ainda compuseram esta parte cinco alas com nomes de músicas de compositores florianopolitanos que foram interpretadas por Neide: *Num cantinho qualquer*, *Evocações*, *Saudade da Seresta*, *Meu segredo* e *Insônia*.<sup>59</sup>



Imagem 31 - Três primeiras alas do desfile.<sup>60</sup>

A segunda parte foi aberta com um carro alegórico denominado *Carnavais* que lembrou os antigos carnavais da cidade, sobretudo das décadas de 1950 e 1960 quando os foliões brincavam nos salões e na Praça XV cantarolando marchinhas carnavalescas compostas por Zininho e já conhecidas antes mesmo do carnaval, através do rádio pela voz de Neide Maria.<sup>61</sup> Mais cinco alas desfilam seguindo o carro: *A rosa e o Jasmim*, *Jardim dos meus amores*, *Princesinha da Ilha*, *A musa e o poeta* e *Largo 13 de maio* (ala de crianças). A musa era Neide, o poeta Zininho.

<sup>59</sup> As músicas *Num Cantinho Qualquer* e *Insônia* são de Zininho, *Evocações* é de Osvaldo Ferreira de Melo, *Saudade da Seresta* de Mirandinha e *Meu segredo* foi composta por Gustavo Neves Filho.

<sup>60</sup> Fonte: Acervo Pessoal de José Alfredo Beirão Filho.

<sup>61</sup> BEIRÃO e VIEIRA, 2003, op.cit.



Imagem 32- Figurino da Ala a Musa e o Poeta.

O segundo carro, *Noites Cariocas*, abriu a terceira parte, retrato da passagem de Neide pelo Rio de Janeiro, mostrando os festivais e importantes *shows* que a cantora participou, assim como os artistas com quem conviveu e dividiu palco. As alas se dividiram em: *Sua Majestade o Samba*, *Eliseth e Paixões*, *Noites Cariocas* (ala das baianas) e *Grandes Festivais*. Em seguida na avenida surgia a ala *Canção do Regresso* e o carro *Ilha Boemia*, representando o Miramar, dando início a última parte do desfile, onde foi abordado o retorno da cantora à Ilha, as mudanças ocorridas na cidade como o aterro da Baía Sul e a demolição do Miramar; a abertura do restaurante *Saveiros*, como ponto de atração musical nas noites; a gravação do seu único LP e o último *show Cristal*. As alas foram *Uma Rosa em Canto*, *Noites nos Saveiros* e *Cristal* (bateria), esta última acompanhou o último carro de mesmo nome. Seguiu-se no desfile uma grande imagem de Neide Maria, que foi acompanhada por seus amigos e conhecidos. O irmão Maximiliano não desfilou, mas foi comentarista do desfile através de uma emissora de televisão.



Imagem 33 - Alas Grandes Festivais e Canção do Regresso.<sup>62</sup>

O desfile contou com cerca de dois mil integrantes, sendo 150 na bateria coordenada por Wagner Segura (músico que tocou com Neide em algumas ocasiões nas décadas de 1980 e 1990). Os intérpretes (puxadores) foram Alan, Carlão e Tiago. O público acompanhou animado todo o desfile, principalmente quando a bateria se apresentou, e aplaudiu de pé a saída da escola da passarela. Na filmagem do carnaval<sup>63</sup> podem ser ouvidos gritos de “é campeã, é campeã.” No entanto, a escola não se sagrou campeã, perdendo por um décimo para a Escola Samba Embaixada Copa Lord. Mas, como se diz, “carnaval tem dessas coisas”. De qualquer maneira o desfile foi muito bonito, emocionante e cumpriu seu papel de homenagem a Neide Maria.

Mas tu precisavas ver a euforia, tá, que foi as pessoas mesmo quando eram novas que não conheciam Neide Maria, [...], pessoas de fora assim, a euforia delas em aprender, porque eles dão a letra na entrada né, pra tu ficar treinando ali com o pessoal.E... precisava ver que lindo que foi a música a ela dedicada, sabe. Que coisa fantástica. Linda, linda, linda. E foi uma emoção né. Uma emoção, sambamos até o final, né.<sup>64</sup>

<sup>62</sup> Fonte: Acervo Pessoal de José Alfredo Beirão Filho.

<sup>63</sup> [VHS] CARNAVAL Consulado 2004. Acervo Pessoal José Alfredo Beirão.

<sup>64</sup> AMMON, Cleide, 2009, op. cit. Transcrição nossa.

### 4.3 NEIDE EM COMPOSIÇÕES

Diversos artistas compuseram músicas em homenagem a Neide, entre eles Abelardo Sousa, Marquinhos do Cavaco, Osvaldo Ferreira de Melo, Rafael Bastos e Denise de Castro. O primeiro, Abelardo Sousa (1920-1986), foi músico e maestro de Florianópolis. Era amigo de Neide, Zininho e dos outros músicos e artistas da cidade. Tocou na orquestra do *Lira Tênis Clube*, da qual Neide foi *crooner*. Segundo Neide, Abelardo compôs para ela uma música denominada *Maria Rosa*.<sup>65</sup> A família do músico guarda um vasto acervo de partituras, no entanto não foi encontrada nenhuma música com este nome.

Osvaldo Ferreira de Melo Filho (1929-) é advogado, escritor e também compositor. Apesar de ser contemporâneo de Neide e morar na mesma cidade, conta que só teve contato mais próximo com a cantora quando esta regressou à Ilha, na década de 1970. Conheceu Neide através de Zininho, do qual era amigo próximo. Descreve-a como uma pessoa de extrema qualidade humana, bondade e bom caráter. Escreveu a música *Canto de Doação* e dedicou a Neide porque ela estava bastante abatida, pois passava por problemas financeiros devido suas empreitadas mal-sucedidas na área empresarial, e acabara de descobrir que estava com câncer.<sup>66</sup> “Ele fez essa música num momento em que eu precisava muito de uma palavra, de uma mensagem. Eu tava muito assim pra baixo, né, como se diz na gíria ‘pra baixo’. E ele tentou dar uma levantada.”<sup>67</sup>

#### Canto de Doação

Se tu perdeste/ Tua rima, tua paz,/ Olha de cima/ E então,  
entenderás!!/ Que este mundo/ Que te deu tanta tristeza/ É o  
mesmo mundo/ Explodindo de beleza!! Só nascem canções/  
Quando se abrem corações/ E existem mãos prá doar/ E voz

<sup>65</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op. cit.

<sup>66</sup> MELO, Osvaldo Ferreira de. Depoimento informal cedido a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 01 abr. 2009.

<sup>67</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op.cit. Transcrição nossa.

prá cantar, // Voz prá cantar/ Voz prá cantar/ Voz prá cantar/  
Voz prá cantar.<sup>68</sup>



Imagem 34 - Osvaldo Ferreira e Neide Maria, na ocasião da gravação do LP *Eu sou assim*.<sup>69</sup>

A composição ganha força na voz de Neide e, diante do contexto em que foi escrita, é uma das músicas mais significativas entre as compostas para a cantora. A música acompanhou a trajetória de Neide que a canta também em seu último *show*, *Cristal*, ocasião em que além de contar que estava na época em que ele fez a música “brigada com a vida” agradece ao amigo, que estava presente na platéia, pela composição. Em relação à letra da música, o verso “Voz prá cantar” evocando tanto a voz de Neide como a própria existência de Neide (vós) é, para mim, um dos mais belos e evocativos.

Além de *Canto de Doação* muitas outras composições de Osvaldo Ferreira de Melo fizeram parte do repertório de Neide como *Açucena*, *Canto de Despedida*, *Dentro da Noite*, *Itaguaçu*, *Evocações* e *Florianópolis*. Estas duas últimas foram gravadas por Neide no LP *Eu sou Assim*.

---

<sup>68</sup> MELO, Osvaldo Ferreira de. *Canto de Doação*. In: MELO, Osvaldo Ferreira de. *Na Magia dos Sons* - coleção de canções selecionadas pelo autor. Florianópolis: FFC: UFSC, 2001.

<sup>69</sup> Fonte: Acervo Casa da Memória de Florianópolis (Personalidade Culturais/ Neide Mariarrosa).

Marcos Antonio Silveira (1960-), conhecido como Marquinhos do Cavaco, conheceu e tocou com Neide Maria. Funcionário público escreveu um samba em homenagem a Neide.<sup>70</sup>

O antropólogo Rafael José de Menezes Bastos, Rafa para Neide, escreveu *Floripa*, que foi musicada por ele e pela musicista Sílvia Beraldo. Ambos se mudaram para Florianópolis em meados da década de 1980 e logo se apaixonaram pela Ilha e se encantaram com Neide Maria. A música *Floripa* nasceu, portanto, “[...] de uma paixão. Pela Ilha. E pela musica, que aqui encontra sua tradução mais forte, terna e bonita em Neide Mariarrosa. [...]”.<sup>71</sup> Neide gostou muito da música e comentou que ela era linda e que o casal (Sílvia e Rafael) deveria estar em muita paz quando a fizeram, mas, pelo contrário, segundo Sílvia, houve muita briga para finalizar a música.<sup>72</sup> Neide acabou inserindo-a em seu repertório. Cantou em diversos *shows* e a gravou em seu LP, *Eu sou Assim*.

#### Floripa

Desterro ilha/ mar a sul/ coral/ cidade flor. verde república. do canto/ pólis Santa/ azul colar/ musiCatarina// vento vela/ quilha rede/ mar/ navegar-viver exato/ inverno/ pescador é preciso/ pêra uva/ maça pinhão/ vinho chuva/ tesão/ frio avesso/ coração estremece// Ceci Solidão/ Conceição Joaquina/ MEL Flor e Paixão/ meninos meninas/ Arante do Sul sol/ Jurerê Daniela/ peixe frito e pirão/ olê muié rendá/ Peri Armação/ Ich liebe Marina/ luar do verão/ cuore sera/ tilinta/ Caminho das Dores/ Prisão Tapera Sambaqui/ Moçambique Açores/ Ó formas alvas Zumbi.<sup>73</sup>

Sílvia Beraldo conheceu Neide Maria nas imediações do Centro Integrado de Cultura (CIC). Neide, na época, trabalhava na área administrativa<sup>74</sup> e Sílvia dava aulas de música. Quando soube que Neide era

---

<sup>70</sup> Procuramos Marquinhos que por sua vez entrou em contato uma vez e depois não mais respondeu as solicitações.

<sup>71</sup> BERALDO, Sílvia e BASTOS, Rafael. In: [LP] *NEIDE MARIARROSA - Eu sou assim*. Florianópolis: FCC, 1988.

<sup>72</sup> BERALDO, Sílvia. Transcrição de entrevistada cedida a Taise Bertoldi e Fernanda Perez, Florianópolis, 2008. Não publicado. (Transcrição gentilmente cedida pelas entrevistadoras)

<sup>73</sup> BERALDO, Sílvia. BASTOS, Rafael. *Floripa*. [198-].

<sup>74</sup> Neide não estava em boa condição financeira e pensava em deixar de cantar profissionalmente. Konder Reis, que na época era governador do estado ofereceu a ela uma vaga, primeiro na Prefeitura Municipal de Florianópolis, onde a cantora não se sentiu bem, em



uma cantora e intérprete “maravilhosa” Silvia e Rafael logo a convidaram para participar de uma banda de baile que haviam acabado de montar denominada *Quebra com Jeito*.<sup>75</sup> A cantora aceitou o convite e a *Orquestra Quebra com Jeito* foi composta por Neide Mariarrosa no vocal, Denise de Castro (piano e voz), Rafael Bastos (violão e voz), Gama (baixo), Marquinho (bateria), Baixinho (percussão), Edu (trompete), Sílvia Beraldo (saxofone e flauta) e João (saxofones). A banda teve curta duração, se apresentando em alguns locais da cidade, como no *Bailão do Albino*, localizado nos Ingleses. Mas os músicos continuaram próximos de Neide e muitos deles participaram de outros *shows* e da gravação do elepê da cantora.

A homenagem de Denise de Castro foi feita após a morte de Neide. Denise, musicista, professora e compositora, conheceu pessoalmente a cantora no CIC, onde ambas trabalhavam, mas, filha do pianista Chevalier desde criança já ouvia Neide cantar em Florianópolis. Teve a oportunidade de tocar com a cantora na *Orquestra Quebra com Jeito*. Quando Neide faleceu Denise estava em Portugal, onde compôs a música *Maria Rosa*, um pequeno bolero que foi apresentado aos familiares e amigos da cantora e que, segundo a cantora, emocionou (e ainda emociona sempre que ela é executada) a todos eles.<sup>76</sup>

#### MARIA ROSA

Maria Rosa/ Em que bares/ em que noites/ em que ruas/ que olhares/ tua voz/ maravilhosa// Maria/Rosa/ Dos boêmios/ das estradas/ das canções /apaixonadas/ pela ilha/ aprisionada// Vejo o tempo na Beira-Mar/ Os momentos que ficaram lá/ Ecoando no Miramar// Maria Rosa. O teu canto/ para sempre/ ilumina a cidade/ tua voz/ maravilhosa.<sup>77</sup>

De composições da própria Neide, da Neide compositora, temos registro de algumas músicas como a *Voz ao Vento* e *Luar na Conceição*.

---

seguida na Fundação Catarinense de Cultura, no CIC, no setor de música, local onde ela ficou até a doença não mais deixá-la trabalhar. Mesmo tendo que acordar cedo, Neide gostava do trabalho e de todos seus colegas. Cf. Rosa, Tereza, 2009, op. cit.

<sup>75</sup> BERALDO, Silvia, 2008, op.cit.

<sup>76</sup> CASTRO, Denise de. Transcrição de entrevista concedida a Fernanda Perez e Taíse Bertoldi. Florianópolis, 2008. Não publicado. (Transcrição gentilmente cedida pelas entrevistadoras).

<sup>77</sup> *Maria Rosa* (Denise de Castro, 1994).

## LUAR NA CONCEIÇÃO

Vem meu amigo, meu violão/ Juntou a minha tua vibração/  
Vem de mansinho, com atenção/ Já é luar na Conceição/ É luar  
na Lagoa da Conceição// Ah, o luar na Conceição/ O luar na  
lagoa da Conceição// Se devo usar rimas pra Conceição/ Sei  
que devo as musas pedir perdão/ Mas é preciso usar toda  
emoção/ Que possa abrigar o meu coração/ Porém cantar não  
vou mais não/ Pois não se canta, amigo violão/ Todo mistério  
que há no luar/ No Luar da Lagoa da Conceição/ No Luar da  
Lagoa da Conceição.// Ah, o luar na Lagoa da Conceição/ O  
luar na Lagoa da Conceição.<sup>78</sup>

### 4.4 NEIDE DOCUMENTADA: TCC e DVD

Em 2008, foi apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da UFSC o documentário *Ai que saudade de Neide*,<sup>79</sup> de Fernanda Peres e Taise de Queiroz Bertoldi. O documentário mescla depoimentos de algumas pessoas que conviveram com a artista com imagens e áudios relacionados a Florianópolis, Rio de Janeiro e Neide. Podemos acompanhar falas de Maximiliano Rosa, irmão mais novo de Neide; Antunes Severo, radialista e amigo que trabalhou com Neide na RDM; Mauro Amorim, jornalista e amigo; Cleide Ammon, cantora e amiga; Cláudia Barbosa, cantora, filha de Zininho e próxima de Neide e da família; Nelson Padilha e José Ribeiro “Mestre Zininho”, músicos que tocaram e conheceram Neide na época do rádio; Silvia Beraldo, Denise de Castro e Wagner Segura e Marcelo Muniz, músicos que tocaram com Neide entre as décadas de 1980 e 1990 e Norberto Depizzolatti, um dos fundadores da Casa da Memória, produtor do LP da cantora e amigo.

Com cerca de quarenta minutos, o TCC está dividido em cinco partes. A primeira intitula-se *A Descoberta* e aborda o início da carreira de Neide como cantora na Rádio Guarujá e *crooner* do Clube Doze, seu trabalho como radioatriz - com inserção de áudios dos programas *Alma Sertaneja* e *Bar da*

---

<sup>78</sup> Arquivo Pessoal Maximiliano Rosa.

<sup>79</sup> [DVD] BERTOLDI, Taíse. PERES, Fernanda. *Ai que saudade da Neide*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Jornalismo), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

*Noite* - as outras funções que exerceu no rádio e a quantidade de fãs tanto da radioatriz quanto da cantora e apresentadora de programas radiofônicos. *A intérprete*, segunda parte, apresenta depoimentos que exaltam a qualidade vocal de Neide e aborda a relação musical entre Neide e Zininho, com depoimentos sobre o *Rancho de Amor a Ilha*; terminando com a vinda de Elizeth Cardoso a Florianópolis.

Quando Neide vai pela primeira vez ao Rio de Janeiro, gravar o compacto com a música *Insônia*, de Zininho, inicia-se a terceira parte do documentário, *O Auge*. Amigos falam da insistência de Elizeth Cardoso para que Neide fosse morar no Rio e é apresentada, através de imagens de jornais, revistas e depoimentos, a trajetória da cantora na cidade maravilhosa, com destaque a alguns *shows* e festivais e a possibilidade de conviver com artistas renomados e ser por eles admirada. A volta de Neide é explicada por Maximiliano, seu irmão, como ato recorrente na história de músicos da cidade que buscaram fora de Florianópolis projeção no cenário e que por diversos motivos retornaram. Neste momento, ele revela que: “Ela [Neide] não tinha a ambição de se tornar uma grande [ênfase] estrela, ela gostava de cantar.”

*A Volta*, quarta parte começa apresentando os empreendimentos de Neide em Florianópolis: o restaurante *Saveiros* e, em seguida, o *Lá na Neide* - que não deu lucros pois Neide não era boa cobradora. “[...] Bebiam, comiam e não pagavam. E ela não dizia nada também...”, é o que afirma Mauro Amorim. Outro momento é dedicado aos músicos mais jovens com quem Neide compartilhou o palco e trocou conhecimentos entre as décadas de 1980 e 1990. O contexto da gravação do primeiro e único LP da cantora é também mencionado.

A última parte, *A Despedida*, é uma das mais emocionantes. Principia com o surgimento da doença de Neide e da progressão da mesma, apresenta trechos dos dois últimos grandes *shows* da cantora, aborda sua morte e a homenagem que a *GRES Consulado* fez no carnaval de 2004. Nas cenas do *show Bar da Noite*, podemos ver Neide, que canta sentada, se emocionando ao cantar a música *Se todos fossem iguais a você*, num choro que se mistura

com a doença, a homenagem, os amigos presentes prestigiando e dando força e a notícia (recebida apenas naquele momento) da morte do amigo Rozendo Lima, que tivera a idéia de produzir o *show* para arrecadar fundos para o tratamento da cantora. Sobre o *show Cristal*, Mauro Amorim conta que Neide já não podia mais andar e que era preciso que ele estivesse o tempo todo ao lado da cantora. Neide estava debilitada, mas sua voz é de uma força imensa.

O documentário foi distribuído a todos que colaboraram com o mesmo, sendo possível encontrar uma cópia no Departamento de Jornalismo da UFSC e na Casa da Memória. Também foi transmitido através TV UFSC e TVCOM e se pode acessar um pequeno trecho na internet disponibilizado no site ClicRBS.<sup>80</sup> É um trabalho bonito e bem organizado, porém seu acesso à comunidade em geral não é, pelo menos até a data deste escrito, abrangente.

*Ai que saudade...* presenteia-nos com alguns momentos em que além da carreira artística e empresarial fala-se um pouco do indivíduo Neide. Um deles é quando ouvimos em *off* a voz da própria Neide anunciando que não sabe ficar longe do mar, que não sabe ficar num lugar onde não possa sentir o cheiro da maresia; outro quando Mestre Zezinho conta que em uma ocasião num *show* que fizeram no *Guarany*, Neide, não se sabe porque, não se lembrava de nenhuma letra e que ele ficou tocando violão e cantando baixinho todas as letras para que ela cantasse. Wagner Segura conta que a chamava de “Estrela” e ela ria e que, por vezes, pelo telefone passava o tom das músicas através de arpejos, para que ele fizesse os arranjos e na hora do ensaio já estivesse tudo “prontinho”. Norberto Depizzolatti diz que Neide era “manhosa” e a gravação do disco “deu um pouco de trabalho”, pois às vezes ela decidia não ir para as gravações, dizia que estava com a garganta ruim e então ele levava mel, a buscava em casa e a deixava de volta e trazia cachecol para que ela não ficasse rouca. No final do trabalho, uma fala de Antunes Severo quando perguntado se havia mais alguma coisa que gostaria de falar sobre Neide:

---

<sup>80</sup> Documentário conta a história da cantora Neide Maria Rosa. Vídeos. *Diário Catarinense*. Disponível em: <http://mediacenter.clicrbs.com.br/templates/player.aspx?uf=1&contentID=65903&channel=65>. Acesso em: 12 jun. 2009.

“Negona, eu te amo.” E se não é amor, é com grande carinho e admiração que todas as pessoas que prestaram depoimentos falam sobre Neide.

#### 4.4.1 *Cristal*, o DVD

Além do TCC, Fernanda e Taise foram responsáveis pela pesquisa e texto do DVD *Cristal - Neide Mariarrosa*<sup>81</sup> que contém um encarte com uma biografia que focaliza a faceta de Neide como cantora. O DVD foi lançado em 24 de setembro de 2008 e distribuído gratuitamente, não estando disponível a venda, podendo ser encontrado no MIS de Santa Catarina.

*Cristal - Neide Mariarrosa* é um documentário de Eduardo Paredes e Ronaldo dos Anjos contendo o último *show* de Neide. O original em VHS foi digitalizado e editado e foram inseridas algumas imagens (figuras). O *show* foi escrito por Mauro Amorim que o apresenta, faz perguntas a Neide sobre sua trajetória e permanece durante todo o tempo sentado ao seu lado no palco. A edição optou por não apresentar alguns momentos do *show* como aponta Mauro: “E fiquei no palco porque ela não podia ficar sozinha, ela tava numa cadeira de rodas e teve uma hora que **eles conseguiram na montagem, na edição tirar isso**, porque teve uma hora em que ela desligou o microfone dela e disse ‘eu vou cair’ e eu desliguei o meu e disse ‘não vai não, fica aí’”.<sup>82</sup>

Mas, como já mencionado, quem assiste ao *show* vê uma Neide frágil sentada e encolhida e se impressiona com sua interpretação em todas as músicas. Se só se estivesse ouvindo, não se poderia imaginar que aquela voz era de uma pessoa que estava cantando sentada porque já não tinha mais forças para ficar em pé e que estava fazendo sua última apresentação. Ela morreria nove meses depois, após longas internações no hospital e ficar em casa na cama por muito tempo sem conseguir se movimentar, auxiliada por uma enfermeira e recebendo visita médica.

---

<sup>81</sup> *CRISTAL*- Neide Mariarrosa. Direção: Ronaldo dos Anjos e Eduardo Paredes. Edição: Ronaldo dos Anjos. Pesquisa e Texto: Fernanda Perez e Taise Bertoldi. Imagens: Cezinha e Ronaldo dos Anjos. MIS/SC, Florianópolis, 2008. 01 DVD (80 minutos). Documentário. Gravação de show de mesmo nome ocorrido em 10 de dezembro de 1993 no Teatro do CIC com produção e apresentação de Mauro Júlio Amorim. Florianópolis, 2008.

<sup>82</sup> AMORIM, Mauro Júlio, 2009, op. cit. Transcrição nossa, grifo nosso.

No repertório do *show* músicas de Hermínio Bello de Carvalho, Pixinguinha, Cartola, Noel Rosa, Nelson do Cavaquinho entre outros.<sup>83</sup> O cenário foi assinado por Osni Lemos e a decoração do palco foi feita por Aldo Duarte. No palco ao fundo há um grande pano branco, no meio do palco uma cadeira, onde Neide está sentada, e ao seu lado um vaso com girassóis, sua flor preferida. Outros quatro arranjos de flores estão no palco. Do lado de Neide, em um banquinho, se encontra Mauro Amorim. Os músicos do conjunto *Vibrações* que acompanham a cantora no *show*, estão distribuídos à esquerda e à direita de Neide.

Ao cantar *Carinhoso*, a penúltima música, uma chuva de papéis cai sobre Neide. A cantora pede que a platéia cante e quando ela retorna a cantar nos versos finais “e só assim então, serei feliz, bem feliz” se emociona e dá uma pausa no “então”, seu amigo Mauro lhe dá a mão e Neide segue com “serei feliz, bem feliz”. A platéia aplaude em pé e podemos ouvir alguém dizendo “negôna linda!”. A última música é *Rancho de Amor a Ilha*, que é acompanhada com palmas pelo público.

---

<sup>83</sup> O repertório, em ordem de aparição, é o seguinte: *Linda Flor* (Henrique Vogeler, Luis Peixoto e Marques Porto), *Folhas no ar* (Elton Medeiros e Hermínio Bello de Carvalho), *Minha Festa* (Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito), *Rosa* (Pixinguinha e Otávio de Souza), *Murmurando* (Fon Fon - Otávio Romero Monteiro), *Lamento* (Pixinguinha), *Cordas de Aço* (Cartola), *Canção de Amor* (Chocolate), *Pedra Não Voa* (Rene Bittencourt e Naná), *Dores de Amores* (Luis Melodia), *Três apitos* (Noel Rosa), *Isso é que é viver* (Pixinguinha e Hermínio Bello de Carvalho), *Carinhoso* (Pixinguinha e João de Barro), *Rancho de Amor a Ilha* (Zininho).

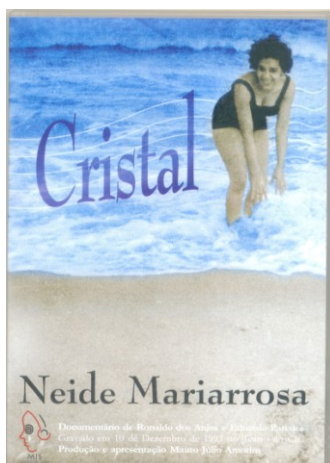


Imagem 35 - Capa do DVD Cristal Neide Mariarrosa.<sup>84</sup>

A imagem escolhida para capa do DVD apresenta Neide num dos locais em que ela mais gostava: o mar.

#### 4.5 NEIDE **MAR**(IA) ROSA

Sim, não existia o aterro da Baía Sul, então de onde eu morava, na Menino Deus, dava pra ver o mar. Depois vim pra Rua João Pinto e da Rua João Pinto também ficava perto do mar. Eu não sei ficar muito longe do mar, eu não sei ficar num local que eu não possa sentir o cheiro da maresia, sabe me deixa muito contente. Por isso eu gosto muito do Rio.<sup>85</sup>

O aterro deixou o centro de Florianópolis mais longe do mar. E os edifícios que surgiam impediam que ele fosse visto de alguns pontos da cidade como outrora. Quando Neide retornou do Rio de Janeiro, na década de 1970, a cidade passava por profundas transformações. Conforme ressalta Paulo Fernando Lago<sup>86</sup> grande parte desse conjunto de modificações esteve relacionado a interesses de empresários locais no fomento ao turismo. Havia um desejo de que Florianópolis se tornasse a “capital do turismo” e para receber os novos turistas foram construídas estradas para o acesso às praias

<sup>84</sup> Fonte: DVD Cristal- Neide Mariarrosa. MIS Santa Catarina, 2009.

<sup>85</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op. cit. Transcrição nossa.

<sup>86</sup> LAGO, Paulo Fernando. *Florianópolis: a polêmica urbana: crescimento e transformações, a questão metropolitana, problemas do crescimento*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1996.

que receberam equipamentos urbanos para o uso dos turistas. Os acessos à cidade também precisaram de modificações para receber maior fluxo de automóveis. Para tanto, foram planejados os aterros da Baía Sul e Norte e construída uma nova ponte, a Colombo Salles, inaugurada em 1972. O turismo na cidade foi incrementado com a conclusão do trecho da BR-101 que pelo litoral ligava Florianópolis ao Paraná e Rio Grande do Sul. Além de turistas, a cidade também recebeu um grande fluxo de novos moradores devido, principalmente, a instalação da Eletrosul Centrais Elétricas (1968/9), a criação de duas universidades (UFSC em 1961 e UDESC em 1965) e ao aumento do setor de construção civil e imobiliário.

*Olha, o Miramar é uma coisa que a gente chora até hoje, a falta dele. (Neide Maria Rosa)*

A demolição do Miramar em 1974 pode ser vista quase como “um ato simbólico que rompe a Florianópolis portuária, marítima, e a faz definitivamente a cidade rodoviária, do automóvel, do forasteiro, da verticalização, do adensamento urbano, cidade turística, cidade do desejo, alegórica, metamorfoseada, cidade-memória”.<sup>87</sup> Neide fez parte dos ilhéus que sentiram esta mudança como algo negativo e que possuem no imaginário a cidade de outrora como cidade ideal, pacata, tranqüila, não violenta onde todos se conheciam. Mas é importante destacar que nem todos moradores, como nos aponta Rafael Damaceno Dias,<sup>88</sup> acreditam que a Florianópolis de antes é melhor do que a de depois.<sup>89</sup>

Zininho, que saiu de Florianópolis em 1966 e retornou em 1974, é um dos nostálgicos e comenta que quando retornou já não reconhecia a cidade, não conhecia mais ninguém que circulava no centro, não havia mais o

---

<sup>87</sup> FLORES, Maria Bernadete Ramos. Estética e Modernidade. In: FLORES, Maria Bernadete; LEHMKUHL, Luciene; COLLAÇO, Vera (orgs.). *A casa do baile* - estética e modernidade em Santa Catarina. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.

<sup>88</sup> DIAS, Rafael Damaceno. *Lembrança e nostalgia nos desacordos da memória: a cidade de Florianópolis nas últimas décadas do século XX. Espaço Plural*, 2º Semestre, 2007. (Dossiê Cidades), p. 33-38.

<sup>89</sup> A questão das disputas simbólicas na cidade e da relação entre os “daqui” e os “de fora”, entre ser ou não manezinho da ilha é complexa e não será aqui abordada.



ambiente existente na época em que as rádios possuíam auditórios, e que esta também deveria ter sido a sensação que Neide teve quando retornou do Rio:

Aqui também já não era... [...] Quando ela voltou então já não tinha mais nenhuma rádio com auditório, não tinha mais nada. Então era uma coisa completamente diferente. Então o ambiente era o outro tipo de rádio, o que a gente fazia na época não existia mais, era só saudade. Eu acho que foi isso que também. Aí ela [Neide] passou a só cantar em bares, a noite, e isso e aquilo. [...]. Foi uma mudança assim muito brusca pra gente assim que tava habituado. A própria cidade tinha se transformado muito. Quando eu voltei de Curitiba a cidade já tinha o aterro, logo depois já passaram trator em cima do Miramar, quer dizer, foram. Nosso ambiente, nosso habitual, foi sendo apagado, foi passado uma borracha em tudo. [...] Você não vê mais nada, vê um monte de espigão em cima do outro.[...] Não tem mais nada a ver com aquilo que a gente se criou e viveu. Mudou. Isso aí tudo choca, né, principalmente para quem sai, passa um tempo fora e quando volta... [...].<sup>90</sup>

[Neide:] Eu sou parecida com a Ilha. Porque, por tudo isso que falávamos, mas a ilha mudou mais que eu. Eu não mudei tanto. [...]. A ilha mudou muito mais. As pessoas... Se eu pudesse eu fecharia esta ilha e não ia deixar ninguém entrar. Construir prédio, coisa nenhuma. É o progresso né, infelizmente. [...].<sup>91</sup>

Neide se pudesse fecharia a ilha e não deixaria mais ninguém entrar. Mas isso ela não poderia fazer, por isso, restava a memória de uma cidade. No entanto, a cantora ainda muito se identificava com a Ilha, dizia que, assim como ela, era pacata, chatinha, de lua. E que às vezes estava de vento sul, outras vezes muito branda, muito calma.<sup>92</sup> E é a própria Neide que dá um exemplo destas mudanças de vento em sua personalidade, ao dizer que Roberto Carlos havia feito um samba canção para ela e que ela nunca havia ido gravá-lo: “Até hoje eu não posso entender o porquê... É a ilha, bons ventos,

---

<sup>90</sup> [Fita K-7] CONVERSA COM ZININHO sobre Neide. Florianópolis: Arquivo Zininho, Casa da Memória [19-?]. (FC 32 Lado A e B e FC 33 Lado A). Transcrição nossa.

<sup>91</sup> [Fita K-7] NEIDE MARIA e outros. Florianópolis: Arquivo Zininho, Casa da Memória. [1986?]. (FC 14 Lado A e B). Transcrição nossa.

<sup>92</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op. cit.

ah, quero fazer vamos! Depois, não é bem assim, péra aí, vamos conversar...[...]"<sup>93</sup>

Ilha é uma porção de terra rodeada de mar. E mar era algo que Neide muito apreciava. A família de Neide possuiu algumas casas nas praias de Florianópolis. Uma delas localizava-se em Santo Antônio de Lisboa (a qual tiveram por 8 anos) e outra no Morro das Pedras (15 anos), lugar em que Neide passara muitos fins-de-semana com a irmã e com os amigos do rádio. Um pouco antes de adoecer, Neide alugou uma casa na Daniela: “[...] E ela ia, meu Deus, como ela gostava de fazer as comprinhas para ir para lá. Adorava praia, adorava. Eu nunca gostei, mas ela adorava. Eu ia pra praia, mas não saía de casa [...] mas ela não, ela adorava. Praia ela gostava muito”.<sup>94</sup>

E as casas de praia sempre estavam cheias de amigos, havia sempre um violão, e as noites eram noites de seresta. Também Neide freqüentou as casas de amigos, como a de Mauro Amorim, que fala sobre a relação de Neide com o mar:

Neide queria muito sossego, sabe. Ela foi pra minha casa de praia a primeira vez. Minha casa tem quase 200 anos. [...]. Um terraço grande na frente e... eu tenho até uma foto com a Neide comigo lá e com um amigo jornalista também. E ela disse “Meu Deus, isso aqui é o paraíso, quem pudesse ficar aqui a vida inteira”. O mar ali na frente. [...]. Isso eu me lembro perfeitamente, falou em mar a Neide ficava assim... Este negócio até meio lemanjá, né... [...] o barulho do mar, o cheiro do mar, era realmente fantástico. Era uma ilhoa....<sup>95</sup>

---

<sup>93</sup> ROSA, Tereza, 2009, op. cit. Transcrição nossa

<sup>94</sup> Ibidem.

<sup>95</sup> AMORIM, Mauro Júlio, 2009, op.cit. Transcrição nossa.



Imagem 36 - Neide Maria, Maurício Amorim e Marisa Ramos na casa de praia da família Amorim.<sup>96</sup>

[Neide:] É, hoje em dia eu canto no Veleiros da Ilha, é uma delícia você cantar olhando pro mar, olhando o visual, a ponte Colombo Salles, as luzes na água, as luzes dançando, os barcos, os mastros dançam o ritmo da gente. Acho lindo aquilo.<sup>97</sup>

Também o irmão Maximiliano fala da adoração que Neide tinha pelo mar. Conta que na época do *Saveiros* na Lagoa, lembra-se dela de maiô laranja deitada em uma grande bóia. E dos piqueniques nas praias do Forte, Daniela, Morro das Pedras, Moçambique...

Me lembro de bóia, a Neide adorava bóia. A gente ia pra Lagoa eu lembro, ela tinha um maiô laranja [ênfase] la-ran-ja. E com uma bóia, que na verdade eram aquelas bóias que pareciam um pneu, bem grandona antiga, né. Aí ela ficava sentada na bóia, ficava lá, na Lagoa. E era assim, ela gostava muito de praia, era muito bom. Muito bom mesmo.<sup>98</sup>

---

<sup>96</sup> Fonte: Arquivo Pessoal Mauro Júlio Amorim.

<sup>97</sup> ROSA, Neide Maria, 1987, op.cit. Transcrição nossa.

<sup>98</sup> ROSA, Maximiliano, 2009, op. cit. Transcrição nossa.

#### 4.6 O ÚNICO REGISTRO EM LP

Neide havia gravado alguns compactos, participado em faixas de alguns elepês, mas não havia nenhum disco próprio. Norberto Depizzolatti, que quando criança tinha Neide como musa, decide fazer do seu TCC no curso de jornalismo uma grande homenagem a artista que culminaria em um LP. Esta era a idéia inicial, mas impossível de ser realizada no âmbito de um TCC, que se limitou a organizar os dados e gravar um depoimento autobiográfico de Neide.

Mas Norberto não desistira da idéia e quando ingressou na Fundação Franklin Cascaes (FCC), logo fomentou um projeto intitulado *Florianópolis Voz e Verso*, cujo intuito era lançar uma série de discos que valorizasse os artistas locais. O primeiro elepê, que acabou sendo único, foi de Neide Mariarrosa.

Não foi fácil convencer a cantora a gravar o disco. Foi preciso muita insistência e a existência de uma proposta financeira concreta. E o vento sul, o mesmo que muda inesperadamente o clima na ilha de Santa Catarina, também influenciou bastante Neide, pois mesmo depois de ter aceitado a proposta, muitas vezes quis desistir.

Aí quando cheguei assim com uma proposta bem concreta, de realização mesmo, que dava para fazer. Ai ela não teve como recusar, mas ai eu tive que depois de assim, “domar o touro a unha, né”, dia a dia, todo dia ela desistia. **Todo dia ela desistia**, era impressionante, eu ligava, ia lá e ela dizia “não, não quero, não quero mais fazer isso, não vou fazer”. “E agora?”, eu dizia, “olha a situação que tu vai me deixar [...]. Tu vai fazer isso comigo... não, não vai mesmo, agora no meio do caminho [...]”. Não tinha jeito, acabou acontecendo, mas bem com reveses.<sup>99</sup>

O LP denominado *Eu sou Assim*<sup>100</sup> foi produzido em Florianópolis, que na época não tinha a tecnologia disponível em cidades como Rio de Janeiro e

---

<sup>99</sup> DEPIZZOLATTI, Norberto. Entrevista cedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, nov. 2009.

<sup>100</sup> [LP] MARIARROSA, Neide. *Eu sou assim*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1987.

São Paulo. Talvez isso tenha deixado Neide bem reticente além do fato de se ouvir em disco.

Norberto deixou Neide à vontade na escolha do repertório, que deveria ser de música de compositores locais, e dos músicos que trabalhariam com ela.<sup>101</sup> De modo que o repertório pode ser analisado como as preferências da cantora. Sua única interferência foi na inclusão do *Rancho de Amor à Ilha*, música que Neide já estava cansada de cantar, mas que era de extrema importância para ser deixada de fora em um elepê que pretendia ser uma antologia da cantora.

Para Norberto o resultado do disco poderia ter sido melhor, mas foi o que podia ter sido realizado no momento. E graças ao seu trabalho temos o único registro em elepê da cantora. Hoje ele mudaria muita coisa e tem desejo de relançar em CD com algumas melhorias. Norberto acredita que Neide não tenha gostado muito do resultado, pois assinou na dedicatória: “Norberto, este disco é teu”.

Dedico este trabalho ao amigo Norberto. Haveria muito o que falar de seu esforço e dos obstáculos surgidos e cada passo da elaboração deste disco. Mas prefiro falar da minha alegria, satisfação e gratidão pela oportunidade de mostrar este trabalho que foi feito com muita pureza, espontaneidade e carinho profissional, juntamente com meus caros músicos e compositores. Quero registrar, também, um agradecimento muito especial aos meus grandes amigos Osvaldo Ferreira de Melo e Zininho, pelo incentivo à realização destas gravações. *... Voz é vento. Palavra é pensamento. É o canto é a oração* (Paulo César Pinheiro) Neide Mariarrosa.<sup>102</sup>

Neide era também extremamente crítica, talvez por isso não tenha gostado do resultado, já que sabia que poderia fazer melhor, comenta seu

---

<sup>101</sup> Participam do LP os músicos: Luiz Alberto Robison, Marcelo Muniz, Joel Brito, Fidel Piñero, Silvia Beraldo, Marcos Schaefer Lehmkuhl, Mazinho, Paulo Padilha, Nicolau Varela, Osvaldo Ferreira de Melo, Vânio Melo Ribeiro, Júlio César de Melo, Mirandinha, Wagner Segura, Carlos Alberto Vieira, Roberto Ferreira de Melo, Carlos Augusto Vieira, Jeferson Santos Della Rocca, André Luiz Vieira, Katarina Grusbic, Paulo Roberto Vieira, José Gama, Rafael Bastos e Irê Silva.

<sup>102</sup> MARIARROSA, Neide. Dedicatória. *LP Eu sou Assim*, 1987, op. cit.

irmão Maximiliano,<sup>103</sup> que também afirma que Neide não gostava de passar uma música mais de uma vez - o que pode ter sido também um problema nas gravações.

O LP foi lançado no Hotel Diplotama, que contou com a presença de cerca de trezentas pessoas. Após o lançamento do disco, Neide participou, no dia seguinte, do *show* de reinauguração do Mercado Público.<sup>104</sup>



Imagem 37- Capa do LP *Eu sou Assim*.<sup>105</sup>

A capa do disco é amarela e tem uma grande foto de Neide (atual, na época), na parte de trás há diversas fotos da gravação do disco, um texto sobre a importância de Neide e do disco e a ficha técnica geral. Ao todo o disco contém dez músicas. No encarte há, junto com a letra de cada música, um pequeno texto explicativo e ficha técnica dos músicos participantes. Há também algumas imagens de Neide em diversas épocas. As músicas do LP são: *Eu sou assim*, de Cláudio Alvim Barbosa (Zininho).

Deixem a minha angústia de esperar/  
Por quem eu não devo esperar/  
Basta esta cruel melancolia/  
Que aumenta a minha agonia//  
Que me importa que falem de mim/  
Eu não vou deixar de ser assim/  
Ninguém vai poder mudar meu 'eu'/  
Ele é tudo

<sup>103</sup> ROSA, Maximiliano, 2009, op. cit.

<sup>104</sup> O disco de Mariarrosa. Variedade. Florianópolis. *Diário Catarinense*, 15 dez. 1988, p.8.

<sup>105</sup> Fonte: Arquivo Pessoal Vivian Coronato.

que eu tenho de meu/ Eu não vou deixar de ser assim/ Meu viver/ Só interessa a mim.

De Zininho Neide ainda canta no disco *Rancho de Amor à Ilha e Num cantinho qualquer*:

Num cantinho qualquer/ De um bar qualquer/ Em uma cidade qualquer/ A esta hora, assim como eu/ Alguém está bebendo/ Bebendo e sofrendo, por ser orgulhosa/ Mas eu também sou/ Ela não vem me procurar, eu sei/ E eu atrás dela não vou// Nós somos dois orgulhosos/ Não queremos dar o braço a torcer/ E assim nós vamos vivendo/ Bebendo e sofrendo/ Até morrer.

*Meu Segredo*, de Gustavo Neves Filho:

Se algum dia tu descobrires o meu segredo/ E desvendares a razão da minha dor.../ Pedirei, de joelhos, a teus pés/ Que esqueças, que perdoes meu louco amor...// Se algum dia do céu a lua te revelar/ E ao teu ouvido que brisa, o vento murmurar.../ Se te disserem que eu te adoro/ Que eu te quero tanto bem/ Eu te peço/ Que não contes/ A ninguém...

*Florianópolis*, de Anibal Nunes Pires e Osvaldo Ferreira de Melo:

Vem vento vem, vem do mar/ Varre estas nuvens do céu/ Borda a noite de um azul escuro/ Com estrelas e luar// Vê saudade a praia faceira/ No jardim a velha figueira/ Vê itaguaçu pedra e mar/ E a Conceição pra sonhar// O Morro da Cruz meu presépio/ E a Ponte que é luz a chamar/ Vê também o meu coração/ E a voz do meu violão.

*Saudades da Seresta*, de Antônio dos Santos Miranda (Mirandinha)

Saudade da seresta/ Noite em clara em festa de luar/ Da velha serenata/ Da lua de prata/ Miramar/ Do Daniel Pinheiro/ Bôemio e seresteiro/ Que tinha o dom das aves/ Pra cantar/ E quantas madrugadas/ Foram festejadas no... jardim/ Choravam corações/ Ao som de violões e bandolim/ Agora só restou/ Do tempo que passou/ Saudade que ficou em mim.

E ainda *Evocações*, de Osvaldo Ferreira e Melo; *Você*, de Sebastião Vieira; *Floripa*, de Silvia Beraldo e Rafael Bastos, e *Boi-de-Mamão*, domínio popular.

O disco foi divulgado nos jornais do estado. Apresento abaixo um exemplo, colhido em um jornal de Blumenau:

[...] O disco, primeiro elepê, de Neide Mariarrosa.

Meses antes, indagando pelo lançamento nas lojas da capital, ouvíamos das balconistas: - "o senhor quer a Rosa Maria, aquela cantora carioca?". Nada disso. Queríamos tão somente Neide Maria, produto catarinense de primeira água.

O elepê - Neide Mariarrosa, eu sou assim - pertence à Fundação Franklin Cascaes, da série Florianópolis, voz e verso, volume 1. Nele, ela vive canções da ilha, assinadas por Zininho, Aníbal Nunes Pires, Osvaldo Ferreira de Melo e Mirandinha.

Na abertura de uma entrevista que fizemos com a cantora no ano de 86, dissemos isso: "A primeira coisa que fiz ao voltar de minhas férias de verão, foi colocar na eletrola (eta palavra antiga) um compacto da Odeon, com Neide Maria. O disquinho já não possuía capa, vítima da enchente de 83. Num lado, uma melodia de Tito Mardi: "O Amor partiu em Paz". No outro, "Insônia", do catarinense Cláudio Alvim Barbosa, o Zininho. Ora, direis! E o motivo de tal atitude? Mais do que simples: na minha permanência em Caieira da Barra do Sul, tive como vizinha nada mais nada menos que Neide Maria, uma cantora de primeira linha, sambista que endossa o seu padrinho Stanislaw Ponte Preta: "samba de raça ninguém cassa". Enfim, quem for catarinense de fato, siga o exemplo. **Adquira o disco de Neide. Um verdadeiro atestado de amor às coisas nossas.** E como dizia Noel Rosa: "o samba, a prontidão e outras bossas são coisas nossas".[...].<sup>106</sup>

#### 4.7 O ANÚNCIO DA DOENÇA: Uma estrela que morre ainda brilha no céu

Neide gostava muito de pintar, fazer arranjos e arrumar as coisas. Em um dia, próximo ao Natal, subiu em uma escada para pintar uma parede, a escada caiu e Neide bateu o seio no chão com muita força. Neide não ligou

---

<sup>106</sup> LUZ, Gervásio Tessaleno. Uma rosa de amor à Ilha. Coluna Opinião. *Jornal da Noite*. Blumenau, 15 mai.[?!] 1989, p.7.



para a dor, disse que ela ia passar e continuou pintando. O seio inchou e o médico recomendou uma medicação dizendo que era apenas uma glândula e rapidamente melhoraria. No entanto, ao invés de melhorar, o seio desinchou tanto que secou, diminuindo de tamanho.<sup>107</sup> Neide relutou em ir ao hospital onde havia sido marcada, por sua amiga Cleide Ammon, uma consulta, mas com insistência acabou cedendo.<sup>108</sup> Novos exames foram realizados e descobriu-se que Neide estava com câncer na mama. Os hospitais e consultórios seriam, a partir de então, muito freqüentados por Neide.

O tratamento para câncer era caro, os remédios importados. E, não se sabe se por metástase, surgira outro câncer em Neide, que afetou os ossos. Neide estava já bastante debilitada quando Rozendo Lima encontrou Mauro Amorim e solicitou que este escrevesse o roteiro de um *show* para Neide, enquanto ele ficaria responsável pela busca de patrocínio e venda de ingressos.

#### 4.7.1 **Show Bar da Noite**

No dia 12 de novembro de 1992, no Clube Doze de Agosto, em Florianópolis, foi apresentado o *show Bar da Noite*, uma homenagem a Neide Mariarrosa. Rozendo Vasconcellos Lima,<sup>109</sup> que tivera a idéia de organizar o *show* para arrecadar fundos para tratamento do câncer de Neide, falecera no dia 02 do mesmo mês, devido a um câncer que surpreendeu por sua rápida evolução.

O *show* foi apresentado por Antunes Severo e Florentino Carminatti, o cenário era uma reprodução de um *Bar da Noite*. No palco, ao fundo, no centro, havia uma imagem aérea da cidade de Florianópolis e no canto um bar, onde ficaram sentados os dois apresentadores. Um pouco mais a frente uma

---

<sup>107</sup> ROSA, Tereza, 2009, op. cit.

<sup>108</sup> AMMON, Cleide. Entrevistada por Fernanda Perez e Taise Bertoldi. Florianópolis, 2008. Não publicado. (transcrições cedida a pesquisadora).

<sup>109</sup> Rozendo Vasconcellos Lima (19-? - 1992) trabalhou na RDM como repórter esportivo, redator, locutor e radioator; foi sócio fundador, em conjunto com Antunes Severo, da A. S. Propague Ltda, agência de publicidade. Trabalhou na SUNAB e ainda foi técnico de futebol de salão, basquete e vôlei amadores na cidade.

mesa, com alguns convidados. E, em primeiro plano estava disposto o conjunto músicos que acompanharam os vários cantores que se apresentaram no *show*. O público, cerca de mil e duzentas pessoas, estava sentado em mesas e durante o *show* havia serviço de bar.

O roteiro de *Bar da Noite* teve o intuito de contar um pouco da história do rádio florianopolitano entre as décadas de 1950 e 1960. No palco vão sendo chamados a se apresentar cantores e cantoras que faziam sucesso no período como Ony Furtado Koerich, Adonette Àvila, Medeiros Filho e Toninho Dutra. Enfim, Neide Mariarrosa é chamada. Ela entra caminhando encurvada sendo auxiliada pelos dois apresentadores. Mauro Amorim, que não via Neide há algum tempo, descreve como foi encontrá-la na ocasião do *show*:

Porque foi assim: quando eu entrei para chegar no palco eu entrei pelo segundo andar lá pela frisa,[...] e ela estava saindo do elevador porque ela depois ia ser transportada em uma cadeira pra chegar no palco, tinham muitas escadas. Quando eu saí do elevador ela estava recém saindo do outro elevador. Eu levei um choque tão grande, tão grande, porque ela esta deste tamanho [faz tamanho pequeno com as mãos], toda, parecia uma anãzinha, toda enrugada, toda encolhida, disse ‘Oi querido’, mas não dá pra impedir lágrimas e tudo mais porque... Um negócio impressionante tava uma coisinha de nada assim.<sup>110</sup>

A doença havia transformado o corpo de Neide, que estava fraco, pequeno, encolhido. A cantora no palco se senta em uma cadeira e agradece a presença de todos. Conta que estava com “um probleminha no nervo ciático”, não revelando, portanto, que o que lhe afligia era um câncer, e diz que a culpa do problema é toda dela, porque sempre teve muito medo de fazer cirurgia, ir ao médico e que é negligente e estava por isso, sofrendo as conseqüências, mas que com muita fisioterapia e com tratamento tinha certeza que iria se recuperar.<sup>111</sup>

Acompanhada pelo grupo *Nosso Choro*, Neide inicia cantando *Cordas de Aço*, de Cartola. Em seguida recebe uma placa como homenagem oferecida

---

<sup>110</sup> AMORIM, Mauro Júlio, 2009, op. cit. Transcrição nossa.

<sup>111</sup> [VHS] *SHOW Bar da Noite*. Florianópolis, 12 novembro, 1992. Acervo Pessoal de Mauro Amorim.

pela *Rádio Diário da Manhã* e agradece a todos dizendo que o que estava acontecendo (com as homenagens, a presença de amigos e público em geral) era prova de que o amor e a amizade ainda existiam. Canta o *Rancho de Amor a Ilha* e se mostra muito contente, sorrindo muito e balançando a cabeça acompanhando a música.

Acy Cabral Teive, que apresentava o programa de auditório da *Rádio Guarujá* onde Neide começou como caloura, sobe ao palco e presta uma homenagem a cantora. O acompanhamento de sua fala é dado por Aldo Gonzaga,<sup>112</sup> que ao piano, toca *Tudo Acabado*, uma das primeiras músicas que Neide cantou no rádio. Neide recebe flores e Oni Furtado sobe ao palco para ler uma homenagem em nome de todos os amigos presentes. Neide em todos os momentos se segura para não chorar. O último a falar é Mauro Amorim, que conta que o *show* foi uma realização de Rozendo Lima e diz: “Que maravilha é viver, Rozendo Lima, se todos fossem iguais a você”, a música começa a ser tocada pelo conjunto, Mauro passa o microfone para Neide que começa a cantar. O público, de pé, acompanha. Nesse momento, não era mais possível segurar as lágrimas, ainda mais por saber apenas naquele momento sobre a morte do amigo Rozendo. As lágrimas, então, escorrem e Neide passa cantar com ainda mais força, com seus olhos vivos e brilhantes.

---

<sup>112</sup> Aldo Gonzaga, músico, arranjador e maestro, foi um dos maiores pianistas do Brasil, acompanhou Neide por diversas vezes em apresentações musicais e no radioteatro, assim como acompanhou grande parte dos cantores da cidade. Tocou no primeiro *show* que Elizeth Cardoso fez em Florianópolis e esta o convidou para acompanhá-la no Rio de Janeiro, no entanto ele não aceitou a proposta. (Cf. AMORIM, Mauro Júlio, 2009, op.cit.).



Imagem 38 - Neide no show *Bar da Noite*.<sup>113</sup>

#### 4.7.2 Show Cristal

*Caros amigos, tenham a certeza de que quando há música no ar, há Deus no coração. Sim, pois é uma dádiva, uma benção do Pai que percorre o nosso corpo e penetra nossa alma enchendo-nos de luz. E quando um músico declama um acorde ou um intérprete transborda na voz, a música flui, transparece, cristaliza-se, sobe atingindo aos céus, tangendo a sensibilidade do senhor. Cantar, tocar, ouvir, dançar... São orações. Orações de amor, de alegria, de vida e de vida que é eterna.*

*Veja meus amigos o quanto é belo este amor transparente. Este Cristal de emoções que se chama música. Deixemo-nos nos perder nessas doces melodias do Nosso Choro, entreguemo-nos às suaves e celestiais interpretações de nossa tão amada Neide Maria. E podem estar certos que atingiremos os mais altos pontos do infinito que é o céu. Vamos amigos, cristalizemo-nos e cristalizemos nosso espírito com este bálsamo divino.*<sup>114</sup>

<sup>113</sup> Fonte: *O Estado*, Florianópolis, 15 nov. 1992, p.15.

<sup>114</sup> Carta do amigo [Rosso?] a Neide lida por Mauro Júlio Amorim durante o *show Cristal*. (CRISTAL- Neide Mariarrosa. Direção: Ronaldo dos Anjos e Eduardo Paredes. Edição: Ronaldo dos Anjos. Pesquisa e Texto: Fernanda Perez e Taise Bertoldi. Imagens: Cezinha e Ronaldo dos Anjos. MIS/SC, Florianópolis, 2008. 01 DVD (80 minutos). Documentário. Gravação de show de mesmo nome ocorrido em 10 de dezembro de 1993 no Teatro do CIC com produção e apresentação de Mauro Júlio Amorim. Florianópolis, 2008. Transcrição nossa.)

O dinheiro arrecadado pelo *show Bar da Noite* havia acabado e novamente os amigos de Neide se juntaram para mais um *show* em benefício ao tratamento de sua doença. Desta vez o *show* ocorreu no CIC no dia 10 de dezembro de 1993. É possível vê-lo editado no DVD denominado *Cristal - Neide Mariarrosa*, lançado em 2008.<sup>115</sup>

Além das músicas, Neide responde a algumas perguntas feitas pelo apresentador e roteirista do *show*, Mauro Amorim. Podemos ouvir Neide falando sobre seu início no rádio; sobre Elizeth Cardoso e os tantos artistas e feitos de Neide em sua estadia no Rio; seu retorno e como conheceu o *Conjunto Nosso Choro*, que a estava acompanhando.

Destaco algumas falas de Neide. A primeira é o que diz de Elizeth Cardoso: “Elizeth foi uma força para mim. E sou grata a ela, eternamente grata”.<sup>116</sup> Aqui, Neide reconhece que Elizeth fora sua grande incentivadora e protetora e que foi com a ajuda dela que Neide teve a oportunidade de conhecer e ser reconhecida por muitos artistas no Rio de Janeiro.

Outra é quando responde a pergunta se tinha valido a pena ter largado tudo no Rio de Janeiro e ter voltado. A resposta é: “Valeu, valeu e valeu... [risos]”.<sup>117</sup>

Eu gostaria de agradecer a Deus por tudo que eu tenho passado. Porque se não fora ele eu não estaria aqui agora né, reunindo amigos, cantando. E quero agradecer muito a ele, ele me deu uma prova. Eu não posso caminhar, mas eu posso cantar, eu posso doar alguma coisa com as mãos, eu posso fazer alguma coisa, algo mais. [...].<sup>118</sup>

Neide ainda podia cantar, e podia doar com as mãos e nesse momento recorda a música *Canto de Doação*, escrita para ela por Osvaldo Ferreira de Mello quando esta estava em um momento triste. Ela agradece ao amigo e canta a música que tem entre os versos o seguinte trecho: “Só nascem

---

<sup>115</sup> CRISTAL, 2008, op. cit.

<sup>116</sup> MARIARROSA, Neide. In: CRISTAL, 2008, op. cit. Transcrição nossa.

<sup>117</sup> Ibidem.

<sup>118</sup> Ibidem.

canções/ Quando se abrem corações/ **E existem mãos prá doar/ E voz prá cantar**".

Neide esta com um vestido branco. O mesmo vestido em que ela seria enterrada. Ela se emociona ao cantar *Carinhoso* e foi justamente esta música que solicitou, já na véspera de sua morte, que fosse cantada em seu enterro.

E foi bonito o *show*? “[Mauro] Muito, muito bonito. Cantou magnificamente. [...] E ela sabia, ela sabia que estava morrendo, ela sabia que era o último”.<sup>119</sup>

#### 4.7.3 A despedida

*Cristal* foi a despedida de Neide ao público. Em fevereiro do ano seguinte, 1994, ela já estava tão afetada pela doença que não podia mais cantar. E os dias foram seguindo com estadias no hospital e voltas ao lar. Até que o médico disse que não havia mais esperança, restava esperar.

E um pouco antes de morrer, Neide chamou todos os parentes próximos e despediu-se de cada um. Para Tereza pediu que esta ficasse encarregada de cuidar de suas coisas, “dá o que tu quiseres, o que tu fizeres está bom para mim” teria dito.<sup>120</sup> Também solicitou que fosse enterrada com o mesmo vestido branco que usara em seu último *show*.

Neide lia muito sobre espiritismo e o ciclo familiar próximo participava de reuniões espíritas, que com a impossibilidade de Neide sair da cama, passaram a acontecer no quarto da cantora. Maximiliano (Max) acredita que foi esta ligação com o espiritismo que fez com que a morte da irmã tenha sido tranqüila. Afinal Neide acreditava que a vida espiritual continuava após a morte do corpo.

---

<sup>119</sup> AMORIM, Mauro Júlio, 2009, op. cit. Transcrição nossa.

<sup>120</sup> ROSA, Tereza, 2009, op. cit.

As últimas horas de vida foram agonizantes. Neide passou horas com falta de ar, que segundo o médico fazia parte do processo. Conta Max que quando todos estavam descansando, a noite, em casa, ouviu-se um tocar de telefone. Mas não foram todos que ouviram. A casa estava repleta de parentes e amigos, mas apenas alguns parentes ouviram tal telefone tocar, e quando pegaram no telefone viram que não havia ligação alguma. Então foram ao quarto de Neide e perceberam que ela estava se despedindo deste mundo: “Aí a gente viu ela tava quase se passando, aí eu fui eu peguei no *Livro dos Espíritos*, aí fiz a oração lá da Boa Morte, da Passagem e tal, enfim, aí fiz. Assim que eu terminei ela me olhou deu um sorriso e foi”.<sup>121</sup>

---

<sup>121</sup> ROSA, Maximiliano, 2009, op. cit. Transcrição nossa.

## EPÍLOGO - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que retornou a Florianópolis, Neide tentou, sem sucesso, abrir um local onde os músicos da cidade pudessem se apresentar e onde se ensinasse música principalmente para crianças e jovens carentes. Cantar, ela nunca parou e se uniu a músicos mais jovens durante a década de 1980, participando de alguns *show*, festivais de música na região sul e continuando a cantar em bares e restaurantes de Florianópolis. Sempre querendo aprender, aponta em entrevista que não fizera tudo o que podia ter feito:

[...]. Porque eu deixei de fazer muitas coisas. Se eu tivesse feito tudo o que eu podia fazer, se tivesse cantado tudo que eu tivesse vontade de cantar. Talvez eu passasse uma mensagem. Mas eu ainda preciso aprender muito. Não posso fazer nada, estou aprendendo. Estou aprendendo muito com gente jovem [...] A tia Neide está aprendendo com os sobrinhos [...].<sup>1</sup>

Entre seus desejos não realizados estava o de ter uma casa própria. Quis comprar um apartamento, mas sua mãe não gostava da idéia de morar neste tipo de espaço, e Neide, sempre muito próxima dos pais, continuou morando numa casa alugada (?) com eles e o irmão Max. Quando o pai e a mãe faleceram, Neide estava se preparando para realizar seu desejo de casa (no caso apartamento) própria, o tempo (novamente ele), no entanto, não deixou que este desejo se realizasse. Como também não pôde gravar os discos que ainda sonhava e nem voltar ao Rio de Janeiro, cidade que ela tinha muito apreço. Sonhos não realizados? Seu irmão Max responde por ela:

Ah, vários. Ela **queria ter uma casa própria**, [...] ela não conseguiu [...] ela começou a comprar, ela tinha pratos, tinha copos, toalhas e **um quarto que ela queria todo cheio de palhaços**, porque ela era apaixonada por palhaços. Ela dizia

---

<sup>1</sup> NEIDE MARIA e outros. Florianópolis. Arquivo Zininho, Casa da Memória. [19-?].(FC 14 lado A e B). Transcrição nossa.



que ela era uma palhaça. [...] Ela queria ter um [...] negócio dela [...] para receber os artistas. [...] um **espaço musical, uma casa de artes**. Ensinar jovens, crianças [...], pobres que não tinham acesso à música, isso ela não conseguiu fazer [...]. E uma casa, e esta casa tinha que ter sol, porque ela adorava sol. **Ela queria gravar um disco**, é, de músicas, principalmente de Tom Jobim, Vinicius de Moraes, ela acabou não fazendo. Também queria gravar um disco de músicas estrangeiras, que ela também não fez, né! É... **Passar um tempo no Rio**, que ela queria, [...] ela adora o Rio de Janeiro, mas não como cantora, mas ver a cidade, a parte cultural, ela queria passar assim, ela queria voltar, passar um tempo no Rio. Acho que é isso assim que eu me lembro.

[...]

Ela não tinha uma visão materialista da coisa ela queria alguma coisa confortável para ela. [...]<sup>2</sup>

Ela também tinha desejo de voltar ao rádio e de fazer teatro. Neide aponta este desejo em 1970, em uma entrevista para o jornal local *O Estado*:

[...]

C2 [Caderno 2] - Neide, você já recebeu proposta para fazer teatro?

NM [Neide Maria] - Já, mas não deu certo. Eu não aceitei porque teria que aparecer nua no palco.

C2- De costa ou de frente?

NM- De ambos os lados. E ainda seria violentada pelos soldados de Israel na Embaixada de um país árabe. A peça deve estrear agora em fevereiro no *Maison de France*.

C2 - Por que é que você recusou?

NM- Porque acho que ainda não estou preparada psicologicamente para aparecer nua no palco. **Talvez isso se deva a minha formação essencialmente provinciana, embora meu espírito seja - para a província - muito liberal.**

C2- Mas isso te afugentou de qualquer experiência no teatro ou tu ainda pensas em voltar a êle?

NM- Não, não me afugentou não. O teatro está entre os meus projetos. Daqui por diante vou encarar a possibilidade de ser uma atriz com muita seriedade.

[...].<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> ROSA, Maximiliano. Entrevista concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 26 nov. 2009.

<sup>3</sup> NEIDE Mariarrosa. Quem não gosta de mim não me merece. *O ESTADO*. Florianópolis. 04 jan. 1970. Caderno 2, p.8, grifo nosso.

Neide com a frase destacada acima “Talvez isso se deva a minha formação essencialmente provinciana embora meu espírito seja - para a província- muito liberal” demonstra o quanto estava no “entre”, era liberal para uma cidade provinciana como Florianópolis, mas muito provinciana para uma cidade como o Rio de Janeiro. Estava também no “entre” em relação ao cantar e ser uma cantora famosa (com todas as coisas positivas e negativas que isso acarreta), ao ter desejo de gravar disco, mas ao mesmo tempo não gostar de se ouvir em disco, ao se portar como uma estrela (maquiagem, cabelo, figurino) e como uma menina simples e tímida.

Havia o desejo de fazer teatro, mas no palco é preciso se expor, e na proposta primeira que recebera, Neide teria que expor todo seu corpo, ficando nua, o que seria demais para primeira experiência teatral de uma pessoa tímida como ela. Mas, o teatro poderia ser um meio de Neide lidar com sua timidez. Timidez que era uma de suas principais características, e que ficou marcada durante todas as fases de sua vida, desde os primeiros contatos com o rádio, seu esforço por superá-la no Rio de Janeiro e a dificuldade que tinha ao ter que cobrar ou pedir coisas para alguma pessoa. Segundo Mauro Amorim, Neide só conseguiu se soltar, artisticamente, quando fazia radioteatro:

A voz dela era muito microfônica. Então quando fazia radioteatro ela dava muito dela. Gozado, a inibição dela desaparecia no estúdio. Mas dentro do estúdio lá fechadinha, escondida, né. Em palco eu nunca vi a Neide se soltar tanto quanto deveria ter se soltado, no radioteatro ela se soltava mais.<sup>4</sup>

Ainda sobre a timidez da cantora, eis o que dizem outros amigos:

[Início de sua carreira] Acho que não, ela queria... Ela era muito, muito tímida. E como eu já falei, ela tinha aquela coisa de ser uma pessoa simples, uma pessoa pobre. Depois não, a situação mudou. [a família teve mais renda].<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> AMORIM, Mauro Júlio. Entrevista concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 15 set. 2009.

<sup>5</sup> MACHADO, Zury. *Depoimento Zury Machado*. Entrevistada concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 15 abr. 2009.

Então ela tinha essa característica. Primeiro ela era muito tímida pra pedir as coisas e segundo ela também não era muito assim de cobrar, né, aquela história, liga pra mim aqui, quer um baile em tal lugar aí e eu dou o preço ou mando, o cara fica me queimando aqui pra eu mandar a proposta, e quando eu mando ele fica mudo.<sup>6</sup>

[...] A Neide Maria era muito tímida. Mas ela [...] eu acho que ela se esforçava, talvez até pela própria situação de ela estar se apresentando [no Rio de Janeiro] ela se sentisse na obrigação de agradecimento particular, talvez um sentado na mesa lá, um conhecido que tinha sido apresentado dias antes, ai nisso tudo; e que a gente né. Porque olha, eu fiquei bem surpresa de ver a quantidade de pessoas que assistiam a Neide e olha, aclamavam mesmo, como aplaudiam, sabe, foi muito bonito.<sup>7</sup>

Não, é verdade isso, é verdade. É porque a Neide como ela era muito tímida ela sempre se apegava em alguém e este alguém por um acaso era a maior cantora do Brasil na época, só. Então era natural que a personalidade da Elizeth que era brilhante, a Elizeth era uma mulher que entrava num restaurante e era aplaudida de pé, se levantavam para aplaudir e tudo mais. E a Neide ali do lado dela, quer dizer. Se sentia evidente, independente de tudo. Elizeth foi muito maternal com a Neide, “Oh, essa menina, não pode fazer assim, tem que ser assim”, ensinando ela e tudo mais, ficou muito dependente. [...] Era muito tímida, muito, muito tímida. Simples e muito tímida. E sofreu o diabo. [...].<sup>8</sup>

Neide era tímida, mas sempre saía de casa impecável. Gostava de se arrumar. Quando jovem, seguia as tendências da moda e quando mais velha, saía sempre alinhada.

[...] ela foi uma mulher muito bonita, como eu falei ela era bonita por fora e por dentro. Ela sempre usava umas saias assim que delineava o corpo, ela era um mulherão, bonita, eu posso dizer, ela marcou também por isso.<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> RIBEIRO, José (Mestre Zezinho). Transcrição de Entrevistada cedida a Fernanda Perez e Taise Bertoldi. Florianópolis, 2008. Não publicado. (Transcrição gentilmente cedida à pesquisadora).

<sup>7</sup> AMMON, Cleide. Entrevista cedida a Vivian de Camargo Coronato. Florianópolis, 17 nov. 2009.

<sup>8</sup> AMORIM, Mauro Júlio. Entrevista concedida a Vivian de Camargo Coronato. Florianópolis, 15 set. 2009.

<sup>9</sup> AMMOM, Cleide, 2009, op. cit.

Eu sempre me lembro, né, ela atrás lá do MIS no balcão onde ela trabalhava [Na época em que trabalhava na FCC] com um *tailleur* bege, com cabelo arrumado assim. É uma imagem assim, quando tu fala pra mim é a imagem que vem. Seu sapatinho alto e um *tailleur* bege, cabelo todo penteadinho, todo arrumado... No ponto, nos trinques como se diz.<sup>10</sup>

E para se arrumar para os *shows*, a dedicação era ainda maior, nesses momentos o “vento sul batia em Neide” e ela mudava de idéia em relação ao penteado, a roupa...

Os cabeleireiros... era o Júlio, né, o Julio de Leon, nossa, fazia aquele penteado quando chegava no final, “ah, não quero não quero não quero, desfaz, desfaz.” O cara passava uma hora fazendo. Ela tinha um lado meio diva assim, né.

[...]

A característica de deixar todo mundo nervoso quando ia se apresentar. Deixava a família inteira, porque ela tinha um problema com horário. Ela não funcionava de manhã, então ela tinha que dormir de manhã, mas ela, né, ajudava muito em casa [...]. Ai se tinha um *show* meia-noite, onze e meia ela ainda tava vendo a roupa, deixando todo mundo louco por causa da pintura disto e aquilo.[...]. Aí depois que ela se arrumava dizia “não quero ir assim”, faltando dez minutos, tinha que mudar tudo, quando na hora dizia que não ia, não ia, não ia, meio Tim Maia, essa coisa. E depois ia, tava tudo bem, tudo ótimo, todo mundo cansado, *stressado* e ela “eh, por que é que tu não tá feliz?”. Era assim. Mas ela tinha um bom humor danado, incrível, sempre jogava a coisa para cima.<sup>11</sup>

Neide voltou a Florianópolis, mas não perdeu contato com a amiga Elizeth, que nunca entendeu como Neide pôde largar sua carreira. Elas conversavam por telefone e sempre que Elizeth passava em Florianópolis ficava na casa de Neide. Quando Elizeth faleceu, em 1990, Neide foi ao Rio de Janeiro cantar num *show* em sua homenagem.

Eu peguei ele [Zininho] na casa dele, de carro, fomos assistir ao show. Aí quando entrou a Elizete Cardoso, no início do show [show ocorreu na década de 1980], ela entrou de mão dada com a Neide Mariarrosa, com flores, eu me lembro disso, no início do show que ela fez no CIC, a Neide entrou

---

<sup>10</sup> BEIRÃO, José Alfredo Filho. Entrevista concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 06 ago. 2009.

<sup>11</sup> ROSA, Maximiliano, 2009, op. cit.

abraçada... de mão dada com ela. Então era uma afinidade...a Elizete não admitia que a Neide teria vindo embora do Rio, teria abandonado a carreira que já estava solidificada a carreira da Neide. A Neide já estava cantando nas principais casas do Rio de Janeiro, ela...e a Elizete não admitia aquilo que ela fez. E a Neide, não sei por que motivo, ela voltou para Florianópolis e abandonou a carreira.<sup>12</sup>

E o que Neide representou aos amigos e parentes próximos? Como estes poderiam definir Neide em poucas palavras?

Intensidade.<sup>13</sup> (Maximiliano Rosa)

Maravilhosa, maravilhosa.<sup>14</sup> (Cleide Ammon)

Uma mãezona que sempre me dava atenção. Bom dia, boa tarde, boa noite. Sentava para conversar, sempre.<sup>15</sup> (Beirão)

Acho que a humildade em pessoa mesmo... Olha o tempo todo que eu convivi com ela eu nunca vi nenhuma arrogância. E até podia exercer um pouco, quantas pessoas, todo mundo exerce um pouco a arrogância, chega uma hora né... [...] Quando ela tinha que dizer um não, aquilo custava com ela, sentia que custava assim.<sup>16</sup> (Norberto Depizzolatti)

É uma pessoa doce, generosa, meu deus do céu!<sup>17</sup> (Antunes Severo)

Briguei muitas vezes com ela porque a Neide era muito, muito, muito modesta. Era respeitadíssima no Rio de Janeiro. [...] Eu lamento muito que Florianópolis não saiba e nunca vá saber o que a Neide foi no Rio de Janeiro [...]. A Neide foi assim uma dama... e aplaudidíssima onde chegava, mas sempre com aquela modéstia dela [...].<sup>18</sup> (Mauro Júlio Amorim)

---

<sup>12</sup> SEGURA, Wagner. Transcrição de entrevista cedida a Taise Bertoldi e Fernanda Peres. Florianópolis, 2008. Não publicado. Transcrição gentilmente cedida à pesquisadora).

<sup>13</sup> ROSA, Maximiliano, 2009, op. cit.

<sup>14</sup> AMMON, Cleide, 2009, op. cit.

<sup>15</sup> BEIRÃO, José Alfredo Filho, 2009, op.cit.

<sup>16</sup> DEPIZZOLATTI, Norberto. Entrevista cedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, nov. 2009.

<sup>17</sup> SEVERO, Antunes. Entrevista concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 28 abr. 2009.

<sup>18</sup> AMORIM, Mauro Júlio, 2009, op.cit.

Olha é o que eu posso dizer da Neide é que ela foi uma grande amiga, uma pessoa maravilhosa e que eu dei muito valor a ela pela simplicidade dela. [...]. Tudo mundo gostava dela. [...] Só tenho boas recordações, sinceramente. E elogio ela de todo a qualquer momento porque realmente ela merecia, ela fez por merecer. [...].<sup>19</sup> (Zury Machado)

Então, a Neide era uma grande cantora. Posso dizer uma grande artista. Uma cantora fantástica. E sem dúvida a maior cantora de Florianópolis.<sup>20</sup> (Rafael Bastos)

A Neide era perfeita, ela era perfeita! Porque, além da potência de voz, ela tinha uma voz muito bonita, ela era uma grande intérprete e ela é daquela escola das intérpretes, né.<sup>21</sup> (Denise de Castro)

Ah, a Neide pessoa era fora de série também! Por isso ela se completava como pessoa. Ela tinha uma espiritualidade muito grande. Eu tinha muita afinidade com a Neide, eu era muito jovem, tava começando, e ela era macaca velha, né, como diz o outro. [...]. Muito sensível e muito espirituosa também.<sup>22</sup> (Wagner Segura)

Mas, a lembrança que eu tenho dela, dela sempre com aquele sorriso lindo, gostoso, aquele abraço farto assim, que eu criança, ela me abraçava com aquele braço lindo, gostoso e... [...]. A Neide Maria Rosa é uma diva, é uma diva, ela é a minha maior referência...[...].<sup>23</sup> (Cláudia Barbosa)

[...] a Neide era uma pessoa muito cativante... quem conviveu com ela nunca mais esquece. E ela tinha um humor muito perspicaz, né, de qualquer situação ela tirava algo engraçado.<sup>24</sup> (Marcelo Muniz)

A Neide de todas nós, ela era a mais alegre. Ela vivia sempre rindo, sempre, sempre. Até a minha mãe às vezes achava ruim “mas porque é que tu tá sempre, rindo parece que não leva nada a sério!”. Mas não, ela vivia rindo.<sup>25</sup> (Tereza Rosa)

---

<sup>19</sup> MACHADO, Zury, 2009, op.cit.

<sup>20</sup> BASTOS, Rafael José de Menezes. Entrevista concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 30 mar. 2009.

<sup>21</sup> CASTRO, Denise de. Transcrição de entrevista concedida a Fernanda Perez e Taíse Bertoldi. Florianópolis, 2008. Não publicado. (Transcrição gentilmente cedida pelas entrevistadoras).

<sup>22</sup> SEGURA, Wagner, 2008, op. cit.

<sup>23</sup> BARBOSA, Cláudia. Transcrição de entrevista cedida a Taíse Bertoldi e Fernanda Peres. Florianópolis, 2008. Não publicado. (Transcrição gentilmente cedida à pesquisadora).

<sup>24</sup> MUNIZ, Marcelo. Transcrição de entrevista cedida a Taíse Bertoldi e Fernanda Peres. Florianópolis, 2008. Não publicado. (Transcrição gentilmente cedida à pesquisadora).

<sup>25</sup> ROSA, Tereza, 2009, op. cit.

Maltrato aos animais. Isso ela odiava e ela jamais faria isso. A gente teve cadelas, que ela botava o nome, cuidava, enfim, ela sempre gostou muito de bicho, principalmente cachorro, gato não, mas cachorro sim... Então, se ela visse uma maltrato ela ficava doida da vida. Adorava crianças, brincar, ela era muito moleque. [...]. **A Neide ria de qualquer coisa.**<sup>26</sup>

### Considerações finais (?)

Como comentado na Introdução, não há como escrever uma biografia de alguém. Somos seres complexos e estamos sempre em processo de mutação. A tentativa desta dissertação foi apresentar algumas facetas de Neide, ou de (uma) possível(eis) Neide(s) atravessada(s) pelo meu olhar com auxílio da pesquisa documental e das entrevistas. Seguindo a proposta de Pena,<sup>27</sup> tentou-se ao máximo fragmentar as várias Neides. Certamente era possível quebrar ainda mais a linearidade, que ainda está presente no texto. O desejo era de poder realizar algo parecido com o que Gumbrecht fez em seu *Em 1926...*,<sup>28</sup> utilizando pequenas histórias que pudessem ser relacionadas umas às outras, como autor o faz ao colocar os verbetes relacionados. Mas talvez isso dificultasse a leitura do texto, ou talvez tenha tido eu pouca coragem de quebrar algumas normas técnicas.

A idéia de biografemas, sugerida por Roland Barthes,<sup>29</sup> os pequenos gostos de Neide, está espalhada pelos capítulos. No fato de ela gostar de doces, principalmente doce de leite em tablete, os girassóis, as palavras cruzadas, o Almanaque Abril, sublinhar palavras nos livros, o amor ao mar, as músicas preferidas, o jeito delicado de se mover, etc.

Como cita Le Goff em seu *São Luis*, “o historiador não tem com a personagem de uma biografia a mesma relação que tem com outros problemas

---

<sup>26</sup> ROSA, Maximiliano, 2009, op. cit.

<sup>27</sup> PENA, Felipe. *Teoria da Biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Maudt, 2004.

<sup>28</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Em 1926 - Vivendo no limite do tempo*. Trad. Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

<sup>29</sup> BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loiola*. Trad. Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70, 1971.

históricos”.<sup>30</sup> Nos aproximamos da figura pesquisada, fazemos dela um “nosso”. Assim, durante a pesquisa identifiquei-me com Neide, fascinei-me por ela, critiquei-a também por ter deixado a carreira de lado e por ter se escondido tanto, a compreendi, deixei-a de compreender, etc. De forma que os dados objetivos da pesquisa estão (e não há outra maneira de ser) mesclados com o subjetivo.

Era desejo complementar o texto com mais falas e olhares de Neide, como, por exemplo, a fala de moradores da cidade, dos que não conheceram Neide pessoalmente, e, assim, poder verificar como Neide está presente neste imaginário citadino. **Mas o tempo...**

---

<sup>30</sup> LE GOFF, Jacques. *São Luís - Biografia*. Trad. Marcos de castro. 3ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.787.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Ronaldo Conde. *Almanaque da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. São Paulo (Bauru): EDUSC, 2007.

AMANTE, Francisco Hegídio. *Somos Todos Manezinhos*. Florianópolis: Papa-Livro, 1998, p.521.

BARBOSA FILHO, André. *Gênero Radiofônicos - os formatos e os programas em áudio*. São Paulo: Paulinas, 2003.

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loiola*. Trad. Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70, 1971.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Cultrix, 1977.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 9ed. 1 reemp. São Paulo: Contexto, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

BEIRÃO, José Alfredo Filho. VIEIRA, Carlos César (Duda). *Uma rosa para Neide Maria*. Florianópolis, 2003. Datilografado. 13 páginas (com anexos). Não publicado.

BOECHAT, Ricardo. *Copacabana Palace, um hotel e sua história*. São Paulo: DBA Artes Gráficas: Melhoramentos, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes (coords). *Usos & abusos da História Oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia*. Trad. Maria Carmelita Padua. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

BUENO, Renato Santiago. *Samba, escolas de samba e políticas públicas na construção da passarela do samba Nego Quirido em Florianópolis (1980 - 1989)*. TCC (Graduação em História). Centro de Ciências Humanas e da Educação, UDESC, Florianópolis, 2008.

- CABRAL, Sérgio. *Elisete Cardoso uma vida*. Rio de Janeiro: Lumiar, [199-].
- CARREIRÃO, Yan de Souza. *Eleições e sistemas partidários em Santa Catarina (1945-79)*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2008.
- CASTRO, Ruy. *Chega de saudade: a história da Bossa Nova*. 2ed. 4reimp. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- CORONATO, Vivian de Camargo. *O radioteatro na Ilha*. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) Artes Cênicas. Universidade do Estado de Santa Catarina, 2005.
- COSTA, Gláucia dias da. *Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis - décadas de 50,60 e 70*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2004, p.38.
- DIAS, Rafael Damaceno. *Lembrança e nostalgia nos desacordos da memória: a cidade de Florianópolis nas últimas décadas do século XX*. *Espaço Plural*, 2º Semestre, 2007. (Dossiê Cidades), p. 33-38.
- FANTIN, Márcia. *Cidade Dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.
- FLORES, Maria Bernadete; LEHMKUHL, Luciene; COLLAÇO, Vera (orgs.). *A casa do baile - estética e modernidade em Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Em 1926 - Vivendo no limite do tempo*. Trad. Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HUFFINGTON, Arianna Stassinopoulos. *Maria Callas: a mulher atrás do mito*. Trad. Hildegad-Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- L'AFFAIRE Dalva de Oliveira e Herivelto Martins. IN: AGUIAR, Ronaldo Conde. *Almanaque da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.p.66-68.
- LAGO, Paulo Fernando. *Florianópolis: a polêmica urbana: crescimento e transformações, a questão metropolitana, problemas do crescimento*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1996.
- LENHARO, Alcir. *Cantores do rádio*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1995.
- LE GOFF, Jacques. *São Luis - Biografia*. Trad. Marcos de castro. 3ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- LUZ, Rogério Silva. *Futebol e Política*. Mestrado em História. CFH, UFSC. Florianópolis, 2000.

MACHADO, Aldonei. *A cidade no dial: Florianópolis nas ondas médias e curtas do rádio*. Tese (mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999.

MALCOM, Janet. *A mulher calada - Silvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia*. Trad. Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.143.

MARTINS, Fábio. *Senhores ouvintes, no ar: a cidade e o rádio*. Belo Horizonte (MG): C/Arte, 1999.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de emoções*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

MEDEIROS, Ricardo. VIEIRA, Lúcia Helena. *História do Rádio em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 1999,

MEDEIROS, Ricardo et al. *Zininho, uma canção para Florianópolis*. Florianópolis: Insular: FFC, 2000.

MEDEIROS, Ricardo. A recepção de radionovelas em Florianópolis no período dos anos 1960. IN: XVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. NP 06 Rádio e Mídias Sonoras. 2005.

\_\_\_\_\_. *Radionovela e publicidade: a memória da recepção em Florianópolis durante os anos 1960*. Tese (Doutorado) - U.F.R de Letras, Línguas e Ciências Humanas, Université du Maine, França, 2004. (tese enviada por e-mail pelo autor).

\_\_\_\_\_; SEVERO, Antunes. *Caros Ouvintes: os 60 anos do rádio em Florianópolis*. Florianópolis: Insular, 2005.

MELO, Osvaldo Ferreira de. *Na Magia dos Sons - coleção de canções selecionadas pelo autor*. Florianópolis: FFC: UFSC, 2001.

MILLS, Writt. *A Elite do Poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962, p.89.

NAVES, Santuza Cambraia. *Da bossa nova à tropicália*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

PENA, Felipe. *Teoria da Biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Maudt, 2004.

PEREIRA, João Batista Borges. *Cor, profissão, mobilidade - o negro e o rádio de São Paulo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora: Editora da Universidade de São Paulo, 1967.

RAMOS, Átila. *Carnaval da Ilha*. Florianópolis: Papa-Livro, 1997.

RAMOS, Sebastião. *No tempo do Miramar*. 2 ed. Florianópolis: Papalivro, 1999.

REGO, Ary. IN: SPRITZER, Mirna. GRABAUSKA, Raquel. *Bem Lembrado - histórias do radioteatro em Porto Alegre*. Porto Alegre: AGE/ Nova Prova, 2002.

RIBEIRO, José (Mestre Zezinho). Transcrição de Entrevistada cedida a Fernanda Perez e Taise Bertoldi. Florianópolis, 2008. Não publicado. (Transcrição gentilmente cedida à pesquisadora).

SANTA'ANNA. Mara Rúbia. *Aparência e Poder: novas sociabilidades urbanas em Florianópolis, de 1950 a 1970*. Doutorado em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

SEGURA, Wagner. Transcrição de entrevista cedida a Taíse Bertoldi e Fernanda Peres. Florianópolis, 2008. Não publicado. (Transcrição gentilmente cedida à pesquisadora).

SEVERIANO, Jairo; MELLO, Zuzá Homem de. *A canção no tempo*. Vol.2. 5.ed. São Paulo: Editora 34, 2006.

SEVCENKO, Nicolai. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. IN: NOVAIS, Fernando A. (coord.); SEVCENKO, Nicolai (org.). *História da vida privada no Brasil*. Vol. 3. 4ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.513-654.

SILVA, Aldo. *Legendas para o programa Bar da Noite*. Florianópolis: Casa da Memória, [19-]. 1 página. Não publicado.

SILVA, Aldo. BAR DA NOITE. Florianópolis: Casa da Memória, 1960. Não Publicado. 2 páginas.

SILVA, Eduardo da. *Transformações no espaço social do carnaval*. TCC (Graduação em História). Centro de Ciências Humanas e da Educação, UDESC, Florianópolis, 2002.

TINHORÃO, José Ramos. *História Social da Música Popular Brasileira*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

TRAMONTE, Cristiana. *A pedagogia das escolas de samba de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado) Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1995.

### ***Em Internet***

AGÊNCIA SENADO. *A bossa nova vai ao Carnegie Hall*. [?] 01 ago. 2008. Disponível em: <http://proc.direito2.com.br/asen/2008/ago/1/a-bossa-nova-vai-ao-carnegie-hall>. Acesso em: 04 jul. 2009.

*As crianças se divertem na semana da criança*. Caros Ouvintes. Florianópolis. Disponível em <http://www.carosouvintes.org.br/blog/?p=13586>. Acesso em: 20 out. 2009.

BERBIGÃO DO BOCA. Disponível em: <http://www.berbigaodoboca.com.br/?sess=historico>. Acesso em: 10 set. 2009.

BONECOS. Berbigão do Boca. Disponível em: <http://www.berbigaodoboca.com.br/?sess=bonecos>. Acesso em: 14 set. 2009.

BIOGRAFIA RESUMIDA. Site oficial Luiz Henrique Rosa. Disponível em: <http://www.luizhenrique.org/biografia.htm>. Acesso em: 24 jul. 2009.

BRITO, Jair. *Zininho, o que é de Cláudio Alvim Barbosa (complementação)*. Caros Ouvintes, 16 jan. 2009. Disponível em: <http://www.carosouvintes.org.br/blog/?p=2495>. Acesso em: 01 jun. 2009.

BRITTO, Jair. *PRs Motivacionais, promover o rádio é preciso*. Caros Ouvintes. Florianópolis 19 out 2008. Disponível em: <http://www.carosouvintes.org.br/blog/?p=1191>. Acesso em: 10 ago. 2009.

CARDOSO, Tom. Geraldo Vandré rompe silêncio. *CliqueMusic*, 27 ago. 2000. Disponível em: <http://cliquemusic.uol.com.br/materias/ver/geraldo-vandre-rompe-silencio>. Acesso em: 10 set. 2009.

COLON, Leandro. AI-5 Ditadura 40 anos. Entrevista Geraldo Vandré. *Correio Braziliense*. Disponível em: [http://www.fab.mil.br/portal/capa/index.php?datan=13/12/2008&page=mostra\\_n\\_otimpol](http://www.fab.mil.br/portal/capa/index.php?datan=13/12/2008&page=mostra_n_otimpol). Acesso em: 10 set. 2009.

CPDOC/FGV. Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.cpdoc.fgv.br/nav\\_fatos\\_imagens/htm/fatos/AI5.htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_fatos_imagens/htm/fatos/AI5.htm). Acesso em: 04 jul. 2009.

CYRO, César. *Acervo Radioficina*. Disponível em: [http://www.radioficina.com.br/home/pesquisaweb/pesquisaweb\\_low.html](http://www.radioficina.com.br/home/pesquisaweb/pesquisaweb_low.html). Acesso em: 01 set. 2005.

DANIEL, Silveira Leziany. *O Colégio Coração de Jesus e o Instituto de Educação de Florianópolis: projetos de formação para as normalistas Catarinenses nas primeiras décadas do século XX*. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/columhe06/anais/arquivos/455LezianyDaniel.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2010.

Documentário conta a história da cantora Neide Maria Rosa. Vídeos. *Diário Catarinense*. Disponível em:

<http://mediacenter.clicrbs.com.br/templates/player.aspx?uf=1&contentID=65903&channel=65>. Acesso em: 12 jun. 2009.

GLERIA, Iram; MATSUSHITA, Raul and SILVA, Sergio Da. Sistemas complexos, criticalidade e leis de potência. *Rev. Bras. Ensino Fis.* [online]. 2004, vol.26, n.2, pp. 99-108. ISSN 1806-1117. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-47442004000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-47442004000200004). Acesso em: 04 set. 2009.

IBGE Cidades@. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?>. Acesso em: 03 fev. 2010.

Imperial Hospital de Caridade. Procissão Disponível em: <http://www.hospitaldecaridade.com.br/irmandade/aprocissao.html>. Acesso em: 20 jan. 2010.

MARIA, Maurício de Fraga Alves. Das *gossip columns* às novas colunas sociais brasileiras: política e Modernização na imprensa brasileira nas décadas de 1950 e 1960. *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, n.33, 2008. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao33/materia03/texto03.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2009.

MEDEIROS, Ricardo. *Um jingle para seduzir*. Caros Ouvintes, 2008. Disponível em: <http://www.carosouvintes.org.br/blog/?p=4669>. Acesso em: 10 ago. 2009.

MELLO, Zuzá Homem de. *A era dos Festivais*. São Paulo: Editora 34, 2003, (visualização do livro on-line <http://books.google.com.br/books?id=iJ-jis953mEC>). Acesso: 03 mai. 2009.

MILLARCHI, Aramis. *As perdas de 1990*. Disponível em: <http://www.millarch.org/artigo/perdas-de-1990>. Acesso em: 04 jul. 2009.

NUZZI, Vitor. Geraldo Vandré 70 anos. *Digestivo Cultural*. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=1721>. Acesso em: 10 set. 2009.

PÉRICO, Luciano. *Go! : O plantão esportivo como meio complexo de informação*. Monografia (Comunicação Social, habilitação em jornalismo). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 1999. Disponível em: <http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd/grupos%20de%20trabalho%20de%200historia%20da%20midia/historia%20da%20midia%20sonora/Baumworcel.doc>. Acesso em: 10 mai. 2005.

RENNÓ, Carlos. *Com Adeus de Nora Ney...* Folha Online, São Paulo, 30 out 2003. Ilustrada Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u38338.shtml>. Acesso em: 30 mai. 2009.

SANT'ANNA, Mara Rúbia; CONSONI, Paula. *Memória, Sociedade Florianopolitana e Elegância*. Revista da Pesquisa. Florianópolis, Vol.2 n.2. Ago 2006-jul 2007. Disponível em: [http://www.ceart.udesc.br/revista\\_dapesquisa/volume2/numero2/moda/Mara%20-%20Paula.pdf](http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume2/numero2/moda/Mara%20-%20Paula.pdf). Acesso em: 01 jul. 2009.

SEVERO, Antunes. *Radionovela, um desafio em cada capítulo*. Caros Ouvintes, 2004. Disponível em: <http://www.carosouvintes.org.br/blog/?p=2989>. Acesso em: 20 ago. 2009.

SPRITZER, Mirna, *O corpo tornado voz - A experiência pedagógica da peça radiofônica*. Tese. (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/7234>. Acesso em: 11 jan. 2010.

TIÃO do Violão o filme. Direção Zé Lima Produção Executiva: Mel Faber - Realização: Cabeça ao Vento. Trailer projeto Samba Floripa: Florianópolis, 2008. Disponível em: [http://www.dailymotion.com/video/x5q5f1\\_tiao-do-violao-o-filme\\_music](http://www.dailymotion.com/video/x5q5f1_tiao-do-violao-o-filme_music). Acesso em: 05 jan. 2010.

Tido Madi - Biografia. Disponível em: <http://www.almacarioca.com.br/titomadi.htm>. Acesso em: 20 jul. 2009

UM FESTIVAL de protestos. Música. *Veja*. São Paulo. 25 set. 1968, p.68-69. n. 03. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Acesso em: 03 jul. 2009.

WALESKA. IN: *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*. Disponível em: [http://www.dicionariompb.com.br/detalhe.asp?nome=Waleska&tabela=T\\_F ORM\\_A&qdetalhe=art](http://www.dicionariompb.com.br/detalhe.asp?nome=Waleska&tabela=T_F ORM_A&qdetalhe=art). Acesso em: 30 mai. 2009.

WIKIPEDIA. Oswaldo Sargentelli. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Oswaldo\\_Sargentelli](http://pt.wikipedia.org/wiki/Oswaldo_Sargentelli). Acesso em: 20 jul. 2009.

### **Artigos de Jornais e Revistas**

ALCANÇOU grande êxito a festa "Alma Sertaneja". *A Gazeta*. Florianópolis, 27 jun. 1965.

ANDRE, Marcos. Os 'shows' da semana. Bazar. *O Globo*. Rio de Janeiro, 22 jul. 1968.

ARACI o samba e outras bossas. Caderno B. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 10 mar. 1968.

A PERMANENTE prontidão do samba. Vamos ao teatro. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 14 abr. 1968.

AS VINTE: Olé, lá,lá,lá. *O Globo*. Rio de Janeiro 23 out. 1967.

A VOZ além da laringe. *O Estado*. Florianópolis, 08 abr. 1973, p.13.

BARES e Boêmios Incríveis, v.23 In: FLORIANÓPOLIS: origens e destino de uma cidade a beira mar. Florianópolis: Diário Catarinense, 1996.

BARTOLOMEU, Lázaro. Radar na Sociedade. *O Estado*. Florianópolis, 15 mai. 1962, p.4

BITTENCOURT, Sérgio. Por aí. *O Globo*. Rio de Janeiro, 11 jul. 1967.

BITTENCOURT, Sérgio. Rio a Noite. Por aí. *O Globo*. Rio de Janeiro, 08 mai.1968.

CANTO de Despedida. *O Globo*. Rio de Janeiro, 20 out. 1967.

CANTO de Despedida. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 20 out. 1967.

Carioca assiste hoje ao II Festival Internacional da Canção. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 19 out. 1967.

CERINO, Atílio. NEIDE... Depois da Meia Noite. *Revista do Rádio*. Rio de Janeiro, 19 ago. 1967.

CHEGA O Festival: Fala Baixinho... *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 out. 1967.

COSTA, Haroldo. Bienal e Berimbau. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 jun. 1968.

COSTA, Haroldo. Juiz de Fora dá samba. Música Popular. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 09 jun. 1968.

HAFOUN, Eli. Sem Assunto é primeiro Samba. Tabela 2. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 07 jun. 1968.

Ilha perde uma estrela: Neide Mariarrosa. Geral. *O Estado*. Florianópolis 05 set. 1994, p.5.

INAUGURAÇÃO da "Rádio Diário da Manhã". *Diário da Tarde*. Florianópolis, 29 jan. 1955, última página.

J. de Fora dá prêmio a S. Miller. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 07 jun. 1968.

JURI ESCOLHEU 'Margarida' e o público 'Travessia'. *Luta Democrática*. Rio de Janeiro, 24 out. 1967, p.10.

LIMA, Marisa Alves de. Florianópolis nos mandou Neide Mariarrosa. Artes Plásticas. *A Cigarra*, nov. 1967, p.39.

LIMA, Marisa Alves de. Daqui e Dali. *A Cigarra*. Rio de Janeiro, jun. 1968, p.93.

LIMA, Marisa Alves de. Artes. E outras bossas... *A Cigarra*. Rio de Janeiro, abr. 1968, p.90.



LOPES, Fernando. Noite. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 24 jul. 1968.

LOPES, Fernando. A Noite. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 14 ago. 1968.

LUZ, Gervásio Tessaleno. Uma rosa de amor à Ilha. Coluna Opinião. *Jornal da Noite*. Blumenau, 15 maio [?!] 1989, p.7.

MACHADO, Ney. Sua Excia o Samba. Noite e Dia. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 23 jul. 1968.

MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 18 jul. 1963, p.2.

MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 23 jul. 1963, p.2.

MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 21 ago. 1963, p.2.

MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 30 ago. 1963, p.2.

MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 04 set. 1963, p.2.

MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 15 mai. 1964, p.2.

MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 14 jun. 1964, p.2.

MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 17 jun. 1964, p.2.

MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 06 ago. 1964, p.2

MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 11 ago. 1964, p.2.

MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 13 ago. 1964, p.2.

MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 18 ago. 1964, p.2.

MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 16 set. 1964, p.2

MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 20 set. 1964, p.2.

MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis 16 out. 1964, p.2

MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 14 abr. 1966, p.2.

MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 05 jun. 1966, p.2.

MACHADO, Zury. Acontecimentos Sociais. *O Estado*. Florianópolis, 27 jul. 1967.

MACHADO, Zury. Zury Machado. *O Estado*. Florianópolis, 24 dez. 1969, p.6.

MACHADO, Zury. Zury Machado. *O Estado*. Florianópolis, 01 ago. 1970.

MACHADO, Zury. Zury Machado. *O Estado*. Florianópolis, 27 dez 1970.

MACHADO, Zury. Zury Machado. Samba Kappa. *O Estado*. Florianópolis, 01 out. 1971, p.6

MACHADO, Zury. Zury Machado. *O Estado*. Florianópolis, 19 nov. 1971, p.2.

MACHADO, Zury. Zury Machado. *O Estado*. Florianópolis, 27 jan. 1972, p.6.

MACHADO, Zury. Zury Machado. *O Estado*. Florianópolis, 02 fev. 1972, p.6.

*Manchete*. Rio de Janeiro, 17 ago. 1968, ano 16.

MAIS impressionante... *O Globo*. Rio de Janeiro, 23 out. 1967.

MOTTA, Nelson. Papo Firme. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 17 jan. 1968.

"MUSICANOSSA" vai estrear. *O Globo*. Rio de Janeiro, 11 jan. 1968.

NASCIMENTO, Wilson. Nacionais comandam Sweepstake. "Sua Excelência, o Samba". Na Reta Final. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 31 jul. 1968.

[NEIDE MARIA,]. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 16 jul. 1964, p.?.

[NEIDE MARIA]. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 06 ago. 1964, p?.

NEIDE chega amanhã para lançar Hino. *O Estado*. Florianópolis 01 set. 1968, p.8.

NEIDE ganha prêmio por interpretação. *O Estado*. Florianópolis, 26 jun. 1968, capa.

NEIDE MARIARROSA de corpo inteiro para Badalo. *Diários Associados*. Rio de Janeiro, 20 fev. 1977.

NEIDE Mariarrosa. Jornal da Fainco. *O Estado*. Florianópolis, 04 set. 1968, p.5.

NEIDE MARIARROSA pede passagem. *Intervalo*. Rio de Janeiro, 30 jul. 1967, p.44-45.

NEIDE Mariarrosa. Quem não gosta de mim não me merece. *O Estado*. Florianópolis, 04 jan. 1970. Caderno 2, p.8.

O disco de Mariarrosa. Variedade. Florianópolis. *Diário Catarinense*, 15 dez. 1988, p.8.

OS MELHORES do rádio em Florianópolis... *A Gazeta*. Florianópolis, 01 jan. 1963.

PAMPLONA, Celso. Celso Pamplona. *A Gazeta*. Florianópolis, 10 jan. 1971, p.3.

PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 19 jan. 1963, p.4

PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 27 abr. 1963, p.4.

PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 13 jul. 1963, p.3.

PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 29 jun. 1963, p.4.

PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 22 jan. 1964, p.1.

PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 05 mai. 1964, p.4.

PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 16 mai. 1964, p.4.

PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 31 mai. 1964, p.4.

PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 13 jun. 1964, p.4.

PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 08 ago. 1964, p.4.

PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 17 set. 1964, p.4.

PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 09 out. 1964, p.4.

PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 02 abr. 1965, p.4.

PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 21 set. 1965, p.4.

PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 04 jan.1966, p.4.

PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis 05 jun. 1966, p.4

PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis, 30 out. 1966, p.4.

PAMPLONA, Celso. Tribuna Social. *A Gazeta*. Florianópolis 01 jul. 1969, p.3.

PAMPLONA, Celso. Celso Pamplona. *A Gazeta*. Florianópolis, 19 jan. 1972, p.3.

PAMPLONA, Celso. Celso Pamplona. *A Gazeta*. Florianópolis, 23 jan. 1976, p.2.

PAMPLONA, Celso. Celso Pamplona. Dia 04 de fevereiro. *A Gazeta*. Florianópolis, 29 jan. 1977, p.5.

PAMPLONA, Celso. Celso Pamplona. Hoje é dia de La na Neide. *A Gazeta*. Florianópolis, 30 jun. 1978, p.4.

PORTO, Sérgio. FIC Saldo negativo para o público. *O Sol*. Rio de Janeiro 31 out. 1967.

RÁDIO DIÁRIO DA MANHÃ. *A Gazeta*. Florianópolis, 30 jan. 1955, última página.

*Revista Sentimental*. A afilhada do Ponte Preta. Rio de Janeiro, [1968?]. (Arqui Pessoal Neide Mariarrosa).

SIQUERINO. As mulheres nas repartições. Coisas na cidade. *A Gazeta*. Florianópolis, 24 mai. 1957.

SÓSIA DE ELIZETE na Bienal. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 20 mai. 1968.

STODIECK, Beto. Beto Stodieck. Neide capitoneando Saveiro. *O Estado*. Florianópolis, 27 nov. 1973, p.10.

TGMA. Rádio. *Diário da Tarde*. Florianópolis, 10 fev. 1959, p.5.

TGMA. Rádio. *Diário da Tarde*. Florianópolis, 20 fev. 1959, p.5.

Um LP para Neide Maria Rosa. Clube do Samba. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 10 jun. 1988, p.8.

*Ultima Hora*, Rio de Janeiro, 04 mar. 1968.

VASCONCELOS, Ary. Discos Populares. Musicanossa foi sucesso total. *O Globo*. Rio de Janeiro, 19 jan. 1968.

VASCONCELOS, Ary. Discos Populares. *O Globo*. Rio de Janeiro, 06 dez. 1967.

VASCONCELOS, Ary. Discos Populares. *O Globo*. Rio de Janeiro, 09 fev. 1968, p.6.

VERENA, Carmem. Carmem Verena informa. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 20 jul. 1968.

ZATE. As Mulheres nas repartições. *Tribuna do Povo. A Gazeta*. Florianópolis, 28 mai. 1957.

### **Entrevistas [MP3 e transcrições]**

AMMON, Cleide. Entrevista cedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis 17 nov. 2009. (MP3)

AMMON, Cleide. Transcrição de Entrevistada cedida a Fernanda Perez e Taise Bertoldi. Florianópolis, 2008. Não publicado. (Transcrição gentilmente cedida à pesquisadora).

AMORIM, Mauro Júlio. Entrevista concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 15 set. 2009. (MP3)

AMORIM, Mauro Júlio. Transcrição de Entrevista cedida a Fernanda Peres e Taise Bertoldi. 2008. Não publicado. (Transcrição gentilmente cedida à pesquisadora).

BASTOS, Rafael José de Menezes. Entrevista concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 30 mar. 2009. (MP3)

BARBOSA, Cláudia. Transcrição de entrevista cedida a Taise Bertoldi e Fernanda Peres. Florianópolis, 2008. Não publicado. (Transcrição gentilmente cedida à pesquisadora).

BEIRÃO, José Alfredo Filho. Entrevista concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 06 de ago. 2009. (MP3)

BERALDO, Sílvia. Transcrição de entrevistada concedida a Taise Bertoldi e Fernanda Perez, Florianópolis, 2008. Não publicado. (Transcrição gentilmente cedida à pesquisadora).

CASTRO, Denise de. Transcrição de entrevista concedida a Fernanda Perez e Taise Bertoldi. Florianópolis, 2008. Não publicado. (Transcrição gentilmente cedida pelas entrevistadoras).

DEPIZZOLATTI, Norberto. Entrevista cedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, nov. 2009. (MP3)

MACHADO, Zury. Entrevistada concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 15 abr. 2009. (MP3)

MELO, Osvaldo Ferreira de. Depoimento informal cedido a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 01 abr. 2009.

MUNIZ, Marcelo. Transcrição de entrevista cedida a Taíse Bertoldi e Fernanda Peres. Florianópolis, 2008. Não publicado. (Transcrição gentilmente cedida à pesquisadora).

ROSA, Maximiliano. Entrevista concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 26 nov. 2009. (MP3)

ROSA, Tereza. Entrevistada concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 29 out. 2009. (MP3)

SEVERO, Antunes. Entrevista concedida a Vívian de Camargo Coronato. Florianópolis, 28 abr. 2009. (MP3)

### ***Programa de Espetáculo***

SUA EXCELENCIA, o samba. Programa do espetáculo. Rio de Janeiro, [1968]. (19 páginas.)

### ***Documentos sonoros***

#### ***Fitas Cassete [K-7]***

AS CRIANÇAS se divertem. Florianópolis. Casa da Memória: Arquivo Zininho. (FC 38 lado A).

COMERCIAIS. Florianópolis: Casa da Memória: Arquivo Zininho.(FCC 15 Lado a e B).

CONVERSA COM ZININHO sobre Neide. Florianópolis: Arquivo Zininho, Casa da Memória, [19-?]. (FC 32 lado A e B e FC 33 lado A).

ALGUÉM deixou de vir. Florianópolis: Arquivo Zininho, [19-]. (FC02 Lado A, Programa *Bar da Noite*).

AMOR MALVADO. Alma Sertaneja. Florianópolis: Arquivo Zininho, Casa da Memória, [1966].

*DE VEZ* em quando alguém deixa de vir. Florianópolis: Arquivo Zininho, [19-]. (FC04 Lado B, Programa *Bar da Noite*).

NEIDE MARIA e outros. Florianópolis. Arquivo Zininho, Casa da Memória. [19-?].(FC 14 lado A e B).

SHOW de Elizeth Cardoso e edição do Programa Ponto de Encontro. Florianópolis: Casa da Memória: Arquivo Zininho, [1962]. (FCC 86, lado A e B).

SILVA, Aldo. *A vida é uma rotina*. Florianópolis: Arquivo Zininho, [19-]. (FCC 04, Lado A).

VELHOS e novos companheiros. Florianópolis: Arquivo Zininho, [19-]. (FC05 Lado A, Programa *Bar da Noite*).

#### *Compact Disc [CD]*

ROSA, Neide Maria. *Depoimento Neide Maria Rosa*. Entrevista concedida a Norberto Depizzolatti. Florianópolis, 03 dez 1987. Arquivo Pessoal Norberto Depizzolatti, 2 vol.

.

#### *Elepê [LP]*

*Canção do Amor Demais*, Companhia Brasileira de Discos, 1958.

NEIDE MARIARROSA - *Eu sou assim*. Florianópolis: FCC, 1988.

### **Documentos em Vídeo**

#### *DVD*

BERTOLDI, Taíse. PERES, Fernanda. *Ai que saudade da Neide*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Jornalismo), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

CRISTAL- Neide Mariarrosa. Direção: Ronaldo dos Anjos e Eduardo Paredes. Edição: Ronaldo dos Anjos. Pesquisa e Texto: Fernanda Perez e Taise Bertoldi. Imagens: Cezinha e Ronaldo dos Anjos. MIS/SC, Florianópolis, 2008. 01 DVD (80 minutos). Documentário. Gravação de show de mesmo nome ocorrido em 10 de dezembro de 1993 no Teatro do CIC com produção e apresentação de Mauro Júlio Amorim. Florianópolis, 2008.

#### *VHS*

CARNAVAL Consulado 2004. Arquivo Pessoal José Alfredo Beirão.

*SHOW Bar da Noite*. Florianópolis, 12 novembro, 1992. Arquivo Pessoal de Mauro Amorim.

### **Arquivos Pessoais**

Arquivo Pessoal de Maximiliano Rosa.

Arquivo Pessoal de José Alfredo Beirão Filho.

Arquivo Pessoal de Fernanda Peres e Taise Bertoldi.



## **ANEXO**

### A. Cronologia de Neide Maria Rosa

## NEIDE MARIA ROSA (MARIARROSA)

### DISCOGRAFIA

1964

Compacto pelo Odeon com as faixas *O amor partiu em paz*, de Tito Madi e *Insônia* de Zininho.

1968

Compacto pela Mocambo com as faixas *Culpas, Desenganos*, de Maurício Tapajós, Hermínio Bello de Carvalho e Mauro Duarte e *Protesto, Meu Amor*, de Pixinguinha e Hermínio Bello de Carvalho.

Compacto *Rancho de Amor a Ilha*, de Zininho, lançado pela Propague.

Faixa *Pobre Morro*, de Gilberto Barcellos, no LP *Isto é Musicanossa* pela gravadora Rozenblit.

1988

LP pela FCC, *NEIDE MARIARROSA - Eu sou assim*.

1989

Faixa *Boi-de-Mamão*, no LP *1º CANTO DAS ÁGUAS DO MEL*, pela gravadora Quero Quero.

Obs: Há possibilidade de haver gravações em faixas de outros compactos e elepês (devido ao fato de Neide não ter guardado um arquivo de toda sua carreira).

### CRONOLOGIA

1936

11 de abril nasce Neide Maria Rosa.

1949

Participa do programa da *Rádio Guarujá, Calouros ao microfone*, apresentado por Dib Cherem e Acy Cabral Teive e ganha o prêmio, que estava cumulado.

1950

Passa a integrar o *cast* de cantoras da *Rádio Guarujá*.  
Ganha prêmio de *Revelação do Ano*.

1955

Transfere-se para a *rádio Diário da Manhã*, onde inicia seu trabalho como radioatriz.

1962

Participa cantando na TV de Curitiba.

1963

Conhece Elizeth Cardoso.

Assina contrato com a gravadora *Odeon* e a *TV Rio*.

Participa do programa de José Vasconcelos na *TV Rio*.

1964

Julho - Grava seu primeiro disco (compacto) na *Odeon* com as músicas *Insônia*, de Zininho e *O amor partiu em paz*, de Tito Madi.

Participa de programa na *TV Record* de São Paulo.

1966

*Rancho de Amor à Ilha*, composição de Zininho, ganha o Concurso *Uma Canção para a Cidade* com a voz de Neide Maria.

1967

Neide muda-se para o Rio de Janeiro.

Apresenta-se pela primeira vez na sala Cecília Meirelles.

Em maio apresentasse no *show O Meyer recebe o Rio*.

Realiza *shows* nas boates *Casa Grande* e *Cangaceiro*.

Participa do *II Festival Internacional da Canção*, defendendo duas músicas.

1968

Grava o compacto *Rancho de Amor à Ilha* em São Paulo, com *Os Titulares do Ritmo*.

Grava o compacto *Protesto, meu Amor/Culpas e Desenganos*, pela *Mocambo*.

Participa do *show Samba, Prontidão e Outras Bossas*, com Araci de Almeida.

Participa do *show* e movimento *Musicanossa*.

Participa do *show Sua Excelência, o Samba*, produção de Haroldo Costa no Copacabana Palace.

Participa do *show Sexta-feira é dia de samba*, no Princesa Isabel.

Participação no Programa televisivo de Flavio Cavalcanti.

1969

Participa do FESCAM.

1970

Participa de *show* no *Bier Klaus*.

1971

Retorna a Florianópolis.  
Abre a boate *Kappa Samba* (fecha poucos meses depois).

1973

Abre o restaurante *Saveiros*, na Lagoa da Conceição (04 anos sob sua direção).

1978

Abre o restaurante "Lá na Neide" (03 anos).

1981

É intérprete do samba da Escola de Samba *Protegidos da Princesa* no Carnaval de Florianópolis.

1983

Participa do Festival de Música catarinense com o conjunto *Vibrações*, recebendo prêmio de melhor intérprete.

1985

Viaja ao Peru e se apresenta em cinco cidades (Lima, Cuzco, Callao, Arequipa e Trujillo), juntamente com músicos da ilha e sambistas.

1986

Trabalha no setor de Música da FCC no CIC (06 anos).  
Participa dos concursos de fantasias representando o carnavalesco Osvaldo Gonçalves (Dico) nos bailes municipais de Biguaçu, Palhoça, São José e Florianópolis e ganha na categoria luxo.  
Participa da etapa do Projeto Pixinguinha em Florianópolis dividindo o palco com Jamelão e Leny Andrade.

1987

Apresenta-se no piano Bar do Hotel Diplomata e do Hotel Cabanas da Praia Mole (03 anos).

1988

Participa do Projeto Música ao meio-dia e Projeto onze e meia no TAC.  
Recebe o Troféu *Manezinho da Ilha*.

Grava seu primeiro e único LP *Eu sou assim*, produzido por Norberto Depizzolatti

1990

Integra (como *crooner*) a Orquestra de Dança Quebra-com-Jeito.

1991

Participa como dubladora do curta-metragem *Manhã* de Norberto Depizzolatti e Zeca Pires.

Grava *Poema Íntimo* de Anibal Nunes Filho musicado por Alberto Perroni.

1992

Participa do *show Bar da Noite*, organizado a fim de arrecadar fundos para tratamento da doença.

1993

Participa do *show Cristal*, último *show* da cantora.

1994

05 de setembro - morre Neide Maria Rosa.

199?

É homenageada com a criação de um boneco pelo *Berbigão do Boca*.

2004

É homenageada pela escola de GRES *Consulado do Samba* com o enredo *Uma Rosa para Neide Maria*.

2008

É lançado o DVD *Cristal – Neide Mariarrosa*, de Ronaldo dos Anjos e Eduardo Paredes.

É finalizado o TCC do curso de jornalismo da UFSC *Aí que saudades de Neide*, de Fernanda Peres e Taíse Bertoldi.

2010

É concluída a dissertação de mestrado *Neide Maria Rosa (Mariarrosa): uma (bio)grafia entre Neides, Marias e Rosas*, de Vívian de Camargo Coronato.